

CRISTIANISMO PAGÃO

*A Origem das Práticas
de Nossa Igreja Moderna*

Frank A. Viola

CRISTIANISMO PAGÃO: ORIGENS DAS PRÁTICAS DE NOSSA IGREJA MODERNA

Título original em inglês: *Pagan Christianity*
The Origins of Our Modern Church Practices

Copyright © 2005 by Present Testimony Ministry

Published by
Present Testimony Ministry
ptmin@aol.com / www.ptmin.org

Esta versão em português foi traduzida e adaptada por Railton de Sousa Guedes

A versão inglesa foi impressa nos Estados Unidos da América

Se não especificadas, as citações bíblicas [versão inglesa] são da Versão King James.

Na versão original em inglês as referências bíblicas NIV foram retiradas da *Holy Bible*:
New International Version.

Copyright © 1973, 1978, 1984 by International Bible Society.
Used by permission of Zondervan Bible Publishers.

Referências retiradas da NASB são da
New American Standard Bible. Copyright © The Lockman Foundation
1960, 1962, 1963, 1971, 1972, 1973, 1975, 1977.
Citações usadas com permissão.

A minhas irmãs e irmãos esquecidos ao longo dos séculos que, valentemente, saíram fora dos limites seguros do cristianismo institucional arriscando a própria vida. Fielmente, vocês levaram a chama, agüentaram perseguição, perderam reputação e família, sofreram tortura e derramaram o próprio sangue para conservar o testemunho primitivo de que Jesus Cristo é a Cabeça de sua Igreja. E que cada crente é pastor... ministro... e membro funcional da casa de Deus. Este livro é dedicado a vocês.

CONTEÚDO

Prólogo	4
Reconhecimentos	5
Prefácio	6
Introdução	8
1. Liturgia	13
2. Sermão	33
3. Edifício da Igreja	44
4. Pastor	67
5. Costumes Dominicais	87
6. Ministros do Louvor	94
7. Dízimos e Salários Clericais	101
8. Batismo e Ceia do Senhor.....	109
9. Educação Cristã	116
10. Outra Perspectiva do Salvador	128
11. Abordagem ao NT	131
Apêndice: Resumo das Origens	143

PRÓLOGO

Este livro deveria ter sido escrito há 300 anos atrás. Se isso tivesse ocorrido, a direção da história cristã seria totalmente distinta daquela que tomou.

Se cada ministro lesse este livro hoje, ele deixaria o ministério amanhã ou viveria uma vida de hipocrisia.

A maioria de nossas práticas da fé cristã não tem absolutamente nada a ver com o NT. Praticamente tudo que fazemos hoje enquanto cristãos chegou até nós incidentalmente. Virtualmente, todas nossas principais práticas chegaram até nós durante os 50 anos do Imperador Constantino (d.C. 324) ou durante os 50 anos após o começo da Reforma (1517).

O Sr. Viola nos prestou um grande serviço traçando a origem de todas nossas práticas protestantes.

Meu único pesar é que este livro será apenas um entre os 100 mil livros impressos este ano sobre a temática cristã.

Trezentos anos atrás — ou mesmo duzentos — *Cristianismo Pagão* seria um entre poucas centenas de livros... e, portanto, lido por uma grande porção de cristãos. Você pode ajudar a remediar isso falando deste livro para todos seus amigos.

A propósito, você também enfrentará uma crise de consciência após *você* ler este livro. Você tomará conhecimento das origens pagãs e não bíblicas de tudo que fazemos hoje. Você nunca poderá voltar a dizer, “nos baseamos na Bíblia. Fazemos *tudo* conforme o NT”. Praticamente não fazemos nada que seja neotestamentário, como veremos.

Mas há uma tragédia maior aqui. Tomamos o NT e o torcemos, fazendo o NT endossar o que fazemos hoje. Esta mentalidade — que é universal — foi absorvida tanto pelo leigo como pelo clero... *Esta* mentalidade vem — e continua — destruindo a fé cristã.

Herdamos uma situação tal que não temos absolutamente nenhuma idéia de como nossa fé *deveria* ser praticada.

O que é que precisamos fazer? No que se refere à prática de nossa fé hoje, necessitamos começar tudo da estaca zero, deixando de lado *tudo* que praticamos hoje.

Em segundo lugar, necessitamos aprender a história do século I e depois prosseguir em nossas próprias práticas.

Mais uma vez, recomendo não apenas a leitura deste livro, mas também falar sobre ele com outros cristãos que conhece para que também o leiam.

E depois? Siga sua consciência. Faça isso, e verá o ressurgimento daquelas simples e primitivas práticas do século I.

Gene Edwards
Jacksonville, Flórida

A experiência provê a dolorosa prova de que as tradições, uma vez engendradas, são primeiramente tidas como úteis, depois consideradas necessárias, até finalmente serem transformadas em ídolos. Todos têm que se curvar diante delas ou haverá punição.

-J.C. Ryle

RECONHECIMENTOS

Idéias importantes são primeiramente ridicularizadas, depois atacadas e finalmente absorvidas.
-Schopenhauer

Pouco tempo depois de abandonar o sistema religioso, procurei compreender como foi que a igreja cristã chegou a seu estado atual. Por anos tentei encontrar um livro documentado que relatasse a origem de cada uma das práticas não bíblicas que nós, cristãos, observamos a cada semana.^[1]

Esquadrinhei várias bibliografias e arquivos. Também entrei em contato com um monte de historiadores e pesquisadores averiguando se eles conheciam alguma obra assim. Minha indagação rendeu uma resposta consistente: Esse livro que eu buscava não existia. Então, em um momento de loucura, eu mesmo realizei esta empreitada.

Confesso, sem vergonha de dizer, que desejaria que outra pessoa tivesse assumido esse projeto doloroso. Algum professor sem filhos e sem trabalho durante o dia! Eu teria economizado um incalculável número de horas de trabalho e muita frustração. Não obstante, agora que o trabalho está completo, eu estou alegre pelo privilégio de ter desbravado novas terras nesta área tão negligenciada.

Alguém pode perguntar porque eu resolvi gastar tanto suor e sangue para documentar a origem de nossas práticas da igreja moderna. A resposta é simples. A compreensão da gênese de nossas tradições eclesásticas pode perfeitamente mudar o curso da história da igreja. Como o filósofo Soren Kierkegaard disse, “*A vida é vivida adiante, mas entendida para trás*”. Sem compreender os erros do passado, estamos condenados a um futuro imperfeito. Por esta razão aceitei o desafio de ser o primeiro a escalar este projeto Himalaia.

Minha esperança ao publicar esta obra é simples, mas sombria. Que o Senhor a use como uma ferramenta para trazer Sua igreja de volta às suas raízes originais. Dito isso, gostaria de fazer os seguintes reconhecimentos:

A Gene Edwards por abrir caminho. Sem seus esforços pioneiros e seu ânimo pessoal eu não teria êxito.

A Frank Valdez por sua aguda perspicácia e seu constante companheirismo.

A Neil Carter por sua tenaz disposição em ajudar-me em minhas árduas investigações. Agradeço também pelas horas dedicadas na revisão deste manuscrito.

A Howard Zinder pelas valiosas análises que somente os eruditos sabem fazer.

A Cris Lee e Adam Parke pelas repetidas viagens à Biblioteca trazendo pilhas de livros empoeirados até meu escritório.

A Dave Norrington por enviar-me periodicamente valiosas orientações do outro lado do Atlântico.

A Mike Biggerstaff, Dan Merillat, Phil Warmanen, Eric Rapp, e Scott Manning pelo auxílio na edição [inglesa].

Aos professores dos seminários, cujos nomes são muitos para listar aqui, por responderem tão amavelmente minhas intermináveis e persistentes perguntas.

Aqueles que não rememoram o passado estão condenados a repeti-lo.
-George Santayana

^[1] A única obra que pude encontrar sobre as origens das práticas da igreja moderna foi o pequeno volume de Gene Edwards, *Mais que Radical* (Jacksonville: Seedsowers, 1999). Embora este livro seja fantástico, não está documentado nem contém notas ao pé da página.

PREFÁCIO

Por que vocês violam o mandamento de Deus por amor à sua tradição?
-Jesus Cristo

Quando o Senhor Jesus andou nesta terra, seus principais opositores vieram das duas principais facções religiosas daquele tempo: Os fariseus e os saduceus.

A facção farisaica *aumentava* as sagradas Escrituras. Eles agregavam à Palavra de Deus um punhado de leis humanas e as passavam para as gerações subseqüentes. Este conjunto de costumes consagrados, muitos deles chamados de “tradições dos anciãos”, passaram a ser considerados iguais às Escrituras Sagradas^{2[2]}.

O erro dos Saduceus estava no outro extremo. Eles *subtraíam* blocos inteiros das Escrituras — considerando apenas a Lei de Moisés como digna de ser observada.^{3[3]} (Os saduceus negavam a existência dos espíritos, anjos, alma, vida após a morte e a ressurreição).^{4[4]}

O efeito imediato foi que quando o Senhor Jesus entrou no drama da história humana, Sua autoridade foi arduamente desafiada.^{5[5]} A razão era simples. Ele não se enquadrava nos moldes religiosos de nenhum dos dois campos. Jesus era visto com suspeita tanto pelos fariseus como pelos saduceus. Não demorou muito para que esta suspeita se transformasse em hostilidade. Logo os fariseus e os saduceus começaram a planejar a morte do Filho de Deus!

Vivemos um tempo em que a história se repete. A moderna cristandade caiu nos mesmos erros dos fariseus e dos saduceus.

Na tradição dos saduceus, a grande maioria das práticas do século I já havia sido *retirada* da paisagem cristã. Meu livro, *Repensando o Odre*, revela algumas das práticas esquecidas que caracterizavam a vida da igreja no século I.^{6[6]}

Mas o cristianismo moderno também é culpado de cometer o erro dos fariseus. Ou seja, o cristianismo moderno *agregou* um monte de tradições humanamente concebidas que acabaram suprimindo a direção funcional, real e vivificante de Jesus Cristo enquanto Cabeça de Sua Igreja.

Dessa forma, tanto os fariseus como os saduceus nos ensinaram uma lição muitas vezes esquecida: É tão nocivo diluir a autoridade da Palavra de Deus por adição como por supressão. Violamos as Escrituras tanto ao enterrá-las sob uma montanha de tradição humana, como ao ignorar seus princípios.

Este livro dedica-se a expor as tradições adotadas com relação a Deus e Sua Igreja. Ao fazê-lo produz uma séria conclusão: *A igreja institucional moderna não tem qualquer direito bíblico nem histórico para continuar existindo!*

Isto não é obra para pesquisadores. Tão pouco é uma obra completa. Uma abordagem exaustiva das origens de nossas práticas na igreja moderna encheria volumes e mais volumes e seria lido por poucas pessoas. Embora este livro seja de apenas um volume, traz consigo uma grande quantidade da história em um pequeno espaço. De fato, pode-se dizer corretamente que o que está contido nestas páginas é o resumo de toda uma biblioteca!

^{2[2]} *Nelson's Illustrated Bible Dictionary* (Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1986), pp. 830-831. Veja também: Mateus 23:23-24. Os Fariseus obedeceram a Lei de Deus segundo sua própria interpretação, tal Lei era aplicada pelos Escribas. Os Escribas eram especialistas da Lei e viveram vidas piedosas e disciplinadas. Eles chegaram a ser os intérpretes oficiais da Palavra de Deus e eram dotados com o poder de criar a tradição. (*Nelson's Illustrated Bible Dictionary*, pp. 957-958).

^{3[3]} A “Lei de Moisés” refere-se aos primeiros cinco livros do Antigo Testamento, i. e. Gênesis a Deuteronômio. Também é chamada de “Tora” (a Lei) e “Pentateuco”, o qual é um termo grego que significa “cinco volumes”.

^{4[4]} *New Bible Dictionary: 2nd Edition* (Wheaton: Inter-Varsity Fellowship, 1982), p. 1055.

^{5[5]} Marcos 11:28.

^{6[6]} Tais práticas estão atualmente sendo restauradas em pequena escala por almas atrevidas que tomaram o espantoso passo de deixar o refúgio do cristianismo institucional.

Este livro não tem a pretensão de trazer luz a todos os recantos da história. Pretende sim focalizar a origem das práticas *centrais* que definem a principal corrente do cristianismo de hoje^{7[7]}

É de vital importância a compreensão das raízes das práticas de nossa igreja moderna. Espero que cada cristão alfabetizado leia esta obra.^{8[8]} Por conseguinte, preferi não empregar uma linguagem técnica, mas escrever em um português simples. Assim, agreguei notas ao pé da página contendo detalhes adicionais e fontes ao longo de cada capítulo. (Eu quero que meus leitores saibam que eu não estou assoprando bolhas de sabão nem construindo castelos de areia!)

Os cristãos reflexivos que desejam verificar minhas declarações e alcançar uma compreensão mais profunda dos temas abordados devem ler as notas ao pé da página. Os que não se preocupam com tais coisas devem ignorá-las.

Finalmente, este livro complementa meu primeiro livro *Repensando o Odre: A Prática do NT*. Ambos os livros mostram os dois lados da mesma moeda. O *Odre* demonstra de uma forma cabal que aqueles que abandonaram o aprisco do cristianismo institucional têm o direito *bíblico* de existir. O livro que você tem em suas mãos mostra a outra face da moeda, eles têm também o direito *histórico* de existir.

Frank Viola

Brandon, Flórida.

Dezembro de 2002.

“Mas o Imperador está nu!” Disse um garotinho. “Falou a voz da inocência!” Exclamou o pai; e cochichou para outro o que a criança dissera. “Ele está nu!” Correu de boca em boca. “Ele está nu!” Bradou finalmente o povo. O Imperador ficou envergonhado porque sabia que estavam certos; mas refletiu: “O cortejo precisa prosseguir!” Aprumou ainda mais o corpo, e os camareiros, solenes, continuaram fingindo segurar o manto real que não existia.

-Hans Christian Anderson

^{7[7]} Este livro enfoca as práticas cristãs *protestantes*. Seu alcance principal é “a igreja hoje” do Protestantismo em vez da “alta igreja” como as denominações Anglicanas, Episcopais, e um tipo de Luteranos. O livro abrange as práticas da “alta Igreja” Católica apenas de passagem.

^{8[8]} Como disse Bacon certa vez, “As obras de Agostinho e de Ambrósio geram tanta sabedoria divina quanto qualquer história eclesiástica bem lida e examinada”.

INTRODUÇÃO

VIVEMOS REALMENTE DE ACORDO COM AS ESCRITURAS?

Vida sem questionamentos é vida sem valor.
-Sócrates

Agimos conforme a Palavra de Deus! O NT é nosso guia de fé e prática! Vivemos... E morremos...
Pela Bíblia!

Estas foram as palavras que saíram da boca do Pastor Farley enquanto pregava seu sermão dominical matutino. O Sr. Winchester Spudchecker, um membro da igreja do Pastor Farley, escutara tais sermões dezenas de vezes antes. Mas desta vez foi diferente. Trajando seu terno azul, congelado no último banco com sua esposa, Trudy Spudchecker, Winchester mirava fixamente o teto da igreja enquanto o Pastor Farley trovejava sobre “*fazer tudo de acordo com a Bíblia Sagrada*”.

Uma hora antes do Pastor Farley iniciar seu sermão, Winchester brigara feio com Trudy. Isso acontecia sempre que Winchester, Trudy, e suas três filhas, Felícia, Gertrude, e Zanóbia, se aprontavam para ir à igreja nas manhãs de domingo.

Sua mente relembrava o ocorrido...

“*Truuudddy! Por que as meninas ainda não estão prontas!? Sempre nos atrasamos! Por que não as arruma em tempo!?*” Gritou Winchester.

A resposta de Trudy era tipicamente a mesma. “*Se você me ajudasse, isso não aconteceria sempre! Por quê não começa a dar uma mão nesta casa!?*” O bate-boca continuou até que Winchester voltou-se contra as meninas: “*Zanóbia Spudchecker!... Por quê não nos respeita e se apronta em tempo!?! Felícia, quantas vezes tenho que lhe pedir para desligar seu ‘Play Station’ antes das 9:00 horas!?*” Muitas vezes uma ou mais das três meninas choravam diante destas acusações, criando um tema ainda mais tenso.

Vestidos em sua melhor roupa domingueira, a família Spudchecker disparava em direção à igreja a toda velocidade (Winchester odiava chegar atrasado e recebera três multas no último ano por excesso de velocidade — todas referentes aos domingos pela manhã!).

Enquanto corriam em direção ao edifício da igreja, o silêncio no carro era lúgubre. Winchester se acalmara. Trudy estava magoadada. Cabisbaixas, as três irmãs Spudchecker preparavam suas mentes para algo que detestavam... Agüentar mais uma hora chata de Escola Dominical!

Ao chegarem no estacionamento lotado da igreja, Winchester e Trudy saem radiantes do carro, abrindo um enorme sorriso. Entram abraçados, saúdam os demais membros da igreja com um sorriso nos dentes fingindo que tudo vai bem. Felícia, Gertrude, e Zanóbia seguem seus pais com os narizes empinados.

Estas foram as recentes e dolorosas lembranças vindas à mente de Winchester na manhã de domingo enquanto o Pastor Farley proferia seu sermão. Carregado de culpa, Winchester começou a questionar-se: “*Por que estou aqui vestido com minha melhor roupa fingindo ser um bom cristão quando apenas uma hora antes me comportei como qualquer pagão?*”

“*Quantas outras famílias passaram por esta triste experiência nesta manhã? Estamos bem perfumados, mas agradamos a Deus?*”

Tais questões nunca haviam passado antes pela consciência de Winchester.

Observando a esposa e os filhos do Pastor Farley sentados com uma atitude afetada no primeiro banco, Winchester matutava: “*Será que o Pastor Farley também esculachou sua esposa e filhos esta manhã!? Hmmm...*”

A mente de Winchester vagava nessa direção enquanto observava o Pastor Farley golpear o púlpito e levantar sua Bíblia com a mão direita. O Pastor trovejava... “*Nós da Primeira Igreja da Comunidade Bíblica do NT fazemos tudo por este Livro! TUDO! Esta é a Palavra de Deus, não podemos nos desviar dela... nem mesmo um milímetro!*”

Enquanto o Pastor Farley vociferava, ocorreu um pensamento inédito em Winchester: “*Não me recordo de haver lido na Bíblia que os cristãos devem vestir a melhor roupa para ir à igreja. Isto está nas Escrituras!?*”

Este único pensamento desencadeou uma torrente de outras questões cruciais. Observando aquelas fileiras de gélidos espectadores sentados em seus bancos, a mente de Winchester foi inundada por questionamentos. Perguntas que quase nenhum cristão formula. Questões como:

“*Será que sentar nesse banco duro e ver cinco fileiras de nucas à nossa frente durante 45 minutos nos faz agir segundo a Bíblia? Por quê gastar tanto dinheiro mantendo este edifício para passar aqui algumas poucas horas e apenas duas vezes por semana? Por quê a congregação fica tão sonolenta quando o Pastor Farley prega? Por quê minhas filhas odeiam tanto a Escola Dominical? Por quê passamos por este mesmo ritual, previsível, mecânico, sonolento, a cada manhã de domingo? Se estou cansado dessa igreja que não me acrescenta nada espiritualmente, por quê a freqüento? Por quê coloco esta gravata incômoda cada domingo pela manhã enquanto ela corta a circulação de sangue para meu cérebro?*”

Winchester lutava consigo mesmo enquanto estas questões martelavam sua mente. Ele sentiu-se como que contaminado e sacrílego por pensar tais coisas. Sem dúvida alguma coisa diferente estava acontecendo dentro dele que o compelia a colocar em dúvida toda sua experiência eclesiástica. Tais pensamentos estiveram inativos por anos no subconsciente de Winchester, e agora vieram à tona.

Curiosamente, os questionamentos de Winchester naquele dia, praticamente nunca atingem a maioria dos cristãos. Tais dúvidas simplesmente nunca assaltam nossos cérebros. A realidade é que os olhos de Winchester se abriram.

Pode soar estranho, mas quase tudo aquilo que é feito em nossa igreja moderna não tem qualquer base bíblica. Enquanto os pastores rugem do alto de seus púlpitos sobre seguir a “Bíblia” e trilhar a “pura Palavra de Deus”, suas palavras lhes atraíam. É alarmante a terrível diferença entre nosso moderno cristianismo e as práticas da igreja do século I.

Questões que Nunca Formulamos

Sócrates (470-399 a.C.) é considerado por alguns historiadores como o pai da filosofia. Nascido e criado em Atenas, ele tinha o hábito de ir até a cidade e implacavelmente fazer questionamentos e analisar assuntos.^{9[9]} Com audácia, Sócrates colocava em dúvida os pontos de vista do povo de seu tempo. Ele livremente discorria sobre temas que seus contemporâneos atenienses temiam discutir.

A mania de Sócrates de formular perguntas penetrantes às pessoas, fazendo-as participar e questionar criticamente acerca de seus costumes, eventualmente acabou provocando sua morte.

Seus contínuos questionamentos do conjunto das tradições fizeram com que os líderes atenienses o acusassem de “corromper a juventude”. Como resultado, eles mataram Sócrates. Uma clara mensagem foi enviada aos cidadãos atenienses: Todos que ameacem os costumes estabelecidos terão o mesmo destino!^{10[10]}

Sócrates não foi o único filósofo a sofrer represálias pelo seu inconformismo: Aristóteles foi exilado, Spinoza foi excomungado e Bruno foi queimado vivo. Sem mencionar os milhares de cristãos torturados e assassinados pela igreja institucional por se atreverem desafiar seus ensinamentos.^{11[11]}

Como cristãos, somos ensinados por nossos líderes a crer em certas idéias e nos comportar de determinada maneira. Temos a Bíblia, claro. Mas estamos condicionados a lê-la com as cômodas lentes da

^{9[9]} Sócrates acreditava que a verdade se encontra num extenso diálogo em torno de um assunto e de um incessante questionamento. Este método é conhecido como “dialético” ou “método socrático”.

^{10[10]} Para uma breve introdução à vida e ensino de Sócrates, veja Samuel Enoch Stumpf's *Socrates to Sartre* (New York: McGraw-Hill, 1993), pp. 29-45.

^{11[11]} Ken Connolly's *The Indestructible Book*, Grand Rapids: Baker Books, 1996 e Foxe's *Book of Martyrs*, Old Tappan: Spire Books, 1968.

tradição cristã à qual pertencemos. Nos ensinaram a obedecer nossa denominação (ou movimento) e jamais desafiar tais ensinamentos.

(Neste momento todos os corações rebeldes estão aplaudindo e tramando usar os parágrafos anteriores para criar estragos em suas igrejas. Se este é o seu caso, querido coração rebelde, quero acrescentar algo para você em minha introdução. Longe de recomendar que faça isso, meu conselho é: Deixe sua igreja silenciosamente para não causar divisões ou viva em paz com ela. Há uma grande distância entre adotar uma postura rebelde e ficar do lado da verdade).

A verdade é que nós cristãos nunca colocamos em dúvida aquilo que fazemos. Pelo contrário, cumprimos alegremente nossas tradições religiosas, sem verificar de onde elas vieram. A maioria dos cristãos que afirma apoiar-se na Palavra de Deus nunca investiga se aquilo que faz a cada domingo tem base bíblica. Como sei isto? Porque se eles investigarem chegarão a conclusões bem incômodas. Conclusões que compeliariam suas consciências a abandonar tudo que fazem.

Como veremos adiante, o pensamento e a prática da igreja contemporânea sofreram mais influências de eventos históricos pós-bíblicos do que pelos imperativos e exemplos do N.T. (NT). A maioria dos cristãos não tem consciência desta influência. Tampouco se dá conta de que eventos históricos pós-bíblicos criaram montanhas de tradições.^{12[12]} — todas rotineiramente passadas como “cristãs”.^{13[13]}

Um Convite Assustador

Agora convido o leitor seguir-me por uma estrada inédita. Trata-se de uma terrível jornada onde você será obrigado a responder questões que provavelmente nunca entraram em seu pensamento consciente. Questões bem difíceis de responder, recorrentes, surpreendentes. Você será confrontado com respostas perturbadoras. Respostas que deixarão você diante das melhores coisas que um cristão pode conhecer.

Nas próximas páginas você ficará atônito quando descobrir que aquelas coisas que nós, cristãos, fazemos nas manhãs de domingo, não vieram de Jesus Cristo, dos Apóstolos ou das Escrituras. Nem mesmo vieram do Judaísmo.^{14[14]} Sendo mais específico, a maior parte daquilo que fazemos na “igreja” foi absorvido diretamente da cultura pagã no período pós-apostólico.^{15[15]} Sendo mais específico, a maior parte das nossas práticas eclesiais foi introduzida durante três períodos de tempo: Após Constantino (324 a 600), no tempo da Reforma (século XVI), e na era do Revivamento (séculos XVIII e XIX).

Cada capítulo mostrará as tradicionais práticas eclesiais. Depois revelará a história de *onde* vieram tais práticas. E o mais importante, explicará *como* estas práticas sufocam e obstaculizam o funcionamento de Seu Corpo.

Se você não está disposto a examinar seriamente seu cristianismo, não mais leia estas páginas. Doe imediatamente este livro a algum *sebo*! Livre-se do incômodo de ter sua vida cristã virada de cabeça para baixo.

Não obstante, se você opta por “*tomar a pastilha rubra*” e averiguar “*até onde vai a toca do coelho*”.^{16[16]}

^{12[12]} Edwin Hatch, *The Influence of Greek Ideas and Usages Upon the Christian Church* (Peabody: Hendrickson, 1895), p. 18. Hatch remonta os efeitos daninhos de uma igreja que foi influenciada por sua cultura em vez de uma igreja que influencia sua cultura.

^{13[13]} Foi o filósofo cristão Søren Kierkegaard (1813-1855) que disse que o cristianismo moderno é essencialmente falsificado (Søren Kierkegaard, *Attack on Christendom*, ET 1946, pp. 59ff., 117, 150ff., 209ff.).

^{14[14]} Depois da destruição de Jerusalém no ano 70 d.C., o cristianismo judaico minguou em número e em poder. O cristianismo gentílico dominava, e a nova fé começou a absorver a filosofia e os rituais greco-romanos. O cristianismo judaico sobreviveu ainda por cinco séculos no pequeno grupo de cristãos siríacos chamado Ebionitas. Mas sua influência não foi muito difundida. Will Durant, *Caesar to Christ* (New York: Simon & Schuster, 1950), p. 577. Segundo Shirley J. Case, “O ambiente social do movimento cristão não foi principalmente gentílico antes do final do século I, este havia cortado as relações anteriores do contato social com os Judeus Messiânicos da Palestina. No ano 100 d.C., o cristianismo era principalmente um movimento religioso gentílico, vivendo juntos em um ambiente social comum gentílico” (*The Social Origins of Christianity*, New York: Cooper Square Publishers, 1975, pp. 27-28). E. Glenn Hinson escreve, “Do final do século I em diante, os gentios superaram em número aos judeus na assembléia cristã. Sutilmente eles importaram algumas das idéias, atitudes e costumes da cultura grega e romana”. (*Christian History*, Volume XII, No. 1, Issue 37, p. 17).

^{15[15]} “Pós-apostólico” significa depois da morte dos doze apóstolos. As lendas nos narram que o último apóstolo sobrevivente, João, morreu por volta do ano 100 d.C. Segundo Paulo F. Bradshaw, o cristianismo do século IV, “absorveu idéias e práticas religiosas pagãs, vendo-se como cumprimento das metas das religiões anteriores” (*The Search for the Origins of Christian Worship*, New York: Oxford University Press, 1992, p. 65; *Caesar to Christ*, pp. 575, 599-600, 610-19, 671-672, 650-51).

^{16[16]} Citação retirada do pensamento provocativo da película premiada “Matrix”. Na película, Morfis da ao Sr. Anderson a opção de viver em um mundo de sonho enganoso ou compreender a realidade. Suas palavras são aplicáveis ao tema que temos: “Depois disto, não há como voltar atrás. Tome a pílula azul, a história termina, você desperta em sua cama, e você acreditará no que quiser. Você toma a pastilha vermelha e terei que lhe mostrar quão profunda é a toca cavada pelo coelho”. Espero que todo povo de Deus tome a pastilha vermelha!

Se você quer aprender a verdadeira história das origens de suas práticas cristãs, se está disposto a desvendar o véu da igreja moderna e desafiar fortemente suas tradicionais pressuposições, então você encontrará aqui uma obra perturbadora, informativa e possivelmente transformadora de vida.

Em outras palavras, se você é um cristão de igreja institucional que leva o N.T. a sério, o que você lerá mais adiante o levará a uma crise de consciência. Você será confrontado por fatos históricos irrefutáveis.

Por outro lado, se você é um desses raros indivíduos que congrega com outros cristãos à margem do cristianismo organizado, você redescobrirá que não apenas as Escrituras, mas também a história está a seu lado.

*Após cruzar florestas virgens,
Como fazem os bons bezerros
Um bezerro retornou para casa;
Mas uma sinuosa trilha seu rastro deixou
Como todos os bezerros deixam.
Trezentos anos se passaram desde então,
O bezerro está morto, eu acredito.
Mas seu rastro ainda permanece,
E a moral da história está aí.*

*No dia seguinte o rastro farejado foi
Por um cão solitário que por ali passou;
Então o sábio vaqueiro
Seguindo a trilha por vales e estepes,
Trouxe o rebanho atrás de si,
Como os bons vaqueiros fazem.
E desde então surgiu grande clareira na mata,
Pela velha floresta surge um caminho.*

*E muitos homens por ela foram e voltaram
E alargaram, arrumaram, ampliaram.
E proferiram palavras de justa ira
Por ser tortuoso tal caminho.
Mas mesmo a contragosto ainda o trilharam,
A primeira trilha daquele bezerro,
Por entre árvores e entre espinhos ficou sinuosa
Pois cambaleava enquanto caminhava.*

*Este caminho na floresta virou rua,
Que curva, vira e curva novamente;
Esta rua torta virou estrada
De pobres cavalos com suas cargas
Labutando sob o ardente sol
Numa viagem de três milhas e meia.
E assim por um século e um meio
Seguiram nos passos daquele bezerro.*

Os anos voaram velozes,

*A estrada virou rua de aldeia;
E antes que os homens dessem conta,
Virou avenida congestionada da cidade;
E logo rua central de uma metrópole renomada;
E homens há dois séculos e um meio andaram
Na trilha de um bezerro. a cada dia cem mil
Pessoas seguem o cambaleio do bezerro;*

*Tal tortuosa jornada vira rota de continente.
Por onde passam cem mil homens
Passou um bezerro, morto há trezentos anos.
E eles ainda seguem o caminho tortuoso,
E perdem cem anos por dia;
E assim prestam tamanha reverência
A tão bem firmado precedente.
A lição moral que isto ensina por mim é pregada;*

*Os homens são propensos a seguirem cegos
Ao longo das trilhas dos bezerros da mente.
E a trabalhar dia a dia, sol a sol.
Para fazer o que outros homens fizeram.
Eles seguem no rastro batido,
Pela beira e pelo meio, para frente e para trás.
Permanecendo ainda em seus tortuosos caminhos,
Mantendo o caminho que outros fizeram,*

*Eles fizeram do caminho uma trilha sagrada,
Ao longo do qual suas vidas se movem.
Como sorri o velho sábio deus da floresta,
Ele que viu o primeiro bezerro passar!
Ah! Muitas coisas este conto poderia ensinar -
Mas não sou ordenado para pregar.
- Sam Walter Foss*

CAPÍTULO 1

LITURGIA: A REALIDADE DAS MANHÃS DOMINICAIS

Costume sem verdade é erro envelhecido.
-Tertuliano

O cristão que frequenta a igreja moderna observa a mesma superficialidade litúrgica cada vez que vai à igreja. Não importa qual denominação protestante ele pertença — seja batista, metodista, reformada, presbiteriana, evangélica livre, igreja de Cristo, discípulos de Cristo, pentecostal, carismática, ou não denominacional — o serviço da igreja nas manhãs de domingo é virtualmente o mesmo em todas as igrejas protestantes.^[1] Mesmo entre as denominações chamadas “vanguardistas” (como *Vineyard* e *Calvary Chapel*) as variantes são mínimas.

Algumas igrejas utilizam cânticos contemporâneos, outras usam hinos. Em algumas igrejas a congregação levanta as mãos. Em outras as mãos nunca se elevam além da cintura. Algumas igrejas celebram a Ceia do Senhor semanalmente. Outras trimestralmente. Em algumas igrejas a liturgia (ou ordem de adoração) vem escrita em boletim.^[2] Em outras não há qualquer liturgia escrita, mas é tão mecânica e previsível como se tivesse.

Apesar destas pequenas variações, a liturgia é essencialmente a mesma em todas as igrejas protestantes do mundo.

A Liturgia Dominical

Desconsidere detalhes superficiais que distinguem os cultos e você encontrará a mesma prescrição litúrgica. Veja o que encontramos:

O cumprimento: (Quando você entra no salão da igreja, você é abordado por um porteiro ou coisa que o valha — sorridente! Depois você recebe um boletim ou papel com anúncios. Note: se você é membro da denominação *Vineyard*, você pode sentar, tomar café e comer bolachas, antes do início do culto).

Leitura Bíblica ou Oração: (Usualmente feita pelo pastor ou líder dos músicos).

Cânticos: (Um músico profissional, coro, ou equipe de louvor dirige a congregação nos cânticos. Se você é membro de uma igreja do estilo carismático esta parte do culto dura de 30 a 40 minutos. Caso contrário, dura menos tempo).

Anúncios: (Usualmente dados pelo pastor ou algum outro líder da igreja).

^[1] Há três exceções. Os Irmãos Plymouth (Abertos e Fechados) tinham uma liturgia fechada onde os paroquianos partilham mutuamente um pouco no começo do culto. Todavia a ordem do culto é a mesma todas as semanas. Os Quakers da Velha Escola tem uma reunião aberta onde os paroquianos são passivos até que estejam bem informados, depois disso todos compartilham. Outra exceção é a “igreja alta” protestante. Esta retém os “aromas e sinos” da missa católica elaborada.

^[2] A palavra “liturgia” deriva-se da palavra grega *leitourgia* que significa “serviço público”. Os cristãos a adotaram para referir-se ao público ministério de Deus. A liturgia, portanto, é simplesmente uma ordem de serviço ou uma ordem pré-escrita de adoração. *Leitourgia* refere-se à performance de uma exibição pública anunciada aos cidadãos da Velha Atenas. Ela era plena de obrigações civis. John F. White, *Protestant Worship and Church Architecture* (New York: Oxford University Press, 1964, p. 22); Everett Ferguson, *Early Christians Speak: Faith and Life in the First Three Centuries*, (Abilene: A.C.U. Press, Terceira Edição, 1999), p. 83; J.G. Davies, *The New Westminster Dictionary of Liturgy and Worship: First American Edition* (Philadelphia: Westminster Press, 1986), p. 314.

Coleta: (Às vezes chamada “oferta”, é usualmente acompanhada por um cântico especial entoado pelo coro, equipe de louvor, ou um solista).

Sermão: (Normalmente é um discurso de 30 a 45 minutos proferido pelo pastor).^{3[3]} Depois do Sermão segue-se uma ou mais das seguintes atividades:

Oração pastoral depois do sermão;

Convite para vir diante do altar;

Mais cânticos dirigidos pelo coro ou equipe de músicos;

Ceia do Senhor;

Oração pelos enfermos e aflitos;

Anúncios Finais: (Geralmente pelo pastor ou algum afortunado “leigo” autorizado a dizer algo no culto);

Bênção: (Depois desta bênção o culto termina).

Com algumas pequenas modificações, esta é a férrea liturgia observada religiosamente semana após semana^{4[4]} por cerca de 345 milhões de protestantes no mundo. Fato que nos últimos 500 anos ninguém parece questionar.

Olhe novamente para a liturgia dominical. Note que esta contém uma estrutura tripla: 1) cântico, 2) sermão, e 3) oração ou cântico final. Esta liturgia é tida como sacrossanta aos olhos da maioria dos cristãos modernos. Mas por quê? Simplesmente devido ao titânico poder da tradição.^{5[5]}

Herdamos esta liturgia através de uma consistente e envolvente tradição. Essa tradição petrificou a liturgia por cinco séculos... E esta nunca mais mudou!

A Origem da Liturgia Protestante

Os pastores falam rotineiramente a suas congregações, “fazemos tudo conforme a Bíblia”, contudo, praticam esta férrea liturgia. Eles não agem corretamente. (Acredito que esta falta de veracidade deve-se mais à ignorância do que à má fé).

Verifique sua Bíblia do começo ao fim, você não encontrará nada semelhante a isso. Os cristãos do século I nada sabiam sobre tais coisas. Na realidade, essa liturgia protestante tem tanto apoio bíblico quando à Missa católica!^{6[6]} Nenhuma das duas tem qualquer ponto de contato com o N.T.

Em meu livro, *Repensando o Odre*, descrevo as reuniões da igreja primitiva. Estas reuniões eram marcadas pelo funcionamento de cada membro, numa espontânea, livre, vibrante e aberta participação.^{7[7]}

Era um encontro fluido, não um ritual estático. E era imprevisível, bem diferente do culto da igreja moderna. Ademais, a reunião da igreja do século I não foi adotada dos cultos da sinagoga

^{3[3]} Veja no capítulo 2 uma completa discussão sobre as raízes do sermão.

^{4[4]} Agora mesmo há 345.855.000 protestantes no mundo: 70.164.000 na América do Norte e 77.497.000 na Europa (*The World Almanac and Book of Facts 2003*, New York: World Almanac Education Group, 2003, p. 638).

^{5[5]} Um pesquisador descreve a tradição como “práticas e crenças de adoração herdadas que manifestam continuidade geração após geração” (*Protestant Worship and Church Architecture*, p. 21).

^{6[6]} A Missa Medieval é uma mescla de elementos Romanos, Galeses e Franceses (veja o ensaio de Edmon Bishop, *The Genius of the Roman Rite* and Monsignor L. Duchesne's *Christian Worship: Its Origin and Evolution*, New York: Society for Promoting Christian Knowledge, 1912, pp. 86-227). Os aspectos cerimoniais da Missa, tais como incenso, velas e arranjos do edifício foram adotados da corte cerimonial dos Imperadores Romanos (Josef A. Jungmann, S.J., *The Early Liturgy: To the Time of Gregory the Great*, Notre Dame: Notre Dame Press, 1959, pp. 132-133, 291-292; M.A. Smith, *From Christ to Constantine*, Downer's Grove: InterVarsity Press, 1973, p. 173).

^{7[7]} No Capítulo 1 de *Rethinking the Wineskin*, descrevo uma igreja do século I de uma maneira detalhada. Este estilo de reunião está sendo observado hoje em pequena escala. Enquanto tais reuniões são consideradas muitas vezes como radicais e revolucionárias pelo ramo principal do cristianismo, esta não é mais radical ou revolucionária que a igreja do século I. No que se refere às reuniões da Igreja Primitiva, veja: Robert Banks, *Paul's Idea of Community* (Peabody: Hendrickson, 1994), Capítulos 9-11; Robert and Julia Banks, *The Church Comes Home* (Peabody: Hendrickson, 1998), Capítulo 2; Eduard Schweizer, *Church Order in the New Testament* (Chatham: W. & J. Mackay, 1961), pp. 1-136.

judaica, como alguns autores têm recentemente sugerido.^{8[8]} Pelo contrário, era totalmente inédita naquela cultura.

Então, De onde vem a liturgia do culto protestante? Esta tem suas raízes principais na Missa Católica.^{9[9]} A Missa não teve origem no NT e isso é significativo. A Missa saiu do antigo Judaísmo e do paganismo.^{10[10]} Segundo o famoso historiador Will Durant, a Missa Católica foi “baseada em parte no culto do Templo Judaico, e em parte nos místicos rituais de purificação dos gregos, o sacrifício substituto, e a participação...”^{11[11]}

Gregório O Grande (540-604) é o homem mais responsável pela formação da Missa Medieval.^{12[12]} Gregório foi um homem incrivelmente supersticioso, cujo pensamento foi influenciado pelos conceitos mágicos dos pagãos. Ele personificou a mente Medieval, que era uma mistura de paganismo, magia e cristianismo. Não é uma casualidade quando Durant descreve Gregório como “o primeiro homem completamente Medieval”.^{13[13]}

A Missa Medieval refletia a mente de seu padre, Gregório. Foi uma combinação de rituais pagãos e judaicos borrifados com teologia católica e vocabulário cristão.^{14[14]} Durant destaca que a Missa estava profundamente mergulhada tanto no pensamento mágico pagão como no drama grego.^{15[15]} Ele escreveu, “a mente grega, moribunda, teve uma sobrevida na teologia e liturgia da igreja; o idioma grego, após reinar por séculos sobre a filosofia, chegou a ser o veículo da literatura e do ritual cristão; o misticismo grego foi passado adiante pelo impressionante misticismo da Missa”.^{16[16]} Com efeito, a Missa Católica que se desenvolveu do século IV até o século VI foi essencialmente pagã. Os cristãos copiaram as vestimentas dos sacerdotes pagãos, o uso do incenso e da água benta nos ritos de purificação, a queima de velas durante a adoração, a arquitetura da basílica romana em seus edifícios de igreja, a lei romana como base da “lei canônica”, o título Pontifex Máximus (Sumo Pontífice) para o Bispo principal, e os rituais pagãos para a Missa

^{8[8]} Veja Robert Banks *Paul's Idea of Community*, pp. 106-108, 112-117; Paul F. Bradshaw's *The Search for the Origins of Christian Worship* (New York: Oxford University Press, 1992), pp. 13-15, 27-29, 159-160, 186. Bradshaw ataca a idéia de que os cristãos do século I adotaram práticas litúrgicas judaicas. Ele destaca que esta idéia surgiu por volta do século XVII. David Norrington afirma, “Temos pouca evidência que sugira que os primeiros cristãos tentaram perpetuar o estilo da sinagoga” (David C. Norrington, *To Preach or Not to Preach?*, Carlisle: Paternoster, 1996, p. 48). Além disso, a sinagoga judaica foi uma invenção humana. Alguns pesquisadores acreditam que a sinagoga foi criada durante o cativeiro babilônico (século VI A.C.), quando a adoração no templo de Jerusalém era impossível. Outros crêem que as sinagogas vieram depois: Nos séculos II ou III A.C. com o surgimento dos Fariseus. Embora a sinagoga virasse centro da vida judia depois da destruição do templo de Jerusalém em 70 d.C., nada há no Velho Testamento (nem divino) precedente que justifique essa instituição (*Dictionary of Jesus and the Gospels*, Downer's Grove: InterVarsity Press, 1992, pp. 781-82; Alfred Edersheim, *The Life and Times of Jesus the Messiah*, Mclean: Macdonald Publishing Company, p. 431). Além do mais, a inspiração arquitetônica da sinagoga foi pagã (*To Preach or Not to Preach?*, p. 28).

^{9[9]} A palavra *Missa*, que significa “demissão” da congregação (*mission, dismissio*) tornando-se, pelo final do século IV, a palavra que definia a liturgia da celebração da Eucaristia (Philip Schaff, *History of the Christian Church: Volume 3*, Michigan: Eerdmans, 1910, p. 505).

^{10[10]} A história da origem da Missa está fora do escopo desse livro. Basta-nos dizer que a Missa foi essencialmente uma mistura entre 1) a ressurgência do interesse gentílico pela adoração na sinagoga e 2) a influência pagã anterior ao século IV (Frank Senn, *Christian Liturgy: Catholic and Evangelical*, Minneapolis: Fortress Press, 1997, p. 54; *The Early Liturgy*, pp. 123, 130-144).

^{11[11]} Will Durant, *Caesar to Christ*, New York: Simon & Schuster, 1950, p. 599.

^{12[12]} As principais reformas de Gregório moldaram a Missa Católica desde o período Medieval até a Reforma. Philip Schaff, *History of the Christian Church: Volume 4* (Michigan: Eerdmans, 1910), pp. 387-388.

^{13[13]} Will Durant, *The Age of Faith*, New York: Simon & Schuster, 1950, pp. 521-524.

^{14[14]} Philip Schaff delinea as varias liturgias católicas que alcançaram seu ponto culminante na liturgia de Gregório. A liturgia de Gregório dominou por séculos a igreja latina e foi sancionada pelo Concílio de Trento. (Philip Schaff, *History of the Christian Church: Volume 3*, Michigan: Eerdmans, 1910, pp. 531-535). Gregório, também foi a pessoa que desenvolveu e popularizou a doutrina católica do “purgatório”, se bem que ele tenha extraído vários comentários especulativos de Agostinho (Justo L. Gonzalez, *The Story of Christianity*, Peabody: Prince Press, 1999, p. 247). Com efeito, Gregório fez com que os ensinamentos de Agostinho formassem a teologia fundamental da Igreja Ocidental. “Agostinho”, disse Paul Jonson, “foi o gênio obscuro do cristianismo imperial, o ideólogo da aliança Igreja/Estado, e o fabricante da mentalidade Medieval. Depois de Paulo, foi ele quem supriu a teologia básica, ele fez mais pela formação do cristianismo que qualquer outro ser humano” (*A History of Christianity*, New York: Simon & Schuster, 1976, p. 112). Durant disse que a teologia de Agostinho dominou a filosofia católica até o século XIII. Agostinho também deu uma nova coloração ao neoplatonismo (*The Age of Faith*, p. 74).

^{15[15]} *Caesar to Christ*, pp. 599-600, 618-619, 671-672; *The Age of Faith*, p. 1027.

^{16[16]} *Caesar and Christ*, p. 595.

Católica.^{17[17]}

Quando as mais variadas denominações protestantes nasceram, todas ajudaram a reformar a liturgia católica contribuindo com um único elemento.^{18[18]} No que toca à crônica da reforma litúrgica, trata-se de uma vasta e complexa jornada. Aprofundar nesse tema requer um grosso volume.^{19[19]} Neste capítulo, examinaremos a história básica. Depois que Gregório estabeleceu a Missa no século VI, esta permaneceu praticamente intacta, com poucas variações durante mais de mil anos.^{20[20]} Mas essa água parada da liturgia experimentou sua primeira revisão quando Martinho Lutero entrou em cena (1483-1546).

A Contribuição de Lutero

No ano de 1520, Lutero lançou uma violenta campanha contra a Missa Católica Romana.^{21[21]} O ponto culminante da Missa sempre foi a Eucaristia,^{22[22]} também conhecida como “Comunhão”, “Ceia do Senhor” ou “Santa Ceia”. Tudo é direcionado para o momento mágico quando o sacerdote parte o pão e o distribui para as pessoas. Da perspectiva da mente católica Medieval, oferecer a Eucaristia era Jesus Cristo se sacrificando novamente. Desde Gregório o Grande (540-604) a igreja católica ensinava que Jesus Cristo é novamente sacrificado através da Missa.^{23[23]}

Lutero repudiava (muitas vezes de uma maneira vulgar) as mitras e os báculos dos papistas, e seus ensinamentos sobre a Eucaristia. O erro cardinal da Missa, disse Lutero, era que esta foi uma “obra” humana baseada numa falsa compreensão do sacrifício de Cristo.^{24[24]} Então, em 1523, Lutero enunciou sua própria revisão da Missa Católica.^{25[25]} Esta revisão é o fundamento de toda adoração protestante.^{26[26]} O núcleo dela é: Em vez da Eucaristia,^{27[27]} Lutero colocou a pregação no centro da reunião.

Por conseguinte, no culto de adoração dos protestantes modernos o púlpito é o elemento central e não a mesa do altar.^{28[28]} (A mesa do altar é onde se coloca a Eucaristia nas igrejas católicas).

^{17[17]} Ibid., pp. 618-619.

^{18[18]} James F. White descreve nove tradições litúrgicas dentro do campo protestante em seu livro *Protestant Worship: Traditions in Transition* (Louisville: Westminster/John Knox Press, 1989).

^{19[19]} Frank C. Senn faz uma abordagem técnica na história das liturgias católicas e evangélicas em seu seminal livro *Christian Liturgy: Catholic and Evangelical* (Minneapolis: Fortress Press, 1997). Além da obra de Senn há também o monstruoso volume *The Shape of the Liturgy* (Continuum Publishing House, 2000). Ambos os livros tem mais de 700 páginas cada!

^{20[20]} A Moderna Missa mudou pouco nos últimos 400 anos (*Protestant Worship: Traditions in Transition*, p. 17). A forma usada hoje remonta ao Missal Romano, Sacramentos e Intrações, 1970 (*Christian Liturgy*, p. 639). Mesmo assim, a Missa do século VI assemelha-se à Missa de nossos dias (*The Early Liturgy*, p. 298).

^{21[21]} Esta campanha foi articulada no radical tratado de Lutero, *The Babylonian Captivity of the Church*. Este livro caiu como uma bomba sobre o sistema católico romano, desafiando o núcleo da teologia por trás da Missa Católica. No Cativo Babilônico, Lutero atacou as seguintes três características da Missa: 1) Negação do cálice aos leigos, 2) Transubstanciação 3) O conceito da Missa é uma obra humana oferecida a Deus como um sacrifício de Cristo. Embora Lutero rechaçasse a transubstanciação, ele ainda acreditava numa “presença real” do corpo e do sangue de Cristo nos elementos do pão e do vinho. Esta crença se chama “consubstanciação”. Em *Captivity*, Lutero também nega os sete sacramentos, adotando apenas três: batismo, penitência e a ceia (*Christian Liturgy*, p. 268). A penitência foi a última a ser adotada como sacramento.

^{22[22]} A palavra “Eucaristia” deriva-se da palavra grega *eucharisteo* que significa “dar graças”. Aparece em 1 Coríntios 11:24. Onde diz que Jesus tomou o pão, partiu-o e “deu graças”. Os cristãos pós-apostólicos referiam-se à Ceia do Senhor como “Eucaristia”.

^{23[23]} Lutero fez suas revisões litúrgicas no tratado *Form of the Mass*. Justo L. Gonzalez, *The Story of Christianity* (Peabody: Prince Press, 1999), p. 247. Note que os teólogos católicos mais recentes, nos últimos 70 anos, dizem que a Missa é uma representação do único sacrifício em vez de um novo sacrifício como acreditava a Igreja Católica Medieval.

^{24[24]} A Eucaristia foi muitas vezes tida como uma “oblação” ou “sacrifício” por cinco séculos (James Hastings Nichols, *Corporate Worship in the Reformed Tradition*, Philadelphia: The Westminster Press, 1968 p. 25). Veja também *Christian Liturgy*, pp. 270-275. Loraine Boettner detalha os erros da Missa Medieval Católica no Capítulo 8 de seu livro *Roman Catholicism* (Phillipsburg: The Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1962).

^{25[25]} O nome latino é *Formula Missae*.

^{26[26]} *Protestant Worship: Traditions in Transition*, pp. 36-37.

^{27[27]} Ibid., pp. 41-42. Mesmo tendo uma elevadíssima estima pela Eucaristia, Lutero retirou da missa toda sua linguagem sacrificial, reservando tal linguagem apenas para a própria Eucaristia. Ele acreditava fortemente na Palavra e no Sacramento. Então sua Missa Alemã assumiu a santa comunhão e a pregação.

^{28[28]} Algumas igrejas “litúrgicas” na tradição protestante ainda mantêm a mesa do altar próxima do púlpito.

Lutero recebe o crédito por fazer com que o sermão seja o ponto culminante do culto protestante.^{29[29]} Leia suas palavras: Uma congregação cristã nunca deve reunir-se sem a pregação da Palavra de Deus e a oração, não importa quão exíguo seja o tempo da reunião. A pregação e o ensino da Palavra de Deus é a parte mais importante do culto divino.^{30[30]}

A crença de Lutero no que diz respeito à pregação como ponto culminante do culto de adoração permanece até nossos dias. Todavia tal crença não tem nenhuma procedência bíblica.^{31[31]} Como disse um historiador, “O púlpito é o trono do pastor protestante”.^{32[32]} É por esta razão que os ministros protestantes ordenados são ordinariamente chamados de “pregadores”.^{33[33]}

Mas, considerando estas modificações, a liturgia de Lutero variava bem pouco da Missa Católica.^{34[34]} Lutero meramente tentou salvar aquilo que representava o elemento “cristão” da antiga liturgia católica.^{35[35]} Por conseguinte, se alguém comparar a liturgia de adoração elaborada por Lutero com a liturgia de Gregório, verá que é praticamente a mesma!^{36[36]} Basicamente, Lutero reinterpretou muitos dos rituais da Missa. Mas, ele preservou o cerimonial, julgando-o apropriado.^{37[37]}

Por exemplo, Lutero manteve o ato que marcava o ponto culminante da Missa Católica: Quando o sacerdote levanta o pão e o cálice e os consagra. Ele meramente reinterpreta o significado deste ato.^{38[38]} A prática de consagrar o pão e o cálice, elevando-os, teve início no século XIII. É uma prática construída principalmente com base na superstição.^{39[39]} Contudo continua sendo observada por muitos pastores em nossos dias.

Da mesma maneira, Lutero fez uma drástica cirurgia na oração Eucarística, mantendo apenas as “palavras sacramentais”.^{40[40]} Tais palavras são as de 1 Coríntios 11:23 em diante — “O Senhor Jesus na noite em que foi traído, tomou o pão... e disse ‘Tomai e comei, este é o meu Corpo’...” Até hoje os pastores protestantes recitam religiosamente este texto antes de ministrar a comunhão.

Enfim, a liturgia de Lutero era nada menos que uma versão truncada da Missa Católica!^{41[41]} A Missa de Lutero detinha os mesmos problemas da Missa Católica: Os paroquianos continuaram sendo espectadores passivos (com a exceção de poderem cantar), e toda liturgia era dirigida por um clérigo ordenado (o pastor tomando o lugar do sacerdote).

^{29[29]} Antes da era Medieval, tanto o sermão como a Eucaristia tiveram um lugar proeminente na liturgia Cristã. O sermão, porém, entrou em sério declínio durante o período Medieval. Muitos padres eram iletrados demais para pregar, e outros elementos impediram a pregação das Escrituras. William D. Maxwell, *An Outline of Christian Worship: Its Developments and Forms* (New York: Oxford University Press, 1936), p. 72. Gregório o Grande buscou restabelecer o lugar do sermão na Missa. Contudo seus esforços falharam. Foi apenas com a chegada da Reforma que o sermão tomou o papel central na liturgia (*History of the Christian Church: Volume 4*, pp. 227, 399-402).

^{30[30]} “The German Mass,” *Luther’s Works*, LIII, 68.

^{31[31]} *Rethinking the Wineskin*, Capítulo 1; Capítulo 2 of this book.

^{32[32]} *History of the Christian Church: Volume 7*, p. 490.

^{33[33]} *Protestant Worship: Traditions in Transition*, p. 20.

^{34[34]} Lutero ainda seguia a histórica Ordem Ocidental. A principal diferença foi que Lutero eliminou as orações do ofertório e as orações do Cãnon que falavam em oferendas, depois do Sanctus. Em suma, Lutero golpeou a Missa sempre fortalecendo o “sacrifício”. Eles, juntamente com outros Reformadores, removeram muitos dos decadentes elementos medievais da Missa. Para fazer isso eles construíram a liturgia em vernáculo comum, incluindo canções congregacionais (cânticos e coros para os luteranos; salmos métricos para os reformados), centralizando o sermão, e permitindo aos congregantes participarem na sagrada comunhão (Frank Senn, *Christian Worship and Its Cultural Setting*, Philadelphia: Fortress Press, 1983, pp. 84, 102).

^{35[35]} *History of the Christian Church: Volume 7*, pp. 486-487. O reformador alemão Carlstadt (1477-1541) foi mais radical que Lutero. Durante a ausência de Lutero Carlstadt aboliu a Missa por inteiro, destruindo os altares juntamente com as imagens.

^{36[36]} Frank Senn descreve a liturgia católica primitiva em seu livro (*Christian Liturgy*, p. 139). Lutero mesmo retendo a palavra “Missa”, que significava toda a liturgia (pág. 486).

^{37[37]} Lutero enfatizou o cerimonial da corte dos reis e acreditava que isso deveria ser aplicado na adoração a Deus (*Christian Worship and Its Cultural Setting*, p. 15). Veja o capítulo 3 deste livro para ver como o ingresso do protocolo imperial chegou a ser parte integrante da liturgia cristã durante o século IV com o reino de Constantino.

^{38[38]} Quando o sacerdote católico levantava o sacramento, ele o fazia para inaugurar o sacrifício.

^{39[39]} *Christian Worship and Its Cultural Setting*, pp. 18-19.

^{40[40]} *Protestant Worship: Traditions in Transition*, pp. 41-42; *An Outline of Christian Worship*, p. 75.

^{41[41]} Lutero reteve a ordem básica da Missa Medieval juntamente com os aspectos das luzes, incenso e as vestes (*An Outline of Worship*, p. 77).

Segundo as próprias palavras de Lutero; “Nunca foi nossa intenção eliminar completamente o culto litúrgico a Deus, mas purificar o que já está em uso dos vínculos que o corrompem...”.^{42[42]} Tragicamente, Lutero não se deu conta de que o vinho novo não pode ser guardado em odres velhos.^{43[43]} Em nenhum momento Lutero (e nenhum outro dos principais reformadores) demonstrou desejo de voltar às práticas da igreja do século I. Estes homens meramente se dedicaram a reformar a teologia da igreja católica.

Em suma, as maiores mudanças duradouras feitas por Lutero na Missa Católica foram as seguintes: (1) Ele realizou a Missa na linguagem do povo. (2) Deu ao sermão uma posição central na reunião. (3) Ele introduziu a música na congregação.^{44[44]} (4) Ele eliminou a idéia de que a Missa era um sacrifício de Cristo. (5) Permitiu que a congregação participasse no pão e no vinho (em vez de limitá-los exclusivamente ao sacerdote como faz a prática católica.) Aparte destas diferenças, Lutero manteve a mesma liturgia como se vê na Missa Católica!

Pior que isso, embora Lutero falasse muito sobre “sacerdócio de todos os crentes”, ele nunca abandonou a prática de ordenação do clero.^{45[45]} De fato, sua crença era tão forte em um clero ordenado que escreveu, “O ministério público da Palavra deve ser estabelecido pela ordenação santa como a mais importante das funções da igreja”.^{46[46]} Sob a influência de Lutero, o pastor protestante simplesmente substituiu o sacerdote católico. Em sua maior parte, houve pouca diferença prática na maneira como funcionaram estas duas instituições.^{47[47]} Isto não foi modificado por longa data como veremos mais adiante.^{48[48]}

Agora segue a ordem da adoração elaborada por Lutero.^{49[49]} Você deve conhecer bem este resumo geral, por ser a principal raiz do culto dominical matutino.^{50[50]}

Música

Oração

Sermão

Anúncios à Congregação

Santa Ceia

Música

Oração depois da Comunhão

Despedida (Bênção).

Contribuição de Zwinglio

^{42[42]} *Luther's Works*, LIII, 20.

^{43[43]} Ironicamente, Lutero insistiu que sua Missa Alemã não deveria ser adotada legalistamente, e se fosse antiquada deveria ser descartada (*Christian Worship and Its Cultural Setting*, p. 17). Tragicamente, isto nunca aconteceu. Dificilmente as tradições morrem!

^{44[44]} Amante da música, Lutero introduziu a música como principal parte do culto. *Protestant Worship: Traditions in Transition*, p. 41; *Christian History*, Volume XII, No. 3, Issue 39, pp. 3, 16-19. Lutero era um gênio musical. Seu dom musical era tão forte que os Jesuítas disseram que os cânticos de Lutero “provocaram mais dano às almas do que seus escritos e pregações”. Não é surpreendente que um dos maiores talentos musicais da história da igreja fosse um luterano. Seu nome era João Sebastião Bach. Para mais detalhes quanto à contribuição musical de Lutero à liturgia protestante veja: *Christian Liturgy*, pp. 284-287; *Protestant Worship: Traditions in Transition*, pp. 41, 47-48; Will Durant, *The Reformation* (New York: Simon and Schuster, 1957), pp. 778-779.

^{45[45]} *Protestant Worship: Traditions in Transition*, p. 41.

^{46[46]} “Concerning the Ministry,” *Luther's Works*, XL, 11.

^{47[47]} O sacerdote ministrava sete sacramentos enquanto que o pastor ministrava dois (o batismo e a Eucaristia). Todavia tanto sacerdotes como pastores viam a si mesmos dotados da exclusiva autoridade para proclamar a Palavra de Deus. Para Lutero, o uso de batinas clericais, velas no altar e a atitude do ministro quanto à oração era motivo de indiferença (*History of the Christian Church: Volume 7*, p. 489). Mas mesmo sendo indiferente a tais coisas ele aconselhou que elas permanecessem (*Christian Liturgy*, p. 282). Portanto permanecem conosco até hoje.

^{48[48]} Veja Capítulo 4.

^{49[49]} Esta liturgia foi publicada em sua *German Mass and Order of Service* em 1526.

^{50[50]} *Christian Liturgy*, pp. 282-283.

Com a invenção da imprensa por Gutenberg (por volta de 1450), o aumento na produção de livros litúrgicos acelerou as mudanças litúrgicas que os reformadores tentavam efetuar.^{51[51]} Estas mudanças então foram implementadas através de tipos móveis e impressas em quantidades massivas.

Zwinglio (1484-1531), o reformador suíço, aos poucos introduziu sua própria reforma, que ajudou a desenhar a ordem de adoração de hoje. Ele substituiu a mesa do altar por algo chamado “mesa da comunhão”, onde se ministrava o pão e o vinho.^{52[52]} Ele também ordenou que se levasse o pão e o vinho à congregação em seus bancos utilizando bandejas de madeira e taças.^{53[53]}

A maioria das igrejas protestantes tem tal mesa. Originalmente a mesa continha duas velas, um costume que veio diretamente da corte dos Imperadores Romanos!^{54[54]} A maioria leva o pão e o vinho à congregação sentada em seu banco.

Zwinglio também recomendou que a Santa Ceia fosse observada trimestralmente (quatro vezes por ano). Fez isso em oposição ao tomá-la semanalmente como os outros reformadores haviam recomendado.^{55[55]} Muitos protestantes imitam a observação trimestral da Santa Ceia hoje. Alguns a observam mensalmente.

Zwinglio também é nominado como o paladino da abordagem da Santa Ceia enquanto “memorial”. Este ponto de vista é apoiado pela corrente principal do protestantismo estadunidense.^{56[56]} O pão e o vinho são meramente símbolos do corpo e do sangue de Cristo.^{57[57]} Todavia, aparte destas novidades, a liturgia de Zwinglio não diferia muito da de Lutero.^{58[58]} Como Lutero, Zwinglio enfatizou a centralidade do sermão. Tanto que ele e seus colegas pregavam tão freqüentemente como um canal de notícias televisivo, catorze vezes por semana!^{59[59]}

A Contribuição de Calvino e Companhia

Os reformadores João Calvino da Alemanha (1509-1564), João Knox da Escócia (1513-1572), e Martin Bucer de Suíça (1491-1551) alongaram o formato litúrgico. Estes homens criaram suas próprias ordens de adoração ou liturgias entre os anos 1537 e 1562. Embora suas liturgias fossem seguidas em diferentes partes do mundo, elas eram praticamente idênticas.^{60[60]} Eles simplesmente fizeram algumas modificações na liturgia de Lutero. A mais notável foi a coleta de dinheiro após o sermão.^{61[61]}

Como Lutero, Calvino enfatizou a centralidade da pregação durante o culto de adoração. Ele acreditava que cada crente tinha acesso a Deus através da Palavra pregada e não através da

^{51[51]} *Christian Liturgy*, p. 300.

^{52[52]} Oscar Hardman, *A History of Christian Worship* (Tennessee: Parthenon Press, 1937), p. 161. Sobre isso, Frank Senn escreveu, “Nas igrejas reformadas, o púlpito dominou o altar tão completamente que em vez do altar desaparecer ele foi substituído pela mesa usada para a santa comunhão usada apenas algumas vezes por ano. A pregação da Palavra dominou o serviço. Isso ocorreu como consequência da chamada redescoberta da Bíblia. Mas a redescoberta da Bíblia surgiu em virtude da invenção da imprensa, um fenômeno cultural” (*Christian Worship and Its Cultural Setting*, p. 45).

^{53[53]} *Christian Liturgy*, p. 362; *Protestant Worship: Traditions in Transition*, p. 62.

^{54[54]} *The Early Liturgy*, pp. 132-133, 291-292; *From Christ to Constantine*, p. 173.

^{55[55]} *Christian Liturgy*, p. 363.

^{56[56]} *Protestant Worship: Traditions in Transition*, p. 60.

^{57[57]} O ponto de vista Zwinglio era mais complexa sobre isso. Todavia seu conceito da Eucaristia não era tão “elevado” como a de Calvino ou Lutero (*An Outline of Christian Worship*, p. 81). Zwinglio é o pai da moderna visão protestante da Ceia do Senhor. É bom destacar que as igrejas “litúrgicas” protestantes celebram a Palavra e o Sacramento semanalmente.

^{58[58]} A liturgia de Zwinglio é descrita em *Christian Liturgy*, pp. 362-364.

^{59[59]} *Protestant Worship: Traditions in Transition*, p. 61.

^{60[60]} As teses litúrgicas foram usadas em Estrasburgo, Alemanha (1537), Genebra, Suíça, (1542), e Escócia (1562).

^{61[61]} A coleta era arrecadada para os pobres (*Christian Liturgy*, pp. 365-366). Calvino escreveu, “Nenhuma assembléia da igreja deve ser convocada sem que se pregue a Palavra, sem que se ofereçam orações, sem que se ministre a Ceia do Senhor, e a oferta aos pobres” (*Corporate Worship in the Reformed Tradition*, p. 29). Embora Calvino desejasse ministrar a Ceia do Senhor semanalmente, suas igrejas reformadas seguiram a prática de Zwinglio de ministrá-la trimestralmente (*Protestant Worship: Traditions in Transition*, pp. 65, 67).

Eucaristia.^{62[62]} Devido a seu gênio teológico, a pregação na igreja de Calvino em Gênova era intensamente teológica e acadêmica. Também foi altamente individualista, uma característica que nunca foi eliminada no Protestantismo.^{63[63]}

A igreja de Calvino em Gênova foi o modelo para todas as igrejas reformadas. Portanto, suas ordens de adoração se estenderam por toda parte. Isto explica o caráter intelectual da maioria das igrejas protestantes hoje, especialmente a Reformada e a Presbiteriana.^{64[64]}

Pelo fato dos instrumentos musicais não serem mencionados explicitamente no NT, Calvino eliminou o órgão e os coros.^{65[65]} Todo cântico era entoado sem instrumentos (a capela). Alguns protestantes modernos como a Igreja de Cristo, por exemplo, segue o rígido estilo de Calvino, sem instrumentos.^{66[66]} Apesar disso, os Puritanos (seguidores de Calvino na Inglaterra) continuaram no espírito de Calvino, condenando a música instrumental e o uso de coros.^{67[67]}

Provavelmente, a característica mais nociva da liturgia de Calvino foi dirigir a maior parte do culto de cima do púlpito!^{68[68]} O cristianismo nunca se recuperou disso. Hoje, o pastor atua como mestre de cerimônias e diretor executivo do culto dominical matutino, da mesma forma que o sacerdote da Missa Católica!

Outra característica que Calvino acrescentou à ordem de adoração é a atitude sombria que se ensinava à congregação ao entrar no salão. Essa atmosfera carrega consigo um sentimento de autodegradação diante de um Deus soberano e austero.^{69[69]}

A Martin Bucer também se atribui ter promovido esta atitude. Ao início de cada culto, os Dez Mandamentos eram lidos para criar um sentido de veneração.^{70[70]} Desta mentalidade saíram algumas práticas escandalosas. Um certo pastor Puritano Inglês ficou famoso por multar as crianças que sorriam dentro da igreja! Agregue-se a isto a criação do “Homem do Dízimo” que despertava com um grande bastão os paroquianos que dormiam no culto!^{71[71]}

Tal modo de pensar é um passo atrás mesmo diante do velho pietismo Medieval.^{72[72]} Todavia isso foi aceito e mantido vivo por Calvino e Bucer.^{73[73]}

Um costume adicional que os reformadores copiaram da Missa foi a prática do clero caminhar em direção a seus assentos designados no princípio do culto enquanto a congregação ficava em pé, cantando. Esta prática teve início no século IV quando os Bispos entravam em suas magníficas basílicas. Que por sua vez foi uma prática copiada diretamente do cerimonial da corte imperial

^{62[62]} *Dictionary of Pentecostals and Charismatic Movements* (Grand Rapids: Zondervan, 1988), p. 904. A “Palavra” para os reformadores significa a Bíblia e a palavra pregada enquanto instrumental da Palavra encarnada. Tanto o sermão como a leitura bíblica eram conectados e vistos como a “Palavra” (*Corporate Worship in the Reformed Tradition*, p. 30). A idéia da pregação da Bíblia como a própria “Palavra de Deus” aparece em *Confessio Helvetica Posterior* de 1566.

^{63[63]} O rigoroso individualismo do Renascimento influenciou a mensagem dos reformadores. Eles foram um subproduto de seu tempo. O evangelho que eles pregaram era centrado nas necessidades individuais e no desenvolvimento pessoal. Não era comunitário como a mensagem dos cristãos do século I. Esta ênfase individualista foi adotada pelos Puritanos, Pietistas e Evangelistas, isso penetrou em todas as áreas da vida e do pensamento da América do Norte. (*Christian Worship and Its Cultural Setting*, pp. 100, 104; John Marcos Terry, *Evangelism: A Concise History*, Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1994, p. 125; *Rethinking the Wineskin*, Capítulo 4).

^{64[64]} *Protestant Worship: Traditions in Transition*, p. 65.

^{65[65]} *Ibid.*, p. 66. Zwinglio, ele próprio um músico, compartilhava da convicção de Calvino de que a música instrumental e o uso de coros não deveriam fazer parte do serviço da igreja (p. 62).

^{66[66]} *Ibid.*, p. 76. Para Calvino, todos os cânticos deveriam incluir palavras do Velho Testamento, apenas os hinos foram excluídos (p. 66).

^{67[67]} *Ibid.*, p. 126.

^{68[68]} *Ibid.*, p. 67. Isto também foi praticado pelos contemporâneos de Calvino, Martin Bucer (*Protestant Worship and Church Architecture*, p. 83).

^{69[69]} Horton Davies, *Christian Worship: Its History and Meaning* (New York: Abingdon Press, 1957), p. 56.

^{70[70]} *Protestant Worship: Traditions in Transition*, p. 74.

^{71[71]} *Searching Together*, Vol. 11, No. 4, 1982, pp. 38-39.

^{72[72]} O medievais confundiam clima sombrio com santidade e morosidade com piedade. Bem diferente dos cristãos primitivos marcados pelo júbilo e pela alegria. (Atos 2:46; 8:8; 13:52; 15:3; 1 Pedro 1:8).

^{73[73]} Isso contrasta com o Salmo que convoca o povo de Deus a entrar em Seus átrios com alegria, louvor e ação de graças (Ps. 100, et al.).

pagã!^{74[74]} Quando os magistrados romanos entravam na sala da Corte, os presentes se colocavam em pé e cantavam. Esta prática ainda é observada em muitas igrejas protestantes. Todavia ninguém a questiona.

Na medida em que o Calvinismo se espalhou por toda Europa, a liturgia de Calvino passou a ser adotada na maioria das igrejas protestantes. Foi transplantada e adotada em vários países.^{75[75]} Ficou assim.^{76[76]}

Oração

Anúncios

Música (Salmos)

Oração (Pedir ajuda do Espírito para abençoar a Pregação)

Sermão

Coleta de dinheiro

Oração geral

Comunhão (em dias específicos) enquanto se canta

Salmos

Benção final (Despedida)

Percebe-se que Calvino buscou modelar sua liturgia seguindo o modelo dos pais da Igreja Primitiva^{77[77]}, especialmente os que viveram entre os séculos III e VII.^{78[78]} Isto explica sua falta de clareza sobre o caráter das reuniões da igreja do século I. Os pais da igreja entre os séculos III e VII foram bem litúrgicos, impetuosos e ritualistas.^{79[79]} Não tinham a simplicidade do cristianismo do século I.^{80[80]} Eram mais teóricos do que praticantes.

Em outras palavras, os pais da igreja daquele período representaram o nascente catolicismo (atual). Foi de lá que Calvino retirou seu principal modelo para restabelecer uma nova liturgia!^{81[81]} Não é por acaso que a chamada “Reforma” produziu bem pouca reforma em termos da prática da Igreja.^{82[82]} Esse também foi o caso de Lutero no que diz respeito à sua ordem de adoração, a liturgia

^{74[74]} *Christian Worship and Its Cultural Setting*, pp. 26-27. Este chamado “rito de entrada” incluía salmodia (intróito), a adoração da letania (Kyrie), e uma canção de louvor (glória). Foi adotado da cerimônia da corte imperial (*The Early Liturgy*, pp. 292, 296). Da mesma forma como Constantino via a si mesmo como vigário de Deus na terra, Deus passou a ser visto como o Imperador do céu. Assim a Missa se transformou em um cerimonial executado diante de Deus e diante do seu representante, o Bispo — assim como um cerimonial executado diante do Imperador e sua corte. O Bispo entrava, com suas vestes de alto magistrado, no edifício da igreja, seguido por uma solene procissão iluminada por velas. Depois ele sentava em seu trono especial — a *sella curulis* do oficial romano. A igreja do século IV copiou o ritual e o sabor do cerimonial romano em sua adoração (Richard Krautheimer, *Early Christian and Byzantine Architecture*, Middlesex: Penguin Books, 1986, p. 40; *Christian Liturgy*, p. 184).

^{75[75]} A liturgia de Genebra foi “uma liturgia Reformada fixa usada sem variação ou exceção não apenas na celebração dos sacramentos como também nos serviços ordinários do domingo” (*Protestant Worship: Traditions in Transition*, p. 69).

^{76[76]} James Mackinnon, *Calvin and the Reformation* (New York: Russell and Russell, 1962), pp. 83-84. Para mais detalhes sobre a liturgia de Genebra, veja *Christian Liturgy*, pp. 365-366.

^{77[77]} Hughes Oliphant Old, *The Patristic Roots of Reformed Worship* (Zurich: Theologischer Verlag, 1970), pp. 141-155. Calvino também adotou os pais pós-apostólicos como modelo preferido para o governo da igreja. Consequentemente, ele abraçou um pastorado único (*Calvin and the Reformation*, p. 81).

^{78[78]} James Hastings Nichols, *Corporate Worship in the Reformed Tradition*, p. 14.

^{79[79]} Os pais da igreja foram fortemente influenciados por sua cultura greco-romana. Muitos deles, de fato, foram filósofos e oradores pagãos antes de serem cristãos. Como já declarado, isto se deveu ao fato do serviço da igreja por eles praticado refletir uma mistura da cultura pagã com o formato da sinagoga judia. Recentes pesquisas revelam que os escritos dos pais da adoração cristã [pós Apostólica] foram escritos após assumirem e adequarem várias camadas de tradição (*The Search for the Origins of Christian Worship*, Capítulo 3).

^{80[80]} Os pais da igreja foram altamente influenciados pelo paganismo e pelo neoplatonismo. Will Durant, *Caesar to Christ* (New York: Simon & Schuster, 1950), pp. 610-19, 650-51. Veja também Durant’s *The Age of Faith* (New York: Simon & Schuster, 1950), pp. 63, 74, 521-24.

^{81[81]} Este estudo focaliza as inferências não bíblicas dos Reformadores. Listar suas contribuições positivas está fora do escopo deste livro. Embora não tenham feito uma reforma completa, o autor está bem atento ao fato de que Lutero, Zwinglio, Calvino, etc. contribuíram com muitas práticas e preceitos positivos para a fé Cristã.

^{82[82]} A Reforma Protestante foi principalmente um movimento intelectual (*Protestant Worship: Traditions in Transition*, p. 37). Embora a teologia protestante fosse radical comparada ao Catolicismo Romano, a prática eclesial permaneceu quase intacta. A corrente que levou as reformas mais adiante alterando a prática de sua igreja é conhecida como “Reforma Radical”. Para uma abordagem dos Reformadores Radicais, veja *The Pilgrim Church* by E.H. Broadbent (Gospel Folio Press, 1999); *The Reformers*

da igreja reformada “não intentou mudar as estruturas da liturgia oficial (católica), ela procurou manter a velha liturgia enquanto cultivava devoções extralitúrgicas”.^{83[83]}

A Contribuição dos Puritanos

Os Puritanos foram os Calvinistas da Inglaterra.^{84[84]} Eles adotaram um rigoroso biblicismo e aderiram a uma estrita liturgia do NT.^{85[85]} Os Puritanos sentiram que a ordem de adoração de Calvino não era suficientemente bíblica. Por conseguinte, quando os pastores proclamam coisas como “fazer tudo conforme a Palavra de Deus”, eles ecoam sentimentos puritanos. Mas o esforço puritano em restaurar a reunião neotestamentária da igreja fracassou dramaticamente.

O abandono das vestes clericais, ídolos, ornamentos e o clero escrevendo seus próprios sermões (em vez de ler homilias) foi uma contribuição positiva que os puritanos nos legaram.^{86[86]} Não obstante, por sua ênfase à oração espontânea, os puritanos também nos legaram a extensa “oração pastoral” que precede ao sermão.^{87[87]} Uma oração pastoral do culto dominical matutino poderia durar facilmente uma hora ou mais!^{88[88]}

O sermão alcançou seu apogeu com os Puritanos Americanos. Eles sentiram que era algo quase sobrenatural. Eles chegavam a castigar os membros da congregação que faltavam ao sermão dominical matutino!^{89[89]} Os residentes da Nova Inglaterra que faltavam ao culto dominical eram multados ou presos no tronco!^{90[90]} Na próxima vez que seu pastor lhe ameaçar com a ira desenfreada de Deus por faltar ao culto, (não se esqueça de agradecer aos puritanos).

Vale a pena notar que em algumas igrejas dos Puritanos, aos leigos era permitido falar ao final do culto. Imediatamente depois do sermão, o pastor se sentava e passava a responder perguntas da congregação.^{91[91]} À congregação também era permitido dar testemunhos.^{92[92]} Mas, com a vinda do Evangelismo Fronteiriço, esta prática se desvaneceu, e nunca mais foi adotada pelas principais correntes do cristianismo.^{93[93]}

Em suma, a contribuição Puritana na formação da liturgia protestante não resultou em libertar o povo de Deus para que este funcionasse sob a direção de Cristo. Como as reformas litúrgicas anteriores, a ordem Puritana de adoração era altamente previsível. Era escrita em seus mínimos detalhes e seguida uniformemente em cada igreja.^{94[94]}

Veja a liturgia Puritana abaixo.^{95[95]} Compare-a com as liturgias de Lutero e Calvino, note como as características principais não mudaram.

Chamado à adoração

Oração de abertura

Leitura bíblica

Cantar Salmos

Oração antes do Sermão

and Their Stepchildren by Leonard Verduin (Eerdmans, 1964); *The Radical Reformation* by George H. Williams (The Westminster Press, 1962); *The Torch of the Testimony* by John Kennedy (Christian Books, 1984).

^{83[83]} *The Patristic Roots of Reformed Worship*, p. 12.

^{84[84]} *Christian Liturgy*, p. 510.

^{85[85]} *Protestant Worship: Traditions in Transition*, p. 118.

^{86[86]} *Protestant Worship: Traditions in Transition*, pp. 119, 125; *Christian Liturgy*, p. 512.

^{87[87]} *Protestant Worship: Traditions in Transition*, p. 129.

^{88[88]} *Christian History*, Volume XIII, No. 1, Issue 41, p. 2.

^{89[89]} Um líder Puritano escreveu que “pregar a Palavra é o Cetro do Reino de Cristo, a glória de uma nação, e a carruagem que trás vida e salvação”. Um Puritano chegava a ouvir 15.000 horas de pregação em sua vida.

^{90[90]} *Christian History*, Volume XIII, No. 1, Issue 41, pp. 2, 23.

^{91[91]} *Protestant Worship: Traditions in Transition*, p. 126.

^{92[92]} Doug Adams, *Meeting House to Camp Meeting* (Austin: The Sharing Company, 1981), p. 13.

^{93[93]} *Ibid.*, p. 14.; *Protestant Worship: Traditions in Transition*, p. 130.

^{94[94]} *Protestant Worship: Traditions in Transition*, pp. 120, 127.

^{95[95]} *Christian Liturgy*, pp. 514-515. A liturgia básica Puritana está contida na obra *A Directory of the Public Worship of God* escrita em 1644 (*Protestant Worship: Traditions in Transition*, p. 127). Trata-se de uma revisão do livro Anglicano *Book of Common Prayer* escrito em 1549. O *Directory* foi usado por ingleses (não escoceses) presbiterianos e congregacionais.

Sermão

Oração depois do Sermão

(Quando se observa a comunhão, o ministro exorta à congregação, abençoa o pão e o vinho, e os distribui à congregação).

Com o tempo os Puritanos engendraram suas próprias “denominações”. Algumas fizeram parte da tradição da “Igreja Livre”.^{96[96]} As igrejas livres criaram o que se chamava “hino-sandwiche”.^{97[97]} Veja como ficou:

Hinos

Leitura bíblica

Música coral

Orações em uníssono

Oração pastoral

Sermão

Oferenda

Benção (despedida)

Vê algo familiar? Asseguro-lhe, que não encontrará nada disso no NT.

As Contribuições dos Metodistas e do Evangelismo Fronteiriço.

Os Metodistas do século XVIII proporcionaram uma dimensão emocional à ordem de adoração protestante. A congregação foi convidada a cantar com força, vigor e fervor. Desta maneira, os Metodistas foram os precursores dos Pentecostais.

Os Metodistas seguiram os Puritanos no que se refere a incluir a oração pastoral antes do sermão dominical. As orações dos clérigos metodistas eram dolorosamente extensas e universais em seu alcance. Incluía todo tipo de oração, que iam desde a confissão, intercessão, até o agradecimento. Tudo isso era oferecido em inglês elisabetano. (ou seja, *Thee, Thou, Thy*, etc!).^{98[98]}

Ainda hoje, no século XXI, a oração pastoral elisabetana continua vivendo e respirando.^{99[99]} Em nossos dias, grande quantidade de pastores ainda ora com aquela linguagem articulada, afetada, embora tal dialeto tenha morrido a mais de 400 anos! Por quê? Pelo poder irrefletido da tradição.

Os Metodistas também popularizaram o culto de adoração aos domingos pela noite.^{100[100]} O descobrimento da lâmpada a gás permitiu a João Wesley (1703-1791) tornar esta inovação popular.^{101[101]} Hoje, muitas igrejas protestantes têm um culto dominical pela noite, embora a assistência seja geralmente baixa.

Os séculos XVIII e XIX trouxeram novidades para o protestantismo americano. Foi quando surgiram os populares cultos do Evangelismo Fronteiriço estadunidense.^{102[102]} Durante estes séculos, estes cultos influenciaram grandemente a ordem de adoração em muitas igrejas. Eventualmente, estes foram injetados nas principais correntes do Protestantismo estadunidense. Vejamos as mudanças duradouras resultantes dos Revivalistas Fronteiriços.

Primeiramente, os evangelistas fronteiriços alteraram a meta da pregação. Sua meta exclusiva era a conversão de almas. Dentro da cabeça do evangelista, não havia outra coisa no plano de Deus

^{96[96]} A chamada “Igreja Livre” tradicional incluía Puritanos, Separatistas, Batistas, Quakers nos séculos XVII e XVIII, Metodistas no final do século XVIII, e Discípulos de Cristo no começo do século XIX (*Meeting House to Camp Meeting*, p. 10).

^{97[97]} *Protestant Worship: Traditions in Transition*, p. 133.

^{98[98]} *Ibid.*, p. 164.

^{99[99]} *Ibid.*, p. 183. A “oração pastoral antes do sermão” é descrita detalhadamente no *Westminster Directory of Worship*.

^{100[100]} Horton Davies, *Worship and Theology in England: 1690-1850* (Princeton: Princeton University Press, 1961), p. 108. Serviços eclesiais noturnos eram comuns na igreja católica desde o século IV. Os vesperais de domingo (serviço noturno) foram corriqueiros na vida litúrgica da catedral e da paróquia durante muitos séculos. Porém, os Metodistas se notabilizaram por trazer à fé protestante a adoração vespertina dominical.

^{101[101]} *Worship and Theology in England*, p. 108.

^{102[102]} *Protestant Worship: Traditions in Transition*, p. 91.

a não ser a salvação.^{103[103]} Esta ênfase teve sua origem na pregação inovadora de George Whitefield (1714-1770).^{104[104]}

Whitefield foi o primeiro evangelista moderno a pregar ao povo ao ar livre.^{105[105]} Ele deslocou a ênfase da pregação do plano de Deus *para a Igreja*, para a pregação do plano de Deus *para o indivíduo*. A noção popular de que “Deus ama você e tem um plano maravilhoso para sua vida” foi introduzida por Whitefield.^{106[106]}

Em segundo lugar, a música do evangelho fronteiro falava à alma e visava propiciar uma resposta emocional à mensagem da salvação.^{107[107]} Todos os evangelistas famosos tinham músicos em sua equipe justamente para este propósito.^{108[108]} A adoração passou a ser um espetáculo.^{109[109]} Esta mudança de ênfase foi adotada pelos Metodistas, e começou a penetrar em muitas outras subculturas protestantes.

Seguindo a trilha dos revivalistas, o culto metodista passou a ser o meio para obter o fim. A finalidade do culto já não era mais a simples adoração a Deus, os crentes foram instruídos a ganhar novos crentes individuais. Os sermões abandonaram a temática da “vida real” para proclamar o evangelho ao perdido. Toda humanidade foi dividida em dois desesperados campos polarizados: perdido ou salvo, convertido ou incrédulo, regenerado ou condenado.^{110[110]}

A teologia do revivalismo não demonstrava uma compreensão do propósito eterno de Deus nem de seu Plano para com a Igreja.^{111[111]} Os cânticos metodistas foram desenhados para amolecer os corações duros dos pecadores.^{112[112]} A poesia começou a refletir tanto a experiência individual de salvação como o testemunho pessoal.^{113[113]} Charles Wesley (1707-1788) é tido como o primeiro a escrever hinos de apelo.^{114[114]}

Os pastores que dirigem seus sermões dominicais pela manhã exclusivamente para ganhar os perdidos refletem a influência revivalista.^{115[115]} Esta influência penetrou na maioria dos

^{103[103]} O revivalismo estadunidense criou a “sociedade missionária” ao final do século XVIII. Que incluía a Sociedade Missionária Batista (1792), a Sociedade Missionária Londrina (1795), a Sociedade Missionária Metodista Geral (1796), e a Sociedade Missionária das Igrejas (1799). Kim Tan, *Lost Heritage: The Heroic Story of Radical Christianity* (Godalming: Highland Books, 1996), p. 195.

^{104[104]} Whitefield é chamado “o pai de revivalismo americano. A mensagem central de Whitefield foi “o novo nascimento” do cristão individualmente. Com isto ele conduziu o Grande Despertar (1740-1741) na Nova Inglaterra. Em 45 dias, Whitefield pregou 175 sermões. Orador soberbo, a voz dele poderia ser ouvida por 30.000 pessoas em uma reunião. Chegou a ser ouvido por cerca de 50.000 pessoas. Notavelmente, dizia-se que a voz de Whitefield poderia ser ouvida a uma milha de distancia sem amplificadores. Os poderes oratórios dele eram tão grandes que ele conseguia fazer a audiência chorar. Positivamente, Whitefield é creditado por recuperar a prática perdida de ministério itinerante. Ele também compartilhou crédito com os Puritanos por restabelecer oração e a pregação extemporânea. (*A Brief History of Preaching*, p. 165; *Christian History*, Volume XII, No. 2, Issue 38; *Christian History*, Volume IX, No. 4, Issue 28, p. 47; *Who's Who in Christian History*, Tyndale, 1992, pp. 716-17; *Evangelism: A Concise History*, pp. 100, 110, 124-125).

^{105[105]} *Worship and Theology in England*, p. 146; *Christian History*, Volume IX, No. 4, Issue 28, p. 46; *Christian History*, Volume VIII, No. 3, Issue 23, p. 17.

^{106[106]} *Christian History*, Volume XII, No. 2, Issue 38, p. 44; *Christian History*, Volume IX, No. 4, Issue 28, p. 47. O Grande Despertar sob a tutela de Whitefield marcou o protestantismo americano com um caráter individualista-revivalista do qual nunca recuperou.

^{107[107]} *Christian Liturgy*, pp. 562-65; *Protestant Worship and Church Architecture*, pp. 8,19

^{108[108]} Finney usou Thomas Hastings. Moody usou Ira B. Sankey. Billy Graham continuou a tradição usando Cliff Barrows e George Beverly Shea (*Christian Liturgy*, p. 600). A música foi extremamente providencial para o alcance das metas revivalistas.. George Whitefield e John Wesley são creditados como os primeiros a empregar a música para induzir fé e disposição para ouvir o evangelho (*Evangelism: A Concise History*, p. 110).

^{109[109]} *Protestant Worship and Church Architecture*, p. 11.

^{110[110]} *Ibid.*, p. 180.

^{111[111]} Para um resumo sobre o propósito eterno veja *Rethinking the Wineskin*, Capítulo 7.

^{112[112]} *Protestant Worship: Traditions in Transition*, pp. 165, 184-85.

^{113[113]} *Ibid.*, pp. 164-65.

^{114[114]} R. Alan Streett, *The Effective Invitation* (Old Yappan: Fleming H. Revell Co., 1984), p. 190. Charles Wesley escreveu cerca de 6.000 hinos. Charles foi o primeiro escritor de hinos a introduzir um estilo congregacional de canto expressando sentimentos e pensamentos *individuais* do cristão.

^{115[115]} Os batistas são os mais notáveis para fazer do resgate do perdido a meta do culto dominical matutino. A chamada revivalista para tomar a “decisão pessoal” por Cristo refletiu e disseminou a ideologia cultural do individualismo estadunidense da mesma maneira que as “novas medidas” refletiram e disseminaram o pragmatismo estadunidense. *Evangelism: A Concise History*, pp. 170-171.

evangelistas da televisão e do rádio. Muitas igrejas protestantes (não somente Pentecostal e Carismática) iniciam seus cultos com calorosos cânticos para preparar as pessoas para o sermão emocional dirigido aos perdidos. Mas poucos sabem que esta tradição começou com os evangelistas fronteiriços há pouco mais de um século.

Em terceiro lugar, os Metodistas e os Evangelistas Fronteiriços deram luz ao “apelo”. Esta novidade começou com os Metodistas no século XVIII.^{116[116]} Esta prática de convidar pessoas que desejam orações a colocar-se de pé e vir à frente para recebe-las surgiu de um evangelista Metodista chamado Lorenzo Dow.^{117[117]}

Mais tarde, em 1807 na Inglaterra, os metodistas criaram o “banco de penitentes”.^{118[118]} Agora, os pecadores ansiosos tinham um local para confessar seus pecados ao serem convidados para vir à frente. Este método chegou aos Estados Unidos dentro de poucos anos. Carlos Finney (1792-1872) nomeou este banco de “banco de penitentes”.^{119[119]}

O “banco de penitentes” localizava-se defronte ao lugar onde os pregadores se postavam na plataforma.^{120[120]} Ali tanto pecadores como santos carentes eram convidados a ir à frente para receber as orações do ministro.^{121[121]} Finney elevou o “apelo ao altar” ao nível de uma obra de arte. Seu método consistia em pedir àqueles que queriam ser salvos para que se levantassem e fossem à frente. Finney tornou esse método tão popular que “após 1835, chegou a ser um elemento indispensável no moderno revivamento”.^{122[122]}

Mais tarde Finney abandonou o banco de penitentes e passou simplesmente a convidar o pecador para ir à frente e ajoelhar-se diante da plataforma para receber a Cristo.^{123[123]} Além da popularização do apelo, também se atribui a Finney a invenção da prática de orar nominalmente pelas pessoas e mobilizar grupos de obreiros para fazer visitas nas casas. Além dos cultos rotineiros da igreja ele efetuava outros cultos especiais à noite durante todos os dias da semana.

Com o tempo, esse “banco de penitentes” dos encontros nos acampamentos foi substituído pelo “altar” no salão da igreja. O “caminho de serragem” usado nos acampamentos deu lugar ao corredor da igreja. Assim, pois, surgiu o famoso “apelo ao altar”.^{124[124]}

Talvez o elemento mais dominante proporcionado por Finney ao moderno cristianismo foi o pragmatismo. Por pragmatismo quero dizer a crença de que se algo funciona ou dá resultados, então deve ser apoiado ou aceito. Finney acreditava que o NT não ensinava nenhuma forma determinada de adoração.^{125[125]} Ele ensinava que o único propósito da pregação é ganhar almas. Qualquer

^{116[116]} *Revival and Revivalism*, pp. 185-190.

^{117[117]} *The Effective Invitation*, pp. 94-95. O Reverendo James Taylor foi um dos primeiros a chamar pessoas para virem à frente em sua igreja em 1785 no Tennessee. O primeiro uso do altar de que se tem registro com relação a um convite público aconteceu em 1799 em um acampamento metodista em Rio Vermelho, Kentucky. Veja também *Protestant Worship: Traditions in Transition*, p. 174.

^{118[118]} Finney destacou-se também por inovar em termos de apelo e por iniciar revivamentos. Empregando o que era chamado de “novas medidas”, he argüia que não havia nenhuma forma normativa do culto no NT. E tudo que tivesse êxito em trazer pecadores para Cristo seria aprovado (*Christian Liturgy*, p. 564; *Protestant Worship: Traditions in Transition*, pp. 176-177).

^{119[119]} *The Effective Invitation* p. 95. Finney começou a usar este método a partir de sua famosa cruzada de 1830 em Rochester, Nova Iorque. O primeiro uso histórico da frase “banco de penitente” vem de Charles Wesley: “Oh, aquele banco penitente santificado.” Para uma crítica completa sobre o banco de penitentes veja J.W. Nevin’s *The Anxious Bench* (Chambersburg: Wipf & Stock, 1843).

^{120[120]} *Protestant Worship: Traditions in Transition*, p. 181; *Christian History*, Volume VII, No. 4, Issue 20, pp. 7, 19.

^{121[121]} *Christian History*, Volume VIII, No. 3, Issue 23, p. 30; *Christian History*, Volume VII, No. 4, Issue 20, p. 7; *Christian Liturgy*, p. 566.

^{122[122]} *Revival and Revivalism*, pp. 226, 241-243, 277.

^{123[123]} *The Effective Invitation*, p. 96.

^{124[124]} *Dictionary of Pentecostals and Charismatic Movements*, p. 904. Ainda sobre este tema, veja Gordon L. Hall’s *The Sawdust Trail: The Story of American Evangelism* (Philadelphia: Macrae Smith Company, 1964). O “caminho da serragem” foi tido depois como uma garantia da eficácia do evangelista. Este uso (“percorrer o caminho da serragem”) foi popularizado pelo ministério de Billy Sunday (1862-1935). Veja *Evangelism: A Concise History*, p. 161.

^{125[125]} *Protestant Worship: Traditions in Transition*, p. 177.

mecanismo que ajudasse atingir esta meta poderia ser aceito.^{126[126]} Sob Finney, o evangelismo do século XVIII se converteu em uma ciência e foi integrado à corrente principal das igrejas.^{127[127]}

O cristianismo moderno nunca se recuperou desta ideologia antiespiritual. É o pragmatismo, não a Bíblia ou a espiritualidade, que governa as atividades da maioria das igrejas modernas. (Posteriormente as igrejas atentas aos seus “índices de audiência” foram além de Finney). O pragmatismo é daninho porque ensina que “os fins justificam os meios”. Se o fim é considerado “santo”, qualquer “meio” é válido.

Por estas razões Charles Finney é aclamado como “o reformador litúrgico mais influente na história dos Estados Unidos”.^{128[128]} Do ponto de vista protestante, é necessário que a doutrina esteja rigorosamente de acordo com as escrituras para poder ser aceita. Mas pela prática da igreja, tudo é válido desde que resulte em novas conversões!

Em todos os aspectos, o Evangelismo Fronteiriço Americano converteu a igreja em um ponto de pregação. Restringindo a experiência da *ekklesia* a uma missão evangelística.^{129[129]} Isto normatizou os métodos revivalísticos de Finney e criou personalidades do púlpito como a atração dominante. A igreja passou a ser uma questão de preferência individual em vez de ser uma questão coletiva.^{130[130]}

Em outras palavras, a meta dos Evangelistas Fronteiriços era levar pecadores individualmente a uma decisão individual por uma fé individualista. Como resultado, a meta da Igreja Primitiva — a edificação mútua e o funcionamento de cada membro manifestando Jesus Cristo coletivamente diante dos principados e potestades — perdeu-se completamente.^{131[131]} Ironicamente, João Wesley, um dos primeiros revivalistas, compreendeu os perigos do movimento revivalista. Ele escreveu que “o cristianismo é essencialmente uma religião social [...] transformá-lo em uma religião solitária é certamente sua destruição”.^{132[132]}

O último tempero que o Revivalismo Fronteiriço agregou à liturgia protestante foi fazer o “apelo ao altar” após um hino. Esta é a liturgia que domina o protestantismo estadunidense hoje. Surpreendentemente, a liturgia pouco mudou desde a invenção da Missa Alemã por Lutero há quatro séculos atrás. Com a invenção do clichê multicopista de Alberto Blake Dick (1856-1934), a liturgia passou a ser impressa em boletins.^{133[133]} Foi assim que nasceu o famoso “Boletim Matinal Dominical!”.^{134[134]}

A Tremenda Influência de D. L. Moody.

^{126[126]} *Pastor's Notes: A Companion Publication to Glimpses*, Volume 4, No. 2 (Worcester: Christian History Institute, 1992), p. 6.

^{127[127]} *Protestant Worship and Church Architecture*, p. 7.

^{128[128]} *Protestant Worship: Traditions in Transition*, p. 176. Finney acreditava que seus exitosos métodos evangelísticos nas reuniões dos acampamentos, poderiam ser importados pelas igrejas protestantes para lá produzir avivamentos. Esta noção foi popularizada e semeada na mente protestante em seu livro de 1835 *Lectures on Revival* (Minneapolis: Bethany House Publishers, 1989). Apenas no primeiro dia em que chegou às livrarias este livro vendeu 1.200 exemplares (*Pastor's Notes: A Companion Publication to Glimpses*, Volume 4, No. 2, p. 6). Iain Murria destaca que a reunião do acampamento inaugurada pelos Metodistas foi a percussora da sistemática técnica evangelística de Finney (*Revival and Revivalism*, pp. 184-185).

^{129[129]} Concebida corretamente, a meta da pregação não é a salvação das almas. É o nascimento da Igreja. Como disse um erudito: “A conversão pode apenas ser um meio; a meta é a extensão da igreja visível” (*Dictionary of Mission: Theology, History, Perspective*, Maryknoll: Orbis Books, 1998, p. 431). O pesquisador D. J. Tidball adotou a mesma idéia quando disse que “o interesse primordial de Paulo não era a conversão de indivíduos mas a formação de comunidades cristãos” (*Dictionary of Paul and His Letters*, Downers Grove: InterVarsity Press, 1993, p. 885). Os evangelistas Fronteiriços não tinham um conceito de *Ekklesia*.

^{130[130]} *Protestant Worship and Church Architecture*, pp. 121-124.

^{131[131]} Veja 1 Cor. 12-14; Efésios 1-3; *Rethinking the Wineskin*, Capítulo 7.

^{132[132]} “Sermon on the Mount IV,” *Sermons on Several Occasions* (London: Epworth Press, 1956), p. 237.

^{133[133]} *Ibid.*, p. 132. Veja http://www.officemuseum.com/copy_machines.htm para detalhes sobre o mimeógrafo de stencil inventado por Dick.

^{134[134]} *Early Christians Speak*, p. 84. As liturgias escritas surgiram pela primeira vez no século IV. Mas foram colocadas na forma de boletim apenas no século XIX.

As sementes do “evangelho revivalista” foram espalhadas através do mundo ocidental pela gigantesca influência de D. L. Moody (1837-1899).^{135[135]} O evangelho de Moody, como o de Whitefield, tinha apenas um ponto central, a salvação do pecador. Todos os demais fins eram secundários.^{136[136]}

A técnica da pregação de Moody foi centrada neste único interesse. Ele inventou o solo após o sermão do pastor.^{137[137]} O cântico do apelo era entoado por um solista até que George Beverly Shea sugeriu que fosse cantado pelo coral. Shea encorajou Billy Graham de utilizar um coral para cantar hinos como “Eu venho como estou” enquanto as pessoas iam à frente para aceitar a Cristo.^{138[138]}

Moody nos deu o testemunho porta em porta, anúncios e campanhas evangelísticas.^{139[139]} Ele deu-nos o “cântico de evangelização” ou “hino evangelístico”.^{140[140]} Ele também popularizou o “cartão de decisão”, uma invenção de Absalom B. Earle (1812-1895).^{141[141]}

Adicionalmente, Moody foi o primeiro a pedir ao que queria ser salvo para colocar-se em pé e deixar-se conduzir em uma “Oração do Pecador”.^{142[142]} Cinquenta anos depois, Billy Graham melhorou a técnica de Moody introduzindo a prática de pedir ao ouvinte para baixar a cabeça, fechar os olhos (“sem olhar nada em volta”), e levantar as mãos como resposta à mensagem salvadora.^{143[143]} (Todos estes métodos têm enfrentado uma furiosa oposição por parte daqueles que acreditam que tais procedimentos são psicologicamente manipuladores).^{144[144]}

Para Moody, a igreja era simplesmente uma associação voluntária para os salvos.^{145[145]} A influência exercida por Moody foi tão assombrosa que em 1874 poder-se-ia dizer que a igreja não era “um grande organismo coletivo”, mas apenas uma “agremiação de indivíduos”.^{146[146]} Esta ênfase foi adotada por todos os revivalistas que o seguiram.^{147[147]} Isto eventualmente entrou na medula e nos ossos do cristianismo evangélico.

Também vale notar que Moody foi grandemente influenciado pelo ensino dos Irmãos Plymouth quanto à escatologia (final dos tempos). Esta tratava da iminente vinda de Cristo antes da grande

^{135[135]} Moody viajou mais de um milhão de milhas pregando a mais de 100 milhões de pessoas. E isto ocorreu em um tempo onde não havia aviões, microfones, televisão nem internet. Como Whitefield, Moody pregava um evangelho individualista. Sua teologia era encapsulada em três erres (em inglês): Arruinado (Ruined) pelo pecado, Redimido por Cristo e Regenerado pelo Espírito. Moody não via nada mais além disso (*Christian History*, Volume IX, No. 1, Issue 25; *Who's Who in Christian History*, Tyndale, 1992, pp. 483-485; *Evangelism: A Concise History*, pp. 151-152).

^{136[136]} H. Richard Niebuhr and Daniel D. Williams, *The Ministry in Historical Perspectives* (San Francisco: Harper and Row Publishers, 1956), p. 256.

^{137[137]} *The Effective Invitation*, pp. 193-194

^{138[138]} *Ibid.*, p. 197.

^{139[139]} *Evangelism: A Concise History*, pp. 153-154, 185.

^{140[140]} David P. Appleby, *History of Church Music* (Chicago: Moody Press, 1965), p. 142.

^{141[141]} *The Effective Invitation*, p. 97. “Cada pessoa que vem à frente assina um cartão onde promete que irá viver uma vida cristã e frequentar uma igreja. Uma via do cartão fica com os obreiros para acompanhamentos posteriores. A outra via do cartão fica com o novo cristão como um guia para a vida cristã” (pp. 97-98).

^{142[142]} *Ibid.*, p. 98. Para mais informações sobre a “Oração do Pecador”, veja o Capítulo 8.

^{143[143]} *Ibid.*, pp. 112-113. Em seu 45º ano de ministério, Graham pregara para 100 milhões de pessoas em 85 diferentes países (*Pastor's Notes: A Companion Publication to Glimpses*, Volume 4, No. 2, Worcester: Christian History Institute, 1992, p. 7).

^{144[144]} Ian Murray, *The Invitational System* (Edinburgh: Banner of Truth, 1967). Murray distingue entre “revivamento” que é uma autêntica, espontânea obra do Espírito de Deus e “revivalismo” que é um método humano de obter (pelo menos na aparência) sinais de fé, arrependimento, e renascimento. O uso de pressões psicológicas e sociais para fazer convertidos faz parte do “revivalismo” (pp. xvii-xix). Veja também Jim Ehrhard, *The Dangers of the Invitational System* (Christian Communicator's Worldwide, 1999).

^{145[145]} *The Ministry in Historical Perspectives*, p. 256.

^{146[146]} Sandra Sizer, *Gospel Hymns and Social Religion* (Philadelphia: Temple University Press, 1978), p. 134.

^{147[147]} Moody ao longo do Grande Despertar pregava como George Whitefield, com um forte apelo emocional. Eles foram influenciados pela filosofia do Romantismo, a qualidade de pensamento que dá ênfase à vontade e emoções. O que entra em choque com o pensamento cristão primitivo, moldado pela clareza. (*Christian History*, Volume IX, No. 1, Issue 25, p. 23). A ênfase dos Pastores do Despertar estava em produzir uma resposta emocional do indivíduo no que dizia respeito a Deus. A conversão chegou a ser vista como a meta suprema da atividade divina. Como J. Stephen Lang e Marcos A. Noll revelam, “por causa da pregação do Despertar, o senso do eu religioso foi intensificado. O princípio de *escolha individual* arraigou-se no protestantismo estadunidense e ainda é evidente hoje entre os evangélicos e muitos outros” (*Christian History*, Volume IV, No. 4, pp. 9-10).

tribulação. (Este ensino também é chamado de “tempo decretado divinamente” e conhecido como “pré-tribulação”).^{148[148]}

O tempo da pré-tribulação deu origem à idéia de que os cristãos necessitam salvar muitas almas o mais rápido possível, antes do fim do mundo.^{149[149]} Com a fundação do Movimento Estudantil Voluntário por João Mott em 1888, surgiu uma idéia correlata: “Evangelizar o mundo dentro de uma geração”.^{150[150]} A consigna “dentro de uma geração” ainda vive e respira hoje na igreja moderna.^{151[151]} Contudo, isso não se encaixa bem com a mentalidade dos cristãos do século I.^{152[152]}

A Contribuição Pentecostal

Inaugurado por volta de 1906, o movimento Pentecostal deu-nos uma expressão mais emotiva através dos cânticos entoados pela congregação. Estes incluíam mãos levantadas, danças entre os bancos, bater palmas, falar em línguas e o uso de pandeiros. A expressão Pentecostal soava bem com sua ênfase sobre a função extasiante do Espírito Santo.

O que poucas pessoas sabem é que suprimidas as características emotivas do culto Pentecostal, surge algo idêntico à liturgia batista. Assim, pois, não importa quão fortemente o Pentecostal afirme que ele está seguindo o modelo do NT, o Pentecostal e o Carismático seguem a mesma liturgia como fazem os demais protestantes. Um Pentecostal meramente tem mais espaço para mover-se ao redor de seu assento!

Outra característica interessante da adoração Pentecostal ocorre durante o tempo da música. Às vezes a música é pontuada por uma ocasional expressão em línguas, uma interpretação de línguas, ou uma palavra de “profecia”. Mas tais expressões não duram mais que um ou dois minutos. O fato é que tal forma comprimida de participação aberta não pode receber o nome de “ministério coletivo”. A tradição Pentecostal também nos deu a música do solista e a música coral (muitas vezes descrita como “música especial”) que acompanha a oferta.^{153[153]}

Como em todas as igrejas protestantes, o sermão é o ponto culminante da reunião Pentecostal. Todavia, na diversidade da igreja Pentecostal, o pastor às vezes sentirá “o movimento do Espírito”. Nesse caso, ele adia seu sermão para o próximo domingo. Então, a congregação cantará e orará durante o resto do culto. Para o Pentecostal, isto representa o auge de um grande culto na igreja.

A maneira como reportam os cultos especiais é fascinante. Os membros tipicamente descrevem esta ruptura da liturgia normal dizendo, “O Espírito Santo dirigiu nossa reunião esta semana. O Pastor Buxman não teve a oportunidade de pregar”. É interessante que ninguém ousa perguntar, “mas o Espírito Santo não precisa dirigir todas nossas reuniões?” Hmmm...

Mesmo assim, pelo fato de haver nascido no resplendor crepuscular do Evangelismo Fronteiriço, a adoração Pentecostal é altamente subjetiva e individualista.^{154[154]} Na mente do Pentecostal, a adoração a Deus não é um assunto coletivo [o corpo da igreja], mas uma experiência

^{148[148]} John Nelson Darby disseminou este ensino (veja *Time*, July 1, 2002, pp. 41-48). A origem da doutrina da pré-tribulação de Darby é tão fascinante quanto chocante. Veja Dave MacPherson's *The Incredible Cover-Up* (Medford: Omega Publications, 1975) for a full discussion on it.

^{149[149]} *Christian History*, Volume IX, No. 1, Issue 25, pp. 23-24.

^{150[150]} *Concise Dictionary of Christianity in America* (Downers Grove: InterVarsity Press, 1995), p. 330.

^{151[151]} Exemplo: O movimento AD 2000 e Além, etc.

^{152[152]} Os apóstolos permaneceram em Jerusalém por muitos anos antes de “ir aos confins do mundo” como Jesus havia predito. Eles não tinham pressa para evangelizar o mundo. Igualmente, a Igreja de Jerusalém não evangelizou ninguém durante os primeiros 8 anos de sua vida. Tampouco tinham pressa em ganhar o mundo. Afinal, não havia nenhuma insinuação nas Epístolas do NT onde um apóstolo instrua a igreja a evangelizar porque “a hora é tardia e os dias são poucos”. Os primeiros cristãos não tinham pressa para evangelizar o mundo.

^{153[153]} *Protestant Worship: Traditions in Transition*, p. 204.

^{154[154]} *Protestant Worship and Church Architecture*, p. 129.

individual [o membro da igreja]. Com a penetrante influência do movimento carismático, esta obsessão de adoração individualista infiltrou-se na grande maioria das tradições protestantes.^{155[155]}

Muitos Ajustes, Nenhuma Mudança Vital.

Nosso estudo da história litúrgica dos Luteranos, Reformadores e Puritanos (século XVI), Metodistas (século XVIII), Evangelistas-Fronteiriços (séculos XVIII e XIX), e Pentecostais (século XX) descobre um ponto indiscutível: Durante os últimos 500 anos, a ordem de adoração [liturgia] protestante permaneceu quase que praticamente inalterada.^{156[156]}

No fundo, todas as tradições protestantes partilham as mesmas características trágicas em sua liturgia: Elas são celebradas e dirigidas por um clérigo, o sermão é a parte central, os membros são passivos e não tem permissão para ministrar.^{157[157]}

Os reformadores fizeram muitas alterações na teologia do Catolicismo Romano. Mas, em termos de prática real, eles fizeram quase nada com relação ao aspecto litúrgico. Apesar dos muitos tipos de igrejas protestantes surgidos no contexto da história da igreja, a ordem de adoração dominical continua a ser gravada na pedra. Resultado: O povo de Deus nunca consegue se livrar da camisa de força herdada do Catolicismo Romano!^{158[158]}

A Reforma executou bem poucas mudanças na estrutura da Missa Católica.^{159[159]} Como disse um autor, “Os Reformadores aceitaram, substancialmente, o antigo modelo de adoração católica...^{160[160]} As estruturas básicas de seus cultos foram praticamente adotadas da ordem Medieval...”.^{161[161]}

Os Reformadores produziram uma tímida reforma da liturgia católica. Sua principal contribuição foi a mudança do enfoque central. Nas palavras de um erudito, “O Catolicismo seguiu o caminho dos cultos pagãos, tomando o ritual como elemento central de suas atividades, enquanto que o Protestantismo seguiu o caminho da sinagoga ao colocar o livro no centro de seus

^{155[155]} O Grande Despertar do século XVIII fixou uma fé individualista, algo bem estranho à igreja do século I. Os Estados Unidos rapidamente tornou-se uma nação de áspers individualistas. Assim esta nova ênfase se adequou bem ao país (*Evangelism: A Concise History*, pp. 122-123).

^{156[156]} *Christian Liturgy* de Frank Senn compara várias liturgias através dos tempos. Qualquer um que as compare notará prontamente as características comuns entre elas.

^{157[157]} Senn compara quatro liturgias modernas escritas: Missal Católico Romano, Livro Luterano de Adoração, Livro de Culto Comum Metodista e Livro de Culto Comum. As semelhanças são chocantes! (*Christian Liturgy*, pp. 646-647).

^{158[158]} Deve-se notar que alguns pesquisadores tentaram sugerir que os escritos dos pais da igreja constituíram uma unificada e monolítica liturgia que era observada por todas as igrejas. Mas recentes descobertas revelaram que tais escritos são mais pluriformes que uniformes. Isto significa que nenhum destes escritos pode ser universalizado como representativo do que estava acontecendo em todas as igrejas em um determinado momento. (Veja *The Search for the Origins of Christian Worship*, pp. 67-73, 158-183). Além disso, resultados arqueológicos demonstraram que os escritos dos pais da igreja não provêm uma visão precisa da igreja dos séculos II e III. Os pais da igreja eram os teólogos do tempo deles. Eles não nos dão uma idéia das convicções ou práticas da variedade cristã daquela época. O livro *Ante Pacem: Church Life Before Constantine* (Mercer University Press, 1985) do professor do NT Graydon F. Snyder é um estudo das evidências arqueológicas que contradizem o retrato que os pais da igreja deram acerca da vida da igreja antes de Constantino. De acordo com um escritor de seminário, “Snyder formula a seguinte questão: Será que os escritos dos intelectuais do cristianismo primitivo nos proporcionam um retrato adequado da igreja daquele tempo? A questão tem apenas uma resposta óbvia: não. Intelectuais de qualquer era escrevem como quem está na trincheira? Barth, Tillich, ou mesmo Niebuhrs de alguma maneira se identificam com a popular cristandade americana do século XX? Todos nós sabemos que não, contudo aceitamos que o NT e a denominada teologia ‘Patrística’ nos proporcionam uma descrição precisa da cristandade dos primeiros três séculos. Em parte, naturalmente, isto é aceito por pensarmos serem estas as únicas fontes disponíveis. Se em grande parte isso é verdade, essa verdade estriba-se tão somente em documentos literários”. (*Chicago Theological Seminary Register*, Fall 1985, Vol. 75, No. 3, p. 26).

^{159[159]} Os reformadores traduziram e adaptaram a Missa, mas eles assumiram muito pouca responsabilidade criativa para mudá-la (*Corporate Worship in the Reformed Tradition*, p. 13).

^{160[160]} *Ibid.*, p. 21.

^{161[161]} *Ibid.*, p. 13. “Muito da terminologia e conceitos teológicos tradicionais [i.e., católicos] na verdade integram parte da abordagem luterana que por sua vez também fez parte da abordagem católica romana” (Kenan B. Osborne, *Priesthood: A History of Ordained Ministry in the Roman Catholic Church*, New York: Paulist Press, 1988, p. 223).

cultos”.^{162[162]} Lamentavelmente, nem o catolicismo nem o Protestantismo tiveram êxito em colocar Jesus Cristo no centro de suas reuniões.

Sim, o livro substituiu a Eucaristia, e o pastor substituiu o sacerdote. Portanto, em ambos os casos há um homem dirigindo o povo de Deus, deixando-o na condição de espectador mudo. A centralidade do Autor do livro nunca foi tampouco reposta em seu devido lugar. Assim, os reformadores falharam dramaticamente em assinalar o ponto nevrálgico do problema original: uma adoração dirigida pelo clero e assistida pelo leigo passivo.^{163[163]} Então, não é surpreendente o reformador ver a si mesmo como católico reformado.^{164[164]}

Que há de Errado Nesse Quadro?

Naturalmente, é lastimoso que a liturgia protestante não tenha se originado com o Senhor Jesus, os Apóstolos, nem com as Escrituras do NT.^{165[165]} Esse fato, por si só, não significa que tal ordem esteja equivocada. Simplesmente significa que não tem base bíblica.

O uso de cadeiras e grossos tapetes tampouco têm apoio bíblico. Ambos foram inventados pelos pagãos.^{166[166]} Mas quem disse que sentar em uma cadeira ou utilizar grossos tapetes é “ruim” pelo simples fato de ser uma invenção pós-bíblica dos pagãos?

A realidade é que muitas coisas que fazemos em nossa cultura têm raízes pagãs. Considere nosso calendário. Os nomes dias da semana e dos meses do ano são homenagens a deuses pagãos.^{167[167]} Mas, o uso do calendário não torna ninguém pagão.

Todavia, a liturgia dominical é uma questão distinta. Aparte de ser antibíblica e altamente influenciada pelo paganismo (o oposto do que se prega de cima do púlpito), ela é espiritualmente daninha.^{168[168]}

Primeiramente, a liturgia protestante reprime a participação mútua e o crescimento da comunidade cristã. Isto provoca um estrangulamento no funcionamento do Corpo de Cristo por calar seus membros. Em absoluto, não há espaço para que você dê uma palavra de exortação, compartilhe uma descoberta, inicie ou introduza um cântico, ou dirija uma oração espontaneamente. Você é obrigado a ser um dono de assento, mudo e sério!

Como qualquer miserável “leigo”, você pode abrir sua boca durante os cânticos da congregação. (Caso você seja Pentecostal ou Carismático, você pode deixar fluir uma expressão de êxtase por um minuto. Mas depois tem que se sentar e ficar calado).

^{162[162]} Robert Banks, *Paul's Idea of Community*, Peabody: Hendrickson, 1994, p. 108; Edwin Hatch, *The Influence of Greek Ideas and Usages Upon the Christian Church* (Peabody: Hendrickson, 1895), pp. 308-309.

^{163[163]} O Capítulo 3 discute a influência da arquitetura da igreja do século IV sobre as atividades do clero e a passividade da congregação. Nesta linha, escreve Horton Davies, “O transcurso de três ou quatro séculos mostra uma grande alteração no caráter da adoração Cristã... No século IV, adoração não é celebrada em casas privadas, mas em catedrais imponentes e igrejas magníficas; não em formas livres e simples de serviço, mas em fixas e ordenadas formas de culto” (*Christian Worship: It's History and Meaning*, p. 26).

^{164[164]} *Corporate Worship in the Reformed Tradition*, p. 155.

^{165[165]} Alguns pesquisadores litúrgicos, como o Anglicano Gregory Dix, argumentam que o NT contém um modelo primitivo de Missa. Porém, um exame cuidadoso em tais argumentos revela que ele meramente conduz sua presente tradição para o texto Bíblico (*The Search for the Origins of Christian Worship*, Capítulo 2).

^{166[166]} As cadeiras mais antigas foram feitas no Egito. Por milhares de anos, elas foram usadas apenas pela realeza, nobreza, padres, e ricos. As cadeiras não entraram em uso comum entre a população geral até o século XVI (“Chairs”, *Encarta Encyclopedia*, Microsoft, 1999 Edition). Foram desenvolvidos tapetes de lã na Índia no século XI e esparramados ao longo do resto do mundo Oriental (“Floor and Floor Coverings”, *Encarta Encyclopedia*, Microsoft, 1998 Edition).

^{167[167]} A semana de sete dias originou-se na Mesopotâmia antiga e se tornou parte do calendário romano em 321 d.C.. Janeiro refere-se ao deus romano *Janus*; Março ao deus romano *Marte*; Abril vem de *Aprilis*, o mês sagrado de Vênus; Maio à deusa *Maia*; e junho à deusa *Juno*; Domingo (Sunday) celebra o deus *sol*; Segunda-feira (Monday) é o dia da deusa *lua*; Terça-feira (Tuesday) refere-se ao deus guerreiro *Tiw*; Quarta-feira (Wednesday) ao deus teutônico *Wotan*; Quinta-feira (Thursday) ao deus escandinavo *Thor*; Sexta-feira (Friday) à deusa escandinava *Frigg*; e sábado (Saturday) refere-se a *Saturno*, o deus romano de agricultura, (Source: *Months of the Year* at www.ernie.cummings.net/calendar.htm).

^{168[168]} David Norrington observa que não há nada intrinsecamente errado no fato da igreja abraçar idéias da cultura circunvizinha, o problema é que a cultura pagã freqüentemente é contrária à fé Bíblica. Este sincretismo e aculturação são freqüentemente prejudiciais à igreja (*To Preach or Not to Preach?* p. 23).

Embora seja bíblico compartilhar abertamente de uma reunião da igreja,^{169[169]} você estaria rompendo a liturgia caso tentasse fazer algo tão ultrajante! Logo seria considerado “fora da ordem” e lhe diriam, “comporte-se ou fora!”

Em segundo lugar, a ordem protestante de adoração estrangula a direção de Jesus Cristo!^{170[170]}

O culto inteiro é dirigido por um homem. Onde está a liberdade para que nosso Senhor Jesus fale através de Seu Corpo a qualquer momento? De que forma, na liturgia, Deus poderá dar a um irmão ou irmã uma palavra para compartilhar com toda congregação? A ordem de adoração não permite tal coisa. Jesus Cristo não tem a liberdade de expressar, através de Seu Corpo, Sua direção. Ele é mantido cativo por nossa liturgia! Ele também é transformado em um espectador passivo!

Naturalmente, talvez Cristo possa expressar-se através de um ou dois membros da igreja, usualmente o pastor e o músico principal. Mas esta é uma expressão bem limitada. O Senhor está impedido de manifestar-se através dos outros membros do Corpo. Por conseguinte, a liturgia protestante deforma o Corpo de Cristo tornando-o monstruoso. O Corpo de Cristo fica com uma língua gigantesca (o pastor) e um montão de pequeninos ouvidos (a congregação)! Isto viola a visão de Paulo do Corpo de Cristo onde cada membro funciona na reunião da igreja pelo bem comum^{171[171]}

Terceiro, para muitos cristãos, o culto dominical é extremamente chato. É sempre a mesma ladainha sem nenhuma espontaneidade. É altamente previsível, bem superficial, e completamente mecânico. Há pouco ar fresco ou inovação.

A ordem da adoração dominical é um violino de apenas uma corda que permanece congelado pela imobilidade por cinco séculos. É o mesmo “espetáculo” a cada semana. Dito sem rodeios, a liturgia personifica o poder ambíguo da rotina. E a rotina se degrada em hábito. O qual se converte em cansaço. Enfim, algo insalubre e sem sentido.

Igrejas atentas ao seu “índice de audiência” tem reconhecido a natureza estéril do culto moderno. Como resposta, elas incorporaram uma grande quantidade de media e modernizações teatrais na liturgia. O argumento que utilizam é que estão promovendo a adoração aos que não são membros. Utilizando o que há de mais moderno em tecnologia eletrônica, tais igrejas têm obtido êxito em inflar a massa. Como resultado, elas acabaram angariando a maior parcela do mercado [da fé] mais que toda tradição protestante na América do Norte.

Contudo, apesar do entretenimento, até mesmo o movimento das igrejas que atuam em função de seus “indicadores” não conseguiu livrar-se da pró-forma litúrgica protestante, imóvel, sem imaginação, sem criatividade, inflexível, ritualista, sem sentido. O culto, portanto, continua cativo pelo pastor, o tripé “sermão, hino, apelo” permanece intacto, e a congregação prossegue na condição de espectadora muda (só que agora está mais entretida nesta condição).^{172[172]}

Quarto, a liturgia protestante, que você observa (ou agüenta) a cada domingo, ano após ano, na realidade dificulta a transformação espiritual. Isto se deve a três fatores: 1) estimula a passividade, 2) limita o funcionamento, e 3) implica que investir uma hora por semana é o segredo da vida cristã vitoriosa.

Cada domingo você assiste ao culto para ser atendido, enfaixado e reconduzido, como todos os demais soldados naufragos. Todavia, isso nunca se realiza. A razão é bem simples. O NT nunca relata esse tempo que cada um de nós passa sentado em um ritual calcificado, que nós mal etiquetamos como “igreja”, como algo que tenha algo a ver com transformação espiritual.

Crencemos quando funcionamos não quando olhamos e escutamos sentados passivamente.

^{169[169]} 1 Coríntios 14:26. O NT ensina que todos os cristãos devem usar seus dons como sacerdotes para edificação mútua quando se reúnem (Rom. 12:3, 6; 1 Cor. 12:7; Efésios 4:7; Heb. 10:24-25; 13:15-16; 1 Pedro 2:5, 9).

^{170[170]} Segundo as palavras de Arthur Wallis, “As Liturgias, sejam antigas ou modernas, escritas ou não escritas, são um mecanismo humano para manter a roda em movimento, para fazer com que o costume prevaleça, em vez da fé na presença imediata e na operação do Espírito”.

^{171[171]} 1 Coríntios 12:1ff.

^{172[172]} Veja o Capítulo 11 de *Rethinking the Wineskin* para uma crítica do movimento “índice de audiência”.

O fato é que a liturgia protestante é antibíblica, impraticável e antiespiritual. Não há nada semelhante a isso no NT. Contudo, suas raízes são encontradas na cultura do homem decaído.^{173[173]}

Esta liturgia dilacera o coração do cristianismo primitivo que era informal e livre de rituais. Cinco séculos depois da Reforma, a ordem de adoração protestante pouco difere da Missa Católica — um ritual religioso composto pela fusão de elementos pagãos com elementos judaicos.

Como disse um perito, “a história da adoração cristã é a história de concessões mútuas entre culto e cultura. Na medida em que o evangelho era pregado em diferentes tempos e lugares, os missionários trouxeram consigo formas e estilos de adoração que aprenderam e com os quais estavam familiarizados... Como resultado, as práticas dos populares cultos místicos às vezes acabaram sendo adotadas pela igreja...”^{174[174]}

Em meu livro *Repensando o Odro*, descrevo uma reunião da igreja ao estilo do século I. Não sou nenhum liturgista estrategista de café. O que escrevo concernente às reuniões abertas sob a direção de Cristo não é uma teoria imaginária. Tenho participado em tais reuniões nos últimos quinze anos.

Tais reuniões são marcadas por uma incrível variedade. Estas não são ligadas a um homem, nem a um modelo de adoração dominada pelo púlpito. Há uma grande quantidade de espontaneidade, criatividade, e frescor. A chancela mais notável destas reuniões é a direção visível de Cristo e o funcionamento livre e ordenado do Corpo de Cristo.

Em suma, o NT não silencia com respeito a como nós, cristãos, devemos nos reunir. Devemos, portanto, optar pela tradição do homem quando esta é claramente contrária à vontade de Deus para Sua Igreja? Devemos continuar a arruinar o funcionamento da Direção de Cristo defendendo as tradições do homem?^{175[175]}

Ficar dramaticamente longe deste ritual dominical matutino é a única maneira de descongelar o povo de Deus. A outra opção seria submeter-se à terrível condenação: “Vocês abandonaram o mandamento de Deus para seguir as tradições dos homens”.^{176[176]}

*Filho do homem mostre a casa para a casa...
Para que eles se envergonhem...
-Profeta Ezequiel*

^{173[173]} O propósito da igreja do século I não era o evangelismo, o sermão, a adoração ou a comunhão. Era bem mais do que tudo isso, era a edificação mútua através da manifestação de Cristo coletivamente. (*Rethinking the Wineskin*, Capítulo 1).

^{174[174]} *Christian Worship and Its Cultural Setting*, pp. 38, 40.

^{175[175]} 1 Tim. 3:15.

^{176[176]} Marcos 7:8. Veja também Mat. 15:2-6; Marcos 7:9-13; Col. 2:8.

CAPÍTULO 2

SERMÃO: A VACA MAIS SAGRADA DO PROTESTANTISMO

*A cristandade não destruiu o paganismo,
adotou-o.
-Will Durant*

Agora chegamos ao Sermão, uma das práticas mais sacrossantas. Elimine o sermão, e a liturgia protestante chega a ser nada mais que um show musical. Elimine o sermão e a assistência do culto dominical matutino cai para um dígito.^{1[1]}

O sermão é a base da liturgia protestante. Por 500 anos, vem funcionando como um relógio. Cada domingo pela manhã, o pastor sobe ao púlpito e profere uma inspiradora pregação a uma audiência passiva que esquentava os bancos.^{2[2]} A razão pela qual a maioria dos cristãos vai à igreja é pela importância do sermão. De fato, o culto como um todo é tipicamente julgado pela importância do sermão. Pergunte a alguém como foi o culto do domingo e quase sempre receberá uma descrição do sermão. Soa algo como o seguinte:

Pergunta: “Como foi o culto do domingo passado?”

Resposta: “Foi maravilhoso. O Pastor Peckman falou-nos da importância de plantarmos ‘sementes da fé’ para aumentar nossa renda; foi tremendo. Me motivou a dar todo meu salário no domingo próximo”.

Em suma, o conceito do cristianismo moderno relaciona o sermão ao culto dominical matutino.^{3[3]} Mas isso não pára por aí.

A maioria dos cristãos é adicta do sermão. Eles vão à igreja como baldes vazios esperando que os pregadores os encham com mensagens de ânimo. Para o cristão típico, o sermão é a principal provisão de sustento espiritual. É mais importante que a oração, a leitura bíblica e a confraternização entre os irmãos. E, sejamos honestos, é ainda mais importante que a comunhão com Jesus Cristo (pelo menos na prática!).

Elimine o sermão e você eliminará a fonte mais importante de nutrição espiritual para a maioria dos crentes. Todavia, a surpreendente realidade é que o sermão não tem raiz nas Escrituras! Melhor dizendo, oriundo da cultura pagã, ele foi adotado e nutrido pela fé cristã. Esta é uma declaração alarmante. É verdade? Mas há mais.

O sermão, que tem pouco a ver com o genuíno crescimento espiritual, na realidade não elimina o propósito que Deus desenhava com relação à reunião da Igreja. Comprovarei estas palavras dentro deste capítulo.

^{1[1]} Às vezes a frequência cai *por causa* do sermão... caso ele seja enfadonho.

^{2[2]} “Nada é mais característico no protestantismo do que a importância atribuída à pregação”. H. Richard Niebuhr and Daniel D. Williams, *The Ministry in Historical Perspectives* (San Francisco: Harper and Row Publishers, 1956), p. 110.

^{3[3]} O serviço da Igreja Protestante na França é chamado de *aller! a sermon* (*Protestant Worship: Traditions in Transition* (Louisville: Westminster/John Knox Press, 1989), p. 20.

O Sermão e a Bíblia

Alguém que acompanha o que acabo de escrever responderá sem duvidar: “Há pessoas pregando ao longo de toda Bíblia. Portanto, o sermão é bíblico!”

As Escrituras registram homens e mulheres pregando. Todavia, há uma grande diferença entre a pregação inspirada pelo Espírito, descrita na Bíblia, e o moderno sermão. Esta diferença quase sempre passa por alto porque fomos condicionados a não nos importarmos. Em vez de ajustarmos nossas práticas à Bíblia, lemos a Bíblia visando ajustá-la às nossas práticas. Então, equivocadamente, aceitamos o púlpito como algo bíblico. Vamos analisar isso mais de perto. O moderno sermão cristão tem as seguintes características:

É uma ocorrência regular, proferido de cima do púlpito, pelo menos uma vez por semana.

É proferido quase sempre pela mesma pessoa, tipicamente pelo pastor.^{4[4]}

É ministrado a uma audiência passiva; é essencialmente um monólogo.

É uma forma de falar culta, que possui uma estrutura específica. Tipicamente, contém uma introdução, de três a cinco pontos e uma conclusão.

Contraste isto com o tipo de prédica mencionada na Bíblia. No AT, os homens de Deus pregavam e ensinavam. Mas sua falação não se encaixa com o sermão moderno. Aqui vão as características das pregações e ensinamentos do AT:

Uma participação ativa e interrupções por parte da audiência eram comuns.^{5[5]}

Eles falavam coisas que incomodavam os ouvintes abordando uma temática atual, em vez de apresentar um documento ou anotações rabiscadas em um papel.

Não há indicação que os profetas ou sacerdotes do AT proferissem discursos ou mensagens regulares para o povo de Deus. Além disso, a natureza das pregações do AT era esporádica, fluida e aberta à participação da audiência. A pregação da sinagoga antiga seguiu um modelo similar.^{6[6]}

Vamos agora ao NT. O Senhor Jesus não pregava um sermão regular à mesma audiência.^{7[7]} Sua prédica e ensino consistiam de muitos formatos. Ele passava suas mensagens a muitas e diferentes audiências. (Certamente Ele compartilhou a maior parte de seus ensinamentos com os discípulos. Todavia, as mensagens que Ele compartilhou com eles foram consistentemente espontâneas e informais).^{8[8]}

Seguindo o mesmo modelo, a pregação apostólica registrada em Atos dos Apóstolos possui as seguintes características:

Foi esporádica.^{9[9]}

Foi proferida em ocasiões especiais para tratar de problemas específicos.

Foi extemporânea e sem estrutura retórica.^{10[10]}

Foi na maioria dos casos um diálogo (incluía debates e interrupções por parte da audiência) em vez de um mero monólogo (apenas um sentido).^{11[11]}

^{4[4]} Ocasionalmente, o pastor convida outros oradores que são normalmente outros ministros profissionais.

^{5[5]} David C. Norrington, *To Preach or Not to Preach? The Church's Urgent Question* (Carlisle: Paternoster Press, 1996), p. 3.

^{6[6]} *Ibid.*, p. 4. A única diferença da pregação da sinagoga é que uma mensagem proferida com base em um texto bíblico era uma ocorrência regular. Mesmo assim algumas sinagogas permitiam que qualquer membro que desejasse pregar ao povo pudesse fazê-lo. Naturalmente, isto é diametralmente oposto ao moderno sermão onde apenas “especialistas” em religião podem falar à congregação.

^{7[7]} O chamado “Sermão do Monte” do Senhor recebeu este nome durante o período pós-apostólico. Agostinho foi o primeiro a chamar Mat. 5-7 por este nome em seu livro *The Lord's Sermon the Mount* in d.C. 395. Mas a passagem, geralmente, não era designada como “Sermão do Monte” até o século XVI (*Dictionary of Jesus and the Gospels*, Downer's Grove: Inter Varsity Press, 1992, p. 736; J.D. Douglas, *Who's Who in Christian History*, Wheaton: Tyndale House Publishers, 1992, p. 48). Mesmo assim o chamado “Sermão do Monte” é uma construção pobre comparado com o moderno sermão em termos de retórica.

^{8[8]} *To Preach or Not to Preach?*, pp. 5-7.

^{9[9]} *Ibid.*, pp. 7-12. Norrington analisa as falas dentro do NT e as contrasta com o sermão de hoje.

^{10[10]} O caráter espontâneo e não retórico das mensagens Apostólicas proferidas em Atos é evidente após uma cuidadosa análise. Veja por exemplo Atos 2:14-35; 7:1-52; 17:22-34, etc.

^{11[11]} Jeremy Thomson, *Preaching as Dialogue: Is the Sermon a Sacred Cow?* (Cambridge: Grove Books, 1996), pp. 3-8. A palavra grega utilizada muitas vezes para descrever a pregação e o ensino do século I é *dialegomai* (Atos 17:2,17; 18:4,19; 19:8,9; 20:7,9; 24:25). Esta palavra significa uma via com dois sentidos no que diz respeito à comunicação. A palavra “diálogo”

Da mesma forma, as cartas do NT mostram que o ministério da Palavra de Deus incorporava a igreja como um todo em suas reuniões regulares.^{12[12]} Reuniões onde “cada membro” funcionava.^{13[13]} Um estilo conversacional e marcado por interrupções.^{14[14]} De igual maneira, as exortações dos anciãos locais normalmente eram de forma improvisada.^{15[15]}

Em poucas palavras, o moderno sermão proferido aos cristãos é algo alheio a toda Bíblia. Não há absolutamente nada nas Escrituras que indique sua existência nas reuniões da Igreja Primitiva.^{16[16]}

De onde vieram os Sermões Cristãos?

O mais antigo registro cristão relacionado à pregação de sermões refere-se ao final do século II.^{17[17]} Clemente de Alexandria (150-215) lamentava o fato dos sermões exercerem pouca influência nos cristãos.^{18[18]} Todavia, apesar de seu reconhecido fracasso, o sermão chegou a ser uma prática normal entre os crentes no princípio do século IV.^{19[19]}

Isto sugere uma questão interessante. Se os cristãos do século I não se destacavam por seus sermões, de onde os cristãos pós-apostólicos adquiriram o costume de proferir sermões? A resposta é contundente: O sermão cristão foi adotado diretamente da fonte pagã da cultura grega!

Para compreender o nascedouro do sermão, temos que voltar ao século V a.C. e analisar um grupo de mestres peregrinos chamados sofistas.^{20[20]} Atribui-se aos sofistas a invenção da retórica (a arte de falar persuasivamente). Eles recrutavam discípulos e exigiam pagamento dos interessados em ouvir seus discursos.^{21[21]}

Os sofistas eram polemistas experientes (a arte de debater). Eles eram mestres no uso de apelos emocionais, aparência física e linguagem, para “vender” seus argumentos.^{22[22]} Com o tempo, o estilo, a forma e a destreza da oratória dos sofistas chegou a ser mais estimada que sua exatidão.^{23[23]} Engendrou uma classe de homens que chegaram a ser mestres na arte de falar, “cultivando o estilo pelo estilo”.^{24[24]} As verdades que eles pregavam eram verdades abstratas e não verdades que eram postas em prática em suas próprias vidas. Eles eram peritos em imitar a forma no lugar da substância.^{25[25]}

Os sofistas se tornaram conhecidos pelas roupas especiais que usavam.^{26[26]} Alguns tinham uma residência fixa onde proferiam seus sermões regularmente à mesma audiência. Outros viajavam para proferir seus polidos discursos.^{27[27]} (Eles ganhavam bastante dinheiro nesta atividade).^{28[28]} Às

deriva dessa palavra. Em suma, o ministério apostólico era mais diálogo que monólogo (William Barclay, *Communicating the Gospel*, Sterling: The Drummond Press, 1968, pp. 34-35).

^{12[12]} 1 Cor. 14:26, 31; Rom. 12:4ff.; Efésios 4:11ff.; Heb. 10:25.

^{13[13]} 1 Cor. 14:29.

^{14[14]} 1 Cor. 14:30.

^{15[15]} Alan Kreider, *Worship and Evangelism in Pre-Christendom* (Oxford: Alain/GROW Liturgical Study, 1995), p. 37

^{16[16]} *To Preach or Not to Preach?*, p. 12.

^{17[17]} *Ibid.*, p. 13. O primeiro sermão Cristão registrado está contido dentro da chamada *Segunda Carta de Clemente* datada entre d.C. 100 e 150 d.C.. Yngve Brilioth, *A Brief History of Preaching* (Philadelphia: Fortress Press, 1965), pp. 19-20.

^{18[18]} *To Preach or Not to Preach?*, p. 13.

^{19[19]} Edwin Hatch, *The Influence of Greek Ideas and Usages Upon the Christian Church* (Peabody: Hendrickson, 1895), p. 109.

^{20[20]} Douglas J. Soccio, *Archetypes of Wisdom: An Introduction to Philosophy* (Belmont: ITP Wadsworth Publishing Company, 1998), pp. 56-57.

^{21[21]} *Ibid.*

^{22[22]} *Ibid.*

^{23[23]} Nós tiramos a palavra “sofisticado” dos sofistas. Sofisticado refere-se a algum arrazoamento especioso ou falacioso usado para persuadir (*Archetypes of Wisdom*, p. 57). Os gregos celebraram este estilo e a forma de falar mais que a exatidão do conteúdo de seu sermão. Assim, o bom orador poderia usar seu sermão para levar sua audiência a aceitar como verdadeiro aquilo que ela supunha ser falso. Para a mente grega, ganhar no argumento era uma virtude maior do que destilar a verdade. (*To Preach or Not to Preach?*, pp. 21-22; *The Influence of Greek Ideas*, p. 113).

^{24[24]} *The Influence of Greek Ideas*, p. 113.

^{25[25]} *Ibid.*

^{26[26]} *Ibid.*, pp. 91-92.

^{27[27]} *Ibid.*

^{28[28]} *Ibid.*, p. 112.

vezes, o orador grego entrava em seu foro de discurso “já vestido em sua batina de púlpito”.^{29[29]} Depois subia os degraus para ir ao seu assento profissional onde sentava antes de proferir seu sermão.^{30[30]}

Para chamar a atenção sobre um ponto, o sofista citava versos de Homero.^{31[31]} (Alguns oradores estudaram Homero tão bem que memorizaram muitos de seus textos).^{32[32]} O sofista era tão arrebatador que incitava muitas vezes sua audiência a aplaudi-lo durante o discurso. Se sua mensagem era bem recebida, alguns diziam que seu sermão fora “inspirado”.^{33[33]}

Os sofistas foram os homens mais distintos de seu tempo. Tanto que eles viviam por conta própria. Outros tiveram estátuas públicas erigidas em sua homenagem.^{34[34]}

(Isto não lembra muitos de nossos modernos pregadores?).

Quase um século mais tarde, o filósofo grego Aristóteles (384-322 a.C.) fez uma modificação na retórica ao agregar três pontos à mensagem. “O todo”, disse Aristóteles, “necessita um princípio, um meio e um fim”.^{35[35]} Com o tempo, os oradores gregos implementaram o princípio dos três pontos de Aristóteles em seus discursos.

Os gregos se intoxicaram da retórica.^{36[36]} Assim, pois, os sofistas se deram muito bem. Quando Roma conquistou a Grécia, os romanos ficaram encantados com respeito à retórica.^{37[37]} Por conseguinte, a cultura greco-romana desenvolveu uma cobiça insaciável por escutar alguém proferir um discurso eloquente. Isso ficou tão em moda que depois de cada cena nos teatros se entretinha as pessoas com um filósofo profissional que proferia um *pequeno sermão*.^{38[38]}

Os gregos e romanos antigos viram a retórica como uma das mais elevadas formas de arte.^{39[39]} Consequentemente, os oradores do Império Romano foram honrados com o mesmo grau de encanto com que os estadunidenses homenageiam astros de cinema e atletas profissionais. Eles foram os astros mais brilhantes de seu tempo.

Os oradores conseguiam deixar uma multidão frenética simplesmente por sua poderosa destreza retórica. Os mestres da retórica, a fachada científica daquele tempo, eram o orgulho de cada cidade importante.^{40[40]} Não demorou muito para que os romanos aprendessem dos gregos e se tornassem adictos do sermão pagão — como ocorre com muitos cristãos modernos adictos do sermão “cristão”.

A Chegada de uma Corrente Contaminada

Como é que o sermão grego foi parar dentro da igreja cristã? Por volta do século III, foi criado um vácuo quando o ministério mútuo do Corpo de Cristo se desvaneceu.^{41[41]} Durante este tempo, o trabalhador itinerante que falava de uma forma espontânea deixou as páginas da história da igreja.^{42[42]} Para substituí-lo, começou a surgir uma casta clerical. As reuniões abertas começaram a desaparecer, e as reuniões da igreja passaram a ser mais e mais litúrgicas.^{43[43]}

^{29[29]} Ibid., p. 92.

^{30[30]} Ibid.

^{31[31]} Ibid., p. 54.

^{32[32]} Ibid., p. 56.

^{33[33]} Ibid., p. 96.

^{34[34]} Ibid., pp. 97-98

^{35[35]} Aristóteles, *On Poetics*, Capítulo 7. Embora Aristóteles falasse em “complô” ou “fábula”, na verdade seu princípio foi aplicado ao ato de proferir discursos.

^{36[36]} O amor pelo discurso foi a segunda natureza para os gregos. “Ele foram uma nação de oradores” (*The Influence of Greek Ideas*, p. 27).

^{37[37]} *To Preach or Not to Preach?*, p. 21.

^{38[38]} *The Influence of Greek Ideas*, p. 40.

^{39[39]} *A Brief History of Preaching*, p. 26.

^{40[40]} *Christian History*, Volume XIII, No. 4, Issue 44, p. 7.

^{41[41]} *To Preach or Not to Preach?*, p. 24.

^{42[42]} *The Influence of Greek Ideas*, pp. 106-107, 109.

^{43[43]} *To Preach or Not to Preach?*, pp. 24-25.

Durante o século III, a distinção entre o clero e o leigo se disseminou rapidamente. Uma estrutura hierárquica começou a arraigar-se, e surgiu a idéia do “especialista em religião”.^{44[44]} Em virtude destas mudanças, o cristão funcional teve problemas para ajustar-se a esta estrutura eclesiástica tão diferente do que era antes.^{45[45]} Não havia nenhum lugar para exercer seus dons. Pelo século IV, a igreja tornou-se completamente institucionalizada e o funcionamento do povo de Deus congelou.

Nesse meio tempo muitos oradores pagãos se tornaram cristãos. Como resultado, idéias filosóficas pagãs foram inadvertidamente sendo introduzidas na comunidade cristã.^{46[46]} Isso resultou em que alguns dos novos crentes durante este tempo eram, antes da conversão, oradores e filósofos pagãos.^{47[47]} Lamentavelmente, muitos destes homens foram os primeiros teólogos da igreja Cristã. São conhecidos como “pais da igreja”, contudo algumas de suas obras estão conosco.^{48[48]}

Assim, a idéia pagã de um orador profissional treinado para proferir discursos ou sermões mediante pagamento passou diretamente ao sangue do cristianismo. Note que o conceito de “mestre especialista assalariado” não veio do Judaísmo. Veio da Grécia. Era costume dos rabinos judaicos dedicar-se a um trabalho ou profissão para não ter que cobrar pelos seus ensinamentos.^{49[49]}

Estes ex-oradores pagãos (agora cristãos) começaram a utilizar integralmente suas destrezas oratórias para fins cristãos. Eles se sentiam em seu cargo oficial^{50[50]} e expondo o sagrado texto bíblico, como um sofista ao proferir uma exegese do texto quase sagrado de Homero...^{51[51]} Se você comparar um sermão pagão do século III com um proferido pelos pais da igreja, você encontrará a estrutura e a fraseologia de ambos bem similares.^{52[52]}

Então, um novo estilo de comunicação passou a tomar forma na igreja cristã, um estilo marcado por uma polida retórica, uma gramática sofisticada, uma eloquência descritiva, e um monólogo. Era um estilo desenhado para entreter e chamar a atenção sobre a destreza oratória do orador. Era a retórica greco-romana.^{53[53]} Apenas aqueles que eram treinados podiam dirigir-se à assembléia!^{54[54]} (Isso lembra algo?).

Um erudito descreve isso da seguinte maneira: A proclamação original da mensagem cristã era uma conversação de duplo sentido, mas quando as escolas oratórias do mundo ocidental aderiram à mensagem cristã, a pregação cristã transformou-se em algo bem diferente. A oratória tendia a substituir a conversação. A se sobrepor à conversação. A grandeza do orador tomou o lugar do assombroso evento de Jesus Cristo. O diálogo entre o orador e o ouvinte se desvaneceu em um monólogo.^{55[55]}

Em suma, o sermão greco-romano substituiu a profecia, a mútua partilha e o ensino inspirado pelo Espírito.^{56[56]} O sermão chegou a ser privilégio elitista de líderes da igreja, particularmente os

^{44[44]} Ibid., pp. 24-25; Veja Capítulo 4 neste livro.

^{45[45]} Ibid., p. 25.

^{46[46]} Ibid., p. 22.

^{47[47]} *From Christ to Constantine*, p. 115.

^{48[48]} Entre eles estavam Tertuliano, Cipriano, Arnobius, Lactantius, E Agostinho (*To Preach or Not to Preach?* p. 22). Veja também *The Influence of Greek Ideas*, pp. 7-9, 109; Richard Hanson, *Christian Priesthood Examined* (Guildford and London: Lutterworth Press, 1979), p. 53.

^{49[49]} F.F. Bruce, *Paul: Apostle of the Heart Set Free* (Grand Rapids: Eerdmans, 1977), p. 220. O notável rabino judeu Hillel disse, “Será desmascarado aquele que faz do Torah uma coroa mundana” (pp. 107-108).

^{50[50]} *The Influence of Greek Ideas*, p. 110.

^{51[51]} *To Preach or Not to Preach?*, p. 22.

^{52[52]} *The Influence of Greek Ideas*, p. 110.

^{53[53]} Um estudante de retórica completava seus estudos quando conseguia falar de improviso sobre qualquer tema que lhe fosse apresentado. A logia da forma do debate era comum no estudo da retórica. Cada estudante aprendia como raciocinar e arrazoar bem. A logia era algo natural à mente grega. Mas era uma logia divorciada da prática e construída sobre argumentos teóricos. Toda esta ideologia contaminou a fé cristã após o século I. (*The Influence of Greek Ideas*, pp. 32-33).

^{54[54]} Ibid., p. 108. Hatch escreve “... com o crescimento da organização eles também cresceram, não apenas misturando ensino e exortação, mas também restringindo gradualmente a uma classe especial a liberdade de dirigir-se à comunidade”.

^{55[55]} Wayne E. Oates, *Protestant Pastoral Counseling* (Philadelphia: Westminster Press), 1962, p. 162.

^{56[56]} Ibid., p. 107.

Bispos.^{57[57]} Tais cargos requeriam treinamento em escolas da retórica para aprender como falar.^{58[58]} Sem tal educação, um cristão era impedido de falar ao povo de Deus.

Já no século III, os cristãos passaram a descrever seus sermões como homilias, o mesmo termo usado pelos oradores gregos ao fazerem seus discursos.^{59[59]} Hoje, os seminaristas fazem um curso chamado homilética para aprender a pregar. A homilética é considerada uma “ciência que aplica as regras da retórica, tal qual na Grécia e Roma, onde teve origem”.^{60[60]}

Em outras palavras, nem a homilia (sermões) nem a homilética (a arte de pregar o sermão) tem origem cristã. Foram roubadas dos pagãos. Uma corrente contaminada se misturou com a fé cristã e envenenou suas águas. Essa corrente flui tão fortemente hoje como no século IV.

Crisóstomo e Agostinho

João Crisóstomo (347-407 d.C.) foi um dos mais destacados oradores cristãos de seu tempo.^{61[61]} (Crisóstomo quer dizer “boca dourada”).^{62[62]} Constantinopla nunca escutara “sermões tão poderosos, brilhantes e sinceros” como os pregados por Crisóstomo.^{63[63]} A prédica de Crisóstomo foi tão estimulante que, eventualmente, as pessoas tinham que se espremer na frente para melhor escutá-lo.^{64[64]}

Com o dom natural para a oratória, Crisóstomo foi aluno do sofista mais destacado do século IV, Libanius.^{65[65]} A eloquência de Crisóstomo no púlpito foi insuperável. Seus sermões foram tão poderosos que eram muitas vezes interrompidos pelo aplauso da congregação. Crisóstomo certa vez proferiu um sermão condenando o aplauso como algo impróprio para a casa de Deus.^{66[66]} Mas, após concluir o sermão, a congregação apreciou tanto aquela pregação que o aplaudiu.^{67[67]} Esta história ilustra o poder indomável da retórica grega.

Podemos creditar a Crisóstomo e Agostinho (354-430 d.C.), um ex-professor de retórica,^{68[68]} como responsáveis por incorporarem a oratória do púlpito como parte integrante da fé cristã.^{69[69]} Com Crisóstomo o sermão grego alcança seu apogeu. O estilo do sermão grego foi enriquecido pela brilhante retórica, citando poesias e visando impressionar a audiência. Crisóstomo enfatizou que “o pregador necessita passar um longo tempo elaborando seus sermões para lograr o poder da eloquência”.^{70[70]}

Com Agostinho, o sermão latino alcançou as alturas.^{71[71]} O estilo do sermão latino era mais prosaico que o estilo grego. Este enfocava o “homem comum” e era dirigido a um ponto moral mais simples. Zwinglio adotou João Crisóstomo como seu modelo de pregador, enquanto que Lutero

^{57[57]} A *Brief History of Preaching*, p. 26.

^{58[58]} Ibid., p. 27.

^{59[59]} *The Influence of Greek Ideas*, p. 109; Yngve Brilioth, *A Brief History of Preaching* (Philadelphia: Fortress Press, 1965), p. 18.

^{60[60]} J.D. Douglas, *Encyclopedia of Religious Knowledge* (Grand Rapids: Baker Book House, 1991), p. 405.

^{61[61]} Em seu leito de morte, Libanius (o tutor pagão de Crisóstomo) disse que Crisóstomo seria seu mais meritório sucessor “se os cristãos não o tivessem roubado” (*The Influence of Greek Ideas*, p. 109).

^{62[62]} Tony Castle, *Lives of Famous Christians* (Ann Arbor: Servant Books, 1988), p. 69; *The Influence of Greek Ideas*, p. 6. João foi apelidado de boca de ouro (*Crisóstomo*) por causa de sua eloquência e pregação inflexível (*Christian History*, Volume XIII, No. 4, Issue 44, p. 7).

^{63[63]} Will Durant, *The Age of Faith* (New York: Simon & Schuster, 1950), p. 63.

^{64[64]} *Christian History*, Volume XIII, No. 4, Issue 44, p. 3. Dos sermões que Crisóstomo pregou, mais de 600 sobreviveram.

^{65[65]} *Christian History*, Volume XIII, No. 4, Issue 44, p. 7; Philip Schaff, *History of the Christian Church: Volume 3*, (Michigan: Eerdmans, 1910), pp. 933-941; *The Age of Faith*, p. 9. Crisóstomo se empanturrou com a retórica de Libanius, mas ele também foi estudante da filosofia e literatura pagã (*The Age of Faith*, p. 63).

^{66[66]} O aplauso intusiasmático da audiência dirigido a uma homilia sofista era um costume grego.

^{67[67]} *History of the Christian Church: Volume 3*, p. 938.

^{68[68]} *The Age of Faith*, p. 65.

^{69[69]} *To Preach or Not to Preach?*, p. 23.

^{70[70]} H. Richard Niebuhr e Daniel D. Williams, *The Ministry in Historical Perspectives* (San Francisco: Harper and Row Publishers, 1956), p. 71.

^{71[71]} *A Brief History of Preaching*, pp. 31, 42.

adotou Agostinho como seu modelo.^{72[72]} Ambos estilos, latino e grego, incluíram uma forma de comentário verso a verso e uma forma parafrásica.^{73[73]}

Mesmo assim, Crisóstomo e Agostinho se enquadram na linhagem dos sofistas gregos. Dando-nos uma polida retórica cristã. Dando-nos o sermão “cristão”. Bíblico no conteúdo, mas grego no estilo.^{74[74]}

Os Reformadores, os Puritanos e o Grande Despertar.

Durante a era Medieval, a Eucaristia dominava a Missa Católica Romana, e a pregação ficou para traz. Mas, com o surgimento de Martinho Lutero (1483-1546), o sermão recuperou sua proeminência no culto de adoração.^{75[75]} Lutero concebeu erradamente que a igreja servia para convocar pessoas para escutar a Palavra de Deus. Por esta razão, certa vez ele chamou o edifício da igreja de *Mundhaus* (boca ou casa de oratória)!^{76[76]}

Seguindo as normas de Lutero, João Calvino (1509-1564) arrazoou que o pregador é a “boca de Deus”.^{77[77]} (Ironicamente, tanto um como o outro, com veemência, rechaçaram a idéia de que o Papa era o Vigário de Cristo.) Não é surpreendente que muitos dos Reformadores houvessem estudado retórica, sendo fortemente influenciados pelos sermões greco-romanos de Agostinho, Crisóstomo, Origen e Gregório o Grande.^{78[78]}

Dessa forma, o equívoco dos pais da igreja foi repetido pelos reformadores e pelas subculturas protestantes criadas por eles, especialmente a dos Puritanos.^{79[79]} De fato, a tradição moderna da pregação evangélica encontra suas raízes recentes no movimento Puritano do século XVII e do Grande Despertar do século XVIII.

Os Puritanos adotaram o estilo de pregar usado por Calvino. Qual era esse estilo? Era a exposição das Escrituras de forma sistemática. Um estilo adotado dos pais da igreja, o qual chegou a ser bem popular durante a Renascença. Os eruditos dessa época proviam comentários de textos da Antigüidade clássica, oração por oração. Calvino era um especialista nessa área. Antes de sua conversão ele empregava este estilo comentando o autor pagão, Sêneca. Ao se converter passou a pregar sermões, ele aplicou o mesmo estilo analítico à Bíblia.^{80[80]}

Seguindo o caminho de seu pai João Calvino, os Puritanos centraram todos seus cultos eclesiais em torno do ensino sistemático da Bíblia. Pretendendo evangelizar a Inglaterra (purificá-la dos equívocos Anglicanos), os Puritanos centraram todos seus cultos em torno de exposições bíblicas, versículo a versículo, estruturadas, metódicas e lógicas. Sua ênfase sugeria o Protestantismo como a religião do “Livro”.^{81[81]} (Ironicamente, o “Livro” nada sabe sobre sermão!). Os Puritanos também inventaram uma forma de pregação chamada “estilo simples”.

^{72[72]} Frank C. Senn, *Christian Liturgy: Catholic and Evangelical* (Minneapolis: Fortress Press, 1997), p. 366. Tanto pregadores luteranos como reformadores tendiam a fazer exposições verso-a-verso. Tal característica foi típica de pais patrísticos como Crisóstomo e Agostinho.

^{73[73]} Email particular do professor John McGuckin, 9/29/02.

^{74[74]} *To Preach or Not to Preach?*, p. 23

^{75[75]} *Protestant Worship: Traditions in Transition*, pp. 46-47.

^{76[76]} *The Ministry in Historical Perspectives*, p. 114.

^{77[77]} *Preaching as Dialogue*, pp. 9-10.

^{78[78]} Hughes Oliphant Old, *The Patristic Roots of Reformed Worship* (Zurich: Theologischer Verlag, 1970), p. 79ff.

^{79[79]} A evolução do conteúdo do sermão da Reforma aos nossos dias é uma longa história que vai além dos objetivos deste livro. Basta dizer que o sermão durante o Grande Despertar degenerou em estereis discursos morais. Eles se tornaram instrumentais para melhorar a sociedade humana. Os Puritanos retomaram o método expositivo da pregação verso-a-verso usado pelos pais de igreja. Alguns pastores Puritanos explicavam cada verso da Bíblia. Temas ligados à justiça social foram proeminentes no Metodismo do século XIX. E com o advento do Revivalismo Fronteiriço, a pregação nas igrejas evangélicas foi dominada por uma chamada à salvação. Os Puritanos também deram contribuições a moderna retórica sermonística. O sermão Puritano era escrito com base em um esboço de quatro partes com uma estrutura organizacional detalhada. O esboço de quatro partes que todos os pastores Puritanos usavam consistia de texto (leitura da Bíblia), doutrina (declaração teológica), usos (provando e ilustrando a doutrina), e aplicação (*Protestant Worship*, pp. 53, 121, 126, 166, 183; *Christian History*, Volume XIII, No. 1, Issue 41, pp. 24-25).

^{80[80]} Meic Pearse and Chris Matthew's, *We Must Stop Meeting Like This* (E Sussex: Kingsway Publications, 1999), pp. 94-95.

^{81[81]} *Ibid.*, pp. 92-93.

Este estilo estava ligado à memorização das notas do sermão. As divisões, subdivisões e análises do texto bíblico elevaram o sermão ao nível de uma fina ciência.^{82[82]} Esta forma ainda é utilizada por inúmeros pastores. Além disso, os puritanos nos legaram o sermão de uma hora,^{83[83]} a prática da congregação de anotar o sermão, o esboço do sermão de quatro partes, e o hábito do pastor usar anotações enquanto desenvolve sua pregação.^{84[84]}

O Grande Despertar foi outra influência responsável pelo tipo de pregação comum às primeiras igrejas Metodistas, o qual está em uso atualmente nas igrejas Pentecostais. Fortes ímpetos emocionais, gritos, saltos desde a plataforma até o público, tudo isso são vestígios dessa tradição.^{85[85]}

Resumindo a origem do sermão moderno, podemos dizer o seguinte: O cristianismo adotou a retórica greco-romana, batizando-a e forrando-a com fraldas. A homilia grega encontrou o caminho da igreja cristã por volta do século II, e alcançou seu apogeu com os oradores de púlpito do século IV, a saber, Crisóstomo e Agostinho.^{86[86]}

O sermão cristão calou-se do século V até a Reforma, quando chegou a ser encaixotado em um relicário como principal enfoque do culto de adoração protestante. Todavia, durante cerca de 400 anos a maioria dos cristãos nunca questionou sua origem e eficácia.^{87[87]}

Como a Prédica do Sermão degrada a Igreja.

Embora venerado por cinco séculos, o sermão convencional tem contribuído das mais variadas formas para a degradação da igreja.

Primeiramente, o sermão faz com que o pregador seja uma virtuose artística do culto eclesial. Como resultado, a participação da congregação fica obstaculizada (na melhor hipótese) e excluída (na pior hipótese). O sermão transforma a igreja em um auditório. A congregação degenera em um grupo de espectadores apagados presenciando um evento. Não há espaço para interromper ou questionar o pregador enquanto ele profere seu discurso. O sermão congela e trava o funcionamento do Corpo de Cristo. O sermão promove um sacerdócio dócil por permitir que os homens do púlpito com suas mãos agitadas^{88[88]} dominem a reunião da igreja semana após semana.

Em segundo lugar, o sermão estanca o crescimento espiritual. Pelo fato de ser uma estrada de uma só mão, o sermão embota a curiosidade e produz passividade. O sermão debilita a igreja no que toca ao seu funcionamento. O sermão sufoca o mútuo ministério. Abafa a participação aberta. Estanca o crescimento espiritual do povo de Deus.^{89[89]}

Como cristãos, precisamos funcionar, exercitar, caminhar para poder crescer.^{90[90]} Podemos crescer sentados como uma estátua de sal ouvindo um homem pregar de lá de cima do púlpito semana após semana? De fato, uma das metas do estilo da pregação e ensino do NT é incentivar você a funcionar.^{91[91]} Isto encoraja você a falar na reunião da igreja.^{92[92]} O sermão convencional obstaculiza este processo.

Em terceiro lugar, o sermão conserva a mentalidade do clero antibíblico. Cria uma excessiva e patológica dependência do clero. O sermão faz do pregador um especialista em religião, o único que

^{82[82]} Ibid.

^{83[83]} Embora alguns sermões Puritanos durassem 90 minutos.

^{84[84]} *Protestant Worship: Traditions in Transition*, pp. 53, 121, 126, 166, 183; *Christian History*, Volume XIII, No. 1, Issue 41, pp. 24-25. O fantasma do modo Puritano de pregar ainda está conosco hoje. Toda vez que você ouvir um pastor protestante fazendo admoestações, você estará diante do estilo do sermão Puritano, que tem suas raízes na retórica pagã.

^{85[85]} *We Must Stop Meeting Like This*, p. 95.

^{86[86]} *A Brief History of Preaching*, p. 22.

^{87[87]} O historiador Edwin Hatch, século XIX, foi um dos primeiros a desafiar o sermão.

^{88[88]} O termo “mãos-agitadas” deriva-se do cenário da magia. O mágico acena suas mãos e faz com que um coelho surja do nada. Da mesma maneira, o sermão é vendido como o principal facilitador do crescimento cristão. Esta idéia é falsa e enganosa.

^{89[89]} *Rethinking the Wineskin*, Capítulo 1.

^{90[90]} Marcos 4:24-25; Heb. 10:24-25.

^{91[91]} Efésios 4:11-16. Esta passagem também mostra que o funcionamento é necessário à maturidade espiritual.

^{92[92]} Veja 1 Cor. 12-14. A reunião descrita nesta passagem é claramente um encontro da igreja.

tem algo de valor a compartilhar. Trata todos os demais como cristãos de segunda categoria, como esquentadores de banco (Embora isso não expresse o geral, é a realidade).^{93[93]}

Como pode o pastor aprender dos demais membros do Corpo de Cristo quando eles estão mudos? Como pode a igreja aprender do pastor quando seus membros não podem fazer perguntas durante sua pregação?^{94[94]} Como podem os irmãos e irmãs aprenderem uns dos outros se eles estão amordaçados e não podem falar nas reuniões?

O sermão torna a “igreja” distante e impessoal.^{95[95]} O sermão priva o pastor de receber o sustento espiritual da igreja. O sermão priva a igreja de receber nutriente espiritual mútuo. Por estas razões, o sermão é uma das maiores barricadas que impedem o sacerdócio funcional!^{96[96]}

Em quarto lugar, em vez de equipar os santos, o sermão remove suas habilidades. Não importa quão forte e extensamente o ministro fale acerca de “equipar os santos para a obra do ministério”, a verdade é que a pregação de sermões não equipa ninguém para o serviço espiritual.^{97[97]} Na realidade, o povo de Deus acostumou-se tanto a ouvir sermões que os pastores acostumaram-se a pregá-los. (Sei que alguns cristãos não gostam de pregações a cada semana, mas parece que a maioria as desfruta).^{98[98]} Em contraste com a pregação, o ensinamento do estilo neotestamentário equipa a igreja para que funcione sem a presença do clero.^{99[99]}

Em quinto lugar, o moderno sermão é totalmente contraproducente. A maioria dos pregadores é especialista em coisas que nunca experimentou. Por ser abstrato e teórico, piedoso e inspirador, demandante e obrigatório, entretido e ruidoso, o sermão não coloca os ouvintes em uma experiência direta e prática daquilo que é pregado. Assim, pois, o sermão típico é uma lição de natação em terra seca! Falta todo valor prático. Prega-se muito no ar, mas ninguém aterriza. A maioria das pregações é dirigida ao lóbulo frontal. A moderna pregação do púlpito falha em ir além da mera disseminação de informações sobre equipar crentes a experimentar e utilizar aquilo que escutam.

O sermão reflete seu verdadeiro pai — a retórica greco-romana. A retórica greco-romana estava mergulhada em abstrações.^{100[100]} Esta “envolvia formulas desenhadas para entreter e revelar o artista orador em vez de instruir ou desenvolver talentos em outras pessoas”.^{101[101]} O moderno sermão polido pode acalentar o coração, inspirar a vontade e estimular a mente. Mas raramente, ou nunca, indica como se retirar da conferência!

De qualquer forma, o sermão não promove crescimento espiritual. Mais que isso, ele agrava o empobrecimento da igreja.^{102[102]} Os sermões atuam como um mero e momentâneo estimulante. Seus efeitos são extremamente efêmeros.

Sejamos honestos. Há multidões de cristãos sendo “sermonizados” há décadas, todavia, continuam na condição de bebês em Cristo.^{103[103]} Nós cristãos não somos transformados por escutar sermões. Somos transformados por um encontro regular com o Senhor Jesus Cristo.^{104[104]} Os que

^{93[93]} Alguns pastores ficaram famosos por disseminarem a idéia errônea de que “tudo aquilo que ovelhas fazem é dizer 'beeee' e comer grama”.

^{94[94]} Ruel L. Howe, *Partners in Preaching: Clergy and Laity in Dialogue* (New York: Seabury Press, 1967), p. 36.

^{95[95]} George W. Swank, *Dialogical Style in Preaching* (Valley Forge: Hudson Press, 1981), p. 24.

^{96[96]} Kevin Craig, “Is the Sermon Concept Biblical,” *Searching Together* (Dresser: Word of Life Church, 1986, Vol. 15:1-2), p. 22.

^{97[97]} Embora muitos pastores falem coisas como “equipar os santos” e “libertar os leigos”, tais promessas de libertar os leigos flácidos e equipar a igreja para ministrar, em termos práticos, nunca são cumpridas. O pastor domina o culto da igreja através de seus sermões, o povo de Deus não é livre para funcionar. Portanto, “equipar os santos” tipicamente não passa de uma retórica vazia.

^{98[98]} Aqueles que, como nós, consideram o sermão exoticamente enfadonho, sabe o significado de “morrer ouvindo sermões”. A citação de Sydney Smith captura o sentimento: “Ele merece morrer ouvindo sermões de sacerdotes malucos!”

^{99[99]} Considere o método utilizado por Paulo com relação a uma igreja recém criada. Ele a deixava andar pelos próprios pés por longos períodos de tempo. Para detalhes, veja Gene Edwards’ *How to Meet in Homes* (Sargent: Seedsowers, 1999).

^{100[100]} “Is the Sermon Concept Biblical,” p. 25.

^{101[101]} *To Preach or Not to Preach?*, p. 23.

^{102[102]} Clyde H. Reid, *The Empty Pulpit* (New York: Harper & Row, 1967), pp. 47-49.

^{103[103]} Alexander R. Hay, *The New Testament Order for Church and Missionary* (New Testament Missionary Union, 1947), pp. 292-293, 414.

^{104[104]} As pessoas podem encontrar Cristo tanto na glória como no sofrimento (2 Cor. 3:18; Heb. 12:1ff.).

ministram, portanto, são chamados a assegurar que seu ministério seja intensamente prático. São chamados não apenas para revelar a Cristo, mas para mostrar a seus ouvintes como experimentá-lo, conhecê-lo, segui-lo e servi-lo.

Se um pregador não consegue levar seus ouvintes àquela experiência viva e espiritual que ministra, os resultados da mensagem serão efêmeros. Portanto, a igreja necessita menos gente no púlpito e mais facilitador espiritual. Há uma necessidade urgente de pessoas proclamando Cristo e sabendo como levar o povo de Deus a experimentar esse mesmo Cristo proclamado.^{105[105]}

Necessitamos restaurar a prática do século I da exortação mútua e do ministério mútuo. No NT, a transformação espiritual depende destas duas coisas.^{106[106]} Naturalmente, o dom do ensino está presente na igreja. Mas o ensino deve fluir de todos os crentes^{107[107]} tanto quanto flui dos que possuem dons especiais para ensinar.^{108[108]} Nós deixamos a Bíblia de lado quando permitimos que o ensino tome a forma de um sermão convencional e o relegamos a uma classe de oradores profissionais.

Concluindo

O sermão do púlpito não é o equivalente à pregação encontrada nas Escrituras.^{109[109]} A prática do sermão não é encontrada no Judaísmo do AT. Não é encontrada no ministério de Jesus, nem na vida da Igreja Primitiva.^{110[110]} Além disso, Paulo disse aos gregos convertidos que ele próprio recusou ser influenciado pelas formas de comunicação utilizadas pelos pagãos de seu tempo.^{111[111]}

O sermão é uma “vaca sagrada” concebida no ventre da retórica grega. Nasceu na comunidade cristã quando os ex-pagãos (agora cristãos) começaram a levar seus estilos de oratória para a igreja. No século III era comum o líder cristão proferir sermões. No século IV virou norma.^{112[112]}

O cristianismo absorveu sua cultura circundante.^{113[113]} Quando o pastor sobe ao púlpito exibindo sua veste clerical e proferindo seu sermão sagrado, ele exerce o papel do antigo orador grego.

Todavia, apesar do fato do sermão não possuir nenhum mérito de fragmento bíblico que justifique sua existência, este continua sendo admirado e isento de crítica nos olhos da maioria dos cristãos modernos. O sermão entrincheirou-se de tal forma na mente cristã que a maioria dos pastores e “leigos” que crêem na Bíblia falham em ver que por pura tradição afirmam e perpetuam uma prática antibíblica. O sermão chegou a ser permanentemente embutido em uma estrutura organizacional complicada, bem longe da vida eclesial do século I.^{114[114]}

Diante de tudo que descobrimos sobre o sermão moderno, considere estas questões penetrantes:

Como pode um homem pregar um sermão sobre “ser fiel à Palavra de Deus” se a prática do sermão não é bíblica? Como pode um cristão sentar-se passivamente em um banco de igreja e

^{105[105]} Atos 3:20; 5:42; 8:5; 9:20; Gal 1:6; Col. 1:27-28. Não importa se alguém está pregando (*kerygma*) a descrentes ou ensinando (*didache*) a crentes, a mensagem tanto ao descrente como ao crente é uma só: Jesus Cristo (C.H. Dodd, *The Apostolic Preaching and Its Developments*, London: Hodder and Stoughton, 1963, p. 7ff). Referindo-se à Igreja Primitiva, Michael Green escreve, “Eles pregaram uma pessoa. Sua mensagem foi francamente Cristocêntrica. Certamente o evangelho para eles não era outra coisa senão Jesus Cristo: ‘Ele pregou Jesus para eles...’. Jesus homem, Jesus crucificado, Jesus ressurreto, Jesus exaltado a um lugar de poder no universo... Jesus que estava, portanto, presente no meio de Seu povo em Espírito... O Cristo ressuscitado era absolutamente central na mensagem deles” (*Evangelism in the Early Church*, Hodder and Stoughton, 1970, p. 150).

^{106[106]} Heb. 3:12-13; 10:24-26a. Note a ênfase em “mutuamente” nestas passagens. É a *mútua* exortação que o autor tem em vista.
^{107[107]} 1 Cor. 14:26,31.

^{108[108]} Efésios 4:11; Tiago 3:1.

^{109[109]} “Preacher and Preaching: Some Lexical Observations,” *Journal of the Evangelical Theological Society* (December, 1981, Vol. 24, No. 4).

^{110[110]} *To Preach or Not to Preach?*, p. 69.

^{111[111]} 1 Cor. 1:17,22; 2:1-5.

^{112[112]} *To Preach or Not to Preach?*, p. 69.

^{113[113]} George T. Purves, “The Influence of Paganism on Post-Apostolic Christianity,” *The Presbyterian Review* (No. 36, October, 1988), pp. 529-554.

^{114[114]} Para uma discussão detalhada sobre a natureza antibíblica da estrutura organizacional da moderna Igreja Protestante, veja meu livro, *Who is Your Covering?* Capítulos 1-3. Veja também o Capítulo 4 deste livro.

passivamente afirmar o sacerdócio de todos os crentes desse mesmo banco? Para personalizar um pouco mais. Como é que você, querido cristão, pode pretender defender a doutrina protestante de base puramente bíblica ao mesmo tempo em que apóia o sermão do púlpito?

Como disse eloqüentemente certo autor, “o sermão é inquestionável em termos práticos. Passou a ser um fim em si mesmo, sagrado, subproduto de uma reverência distorcida pela tradição dos anciãos...”. Parece estranhamente inconsistente que aqueles que estão mais dispostos a defender a Bíblia como a Palavra de Deus, “supremo guia em todos assuntos de fé e prática” se encontrem entre os primeiros a rechaçar os métodos bíblicos em favor das “cisternas quebradas” de seus pais (Jeremias 2:13). Em outras palavras, não há espaço no curral da igreja para vacas sagradas como o sermão!

Minhas conversas e pregações não foram com palavras sedutoras da sabedoria humana, desprovidas da demonstração do poder [de Deus] e do Espírito. Que sua fé não repouse na sabedoria dos homens, mas no poder de Deus.

-Paulo de Tarso

CAPÍTULO 3

O EDIFÍCIO DA IGREJA HERDANDO O COMPLEXO DE EDIFÍCIO

No afã de substituir antigas religiões, o cristianismo tornou-se uma religião.
-Alexander Schmemmann

O moderno cristianismo é obcecado pelo tijolo e pelo concreto. O complexo de edifício está tão inculcado em nossas mentes que se um grupo de crentes começa a reunir-se, sua primeira idéia é encontrar um salão. Como pode um grupo de cristãos pretender ser uma igreja sem um salão? E por aí vão seus pensamentos.

A “Igreja” está tão ligada à idéia de igreja enquanto edifício que nós inconscientemente equiparamos as duas. Escute o vocabulário do cristão médio de hoje:

"Amigo, você viu como é bonita essa igreja que acabamos de passar?"

"Essa é a maior igreja que já vi. Sua conta de luz deve ser bem elevada!"

"Nossa igreja é bem pequena. Estou ficando claustrofóbico. Precisamos ampliar o salão".

"Faz frio na igreja hoje; os bancos estão me congelando".

"Fomos à igreja durante quase todos os domingos do ano".

Escutemos o vocabulário do pastor mediano.

"Não é maravilhoso estar na casa de Deus hoje?"

"Necessitamos ser reverentes quando entramos no santuário do Senhor".

Ou como a mãe fala com seu filho traquina (em tom grave), *"Tire esse sorriso de sua boca, agora você está na igreja! Precisamos nos comportar na casa do Senhor!"*

Para dizer sem rodeios, nenhum destes pensamentos tem qualquer coisa a ver com o cristianismo do NT. Melhor dizendo, eles refletem o pensamento de outras religiões — principalmente o Judaísmo e o paganismo.^{1[1]}

Templos, Sacerdotes e Sacrifícios.

O antigo Judaísmo estava centrado em três elementos: O templo, o sacerdócio e o sacrifício. Quando Jesus veio, Ele cancelou os três elementos cumprindo-os em Si mesmo. Ele é o Templo^{2[2]} que incorpora uma casa nova e viva feita de pedras vivas — “sem mãos [humanas]”.^{3[3]} Ele é o Sacerdote^{4[4]} que estabeleceu um novo sacerdócio.^{5[5]} Ele é o Sacrifício perfeito e definitivo.^{6[6]}

^{1[1]} Como foi dito anteriormente, a mistura entre o Judaísmo e a mística religiosa pagã em muito influenciou o formato da Igreja após a idade Apostólica. Ilion T. Jones, *A Historical Approach to Evangelical Worship* (New York: Abingdon Press, 1954), pp. 94, 97.

^{2[2]} John 1:14 (a palavra grega para “habitou” significa literalmente “tabernaclou”); 2:19-21.

^{3[3]} Marcos 14:58; Atos 7:48; 1 Cor. 3:16; 2 Cor. 5:1, 6:16; Efésios 2:21-22; Heb. 3:6-9, 9:11, 24; 1 Tim. 3:15.

^{4[4]} Heb. 4:14; 5:5,6,10; 8:1.

^{5[5]} 1 Pedro 2:9; Apocalipse 1:6.

^{6[6]} Heb. 7:27; 9:14,25-28; 10:12; 1 Pedro 3:18. A Epístola aos Hebreus continuamente enfatiza que Jesus ofertou-se “de uma vez para sempre” enfatizando o fato de que Ele não necessita ser sacrificado novamente. O sacrifício de Cristo no Calvário foi completamente suficiente.

Como consequência, o templo, o sacerdócio e o sacrifício do Judaísmo cessaram com a vinda de Jesus Cristo.^{7[7]} Cristo é o cumprimento e a realidade de tudo isso.^{8[8]} No paganismo greco-romano^{9[9]} estes 3 elementos também estavam presentes: Os pagãos tiveram seus templos,^{10[10]} seus sacerdotes e seus sacrifícios.^{11[11]}

Foram apenas os cristãos que descartaram todos estes elementos.^{12[12]} Poder-se-ia dizer que o cristianismo foi a primeira religião sem templos. Na mente do cristão primitivo, era a *pessoa* que constituía o espaço sagrado, não a arquitetura. Os primeiros cristãos entendiam que eles mesmos — coletivamente — eram o templo de Deus e a casa de Deus.^{13[13]}

Notavelmente, em nenhuma parte do NT, encontramos os termos “igreja” (*ekklesia*), “templo”, ou “casa de Deus”, usados para referir-se a edifícios próprios. Ao ouvido do cristão do século I, descrever um edifício como *ekklesia* (igreja) seria como chamar uma mulher de arranha-céu!^{14[14]}

O uso inicial da palavra *ekklesia* (igreja) para referir-se a um lugar de reunião cristã ocorre no ano 190 d.C. por Clemente de Alexandria (150-215).^{15[15]} Clemente foi a primeira pessoa a utilizar a frase “ir à igreja”, que era um pensamento alheio ao crente do século I.^{16[16]} (Ninguém pode deslocar-se a um lugar que é ele mesmo! Ao longo do NT, *ekklesia* sempre se referiu a uma assembléia de pessoas, não a um lugar!)^{17[17]}

^{7[7]} A mensagem de Estevão em Atos 7 indica que “o templo era meramente uma casa feita por mãos humanas, originado com Salomão; não tinha nenhuma conexão com a tenda de encontro que a Moisés fora ordenado montar em um padrão divinamente revelado e usada até o tempo de Davi”. (Harold W. Turner, *From Temple to Meeting House: The Phenomenology and Theology of Places of Worship*, The Hague: Mouton Publishers, 1979, pp. 116-117). Veja também o contraste utilizado pelo Senhor em Marcos 14:58 de que o templo de Salomão (e Herodes) foi feito “por mãos [humanas]”, enquanto que o templo que Ele construiria seria feito “sem mãos [humanas]”. Estevão usa o mesmo palavreado em Atos 7:48... Deus não habita em templos “feito por mãos [humanas]”. Em outras palavras, nosso Pai celeste não é um construtor de templos!

^{8[8]} Col. 2:16-17. Jesus Cristo veio cumprir e clarear imagem vaga da lei judaica, este é o tema central da carta aos hebreus. Todos os escritores do NT afirmam que Deus não requer nem sacrifício santo nem sacerdócio mediatório. Todas essas coisas foram cumpridas Jesus — o Sacrifício e a Mediação Sacerdotal.

^{9[9]} O paganismo dominou o Império romano até por volta do quarto século. Mas muitos de seus elementos foram absorvidos pelos cristãos nos séculos III e IV. O termo “pagão” foi uma invenção dos apologistas cristãos numa tentativa de agrupar os não cristãos em uma embalagem adequada. Originariamente, um “pagão” é um camponês; alguém que habita o *pagus* ou distrito rural. Pelo fato do cristianismo esparramar-se principalmente nas cidades, o rude camponês, ou “pagão”, foi tido como aquele que acreditava nos antigos deuses (*Christians and the Holy Places*, p. 301).

^{10[10]} Ernest H. Short dedica todo um capítulo à arquitetura dos templos gregos em seu livro *A History of Religious Architecture* (London: Philip Allen & Co., 1936), Capítulo 2. David Norrington afirma, “Os edifícios religiosos foram, contudo, parte integral da religião greco-romana”. (David C. Norrington, *To Preach or Not to Preach? The Church's Urgent Question*, Carlisle: Paternoster Press, 1996, p. 27). O pagãos também tinham santuários “santos”. Michael Grant, *The Founders of the Western World: The History of Greece and Rome* (New York: Charles Scribner's Sons, 1991), pp. 232-234.

^{11[11]} Robin Lane Fox, *Pagans and Christians* (New York: Alfred Knopf, 1987), pp. 39, 41-43, 71-76, 206.

^{12[12]} *Christian History*, Volume XII, No. 1, Issue 37, p. 3.

^{13[13]} 1 Cor. 3:16; Gál. 6:10; Efésios 2:20-22; Heb. 3:5; 1 Tim. 3:15; 1 Pedro 2:5; 4:17. Todas estas passagens se referem ao povo de Deus, não a um edifício. Nas palavras de Arthur Wallis, “No Velho Testamento, Deus tinha um santuário para Seu povo; no Novo, Deus tem Seu povo como um santuário”.

^{14[14]} De acordo com o NT, a igreja é a garota mais bonita do mundo: John 3:29; 2 Cor. 11:2; Efésios 5:25-32; Apocalipse 21:9.

^{15[15]} Clement of Alexandria, *The Instructor*, Book III, Ch. 11.

^{16[16]} Adolf Von Harnack referindo-se aos cristãos dos séculos I e II, disse, “uma coisa é clara — a idéia de um lugar especial para adoração não tinha surgido ainda. A idéia cristã de Deus e do divino serviço não apenas declinou em promover tal lugar, ela a excluiu, na medida em que as circunstâncias práticas da situação retardaram seu desenvolvimento” (*To Preach or Not to Preach?* p. 28).

^{17[17]} Robert Saucy, *The Church in God's Program*, p. 12; A.T. Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research*, p. 174. A palavra inglesa “church” assim como a palavra escocesa *kirk* e a palavra germânica *kirche* são todas derivadas da palavra grega *kuriakon* que significa “pertencendo a Deus”. A palavra inglesa “church” vem do inglês arcaico *cirice* ou *circe* que é derivada da palavra grega *kuriakon*. Com o tempo, ela passou a significar “casa de Deus” e foi involucriada referindo-se a edifício. Os tradutores da Bíblia Inglesa cometeram a enorme injustiça traduzindo *ekklesia* por “church”. *Ekklesia*, em todas suas 114 aparições no NT, sempre significa uma assembléia de pessoas (*The Church in God's Program*, pp. 11,16). William Tyndale deveria ser recomendado porque na tradução dele do NT, ele recusou usar a palavra “church” para traduzir *ekklesia*. Ao invés de church, ele a traduziu mais corretamente como “congregação”. Infelizmente, os tradutores do KJV escolheram não seguir a tradução superior de Tyndale neste assunto e recorreram a “church” como tradução de *ekklesia*. Eles rejeitaram a correta tradução de *ekklesia* como “congregação” porque esta era a terminologia usada pelos Puritanos (“The Translators to the Reader”, Prefácio da tradução de G. Bray em 1611, *Documents of the English Reformation*, Cambridge: James Clarke, 1994, p. 435).

Mesmo assim, a referência “ir à igreja” de Clemente não trata de uma alusão a um edifício de alvenaria construído especialmente para a adoração dos membros, trata de um lugar privado que os crentes do século II usavam para suas reuniões.^{18[18]} Os cristãos não construíram edifícios especiais até a Era Constantino no século IV.^{19[19]} Tampouco tiveram um sacerdócio especial separado para servir a Deus. Em vez disso, *cada* crente reconhecia que ele mesmo era um sacerdote diante de Deus.

Os cristãos primitivos também eliminaram os sacrifícios porque entendiam que o sacrifício verdadeiro e final (Cristo) havia prevalecido. Os únicos sacrifícios que ofereciam eram sacrifícios espirituais de louvor e gratidão.^{20[20]}

Entre os séculos IV e VI, o catolicismo romano absorveu as práticas religiosas do paganismo e do Judaísmo. Instalou um clericalismo profissional e erigiu edifícios sagrados de alvenaria.^{21[21]} E converteu a Santa Ceia em um sacrifício místico.

Seguindo a trilha dos pagãos, o catolicismo adotou a prática das virgens vestais (sagradas) e da queima do incenso.^{22[22]} Felizmente os protestantes aboliram o uso do sacrifício da Ceia do Senhor, das virgens vestais e da queima de incenso. Mas eles retiveram tanto a casta sacerdotal (o clero) como o edifício sagrado.

De igrejas caseiras a Santas Catedrais

Os primeiros cristãos acreditavam que a presença de Jesus é a própria presença de Deus. Eles acreditavam que o corpo de Cristo, a Igreja, constitui o templo.

Quando o Senhor Jesus estava na terra, Ele fez algumas declarações negativas referindo-se ao templo judaico.^{23[23]} A maior foi que o templo seria destruído!^{24[24]}

Mesmo Jesus referindo-se ao templo que existia no sentido arquitetônico, na realidade, Ele estava falando de seu próprio corpo. Jesus disse que depois da destruição do templo, Ele o levantaria novamente dentro de três dias. Ele estava se referindo ao templo real, a Igreja, a qual Ele levantou em si mesmo no terceiro dia. Significativamente, Ele se referia ao templo real — a igreja — que Ele levantaria. Ele levantaria a Si mesmo no terceiro dia.

Desde que Cristo ressuscitou, nós cristãos chegamos à condição de *o* templo de Deus.^{25[25]} Por isso, o NT reserva a palavra “igreja” (*ekklesia*) para o povo de Deus. A Bíblia nunca emprega esta palavra referindo-se a algum edifício de alvenaria.

A atitude de Jesus limpar o templo significa que a “adoração do templo” judaico seria substituída pela adoração a Ele próprio.^{26[26]} Com Sua vinda, o Pai não seria adorado em uma montanha ou templo. Ele seria adorado em espírito e em verdade.^{27[27]}

^{18[18]} *The Instructor*, Book III, Ch. 11. Clemente escreveu, “mulher e homem devem ir decentemente vestidos para a igreja”.

^{19[19]} Graydon F. Snyder, *Ante Pacem: Archaeological Evidence of Church Life Before Constantine* (Mercer University Press/Seedowers, 1985), p. 67. Snyder declara, “não há qualquer evidência literária nem indicação arqueológica de que alguma daquelas casas foi convertida em um edifício de igreja existente. Nem há qualquer vestígio de igreja existente construída antes de Constantino”. Em outra obra Snyder escreve, “as primeiras igrejas se encontravam constantemente em casas. Até o ano 300 desconhecemos qualquer edifício construído enquanto igreja (*First Corinthians: A Faith Community Commentary*, Macon: Mercer University Press, 1991, p. 3).

^{20[20]} Heb. 13:15; 1 Pedro 2:5.

^{21[21]} “De acordo com Direito Canônico, igreja é um edifício sagrado dedicado à divina adoração para o uso de todo crente e para o exercício público da religião” (Peter F. Anson, *Churches: Their Plans and Furnishings*, Milwaukee: Bruce Publishing Co., 1948, p. 3).

^{22[22]} *Pagans and Christians*, pp. 71, 207, 27, 347, 355. Fox afirma que “na moderna cristandade há mais de 1,6 milhões de adultos jurando virgindade” (pág. 355). Eles são chamados de freiras e padres.

^{23[23]} Stephen também se refere negativamente ao templo. Tanto Jesus como Estevão foram acusados exatamente pelo mesmo crime — falar contra o templo (Marcos 14:58; Atos 6:13-14).

^{24[24]} João 2:19-21. Significativamente, o véu do templo foi rasgado ao meio quando o Jesus morreu (Mat. 27:50-51).

^{25[25]} Em sua ressurreição Cristo é o “Espírito que dá vida” (1 Coríntios 15:45). Assim, Ele pode residir nos crentes que fazem deles sua casa.

^{26[26]} João 2:12-22. Veja Oscar Cullman, *Early Christian Worship* (London: SCM Press, 1969), pp. 72-73, 117.

^{27[27]} João 4:23. Os primeiros cristãos do NT acreditavam que a igreja, a comunidade dos crentes, era o templo. E aquela adoração não era espacialmente localizada nem separada da totalidade da vida. Assim em suas mentes não havia a idéia de “santo lugar”. O

Quando o cristianismo nasceu, foi a única religião na terra sem objetos sagrados, pessoas sagradas, espaços sagrados.^{28[28]} Mesmo rodeado por sinagogas judaicas e templos pagãos, os primeiros cristãos foram as únicas pessoas religiosas na terra que não edificavam templos sagrados de adoração.^{29[29]} A fé Cristã nasceu em casas, fora de pátios, ao longo das margens da estrada, e em salas de estar.^{30[30]}

Durante os primeiros três séculos, os cristãos não tiveram edifícios especiais.^{31[31]} Como disse um erudito, “*O cristianismo que conquistou o Império Romano era essencialmente um movimento centrado em casas*”.^{32[32]} Alguns dizem que o fato deles reunirem-se em casas era devido à repressão. Isso não é verdade.^{33[33]} Foi uma opção consciente e deliberada.^{34[34]}

Na medida em que as congregações cresciam em tamanho, os cristãos começaram a remodelar seus lares para acomodar os números crescentes.^{35[35]} Um dos descobrimentos arqueológicos mais marcantes nesse sentido foi a casa de Dura Europeas na moderna Síria. Esta casa constitui o mais antigo registro de uma igreja caseira de que se tem notícia. Foi um despretensioso local privado adequado para acomodar cristãos em suas reuniões por volta do ano 232 d.C.^{36[36]}

Essencialmente, a casa de Dura-Europeas era uma casa onde se havia suprimido a parede entre dois quartos para criar uma grande sala.^{37[37]} Com a reforma, a casa podia receber aproximadamente 70 pessoas.^{38[38]} As casas reformadas, como foi o caso de Dura-Europeas, não podem ser classificadas como “edifícios de igrejas”. Eram simplesmente casas adaptadas para acomodar assembléias maiores.^{39[39]} Além disso, estas casas jamais foram chamadas de “templos”, termo que

“santo lugar” dos cristãos é tão onipresente quanto seu Senhor ascendido! O culto não é algo que acontece em um determinado lugar em um certo momento. É um estilo de vida (J.G. Davies, *The Secular Use of Church Buildings*, New York: The Seabury Press, 1968, pp. 3-4).

^{28[28]} James D.G. Dunn, “The Responsible Congregation, 1 Coríntios 14:26-40,” em *Charisma e Ágape* (Rome: Abbey of St. Paul before the Wall, 1983), pp. 235-236.

^{29[29]} Minucius Felix, o apologeta cristão que viveu no século III declarou, “Não temos nem templos nem altares” (*The Octavius of Minucius Felix*, Capítulo 32). Veja também Robert Banks, *Paul’s Idea of Community* (Peabody: Hendrickson Publishers, 1994), pp. 8-14, 26-46.

^{30[30]} Atos 2:46; 8:3; 20:20; Rom. 16:3,5; 1 Cor. 16:19; Col. 4:15; Filemom 1:12; 2 João 10. Nota-se que naquela ocasião os cristãos utilizavam edifícios *já existentes* para propósitos especiais e temporários. O alpendre de Salomão e a escola de Tyrannus são exemplos (Atos 5:12; 19:9). Porém, suas reuniões normais da igreja sempre eram feitas em uma casa privada.

^{31[31]} *Ante Pacem*, p. 166. John A.T. Robinson escreveu “nos primeiros três séculos a igreja não teve quaisquer edifícios...” (*The New Reformation*, Philadelphia: The Westminster Press, 1965), p. 89.

^{32[32]} Robert Banks, *The Church Comes Home* (Peabody: Hendrickson Publishers, 1998), pp. 49-50. A casa em Dura Europos foi destruída em 256 d.C. De acordo com Frank Senn, “os cristãos dos primeiros séculos evitaram a publicidade dos cultos pagãos. Eles não tinham quaisquer santuários, templos, estátuas, ou sacrifícios. Eles não organizavam nenhum festival público, danças, performances musicais, nem peregrinações. O ritual central deles envolvia uma refeição de caráter doméstico e uma composição herdada do judaísmo. Realmente, os cristãos dos primeiros três séculos normalmente se encontravam em residências privadas convertidas em espaços de ajuntamento satisfatório para a comunidade cristã... Isto indica que a crueza ritual da adoração cristã primitiva não deve ser interpretada como um sinal de atraso, mas sim como um modo de enfatizar o caráter espiritual da adoração cristã” (*Christian Liturgy*, p. 53).

^{33[33]} Alguns argumentam que os cristãos anteriores a Constantino eram pobres e incapazes de possuir propriedade. Mas isto é falso. Sob a perseguição do Imperador Valeriano (253-260), por exemplo, toda propriedade possuída pelos cristãos foi confiscada (Philip Schaff, *History of the Christian Church: Volume 2*, Michigan: Eerdmans, 1910, p. 62). L. Michael White pontua que os cristãos primitivos tiveram acesso a estratos socioeconômicos mais elevados. Além disso, o ambiente greco-romano dos séculos II e III estava totalmente aberto a muitos grupos que adaptavam edifícios privados para uso comunal e religioso (*Building God’s House in the Roman World*, pp. 142-143).

^{34[34]} *Toward a House Church Theology* (Atlanta: New Testament Restoration Foundation, 1998), pp. 29-42.

^{35[35]} *Ante Pacem*, p. 67. Estas casas reformadas eram chamadas de *domus ecclesiae*.

^{36[36]} *Ibid.*, p. 46. L. Michael White, *Building God’s House in the Roman World* (Baltimore: John Hopkins University Press, 1990), Vol. 1, pp. 16-25.

^{37[37]} James F. White, *Protestant Worship and Church Architecture* (New York: Oxford University Press, 1964), pp. 54-55.

^{38[38]} *Christian History*, Volume XII, No. 1, Issue 37, p. 33.

^{39[39]} *To Preach or Not to Preach?* p. 25. Além dessa remodelação de casas privadas, Alan Kreider revela que “antes do século III, as congregações cresciam em número e riqueza. Assim, cristãos que se encontravam em *insulae* (ilhas), blocos de edifícios com vários andares contendo lojas e moradias, discretamente começaram a converter espaços privados em complexos domésticos reunidos para ajustar necessidades congregacionais. Eles derrubavam paredes para unir apartamentos, enquanto criavam espaços variados, grandes e pequenos. Tudo isso foi requerido pela vida de suas crescentes comunidades” (*Worship and Evangelism in Pre-Christendom*, Oxford: Alain/GROW Liturgical Study, 1995, p. 5).

os pagãos e judeus utilizavam para designar seus espaços sagrados. Os cristãos não chamaram seus edifícios de “templos” até o século XV!^{40[40]}

A Criação de Espaços e Objetos Sagrados.

Nos séculos II e III ocorreu uma mudança. Os cristãos começaram a adotar o costume pagão de reverenciar mortos.^{41[41]} Seu enfoque era a lembrança dos mártires.^{42[42]} Assim tiveram início as orações para os santos (que mais tarde viraram ladainhas).^{43[43]}

Os cristãos adotaram a prática pagã de refeições em honra dos mortos.^{44[44]} Práticas envolvendo o funeral cristão e o canto fúnebre também vieram diretamente do paganismo do século III.^{45[45]}

Os cristãos do século III se reuniam em dois tipos de locais: Suas próprias casas e o cemitério.^{46[46]} Eles se reuniam no cemitério por desejarem estar perto de seus irmãos mortos.^{47[47]} Eles acreditavam que compartilhar uma refeição em um cemitério onde fora enterrado um mártir significava celebrá-lo e cultuar juntamente com ele.^{48[48]}

Como os corpos dos mártires “santos” repousavam ali, começaram a encarar as sepulturas cristãs como “locais santos”.^{49[49]} Então os cristãos resolveram construir pequenos monumentos sobre tais locais — especialmente sobre as tumbas de santos famosos.^{50[50]} Construir um santuário em cima de uma tumba e chamá-lo “sagrado” também era uma prática pagã.^{51[51]}

Em Roma, os cristãos começaram a decorar as catacumbas (cemitérios subterrâneos)^{52[52]} com símbolos cristãos. Assim, a arte chegou a associar-se com os espaços sagrados. Clemente de Alexandria (150-215 d.C.) foi um dos primeiros cristãos a recomendar o uso de artes visuais na adoração.^{53[53]}

(É importante ressaltar que a cruz enquanto referência artística à morte de Cristo não foi adotada antes de Constantino.^{54[54]} O crucifixo, a representação artística do Salvador pregado na cruz, surgiu no século V.^{55[55]} O costume de fazer o “sinal da cruz” com a mão teve origem no século II).^{56[56]}

^{40[40]} *From Temple to Meeting House*, p. 195. Os teóricos renascentistas Alberti e Palladio estudaram os templos da Roma antiga e começaram a usar o termo “templo” referindo-se ao edifício da igreja cristã. Posteriormente, Calvino referiu-se aos edifícios cristãos como templos, adicionando-o ao vocabulário da Reforma (p. 207). Veja também *The Secular Use of Church Buildings* pp. 220-222 para o pensamento que conduziu até o uso cristão do termo “templo” como referência para um edifício da igreja.

^{41[41]} *Ante Pacem*, pp. 83, 143-144, 167.

^{42[42]} *Christian History*, Volume XII, No. 1, Issue 37, p. 2.

^{43[43]} *Ibid.*, p. 31.

^{44[44]} *Ante Pacem*, p. 65; Johannes Quasten, *Music and Worship in Pagan & Christian Antiquity* (Washington D.C.: National Association of Pastoral Musicians, 1983), pp. 153-154, 168-169.

^{45[45]} *Music and Worship in Pagan & Christian Antiquity*, pp. 162-168. Tertuliano (160-225) mostra os inexoráveis esforços por parte dos cristãos para anular o costume pagão do cortejo fúnebre. Contudo os cristãos sucumbiram a esse costume. Ritos funerários cristãos copiados de práticas pagãs começam a surgir no século III. (David W. Bercot, ed., *A Dictionary of Early Christian Beliefs*, Peabody: Hendrickson, 1998, p. 80; Everett Ferguson, ed., *Encyclopedia of Early Christianity*, New York: Garland Publishing, 1990, p. 163). Rezar pelos mortos parece ter nascido ao redor do século II. Tertuliano nos fala que era uma prática comum em seus dias. (*The Oxford Dictionary of the Christian Church*, Terceira Edição, p. 456). Veja também Frank Senn's *Christian Worship and Its Cultural Setting* (Philadelphia: Fortress Press, 1983), p. 41.

^{46[46]} *Ante Pacem*, p. 83.

^{47[47]} *Christian History*, Volume XII, No. 1, Issue 37, p. 35; *From Temple to Meeting House*, pp. 168-172.

^{48[48]} *Christian History*, Volume XII, No. 1, Issue 37, p. 35; Josef A. Jungmann, S.J., *The Early Liturgy: To the Time of Gregory the Great* (Notre Dame: Notre Dame Press, 1959), p. 141.

^{49[49]} *Protestant Worship and Church Architecture*, p. 60.

^{50[50]} Estes monumentos seriam transformados depois em magníficos edifícios de igreja.

^{51[51]} *The Early Liturgy*, p. 178; *From Temple to Meeting House*, pp. 164-167.

^{52[52]} Philip Schaff, *History of the Christian Church: Volume 2* (Michigan: Eerdmans, 1910), p. 292. “O uso de catacumbas durou aproximadamente três séculos, do final do século II ao final do século V” (*Ante Pacem*, p. 84). Ao contrário de convicção popular, não há nenhum fragmento de evidência histórica de que os cristãos romanos se esconderam nas catacumbas para escapar à perseguição. Eles se encontravam para ficar perto dos santos mortos (*Christian History*, Volume XII, No. 1, Issue 37, p. 35).

^{53[53]} *Christian History*, Volume XII, No. 1, Issue 37, p. 30.

^{54[54]} *Ante Pacem*, p. 27. “Na arte pré-constantina não há nenhum Jesus sofrendo ou morrendo. Não há nenhum símbolo de cruz, nem qualquer coisa equivalente” (p. 56). Philip Schaff diz que após a vitória de Constantino sobre Maxentius em 312 d.C., foram vistas cruzes em capacetes, fivelas, coroas, etc. (*History of the Christian Church: Volume 2*, p. 270).

^{55[55]} *Ante Pacem*, p. 165.

Por volta do século II, os cristãos passaram a venerar os ossos dos santos, tidos como santos e sagrados. Eventualmente, isso deu origem às coleções de relíquias.^{57[57]} A reverência aos mortos foi a maior motivação na formação de comunidades no Império Romano.^{58[58]} Agora os cristãos acrescentavam tais coisas à sua própria fé.^{59[59]}

No final do século II houve uma mudança na forma de ver a Ceia do Senhor. A Ceia era uma refeição completa dentro de um cerimonial chamado “Comunhão Santa”.^{60[60]}

Durante o século IV, esta tendência beirou o ridículo. O cálice e o pão eram vistos como geradores de um senso de assombro, pavor e mística. Chegou a ponto das igrejas do Oriente colocarem um toldo sobre a mesa do altar^{61[61]} onde estavam o pão e o cálice.^{62[62]} (No século XVI colocaram grades na mesa do altar^{63[63]} As grades significavam que a mesa do altar era um objeto santo que poderia ser tocado apenas por pessoas santas — ou seja, o clero!).^{64[64]}

Pelo século III, os cristãos tinham não apenas lugares sagrados, eles tinham também objetos sagrados. (Logo eles desenvolveriam um sacerdócio sagrado). Dessa forma, os cristãos dos séculos II e III começaram a assimilar o pensamento mágico característico dos pagãos.^{65[65]} Todos estes fatores prepararam o terreno para que o homem desse início à construção de edifícios eclesiásticos.

Constantino — Pai do Edifício da Igreja

A história de Constantino (285-337 d.C.) abre uma página tenebrosa na história da cristandade. Foi ele quem iniciou a construção dos edifícios eclesiásticos.^{66[66]} A história é assombrosa.

Quando Constantino entrou em cena, era favorável que os cristãos escapassem de sua condição de desprezo e de minoria. A tentação pela aceitação foi por demais forte para resistir e a bola de neve constantiniana começou a rolar.

Em 312 d.C., Constantino tornou-se César do Império Ocidental.^{67[67]} Em 324, ele tornou-se Imperador de todo Império Romano. Pouco tempo depois ele começou a ordenar a construção de edifícios de igreja. Ele fez isso para promover a popularidade e a aceitação da cristandade. Se os

^{56[56]} *History of the Christian Church: Volume 2*, pp. 269-270.

^{57[57]} Relíquia é um material relacionado aos restos materiais de um santo após a morte dele como também qualquer objeto sagrado que entrou em contato com o corpo dele. A palavra “relíquia” vem da palavra latina *reliquere*, que significa “deixado para trás”. A primeira evidência da reverência a relíquias surgiu por volta de 156 d.C. no *Martyrium Polycarpi*. Neste documento, as relíquias de Policarpo são consideradas mais valiosas que pedras preciosas e ouro (*The Oxford Dictionary of the Christian Church*, Terceira Edição, p. 1379); Father Michael Collins and Matthew A. Price, *The Story of Christianity* (DK Publishing, 1999), p. 91; *The Early Liturgy*, pp. 184-187.

^{58[58]} *Ante Pacem*, p. 91.

^{59[59]} *From Temple to Meeting House*, pp. 168-172.

^{60[60]} Veja Capítulo 8 para detalhes.

^{61[61]} Esta é a mesa onde a sagrada comunhão é colocada. A altar-mesa significa o que é ofertado a Deus (o altar) e o que é dado ao homem (a mesa). *Protestant Worship and Church Architecture*, p. 40. Altares laterais não entraram em uso até Gregório o Grande (*The History of Christianity: Volume 3*, p. 550).

^{62[62]} *Protestant Worship and Church Architecture*, p. 63.

^{63[63]} *Ibid.*, p. 42.

^{64[64]} No quarto século, o leigo foi proibido de ir ao altar. Edwin Hatch, *The Growth of Church Institutions* (Hodder and Stoughton, 1895), pp. 214-215.

^{65[65]} Norman Towar Boggs, *The Christian Saga* (New York: The Macmillan Company, 1931), p. 209.

^{66[66]} *A Historical Approach to Evangelical Worship*, p. 103; *History of the Christian Church: Volume 3*, p. 542. Schaff escreve: “Depois da cristandade ser reconhecida pelo estado e autorizada a ter propriedades, ela erigiu casas de adoração em todas as partes do Império Romano. Provavelmente havia mais edifícios deste tipo no século IV do que houve em qualquer período, talvez com exceção do século XIX nos Estados Unidos...” Veja também *To Preach or Not to Preach?*, p. 29. Norrington mostra que na medida em que os Bispos dos séculos IV e V cresciam em riqueza, eles canalizaram tais riquezas através de um elaborado programa de construção de igrejas. Everett Ferguson escreve, “Até a era Constantino não encontramos edifícios especialmente construídos, primeiro eram simples salões, depois basílicas constantinas. Antes de Constantino, todas as estruturas usadas para reuniões da igreja eram “casas ou edifícios comerciais modificados para uso da igreja” (*Early Christians Speak*, p. 74).

^{67[67]} No ano 312 d.C., Constantino derrotou o Imperador Maxentius do Ocidente na batalha da Ponte Milviana. Constantino afirmou que na véspera da batalha ele viu um sinal da cruz nos céus e foi convertido a Cristo. (Ken Connolly, *The Indestructible Book*, Grand Rapids: Baker Books, 1996, pp. 39-40)

cristãos tivessem seus próprios edifícios sagrados — como tinham os judeus e os pagãos — a fé cristã seria legitimada no Império.

É importante entender a tática de Constantino — porque ele foi o útero que concebeu o edifício da igreja. O pensamento de Constantino era dominado pela superstição e pela magia pagã. Mesmo após tornar-se Imperador, ele permitiu às velhas instituições pagãs permanecerem como eram antes.^{68[68]}

Mesmo após sua conversão ao cristianismo, Constantino nunca abandonou sua adoração ao deus sol. Ele manteve a imagem do sol cunhada na moeda.^{69[69]} Ele montou uma estátua do deus sol que sustentava sua própria imagem no Foro de Constantinopla (sua nova capital).^{70[70]} Constantino também mandou construir uma estátua da deusa Cibele, (embora apresentada em postura de adoração cristã).^{71[71]}

(Historiadores continuam a debater se Constantino foi ou não um genuíno cristão. O fato de ter ordenado a execução de seu filho mais velho, seu sobrinho, e seu cunhado, não fortalece o expediente no que diz respeito à sua conversão.^{72[72]} Mas não estamos aqui para levar avante esse tipo de discussão).

Em 321 d.C., Constantino decretou o domingo como dia de descanso — um feriado legal.^{73[73]} Parece que a intenção de Constantino era honrar ao deus Mitrás, o Sol Invencível.^{74[74]} (Constantino descreveu o domingo como “o dia do sol”).^{75[75]} Confirmando sua afinidade com a adoração do sol, as escavações de São Pedro de Roma descobriram um mosaico de Cristo como o Sol Invencível.^{76[76]}

Praticamente até o dia de sua morte Constantino “agia como um sumo sacerdote pagão”.^{77[77]} Na realidade ele detinha o título pagão de *Pontifex Máximus*, que significa o chefe dos sacerdotes pagãos!^{78[78]} (No século XV este mesmo título chegou a ser o título honorífico do Papa Católico).^{79[79]}

Constantino usou decorações e rituais tanto pagãos como cristãos na dedicatória de sua nova capital, Constantinopla.^{80[80]} Ele utilizou fórmulas de magia pagã para proteger as colheitas e sanar as enfermidades.^{81[81]}

Além disso, toda evidência histórica indica que Constantino era egomaníaco. Quando construiu a nova “Igreja dos Apóstolos”, ele erigiu monumentos aos doze Apóstolos, os quais ladeavam um único sepulcro central. Esta tumba Constantino reservou para si mesmo — nomeando-se o décimo

^{68[68]} Isto inclui os templos, sacerdotes oficiais, colegiado de pontífices, virgens vestais, e o título (que reservou para si mesmo) *Pontifex Maximus* (chefe dos sacerdotes pagãos). Monsignor Louis Duchesne, *Early History of the Christian Church: From Its Foundation to the End of the Fifth Century* (London: John Murray, 1912), pp. 49-50; M.A. Smith, *From Christ to Constantine* (Downer's Grove: InterVarsity Press, 1973), p. 172.

^{69[69]} Paul Johnson, *A History of Christianity* (New Your: Simon & Schuster, 1976), p. 68.

^{70[70]} *Ibid.*, 68.

^{71[71]} *Ibid.*

^{72[72]} Ele também é acusado da morte de sua segunda esposa, entretanto alguns historiadores acreditam que este é um falso rumor. Joan E. Taylor, *Christians and the Holy Places: The Myth of Jewish-Christian Origins* (Oxford: Clarendon Press, 1993), p. 297; *History of the Christian Church: Volume 3*, pp. 16-17; Ramsay MacMullen, *Christianizing the Roman Empire: d.C. 100-400* (London: Yale University Press, 1984), pp. 44-58.

^{73[73]} Kim Tan, *Lost Heritage: The Heroic Story of Radical Christianity* (Godalming: Highland Books, 1996), p. 84.

^{74[74]} Aparentemente Constantino achava que o Sol Invencível (um deus pagão) e Cristo eram algo compatíveis (Justo L. Gonzalez, *The Story of Christianity*, Peabody: Prince Press, 1999, pp. 122-123).

^{75[75]} *Christian History*, Volume XII, No. 1, Issue 37, p. 20.

^{76[76]} *Ibid.*; *The Early Liturgy*, p. 136.

^{77[77]} *The Story of Christianity* (Gonzalez), p. 123.

^{78[78]} *Pagans and Christians*, p. 666; *Caesar to Christ*, pp. 63,656.

^{79[79]} *The Oxford Dictionary of the Christian Church*, Terceira Edição, p. 1307.

^{80[80]} Constantino dedicou a nova cidade em 11 de maio de 330. Ele a adornou com tesouros retirados de templos pagãos ao longo do Leste. Robert M. Grant, *Early Christianity and Society* (San Francisco: Harper and Row Publishers, 1977), p. 155.

^{81[81]} *Caesar to Christ*, p. 656.

terceiro e principal Apóstolo!^{82[82]} Constantino não apenas deu continuidade à prática pagã de veneração aos mortos,^{83[83]} ele também pretendeu incluir-se no rol desses mortos ilustres!^{84[84]}

Constantino também fortaleceu a noção pagã de objetos e espaços sagrados.^{85[85]} Devido principalmente à sua influência, o comércio de relíquias passou a ser bem comum na igreja.^{86[86]} Pelo século IV, a obsessão pelas relíquias se disseminou de tal forma que alguns cristãos se posicionaram contra essa prática definindo-a como “*Uma odiosa observância introduzida nas igrejas sob o disfarce da religião... Uma obra de idólatras*”.^{87[87]}

Constantino também se destacou por trazer à fé cristã a idéia de “lugar santo” baseado no modelo do santuário pagão.^{88[88]} Foi por causa da aura do “sagrado” que os cristãos do século IV anexaram a Palestina, e a tornaram conhecida como “a Terra Santa” no século VI.^{89[89]}

O que mais impressiona é que depois de morto Constantino foi declarado “divino”. (Este foi um costume aplicado a todos os Imperadores pagãos que morreram antes dele).^{90[90]} Após a morte de Constantino, o Senado proclamou-o deus pagão.^{91[91]} E ninguém os impediu de fazer isso.

Neste ponto, uma palavra precisa ser dita acerca de Helena, mãe de Constantino. Essa mulher ficou famosa por sua obsessão com relíquias. Em 326 d.C., Helena fez uma peregrinação à Terra Santa.^{92[92]} Em 327 d.C., em Jerusalém, ela declarou ter encontrado a cruz e os pregos utilizados na crucificação de Jesus.^{93[93]} Consta que Constantino promoveu a idéia de que os pedacinhos de madeira da cruz de Cristo possuíam poderes mágicos!^{94[94]} A verdade é que uma mentalidade de magia pagã operou no Imperador Constantino. Indiscutivelmente, o pai do edifício da igreja.

O Programa de Construção de Constantino

Depois da viagem de Helena a Jerusalém em 327 d.C., Constantino começou a construir os primeiros edifícios de igrejas ao longo do Império Romano.^{95[95]} Ao fazê-lo, ele seguiu a trilha pagã de erigir templos para honrar a Deus.^{96[96]}

É interessante o fato dele ter nomeado suas igrejas com nomes de santos — da mesma forma que os pagãos nomeavam seus templos com nomes de seus deuses. Ele construiu suas primeiras igrejas sobre os cemitérios onde os cristãos honravam seus santos mortos.^{97[97]} Quer dizer, ele as

^{82[82]} *A History of Christianity*, p. 69; *Early History of the Christian Church*, p. 69. Na Igreja Oriental, Constantino é atualmente tido como o 13º apóstolo e é venerado como um santo (*The Oxford Dictionary of the Christian Church*, Terceira Edição, p. 405; *Christians and the Holy Places*, p. 303).

^{83[83]} *Christians and the Holy Places*, p. 316.

^{84[84]} *Ante Pacem*, p. 93.

^{85[85]} *Christians and the Holy Places*, p. 308; *The Secular Use of Buildings*, pp. 222-237.

^{86[86]} A noção de que relíquias tinham poderes mágicos não pode ser creditada aos judeus, porque eles acreditavam que qualquer contato com um corpo morto era coisa suja. Esta idéia foi completamente pagã (*The Christian Saga*, p. 210).

^{87[87]} *A History of Christianity*, p. 106. Esta citação é de Vigilantius.

^{88[88]} *Christians and the Holy Places*, pp. 317, 339-341.

^{89[89]} *Ibid.*, p. 341.

^{90[90]} *The Christian Saga*, p. 202.

^{91[91]} *The Story of Christianity* (Gonzalez), p. 123.

^{92[92]} *The Oxford Dictionary of the Christian Church*, Terceira Edição, p. 1379. Helena peregrinou à Terra Santa imediatamente após a execução do filho de Constantino e o “suicídio” de sua esposa (*Pagans and Christians*, pp. 670-671, 674).

^{93[93]} Oscar Hardman, *A History of Christian Worship* (Tennessee: Parthenon Press, 1937). Helena deu a Constantino dois destes pregos: Um para seu diadema e o outro para o cabresto de seu cavalo (*A History of Christianity*, p. 106; *Early History of the Christian Church*, pp. 64-65). “Dizia-se que a cruz tinha poderes milagrosos, e foram encontrados pedaços de madeira por todo o Império, que reivindicavam pertencer a ela” (*The Story of Christianity*, Gonzalez, p. 126). A lenda da descoberta da cruz por Helena originou-se em Jerusalém na segunda metade do século IV e rapidamente esparramou-se por todo o Império.

^{94[94]} *Christians and the Holy Places*, p. 308; *The Christian Saga*, pp. 206-207.

^{95[95]} Alguns destes edifícios da igreja foram erguidos às custas do Estado (*Pagans and Christians*, pp. 667-668).

^{96[96]} *Christians and the Holy Places*, p. 309.

^{97[97]} *Ante Pacem*, p. 65. Tais locais são mencionados como *martyria*.

construiu sobre os restos mortais dos santos mortos.^{98[98]} Por quê? Porque, desde pelo menos um século antes os cemitérios onde os santos foram enterrados eram tidos como “campo santo”.^{99[99]}

Muitas dessas gigantescas edificações foram construídas sobre as tumbas dos mártires.^{100[100]} Essa prática era baseada na idéia de que os mártires tinham o mesmo poder anteriormente atribuído aos deuses pagãos.^{101[101]} Mesmo sendo uma prática pagã os cristãos adotaram esta idéia mordendo o anzol.

Os mais famosos “espaços santos” foram: São Pedro, sobre o Monte do Vaticano (erigido em cima da suposta tumba de Pedro).^{102[102]} São Paulo, do lado de fora dos muros da cidade (construída em cima da suposta tumba de Paulo),^{103[103]} A deslumbrante e magnífica igreja do Santo Sepulcro em Jerusalém (construída em cima da suposta tumba de Cristo),^{104[104]} e a igreja da Natividade em Belém (construída sobre a suposta gruta onde Cristo nasceu).^{105[105]} Constantino construiu nove igrejas em Roma e muitas outras em Jerusalém, Belém e Constantinopla.^{106[106]}

Querido cristão observe! As raízes do “sagrado” edifício da igreja são completamente pagãs. O edifício da igreja foi inventado por um professo ex-pagão dotado de uma mente completamente pagã. Tais edifícios da igreja foram construídos sobre a idéia pagã de que o morto cria um espaço santo. Por favor, lembre-se disto toda vez que você escutar alguém se referir a um edifício como casa “santa” e “sagrada” de Deus.

Explorando os Primeiros Edifícios de igrejas.

Pelo fato da edificação ser considerada sagrada, o congregante necessitava passar por um ritual de purificação antes de entrar. Então, no século IV, foram construídos tanques no pátio para que os cristãos pudessem lavar-se antes de entrar no edifício.^{107[107]}

Os edifícios de Constantino eram espaçosos, magníficos e tidos como “dignos de um Imperador”. Eram tão esplêndidos que seus contemporâneos pagãos notaram que “estes gigantescos edifícios imitavam” a estrutura dos templos pagãos!^{108[108]} E isto não era por acaso. Constantino decorava abundantemente os novos edifícios com arte pagã!^{109[109]}

Os edifícios das igrejas construídas por Constantino eram desenhados exatamente conforme o modelo da basílica.^{110[110]} A basílica era o edifício governamental mais comum.^{111[111]} Era desenhada segundo o estilo dos templos pagãos.^{112[112]}

^{98[98]} Ibid., p. 92; *Christian History*, Volume XII, No. 1, Issue 37, p. 35.

^{99[99]} *Christians and the Holy Places*, pp. 340-341. Como J.G. Davies diz, “Como os primeiros cristãos não tiveram nenhum santuário sagrado, a necessidade para consagração não surgiu. Foi apenas no século IV, com a paz na igreja, que a prática de dedicar edifícios começou (*The Secular Use of Buildings*, pp. 9, 250)”.

^{100[100]} *A History of Religious Architecture*, p. 62.

^{101[101]} *A History of Christianity*, p. 209.

^{102[102]} *Ante Pacem*, p. 109. O edifício de São Pedro media 835 pés de largura.

(*Christian History*, Volume XII, No. 1, Issue 37, p. 35).

^{103[103]} *The Oxford Dictionary of the Christian Church*, Terceira Edição, p. 1442.

^{104[104]} Edward Norman, *The House of God: Church Architecture, Style, and History* (London: Thames and Hudson, 1990), pp. 38-39.

^{105[105]} Ibid., p. 31.

^{106[106]} *Protestant Worship and Christian Architecture*, p. 56; *Building God's House in the Roman World*, p. 150; *Early Christianity and Society*, pp 152-155.

^{107[107]} *From Temple to Meeting House*, p. 185.

^{108[108]} Esta frase é do escritor anticristão Porfírio (*The Secular Use of Church Buildings*, p. 8). Porfírio disse que os cristãos eram inconsistentes porque ao mesmo tempo em que criticavam a adoração pagã erguiam edifícios imitando templos pagãos! (*Building God's House in the Roman World*, p. 129).

^{109[109]} *The Story of Christianity* (Gonzalez), p. 122. De acordo com o Professor Harvey Yoder, Constantino construiu a igreja original de Hagia Sophia (a igreja de sabedoria) no local de um templo pagão e importou 427 estátuas pagãs do Império para decorá-la. (“From House Churches to Holy Cathedrals,” Conferência proferida em Harrisburg, VA, Oct., 1993).

^{110[110]} *The Founders of the Western World*, p. 209. A primeira basílica foi a igreja de São João Lateran construída por uma doação do palácio imperial em 314 d.C. (*Building God's House in the Roman World*, p. 18). “Constantino, ao decidir qual o modelo da igreja pioneira de São João Lateran, escolheu a basílica. Assim, a basílica foi adotada como padrão para os locais de culto cristão de Roma” (Lionel Casson, *Everyday Life in Ancient Rome*, Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1998, p. 133).

As basílicas cumpriam mesma função dos auditórios das universidades de hoje. Com assentos extremamente confortáveis para acomodar as pessoas dóceis e passivas que presenciavam os eventos. Esta foi uma das razões pelas quais Constantino escolheu ao modelo da basílica.^{113[113]}

Ele também a favoreceu por sua fascinação com a adoração ao sol. As basílicas foram desenhadas de tal maneira que os raios solares caíam sobre o orador enquanto este falava à congregação.^{114[114]} Igual aos templos gregos e romanos, as basílicas cristãs foram construídas com a fachada voltada para o leste.^{115[115]}

Exploremos a basílica cristã por dentro. Era uma réplica exata da basílica romana usada pelos magistrados e oficiais romanos. As basílicas cristãs possuíam uma plataforma elevada de onde os clérigos ministravam. A plataforma tinha uma elevação com vários degraus.^{116[116]} Também havia uma grade que separava o clero dos leigos.^{117[117]}

No centro do edifício ficava o altar. Era uma mesa (mesa do altar) ou arca coberta por uma tampa.^{118[118]} O altar era considerado o lugar mais santo do edifício por duas razões. Primeiramente, este continha relíquias dos mártires.^{119[119]} (Após o século V, a presença de uma relíquia no altar era essencial para a legitimação da igreja).^{120[120]} Em segundo lugar, a Eucaristia (o pão e o cálice) estavam sobre o altar.

A Eucaristia, agora vista como um sacrifício sagrado, era oferecida sobre o altar.^{121[121]} Por serem considerados como “homens santos”, apenas e tão somente ao clero era permitido receber a Eucaristia dentro do cercado!^{122[122]}

Em frente ao altar havia a cadeira do Bispo chamada de *cátedra*.^{123[123]} A expressão *ex-cátedra* deriva desta cadeira. *Ex-cátedra* significa “desde o trono”.^{124[124]} A cadeira do Bispo, ou “trono” segundo seu nome original, era a maior e mais elegante dentro do edifício. Esta cadeira ficava no lugar da cadeira do juiz da basílica romana.^{125[125]} Era rodeada por duas fileiras de cadeiras reservadas para os anciãos.^{126[126]}

O sermão era pregado desde a cadeira do Bispo.^{127[127]} O poder e a autoridade repousavam nessa cadeira. A cadeira era coberta com um pano feito de linho branco. Os anciãos e diáconos se

^{111[111]} *Christian History*, Volume XII, No. 1, Issue 37, p. 19; *The House of God*, p. 24; *The Early Liturgy*, p. 123. A palavra basílica vem da palavra grega *basileus* que significa “rei”. Os arquitetos cristãos adaptaram o plano pagão na medida em que instalaram um altar em um grande espaço, arredondado ou abobadado, no limite do edifício onde o rei ou o juiz sentava; o Bispo agora tomava o lugar do dignitário pagão”. Father Michael Collins and Matthew A. Price, *The Story of Christianity* (DK Publishing, 1999), p. 64.

^{112[112]} *Protestant Worship and Christian Architecture*, p. 56. Um pesquisador católico declara, “bem antes da era cristã, várias seitas e associações pagãs adaptaram o estilo da basílica como edifício de culto” (*The Early Liturgy*, p. 123; *From Temple to Meeting House*, pp. 162-163. Além disso, Gregory Dix demonstra que as igrejas de Constantino em Jerusalém e Belém, construídas entre 320 e 330 d.C., tiveram santuários pagãos sírios como modelo (*The Shape of the Liturgy*, New York: The Seabury Press, 1982, p. 26).

^{113[113]} Michael Gough, *The Early Christians* (London: Thames and Hudson, 1961), p. 134.

^{114[114]} *The Early Christians*, p. 134.

^{115[115]} *The Early Liturgy*, p. 137.

^{116[116]} *Protestant Worship and Church Architecture*, p. 57.

^{117[117]} *Ibid.*, pp. 57, 73-74. “Ver o edifício da igreja dessa forma significava que este não era mais a casa do povo de Deus para seu culto comum, mas a Casa de Deus que lhes permitia prestar a devida reverência. Eles tinham que entrar na nave (onde a congregação sentava ou permanecia em pé) e se abster de entrar no santuário (a plataforma do clero) que era o lugar do coro ou o santuário reservado para o sacerdócio” (*From Temple to Meeting House*, p. 244; *The Growth of Church Institutions*, pp. 219-220).

^{118[118]} Foram feitos altares primeiramente de madeira. Posteriormente, no início do século VI, eles foram feitos de mármore, pedra, prata, ou ouro (*The History of Christianity: Volume 3*, p. 550).

^{119[119]} *Ante Pacem*, p. 93; *Protestant Worship and Church Architecture*, p. 58; William D. Maxwell, *An Outline of Christian Worship: Its Developments and Forms* (New York: Oxford University Press, 1936), p. 59.

^{120[120]} *A History of Christianity*, p. 204.

^{121[121]} *The History of Christianity: Volume 3*, pp. 549-550. No edifício da Igreja Protestante, o púlpito está no primeiro plano e a mesa do altar está no fundo.

^{122[122]} *Ibid.*, p. 551.

^{123[123]} *A History of Religious Architecture*, p. 64.

^{124[124]} *The Oxford Dictionary of the Christian Church*, Terceira Edição, p. 302.

^{125[125]} *Protestant Worship and Church Architecture*, p. 57.

^{126[126]} *The Secular Use of Church Buildings*, p. 11; *The Shape of the Liturgy*, p. 28.

^{127[127]} *Protestant Worship and Church Architecture*, p. 59.

sentavam em ambos os lados, formando um semicírculo.^{128[128]} A distinção hierárquica encravada na arquitetura da basílica era inconfundível.

É interessante que a maioria dos edifícios das igrejas modernas possuem cadeiras especiais para o pastor e seus auxiliares situadas sobre a plataforma atrás do púlpito. Assim como no caso do trono do Bispo, a cadeira do pastor geralmente é a maior! Tudo isso são vestígios da basílica pagã.

Somando-se a tudo isso, Constantino não destruiu templos pagãos em uma larga escala, nem tampouco os fechou.^{129[129]} Em alguns lugares os templos pagãos existentes foram esvaziados de seus ídolos e convertidos em edifícios cristãos.^{130[130]} Os cristãos usaram materiais das ruínas de templos pagãos e construíram novos edifícios cristãos nesses locais.^{131[131]}

As Maiores Influências no Culto

O edifício da igreja produziu mudanças significativas na adoração cristã. Pelo fato do Imperador ser a “personalidade” número um na igreja, um simples cerimonial não era suficiente. Para poder honrá-lo, a pompa e os rituais da corte imperial foram adotados pela liturgia cristã.^{132[132]}

Era costume dos imperadores romanos serem precedidos por luzeiros quando apareciam em público. Estes luzeiros eram acompanhados de uma tina incandescente cheia de especiarias aromáticas.^{133[133]} Seguindo as normas deste costume, Constantino introduziu as velas e a queima de incenso como parte dos cultos da igreja. Toda essa parafernália acompanhava o clero quando ele entrava em cena!^{134[134]}

Sob o reino de Constantino, os clérigos, que usavam roupas normais no princípio, passaram a vestir-se com roupa especial. Que tipo de roupa especial era esta? Eram peças do vestuário dos oficiais romanos. Ademais, se introduziram vários gestos de respeito aos membros do clero que eram semelhantes aos dedicados aos oficiais romanos.^{135[135]}

Também foi adotado o costume romano de iniciar o culto com músicos profissionais. Para este propósito, corais foram treinados e trazidos para a igreja cristã.^{136[136]} O culto tornou-se mais profissional, dramático e cerimonial.

Todas estas características foram copiadas da cultura greco-romana e diretamente inseridas nas atividades da igreja cristã.^{137[137]} A cristandade do século XIV foi profundamente moldada pelo paganismo grego e pelo imperialismo romano.^{138[138]} O resultado imediato de tudo isso foi uma perda da intimidade e da participação aberta. Enquanto os clérigos profissionais dirigiam os atos do culto, os leigos os observavam como espectadores.^{139[139]}

Como prontamente admite um erudito católico, com a vinda de Constantino “vários costumes da velha cultura romana fluíram para a liturgia cristã... Até mesmo o cerimonial envolvendo o

^{128[128]} *The Shape of the Liturgy*, p. 28.

^{129[129]} *Early Christianity and Society*, p. 155.

^{130[130]} *The House of God*, pp. 23-24.

^{131[131]} *Christian History*, Volume XII, No. 1, Issue 37, p. 19. Gregório o Grande (540-604) foi o primeiro a prescrever o uso de água benta e de relíquias cristãs para purificar templos pagãos para uso cristão. Veja, *A History of the Christian Church and People* (New York: Dorset Press, 1985), pp. 86-87 (Book I, Capítulo 30). Estas páginas contêm instruções de Gregório o Grande sobre como templos pagãos seriam santificados para uso cristão. Veja também John Marcos Terry, *Evangelism: A Concise History* (Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1994), pp. 48-50; *The Secular Use of Church Buildings*, p. 251.

^{132[132]} *Ibid.*, p. 20; *Protestant Worship and Church Architecture*, p. 56.

^{133[133]} *The Early Liturgy*, p. 132.

^{134[134]} Richard Krautheimer, *Early Christian and Byzantine Architecture* (Middlesex: Penguin Books, 1986), pp. 40-41. Krautheimer dá uma descrição vívida do paralelo entre o serviço imperial romano e a liturgia cristã sob Constantino.

^{135[135]} *The Early Liturgy*, pp. 129-133.

^{136[136]} Veja o Capítulo 6 para uma discussão completa sobre a origem do coro.

^{137[137]} *The Story of Christianity* (Gonzalez), p. 125.

^{138[138]} Kenneth Scott Latourette traça a forte influência do paganismo greco-romano na fé cristã em seu livro *A History of Christianity* (New York: Harper and Brothers, 1953), pp. 201-218.

^{139[139]} *Protestant Worship and Church Architecture*, p. 56.

antigo culto ao Imperador enquanto deidade encontrou lugar no culto da igreja, apenas em seu formato secular”.^{140[140]}

Constantino proveu a paz para todos os cristãos.^{141[141]} Sob seu reino, a fé cristã foi legitimada. Na realidade esta superou em tamanho tanto o Judaísmo como o paganismo.^{142[142]}

Por estas razões, os cristãos viram a ascensão de Constantino ao trono do Império como um ato de Deus. Como um instrumento de Deus para resgatá-los. Agora a cultura cristã e a cultura romana eram moldadas conjuntamente.^{143[143]}

O edifício cristão revela que a igreja, de uma ou de outra forma, fechou uma íntima aliança com a cultura pagã.^{144[144]} Conforme disse Will Durantt, “*As ilhas pagãs permaneceram na propagação do mar Cristão*”.^{145[145]} Isto representou um trágico distanciamento da simplicidade primitiva que a igreja de Jesus Cristo conheceu.

Os cristãos do século I eram avessos ao mundo e evitavam qualquer contato com o paganismo. Tudo isso mudou durante o século IV quando a igreja emergiu como uma instituição pública no mundo e começou a “*absorver e cristianizar idéias e práticas religiosas pagãs*”.^{146[146]} Como disse certo historiador, “*o edifício da igreja substituiu o templo; o patrimônio da igreja substituiu as terras e os tesouros dos templos*”.^{147[147]} Sob Constantino, todas as propriedades da igreja eram isentas de impostos.^{148[148]}

Conseqüentemente, a história do edifício da igreja é a triste saga do cristianismo adotando práticas da cultura pagã. Foi uma adoção que transformou radicalmente a cara de nossa fé.^{149[149]} Os edifícios das igrejas das Eras Constantino e pós Constantino tornaram-se santuários sagrados.^{150[150]} Os cristãos abraçaram o conceito de templo. Eles se impregnaram com a idéia pagã de que existe um lugar especial onde Deus mora de uma maneira especial. E que esse lugar é feito “por mãos [humanas]”.^{151[151]}

Como os demais costumes pagãos absorvidos pela fé cristã (liturgia, sermão, veste clerical, estrutura hierárquica de liderança, etc.), os cristãos do terceiro e quarto século atribuíram incorretamente a origem do edifício da igreja ao Antigo Testamento.^{152[152]} O edifício da igreja não foi inspirado no Antigo Testamento.

^{140[140]} *The Early Liturgy*, pp. 130, 133.

^{141[141]} Os historiadores chamam o período do reino de Constantino como o reino “da Paz”. A paz veio com o Édito de Galeriano em 311 d.C. Foi popularizado pelo Édito de Milão em 313 d.C. Somente 11 anos depois do Édito de Milão, Constantino, o primeiro Imperador Cristão, chegou a ser o único soberano do Império Romano (*The Story of Christianity* (Gonzalez), pp. 106-107; *Caesar to Christ*, p. 655).

^{142[142]} Adolf Von Harnack estima que haviam de três a quatro milhões de cristãos no Império no começo do reinado de Constantino. *The Mission and Expansion of Christianity in the First Three Centuries, Volume 2* (New York: G.P. Putnam’s Sons, 1908), p. 325. Outros calculam era apenas quatro ou cinco por cento da população do Império (*Christians and the Holy Places*, p. 298).

^{143[143]} *A History of Christianity*, p. 126; *Christian History*, Volume XII, No. 1, Issue 37, p. 19.

^{144[144]} *The Early Liturgy*, p. 123.

^{145[145]} Will Durant, *The Age of Faith* (New York: Simon & Schuster, 1950), p. 8.

^{146[146]} *The Search for the Origins of Christian Worship*, p. 65.

^{147[147]} *Early Christianity and Society*, p. 163.

^{148[148]} Constantino concedeu isenção de imposto em 323 d.C. (*Caesar and Christ*, p. 656).

^{149[149]} *Christian History*, Volume XII, No. 1, Issue 37, p. 20.

^{150[150]} *From Temple to Meeting House*, pp. 167, 180. Constantino construiu santuários cristãos em locais historicamente bíblicos (*Pagans and Christians*, p. 674).

^{151[151]} Compare isto com Marcos 14:58, Atos 7:48, 2 Cor. 5:1, Heb. 9:11, e Heb. 9:24.

^{152[152]} *To Preach or Not to Preach?*, p. 29. J.D. Davies escreve, “Quando os cristãos começaram a construir suas grandes basílicas, eles tomaram a Bíblia como guia e aplicaram tudo o que foi dito sobre o Templo de Jerusalém para seus novos edifícios, aparentemente ignorantes do fato de que fazendo assim eles estavam se comportando contrariamente à perspectiva do NT”. Davies afirma que o culto aos santos [veneração aos santos mortos] e sua definitiva penetração nos edifícios da igreja finalmente marcaram seu selo na perspectiva da igreja enquanto lugar santo “para o qual os cristãos deveriam adotar a mesma atitude que os judeus adotaram para com o Templo de Jerusalém e os pagãos para com seus santuários” (*The Secular Use of Church Buildings*, pp. 16-17). Oscar Hardman escreve, “o sistema romano de administração e a arquitetura de seus casarões e salões públicos proporcionaram uma sugestiva orientação à igreja na classificação de sua hierarquia, na subsequente definição das esferas jurisdicionais, e na edificação de locais de culto” (*A History of Christian Worship*, pp. 13-14).

O edifício da igreja foi adotado diretamente da cultura pagã conforme já vimos. “*Rituais solenes e sacramentais se infiltraram nos cultos da igreja pela via do misticismo [do culto pagão], e foram justificados da mesma forma que muitas outras coisas, com alguma referência do Antigo Testamento*”.^{153[153]}

Usar o Antigo Testamento como justificativa para o edifício da igreja é não apenas incorreto como também contraproducente. A velha parafernália mosaica de sacerdotes sagrados, edifícios sagrados, rituais sagrados e objetos sagrados foi destruída para sempre na cruz de Cristo. Além disso, no lugar de tudo isso foi colocado um organismo sem hierarquia, sem rituais, sem liturgia, chamado *ekklesia* (igreja).^{154[154]}

A Evolução da Arquitetura da Igreja

Depois da era Constantino os edifícios das igrejas passaram por várias etapas diferentes. (É demasiado complicado detalhá-las aqui). Para citar um pesquisador: “*As mudanças da arquitetura eclesiástica são mais resultado de uma mutação do que de uma contínua linha de evolução*”.^{155[155]} Estas mutações não contribuíram muito para alterar as características arquitetônicas dominantes que criaram o clero monopolizador e a congregação inerte.^{156[156]}

Examinando rapidamente a arquitetura eclesiástica vemos que após Constantino, a arquitetura cristã passou da fase basilical para a fase bizantina.^{157[157]} As igrejas bizantinas tinham grandes cúpulas centrais além de ícones e mosaicos decorativos.^{158[158]}

Depois da arquitetura bizantina veio a Românica.^{159[159]} Os edifícios românicos se caracterizavam por uma elevação de três plantas, com gigantescas colunas sustentando arcos redondos e um interior colorido.^{160[160]} Este estilo surgiu pouco depois de Carlos Magno ser proclamado Imperador do Santo Império Romano em 25 de dezembro de 800 d.C.

Após o período românico veio a era gótica no século XII. A arquitetura gótica foi marcada por catedrais com abóbadas, arcos e pilastras pendentes.^{161[161]} O termo “catedral” se deriva de *cátedra*. Catedral é o edifício que contem a *cátedra*, a cadeira do Bispo. Catedral é a igreja que contém o “trono” do Bispo!^{162[162]}

Os vitrais foram introduzidos nas igrejas no século VI por Gregório de Tours (538-593 d.C.).^{163[163]} Os vitrais foram colocados nas estreitas janelas das igrejas românicas. Suger (1081-1151 d.C.), abade de São Denis, ampliou o uso dos vitrais coloridos. Ele adornou os vitrais com pinturas sagradas.^{164[164]} Ele foi o primeiro a usar vitrais coloridos nas janelas dos edifícios da igreja. Ele os colocou em suas catedrais góticas.^{165[165]}

^{153[153]} *The Christian Saga*, p. 209.

^{154[154]} Marcos 14:58; Atos 7:48; 17:24; Gál. 4:9; Col. 2:14-19; 1 Pedro 2:4-9; Heb. 3-11.

^{155[155]} *Protestant Worship and Church Architecture*, p. 51.

^{156[156]} *Ibid.*, p. 57.

^{157[157]} Para detalhes veja Richard Krautheimer, *Early Christian and Byzantine Architecture* (Middlesex: Penguin Books, 1986).

^{158[158]} Para detalhes veja *The House of God*, pp. 51-71. A Hagia Sophia (Igreja da Santa Sabedoria) inaugurada em 360 d.C. e reconstruída em 415 d.C., é considerada pela igreja Oriental como a perfeita incorporação de um edifício de igreja.

^{159[159]} Para detalhes veja *A History of Religious Architecture*, Capítulo 10.

^{160[160]} Para detalhes veja *The House of God*, pp. 104-135.

^{161[161]} Para detalhes veja *A History of Religious Architecture*, Capítulo 11-14 e o volume clássico de Otto Van Simon *The Gothic Cathedral: Origins of Gothic Architecture & the Medieval Concept of Order* (Princeton: Princeton University Press, 1988).

^{162[162]} *The Oxford Dictionary of the Christian Church*, Terceira Edição, p. 302. Frank Senn explica como a estrutura gótica espalhou a congregação e refletiu o compartimentalização do clero e do leigo (*Christian Liturgy*, pp. 212-216).

^{163[163]} *The Age of Faith*, p. 856.

^{164[164]} *The Gothic Cathedral*, p. 122. Frank Senn escreve, “O espaço entre os pilares foi preenchido com janelas maiores que deram aos novos edifícios a leveza e o brilho, ausentes nos velhos edifícios românicos. As janelas foram preenchidas com vitrais coloridos que contavam histórias bíblicas ou empregavam símbolos teológicos previamente pintados nas paredes (*Christian Liturgy*, p. 214).

^{165[165]} *Ibid.*, p. 857.

Grandes painéis de vitrais coloridos preencheram as paredes das igrejas góticas emitindo uma forte luz de diferentes cores.^{166[166]} Também havia cores escuras e bonitas, criando um efeito de uma nova Jerusalém. Os vitrais dos séculos XII e XIII raramente foram superados em beleza e qualidade. Com suas cores deslumbrantes, os vitrais criaram um sentido expressivo de majestade e esplendor. Provocaram sentimentos associados à adoração de um Deus poderoso e intimidatório.^{167[167]}

Como no caso das basílicas de Constantino, a raiz da catedral gótica foi completamente pagã. Os arquitetos góticos dependeram muito dos ensinamentos do filósofo grego Platão. Este filósofo ensinou que o som, a cor e a luz possuíam significados elevados e místicos. Que podem induzir humores e transportar as pessoas ao “Bem Eterno”.^{168[168]} Os artistas góticos se inspiraram nos ensinamentos de Platão e os estabeleceram para serem respeitados. Criaram sistemas de luz assombrosos e inspiradores para dar um irresistível sentido de esplendor e de adoração.^{169[169]}

A cor é um dos mais poderosos fatores emotivos disponíveis. Vitrais góticos foram utilizados com destreza para criar um sentido místico e transcendente. Inspirada na grandiosidade das estátuas e torres do antigo Egito, a arquitetura gótica buscou uma nova captura do sentido do sublime pelo tamanho exagerado.^{170[170]}

Sobre a estrutura gótica foi dito que “o edifício inteiro parece preso à terra em pleno vôo... Eleva-se como uma exalação do solo... Nenhuma arquitetura espiritualiza, purifica e lança tanta proteção celeste ao material usado”.^{171[171]} Era o definitivo símbolo do céu unido à terra.^{172[172]}

Assim, pelo uso astuto da luz, da cor e da altura exagerada, a catedral gótica fomenta um sentimento místico, transcendente e assombroso.^{173[173]} Todas estas características foram retiradas de Platão e passadas como cristãs.^{174[174]}

Os edifícios eclesiásticos basilicais, românicos e góticos foram tentativas humanas de retratar o celestial e o espiritual.^{175[175]} De uma maneira bem real o edifício da igreja ao longo da história reflete o incontrolável desejo humano de retratar o divino com mãos e olhos humanos. Isso demonstra que a comunidade cristã do século IV perdera o contato com aquelas realidades celestiais que não podem ser percebidas pelos sentidos, mas apenas experimentadas pelo espírito humano.^{176[176]}

Pior que isso, a principal mensagem da arquitetura gótica é: “Deus é transcendente e inalcançável — resta-nos temer Sua majestade”. Mas tal majestade contradiz a mensagem do evangelho que diz que Deus é bem acessível. Tão acessível que fixou residência dentro de nós!

O Edifício da Igreja Protestante

^{166[166]} *The Age of Faith*, p. 856.

^{167[167]} *The House of God*, pp. 153-154; *Exploring Churches*, pp. 66-67.

^{168[168]} *The Gothic Cathedral*, pp. 22-42, 50-55, 58, 188-191, 234-235. Von Simón mostra como a metafísica de Platão influenciou a arquitetura gótica. A luz e a luminosidade alcançam sua perfeição nos vitrais góticos. Números de proporções exatas harmonizam todos os elementos do edifício. A luz e a harmonia são imagens do céu; são os princípios do ordenamento da criação. Platão ensinava que a luz é o mais notável fenômeno natural — se aproxima da forma pura. Os Neoplatonistas concebiam a luz como uma realidade transcendental que ilumina nosso intelecto para compreender a verdade. O desenho gótico era essencialmente uma mistura das visões de Platão, Agostinho e Denis, o pseudo-areopagita (um neoplatonista).

^{169[169]} *Protestant Worship and Church Architecture*, p. 6.

^{170[170]} Neil Carter, “The Story of the Steeple,” manuscrito não publicado, 2001. O texto integral pode ser acessado em www.christinyall.com/steeple.html

^{171[171]} *From Temple to Meeting House*, p. 190.

^{172[172]} Mostra como a arquitetura barroca dos séculos XVII e XVIII seguiu o caminho gótico induzindo os sentimentos com sua riqueza harmoniosa e decorativa (*Exploring Churches*, pp. 75-77). J.G. Davies afirma que no Ocidente durante a Idade Média as catedrais foram consideradas como modelos do cosmo (*The Secular Use of Church Buildings*, p. 220).

^{173[173]} *Protestant Worship and Church Architecture*, p. 131.

^{174[174]} Para uma discussão detalhada das especificidades históricas de arquitetura gótica veja Will Durant’s *The Age of Faith*, Capítulo 32. Embora antiquada, a arquitetura gótica reapareceu entre os protestantes durante a revivificação gótica em meados do século XIX. Mas a construção gótica cessou depois da Segunda Guerra Mundial (*Protestant Worship and Church Architecture*, pp. 130-142; *The House of God*, pp. 252-278).

^{175[175]} *Christian Liturgy*, p. 604.

^{176[176]} Veja 1 Cor. 2:9-16.

No século XVI, os reformadores herdaram a sisuda tradição dos edifícios. Em um curto período de tempo milhares de catedrais medievais passaram para seu controle.^{177[177]}

Os reformadores eram em sua maioria sacerdotes. Conseqüentemente, eles estavam inadvertidamente condicionados aos padrões do pensamento Católico Medieval.^{178[178]} Assim, embora os reformadores remodelassem alguns aspectos dos edifícios que passaram para seu controle, eles executaram bem poucas mudanças funcionais no que diz respeito à sua arquitetura.^{179[179]}

Mesmo que os reformadores quisessem fazer mudanças radicais quanto à prática da igreja, a maior parte das massas não estava preparada para aceitar tais mudanças.^{180[180]} Martinho Lutero não tinha dúvidas de que a igreja não era nem um edifício nem uma instituição.^{181[181]} De qualquer forma era impossível para ele superar mais de um milênio de confusão sobre este tema.^{182[182]}

A principal mudança arquitetônica dos reformadores refletiu sua teologia. Eles colocaram o púlpito no centro dominante do edifício em vez da mesa do altar.^{183[183]} O verdadeiro núcleo da Reforma foi a idéia de que as pessoas não poderiam conhecer a Deus nem crescer espiritualmente a menos que elas ouvissem a pregação. Portanto, quanto os reformadores herdaram os edifícios eclesiásticos existentes, eles os adaptaram para tal finalidade.^{184[184]}

O Campanário

Desde que os habitantes de Babel construíram uma torre para “alcançar os céus”, as civilizações têm seguido o exemplo construindo estruturas com as partes superiores pontiagudas.^{185[185]} Os babilônios e egípcios construíram obeliscos e pirâmides que refletiam sua crença de que eles estavam dando um passo para a imortalidade.^{186[186]} Quando a filosofia e a cultura grega prevaleceram, a arquitetura abandonou a verticalidade e assumiu a horizontalidade, sugerindo a crença grega na democracia, na igualdade entre os homens, e nos deuses terrestres e prosaicos.^{187[187]}

^{177[177]} *Protestant Worship and Church Architecture*, p. 64. O primeiro edifício de Igreja Protestante foi o castelo em Torgue construído em 1544 para culto luterano. Não havia nenhum santuário, e o altar tornou-se uma mesa simples (*From Temple to Meeting Place*, p. 206).

^{178[178]} *Protestant Worship and Church Architecture*, p. 78.

^{179[179]} *A Historical Approach to Evangelical Worship*, pp. 142-143, 225. De forma interessante, os séculos XIX e XX viram, por parte de todas as corporações protestantes, a maior revivificação da arquitetura Medieval (*Protestant Worship and Church Architecture*, p. 64).

^{180[180]} *Protestant Worship and Church Architecture*, p. 79.

^{181[181]} “De todos os grandes mestres do Cristianismo, Martinho Lutero foi o que mais claramente percebeu a diferença entre a *Ekklesia* do NT e a igreja institucional, e reagiu fortemente contra o *quid pro quo* que as identificavam. Tanto que meramente recusou tolerar a palavra ‘igreja’: termo que ele descreveu como ambíguo e obscuro. Em sua tradução da Bíblia, traduziu *ecclesia* como ‘congregação’. Ele se deu conta de que a *ecclesia* do NT não é ‘algo’, nem uma ‘coisa’, ou uma ‘constituição’, mas um conjunto de pessoas, um povo, uma comunhão... Foi tão forte a aversão de Lutero à palavra ‘igreja’ que os fatos históricos são comprovadamente mais fortes... O uso lingüístico da Reforma e da era pós-reforma teve que chegar a um acordo com o poderoso desenvolvimento da idéia de igreja. Conseqüentemente, toda confusão provocada pelo uso ‘obscuramente ambíguo’ dessa palavra penetrou na teologia da Reforma. Era impossível voltar um milênio e meio no relógio. A concepção ‘igreja’ permaneceu irrevogavelmente moldada por seu processo histórico de 1500 anos”. (Emil Brunner, *The Misunderstanding of the Church*, London: Lutterworth Press, 1952, pp. 15-16).

^{182[182]} Martin Luther, *Luther's Works* (Philadelphia: Fortress Press, 1965), pp. 53-54.

^{183[183]} *Protestant Worship and Church Architecture*, p. 82.

^{184[184]} *Exploring Churches*, pp. 72-73. A mesa do altar foi promovida a posição de “altar” rebaixando o santuário (plataforma do clero) a uma posição menos proeminente. O púlpito foi movido para mais perto da nave onde as pessoas sentavam, tornando o sermão uma parte fixa do serviço.

^{185[185]} Veja Gên. 11:3-9. A história do campanário está baseada em “The Story of the Steeple” de Neil Carter, manuscrito inédito, 2001. O texto completo pode ser acessado em www.christinyall.com/steeple.html

^{186[186]} Zahi Havass, *The Pyramids of Ancient Egypt* (Pittsburgh: Carnegie Museum of Natural History, 1990), p. 1; Ernest H. Short, *A History of Religious Architecture* (New York: The MacMillan Company, 1936), p. 13.

^{187[187]} *A History of Religious Architecture*, p. 167.

Todavia, com o desenvolvimento da Igreja Católica Romana, a prática de produzir campanários para coroar os edifícios ressurgiu. Por volta do final do período bizantino, os papas católicos tiraram inspiração dos obeliscos do Antigo Egito.^{188[188]} Quando a arquitetura religiosa entrou no período românico, os campanários começaram a aparecer nos topos e cantos de cada catedral construída no Império Romano. Esta tendência alcançou seu apogeu durante a era da arquitetura gótica com a construção da catedral de São Denis pelo abade Suger.

Oposta à arquitetura grega, a linha característica da arquitetura gótica era vertical, que sugeria um esforço para alcançar as alturas. Por este tempo, por toda Itália, começaram a surgir torres na fachada dos edifícios das igrejas. As torres continham sinos para chamar o povo para o culto.^{189[189]} Estas torres representavam o contato entre o céu e a terra.^{190[190]}

Com o passar dos anos os arquitetos góticos (apaixonados pela verticalidade) buscaram agregar uma haste bem alta em cima de cada torre.^{191[191]} As hastes (também chamadas de campanários)^{192[192]} simbolizavam a aspiração do homem de unir-se a seu criador.^{193[193]} Durante os séculos que se seguiram, as torres cresceram tornando-se mais altas e mais delgadas. Eventualmente, estas chegaram a ser o ponto de enfoque visual para a arquitetura. Elas também reduziram em número. De torres gêmeas “tipo ocidental” passaram a ter uma única haste característica das igrejas da Inglaterra e Normandia.

Em 1666 algo sucedeu que modificou o curso da arquitetura das torres. Um incêndio se espalhou pela cidade de Londres arruinando a estrutura da maior parte de suas 97 igrejas.^{194[194]} O Sr. Cristófer Wren (1632-1723) foi nomeado para redesenhar todas as igrejas de Londres. Utilizando suas próprias inovações estilísticas modificou as hastes góticas francesas e alemãs, Wren criou a haste moderna.^{195[195]}

Em suma, o moderno campanário é uma invenção Medieval que tem suas raízes nas hastes e nas torres góticas.^{196[196]} Foi melhorada e popularizada pelo programa de construção do Sr. Cristófer Wren em Londres depois do grande incêndio no ano de 1666. Daí em diante, a haste chegou a ser a característica dominante da arquitetura anglo-saxônica.

Quando os puritanos apareceram, eles construíram seus edifícios (igrejas) de uma maneira bem mais simples que seus predecessores católicos e anglicanos. Mas eles mantiveram a haste e passaram-na para o novo mundo das Américas.^{197[197]} Assim, a maioria das igrejas estadunidenses possui um campanário — uma estrutura que tem suas raízes na antiga filosofia e arquitetura babilônica e egípcia!

A mensagem da haste é algo que contradiz a mensagem do NT. Os cristãos não necessitam subir até os céus para encontrar Deus. Ele está aqui mesmo! Com a chegada de Emanuel, Deus está conosco.^{198[198]} E com sua ressurreição, temos um Senhor que mora dentro de nós. O campanário resiste a esta realidade.

O Púlpito

^{188[188]} *The House of God*, p. 160.

^{189[189]} Charles Wicks, *Illustrations of Spires and Towers of the Medieval Churches of England* (New York: Hessling & Spielmeyer, 1900), p. 18.

^{190[190]} Paul and Teresa Clowney, *Exploring Churches* (Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, 1982), p. 13.

^{191[191]} *The Age of Faith*, p. 865.

^{192[192]} O termo britânico/anglicano para campanário é “pináculo”.

^{193[193]} *Exploring Churches*, p. 13.

^{194[194]} Gerald Cobb, *London City Churches* (London: Batsford, 1977), p. 15ff.

^{195[195]} Viktor Furst, *The Architecture of Sir Christopher Wren* (London: Lund Humphries, 1956), p. 16. Pelo fato das igrejas de Londres estarem espremidas entre outros edifícios, não havia outra coisa para destacar o prédio a não ser o próprio pináculo. Por conseguinte, Wren firmou a tendência de construir igrejas com laterais relativamente planas marcadas por um pináculo exageradamente ornado e alto no topo (Paul Jeffery, *The City Churches of Sir Christopher Wren*, London: The Hambledon Press, 1996, p.88).

^{196[196]} *The House of God*, p. 251.

^{197[197]} Peter Williams, *Houses of God* (Chicago: University of Illinois Press, 1997), pp. 7-9; Colin Cunningham, *Stones of Witness* (Gloucestershire: Sutton Publishing, 1999), p. 60.

^{198[198]} Mat. 1:23.

Os primeiros sermões foram proferidos da cadeira do Bispo, ou *cátedra*, situada atrás do altar.^{199[199]} Posteriormente o *ambo*,^{200[200]} uma mesa alta ao lado do santuário, diante da qual as lições bíblicas eram ministradas, tornou-se o lugar onde os sermões passaram a ser proferidos.^{201[201]} O *ambo* foi tomado da sinagoga judaica.^{202[202]} Porém, suas velhas raízes remontam às mesas e plataformas de leitura da antiguidade greco-romana. João Crisóstomo (347-407) destacou-se por tornar o *ambo* o lugar da pregação.^{203[203]}

Já em 250 d.C. o *ambo* foi substituído pelo púlpito. Cipriano (200-258) menciona colocar o líder da igreja em função pública no *pulpitum*.^{204[204]} Nossa palavra “púlpito” deriva da palavra latina *pulpitum* que significa “palco”.^{205[205]} O *pulpitum*, ou púlpito, situava-se em cima de uma plataforma no local mais elevado da congregação.^{206[206]}

Com o tempo, a frase “subir à plataforma” (*ad pulpitum venire*) tornou-se parte do vocabulário religioso do clero.^{207[207]} Em 252 d.C., Cipriano menciona a plataforma elevada que separa o clero dos leigos como “*a plataforma sagrada e venerada do clero!*”^{208[208]}

Pelo fim da Idade Média, o púlpito tornou-se bem comum nas igrejas paroquiais.^{209[209]} Com a reforma, este chegou a ser a mobília central do edifício da igreja.^{210[210]} O púlpito simbolizava a substituição da centralidade da ação ritualista (a missa) com uma instrução verbal dos clérigos (o sermão).^{211[211]}

Nas igrejas luteranas, o púlpito foi movido para frente do altar.^{212[212]} O púlpito dominou nas igrejas reformadas e o altar finalmente desapareceu sendo substituído pela “mesa da comunhão”.^{213[213]} Hoje é impensável um culto protestante sem a presença da “mesa sagrada”!

O púlpito ocupa uma posição central na Igreja Protestante. Tanto que um famoso pastor em conferência patrocinada pela Associação Evangélica de Billy Graham disse: “*Se a igreja vive é porque o púlpito vive — se a igreja está morta é porque o púlpito morreu.*”^{214[214]}

O púlpito é daninho porque eleva o clero a uma posição de proeminência. Como seu próprio nome diz, este coloca o pregador no centro do “palco” — separando-o e colocando-o no alto acima do povo de Deus.

O Banco e o Balcão

Agora entra o banco, o grande inibidor da comunhão face-a-face. O banco — o grande símbolo de letargia e passividade na moderna igreja.^{215[215]} O banco — que fez do culto coletivo um espetáculo esportivo.

^{199[199]} Arthur Pierce Middleton, *New Wine in Old Wineskins* (Connecticut: Morehouse-Barlow Publishing, 1988), p. 76.

^{200[200]} *Ambo* é o termo latino para púlpito. Deriva de *ambon* que significa “crista de uma colina”. A maioria dos *ambos* eram elevados e alcançados por degraus (*Encyclopedia of Early Christianity*, p. 29; Peter F. Anson, *Churches: Their Plans and Furnishings*, Milwaukee: Bruce Publishing Co., 1948, p. 154.

^{201[201]} *New Wine in Old Wineskins*, p. 76.

^{202[202]} *The Early Christians*, p. 172. *Encyclopedia of Early Christianity*, p. 29. O predecessor do *ambo* foi o “migdal” da sinagoga. “Migdal” significa “torre” em hebraico.

^{203[203]} *Encyclopedia of Early Christianity*, p. 29.

^{204[204]} Palavra latina para “púlpito”. *Building God’s House in the Roman World*, p. 124.

^{205[205]} Christian Smith, *Going to the Root* (Scottsdale: Herald Press, 1992), p. 83.

^{206[206]} *Building God’s House in the Roman World*, p. 124.

^{207[207]} *Ibid.*

^{208[208]} *Ibid.*

^{209[209]} *New Wine in Old Wineskins*, p. 76.

^{210[210]} *Exploring Churches*, p. 26.

^{211[211]} *Christian Worship and Its Cultural Setting*, p. 45.

^{212[212]} Owen Chadwick, *The Reformation* (Penguin Books, 1968), p. 422. No século XVI, o púlpito foi combinado com uma plataforma de leitura (ou átrio) perfazendo uma estrutura dupla de “dois níveis”. A plataforma de leitura era a mais elevada do púlpito (*New Wine in Old Wineskins*, p. 77).

^{213[213]} *Christian Worship and Its Cultural Setting*, p. 45.

^{214[214]} “All Eyes to the Front: A Look at Pulpits Past and Present,” *Your Church*, January/February 2002, p. 44.

^{215[215]} James F. White, *The Worldliness of Worship* (New York: Oxford University Press, 1967), p. 43.

A palavra “banco” deriva da palavra latina *podium*. Que significa uma elevação acima do piso, ou “balcão”.^{216[216]} Os bancos foram coisas estranhas ao mobiliário das igrejas durante os primeiros mil anos da história cristã. Nas primeiras basílicas, a congregação permanecia em pé durante todo o culto.^{217[217]} (Essa prática ainda prevalece hoje em muitas congregações da Igreja Oriental).^{218[218]}

Já pelo século XIII, bancos sem encosto foram gradualmente introduzidos nos edifícios das igrejas inglesas.^{219[219]} Estes bancos eram feitos de pedra e colocados encostados nas paredes. Depois foram deslocados para a área central da igreja (a área chamada nave).^{220[220]} Inicialmente os bancos eram ordenados em semicírculo rodeando o púlpito. Mais tarde eles foram fixados ao piso.^{221[221]}

O banco moderno foi introduzido no século XIV.^{222[222]} Mas não chegou a ser comum até o século XV.^{223[223]} Quando os bancos de madeira tomaram o lugar dos bancos de pedra.^{224[224]} Já pelo século XVIII, os bancos de estilo “balcão” se popularizaram.^{225[225]}

Os bancos do tipo “balcão” têm uma história engraçada. Eles eram equipados com assentos almofadados, tapetes e outros acessórios. Eram vendidos às famílias e considerados propriedade privada.^{226[226]} Seus donos tentavam torná-lo o mais cômodo possível.

Alguns o decoravam com cortinas, almofadas, poltronas acolchoadas, lareiras, e compartimentos especiais para cães pequenos! Não era incomum o dono trancar seu balcão com chaves e cadeados!^{227[227]} Depois de muita crítica por parte do clero, estes belos balcões foram trocados por assentos comuns.^{228[228]}

Pelo fato do balcão ter laterais muito altas, o púlpito muitas vezes tinha que ser elevado ainda mais para que pudesse ser visto pelas pessoas. O púlpito *copo de vinho* surgiu durante a era colonial.^{229[229]} Esse estilo de púlpito colocava o pastor numa posição “bem elevada” como na visão do templo pelo profeta Isaías. Os balcões familiares do século XIII foram substituídos por bancos normais de forma que todas as pessoas vissem a plataforma reformada de onde o clérigo ministrava o culto.^{230[230]}

Mas o que é o banco? O significado da palavra diz tudo. É um “balcão” baixo — um assento móvel do qual observam-se performances no palco (púlpito). Este imobiliza a congregação dos santos reduzindo-os à condição de espectadores mudos. Ele entorpece a comunhão face-a-face e a interação mútua.

As galerias (ou conjunto de balcões na igreja) foram inventadas pelos alemães no século XVI.^{231[231]} Foram popularizadas pelos Puritanos no século XVIII.^{232[232]} Desde então, os balcões chegaram a ser “marca registrada” do edifício dos protestantes.^{233[233]} Tinha o propósito de deixar a

^{216[216]} *The Oxford Dictionary of the Christian Church*, Terceira Edição, p. 1271; *Going to the Root*, p. 81.

^{217[217]} *The Secular Use of Church Buildings*, p. 138. Ocasionalmente alguns bancos de madeira ou pedra eram providos para velhos e doentes.

^{218[218]} *New Wine in Old Wineskins*, p. 73.

^{219[219]} *Ibid.*, p. 74. Ao final da Idade Média, estes bancos foram elaboradamente enfeitados com quadros de santos e animais fantásticos (*To Preach or Not to Preach?*, p. 31; J.G. Davies, *The Westminster Dictionary of Worship*, Philadelphia: The Westminster Press, 1972, p. 312).

^{220[220]} Doug Adams, *Meeting House to Camp Meeting* (Austin: The Sharing Company, 1981), p. 14.

^{221[221]} *Exploring Churches*, p. 28.

^{222[222]} *Christian Liturgy*, p. 215.

^{223[223]} *Exploring Churches*, p. 28.

^{224[224]} *The Secular Use of Church Buildings*, p. 138.

^{225[225]} *Protestant Worship and Church Architecture*, p. 101.

^{226[226]} *Exploring Churches*, p. 28.

^{227[227]} *The Secular Use of Church Buildings*, p. 139; *Exploring Churches*, p. 28.

^{228[228]} *The Secular Use of Church Buildings*, p. 139. Alguns clérigos atacaram o abuso da decoração nos bancos. Um pregador lamentando os bancos decorados durante seu sermão disse que a congregação “não desejava outra coisa senão camas para ouvirem a Palavra de Deus...”

^{229[229]} *New Wine in Old Wineskins*, p. 74.

^{230[230]} *Meeting House to Camp Meeting*, p. 14.

^{231[231]} *Protestant Worship and Church Architecture*, p. 85.

^{232[232]} *Ibid.*, p. 107.

^{233[233]} *Ibid.*, p. 85.

congregação mais próxima do púlpito.^{234[234]} Novamente, escutar o pregador sempre foi a principal consideração no desenho da Igreja Protestante.^{235[235]}

A Arquitetura da Igreja Moderna

Durante os últimos duzentos anos, os modelos arquitetônicos dominantes empregados pelas igrejas protestantes podem ser classificados de duas formas: O estilo santuário (usado nas igrejas litúrgicas) e o estilo palco (usado nas igrejas evangélicas).^{236[236]} O santuário é a área onde o clérigo (e eventualmente o coro) conduz o culto.^{237[237]} Nas igrejas tipo palco, há uma grade ou tela que separa o clero do leigo.

O edifício da igreja estilo santuário foi profundamente influenciado pelo revivalismo do século XIX.^{238[238]} É essencialmente um auditório estruturado para enfatizar a performance dramática do pregador e do coro.^{239[239]} Sua estrutura sugere implicitamente que o coro (ou equipe do culto) atue de forma a animar ou entreter a congregação.^{240[240]} Ele também destaca intensamente a figura do pregador, esteja ele sentado ou em pé.

No edifício estilo santuário há uma pequena mesa de comunhão usualmente localizada num plano inferior ao púlpito. A mesa de comunhão é tipicamente decorada com castiçais de metal, uma cruz e flores.^{241[241]} Duas velas na mesa da comunhão caracterizam a ortodoxia na maioria das igrejas protestantes de hoje.^{242[242]} Assim como muitos aspectos do culto da igreja, a presença de velas foi adotada da corte cerimonial do Império Romano.^{243[243]}

A despeito destas variações, toda arquitetura protestante produz o mesmo efeito estéril presente nas basílicas constantinianas, que continua preservando o abismo não bíblico entre o clero e o leigo, e encorajando a congregação a assumir um papel de espectador.^{244[244]} O arranjo e o clima do edifício condiciona a congregação a uma postura de passividade.^{245[245]} A plataforma do púlpito funciona como um palco e a congregação como um auditório.^{246[246]} Em suma, a arquitetura cristã está congelada desde seu nascimento no século IV.

A Exegese do Edifício

Neste momento você pode estar pensando, “*Mas quem liga para essas coisas? Dos cristãos do século I não terem edifícios de igrejas? Desses edifícios serem construídos com base em crenças e práticas pagãs? Dos católicos medievais basearem sua arquitetura na filosofia pagã? Que é que tudo isso tem a ver conosco hoje?*”

Em *Rethinking the Wineskin*, eu explico que o local físico onde ocorre o encontro social da igreja expressa e influencia o caráter da igreja.^{247[247]} Se você acha que o local onde a igreja se reúne é uma simples questão de conveniência, você está tragicamente errado. Você está negligenciando uma realidade básica da humanidade. Cada edifício onde nos reunimos exige uma resposta de nossa

^{234[234]} Ibid., p. 107.

^{235[235]} *Exploring Churches*, p. 74.

^{236[236]} *Protestant Worship and Church Architecture*, p. 118.

^{237[237]} *Exploring Churches*, p. 17.

^{238[238]} *Protestant Worship and Church Architecture*, p. 121ff.

^{239[239]} *From Temple to Meeting House*, pp. 237, 241.

^{240[240]} *Protestant Worship and Church Architecture*, p. 140.

^{241[241]} *Protestant Worship and Church Architecture*, p. 129. Algumas igrejas têm batistérios embutidos atrás do púlpito e do coro.

Na tradição católica, geralmente não foram colocadas velas na mesa do altar até o século XI (*The Early Liturgy*, p. 133).

^{242[242]} *Protestant Worship and Church Architecture*, p. 134.

^{243[243]} Ibid., p. 133.

^{244[244]} Ibid., pp. 120, 141.

^{245[245]} Ibid., p. 125.

^{246[246]} Ibid., p. 129.

^{247[247]} *Rethinking the Wineskin*, Capítulo 3. Como J.G. Davies diz, “A questão do edifício da igreja é inseparável da questão da igreja e de sua função no mundo moderno” (*The Secular Use of Church Buildings*, p.208).

parte. Por seu interior e exterior ele nos mostra explicitamente o que a igreja é e como funciona. Nas palavras de Henri Lefebvre, “*O espaço nunca está vazio; sempre encarna um significado*”.^{248[248]} Este princípio está encarnado no moto arquitetônico “o formato determina a função”. O formato do edifício reflete sua função particular.^{249[249]}

A sociabilidade do local de reunião da igreja é um bom indício da compreensão da igreja acerca do propósito de Deus para com Seu Corpo. O local de uma igreja nos ensina como nos encontrarmos. Nos ensina o que é importante e o que não é. E nos ensina o que é aceitável dizer a um ao outro e o que não é.

Nós aprendemos estas lições do cenário ao qual nos juntamos — seja ele edifício de igreja ou lar privado. Estas lições não são de forma alguma “neutras”. Dirija-se até qualquer edifício de igreja e faça uma exegese de sua arquitetura. Pergunte a si mesmo o que é alto e o que é baixo. Pergunte a si mesmo o que está na fachada e o que está nos fundos. Pergunte a si mesmo de que forma e até que ponto é possível “ajustar” quando chegar o momento. Pergunte a si mesmo quão fácil ou difícil seria para um membro da igreja falar de onde está sentado de forma que todos possam vê-lo e ouvi-lo.

Se você olha para o aspecto do edifício da igreja e formula para si mesmo tais questões (e outras como estas), você compreenderá a razão da moderna igreja ter as características que tem. Se você formular este mesmo conjunto de questões com respeito a uma sala de estar, você terá um conjunto de respostas bem diferente. Você entenderá por que o fato de uma igreja se reunir em casas (o caso dos primeiros cristãos) foi fator determinante para seu caráter.

O local de reunião da igreja joga um papel crucial na vida da igreja. Não pode ser assumido como uma simples “incidental verdade histórica”.^{250[250]} O local de reunião pode ensinar péssimas lições a pessoas boas e sinceras e pode também sufocar suas vidas. Chamar a atenção para a importância do local de reunião da igreja (casa ou edifício de igreja) ajuda-nos a compreender o tremendo poder de nosso ambiente social.

Ou melhor, o edifício da igreja é baseado na idéia estúpida de que o culto é algo qualitativamente diferente das coisas que fazemos em nossa vida cotidiana. As pessoas variam, naturalmente, no grau de ênfase que dão a essa disjunção. Alguns grupos têm alterado sua postura por causa desta ênfase que insiste que o culto pode apenas ocorrer em determinados tipos de espaço desenhados para que você tenha sentimentos diferentes daqueles que você tem na vida cotidiana.

A separação entre o culto e a vida cotidiana caracteriza a cristandade ocidental. O culto é visto como algo separado da estrutura da vida, como um produto a ser consumido. Séculos de arquitetura gótica têm nos ensinado mal sobre o que o culto realmente é. Poucas pessoas podem caminhar em uma poderosa catedral sem experimentar o poder do espaço.

A luz é indireta e suave. O teto é obscenamente alto. As cores são berrantes e ricas. O som propaga-se de uma forma específica. Todas estas coisas funcionam conjuntamente para dar-nos a sensação de temor e maravilha. Foram desenhadas para manipular o sentido e criar uma “atmosfera de veneração”.^{251[251]}

Algumas tradições agregam fragrâncias a toda essa mistura. Mas os efeitos são sempre os mesmos: Nossos sentidos interagem com o espaço para produzir um estado particular de alma. Um estado de assombro, místico e transcendente que visa um escape da vida normal.^{252[252]}

^{248[248]} Leonard Sweet, “Church Architecture for the 21st Century,” *Your Church Magazine*, Março/Abril 1999, p. 10. Neste artigo, Sweet tenta visualizar edifícios de igreja pós-modernos que fogem do velho molde arquitetônico que promove a passividade. Porém, ironicamente, o próprio Sweet inadvertidamente é cativo do velho paradigma de edifícios de igreja como sendo espaços sagrados. Ele escreve, “naturalmente, você não constrói um edifício qualquer quando constrói uma igreja, você constrói um espaço sagrado”. Este tipo de pensamento pagão tem raízes bem profundas!

^{249[249]} *Christian Liturgy*, p. 212. O edifício de igreja estilo auditório transforma a congregação em uma audiência passiva enquanto que o estilo gótico a dispersa em uma nave longa e estreita ou angulosa e fissurada (p. 604).

^{250[250]} Uma citação de Gotthold Lessing (*Lessing's Theological Writings*).

^{251[251]} *Protestant Worship and Church Architecture*, p. 5.

^{252[252]} *The Worldliness of Worship*, pp. 79-83.

Nós, protestantes, jogamos fora alguns destes elementos e os substituímos com um tipo específico de música para alcançar o mesmo fim. Conseqüentemente, nos círculos protestantes, “bons” líderes de louvor são aqueles que conseguem usar a música para produzir aquele mesmo efeito que outras tradições lograram com o vasto espaço, o estado de espírito de venerabilidade.^{253[253]} Mas tudo isto é alheio à vida do dia-a-dia. Sem mencionar que isso não é real. Jonathan Edwards corretamente indica que as emoções são passageiras e não podem ser usadas para mensurar o relacionamento de alguém com Deus.^{254[254]}

Esta disjunção entre secular e espiritual é realçada quando o edifício de igreja típico faz com que você seja “processado” ao subir suas escadarias ou mover-se em seu interior. A razão disso é que você desloca-se da vida cotidiana para outra vida. Tal transição é requerida. Tudo isso fracassa no teste da segunda-feira. Não importa quão bom foi domingo, a segunda-feira pela manhã vem colocar nosso culto a prova.^{255[255]}

Veja o coral vestindo a toga antes do começo do culto. Eles sorriem, fazem gracejos e brincam. Mas uma vez começado o culto, eles tornam-se pessoas diferentes. Não sorriem nem brincam. Esta separação falsa entre o secular e o sagrado... Esta “mística dos vitrais” de domingo pela manhã foge de enfrentar a verdade e a realidade.

Além disso, o edifício da igreja não é um lugar amistoso. É frio, incômodo e impessoal. Não foi projetado para intimidade nem companheirismo. Na maioria dos edifícios das igrejas o assento consiste em bancos de madeira parafusados no piso. Os bancos (ou cadeiras) são organizados em filas, todos voltados para o púlpito. O púlpito localiza-se sobre uma plataforma elevada onde o clero senta (vestígios da basílica romana).

Novamente, a arquitetura da Igreja Protestante dirige todas as atenções para a pessoa que profere o sermão. O edifício se presta para que o púlpito domine a atividade. Assim, este restringe o funcionamento da congregação.^{256[256]}

Este arranjo torna quase impossível aos adoradores verem suas faces mutuamente. Em vez disso, cria uma forma de adoração passiva que converte o cristão ativo em um “saco de batatas”.

Em outras palavras, tal arquitetura sugere que a única forma de comunhão entre Deus e Seu povo é via pastor! E apesar destes fatos, nós cristãos ainda acreditamos que o edifício é sagrado.

Certamente alguns dos leitores podem severamente contestar a idéia de que o edifício da igreja seja sagrado. Mas na maioria das vezes são traídos pelas próprias atitudes. Prestem atenção quando falam do edifício da Igreja. Vocês ainda o chamam de “igreja” e, às vezes, o chamam de “casa do Senhor”. O consenso geral entre os cristãos de todas as denominações é que “*igreja é essencialmente um lugar separado para o culto*”.^{257[257]} Isto tem sido considerado verdadeiro pelos últimos 17 séculos. Constantino ainda vive e respira nas mentes da maioria dos cristãos de nossos dias.

O Obsceno Alto Custo da Manutenção

A maioria dos cristãos vê equivocadamente o edifício da igreja como um elemento necessário ao culto. Assim, a questão financeira da construção e da manutenção torna-se inevitável.

O edifício eclesiástico demanda um grande desperdício de dinheiro. Apenas nos Estados Unidos os bens imóveis possuídos pelas igrejas institucionais hoje supera 230 bilhões dólares.^{258[258]} Despesas com construção, serviços e manutenção consomem cerca de 18% dos 11 bilhões dólares

^{253[253]} Platão temia que certo tipo de música pudesse estimular emoções erradas. (*The Republic*, 3:398).

^{254[254]} *Protestant Worship and Church Architecture*, p. 19.

^{255[255]} Devo esta perspicácia ao meu amigo Hal Miller.

^{256[256]} *To Preach or Not to Preach?*, p. 30.

^{257[257]} *The Secular Use of Church Buildings*, p. 206.

^{258[258]} *Going to the Root*, p. 95.

que são dizimados anualmente para as igrejas.^{259[259]} A questão central é: Os cristãos modernos estão desperdiçando uma enorme quantidade de dinheiro com edifícios desnecessários!

Não há nenhuma boa razão para a existência do edifício eclesiástico. Na realidade, todas as razões tradicionais acerca da “necessidade” desse edifício caem por terra diante de uma cuidadosa análise.^{260[260]} Tendemos a esquecer facilmente que os primeiros cristãos viraram o mundo de cabeça para baixo sem tais edifícios.^{261[261]} A cristandade cresceu rapidamente por cerca de 300 anos sem a ajuda (obstáculo) desses edifícios.

No mundo dos negócios, os custos de manutenção são mortais. Custo de manutenção é aquele que se soma aos custos relacionados ao trabalho “real” que um negócio faz pelos seus clientes. Custo de manutenção é aquele relacionado ao edifício, material de escritório e pessoal da contabilidade. O custo de manutenção é mortal porque aumenta o custo do produto sem agregar-lhe nenhum valor “real” além daquele que o trabalhador entrega aos clientes.

Os que optam por reunir-se em casas em vez de edifícios eclesiásticos eliminam esses altos gastos gerais: O salário do pastor e o gasto do edifício. A diferença entre esse alto gasto e o de uma congregação caseira é brutal. Em vez de pessoal pago mais o “alto gasto” do edifício trazendo como um sifão de 50 a 85 % do dinheiro arrecadado da comunidade, a congregação caseira poderia dedicar esse montante para outros serviços mais proveitosos como ministérios, missões locais e distantes.^{262[262]}

O edifício da igreja (como salário dos pastores) representa despesas contínuas muito grandes em vez de desembolsos eventuais. Tal coisa saca grande percentual do dinheiro arrecadado pela igreja, não apenas hoje, mas também no próximo mês, no próximo ano, etc. Se essas contas fossem retiradas do mundo financeiro da igreja, os gastos gerais seriam reduzidos a poucos dólares a cada ano. O restante financeiro da igreja poderia ser utilizado para a missão da congregação (outro tema).

Podemos Superar esta Tradição?

O edifício é um obstáculo, não uma ajuda. É algo que rasga o coração da fé cristã — uma fé que nasceu das salas das casas. Cada domingo pela manhã você se senta em um salão com origens pagãs e construído sobre uma filosofia pagã.

Não existe a menor prova de base bíblica para o edifício da igreja. No entanto, você, precioso cristão, continua a pagar um bom dinheiro para santificar seu piso e seus tijolos. Fazendo isso, você apóia um palco artificial e um auditório onde você fica passivo e impedido de ser natural ou íntimo.^{263[263]} (Mesmo que você usufrua um doce companheirismo no estacionamento lotado, este é silenciado quando você chega diante da porta e entra dentro do salão).

Não temos idéia do que perdemos enquanto cristãos quando criamos o edifício da igreja. Chegamos a ser vítimas de nosso passado. A tradição nos faz cair.

Fomos engendrados por Constantino que nos deu o privilégio de sermos donos de um edifício. Fomos cegados pelos romanos e gregos que nos impuseram suas basílicas hierarquicamente estruturadas. Fomos enganados pelos godos que nos impuseram sua arquitetura platônica. Fomos seqüestrados pelos egípcios e babilônicos que nos deram o campanário. E fomos fraudados pelos atenienses que nos impuseram suas colunas dóricas.^{264[264]}

^{259[259]} Ibid.

^{260[260]} Howard Snyder derruba os argumentos mais comuns sobre a “necessidade” de construir edifícios de igreja em seu livro *Radical Renewal: The Problem of Wineskins Today* (Houston: Touch Publications, 1996), pp. 62-74.

^{261[261]} Atos 17:6.

^{262[262]} Para uma discussão sobre por que os cristãos primitivos se encontravam em casas e como grandes congregações podem passar a ser igrejas caseiras, veja *Rethinking the Wineskin* Capítulo 3.

^{263[263]} Um escritor católico inglês colocou isto nos seguintes termos, “se há um método simples de salvar a missão da igreja este método é provavelmente a decisão de abandonar os edifícios de igreja porque eles são lugares basicamente antinaturais... e eles não correspondem a nada que seja normal na vida cotidiana” (*From Temple to Meeting Place*, p. 323).

^{264[264]} Richard Bushman, *The Refinement of America* (New York : Alfred Knopf, 1992,) p. 338. Entre 1820 e 1840, as igrejas americanas começaram a surgir com colunas dóricas reminiscentes do classicismo grego e com arcadas reminiscentes da antiga Roma (*Houses of God*, p. 12).

De alguma maneira fomos ensinados a nos sentir mais santos quando estamos na “Casa de Deus”. Herdamos uma dependência patológica de um edifício para adorar a Deus. Mas, na realidade, não há nada mais paralisante, artificial, impessoal, ou forçado que um edifício da igreja clínica. Em tal edifício, você não é nada mais que uma estatística — um nome em uma ficha para ser arquivada no escritório do pastor. Não há nada amistoso ou pessoal nisso.

Enfim, o edifício da igreja nos ensinou de uma maneira errada o significado da igreja e sua finalidade. O edifício é uma negação arquitetural do sacerdócio de todos os crentes. É uma contradição da verdadeira natureza da *ekklesia* — a qual é uma comunidade contracultural. O edifício impede nosso entendimento e experiência de que a Igreja é o Corpo funcional de Cristo que vive e respira sob sua direta direção sem intermediários.

O aparecimento do edifício da igreja é nada mais que um ressurgimento do Judaísmo e do paganismo sob novas vestes. As distinções hierárquicas implícitas presentes em sua arquitetura seriam rechaçadas pela maioria dos protestantes se fossem devidamente denunciadas. Contudo as temos aceitado por muitos séculos de maneira inconsciente. Por que? Pelo deslumbrante poder da tradição.

Já é hora de nós, cristãos, despertarmos para o fato de que não estamos atuando bíblica e espiritualmente quando aceitamos e apoiamos os edifícios das igrejas. João Newton disse corretamente, “*Não deixe aquele que adora sob uma haste condenar aquele que adora sob uma chaminé*”. Gostaria de acrescentar uma pergunta a essa citação: Onde está a autoridade bíblica ou histórica do cristão que se reúne sob um campanário?

Que cristãos na era Apostólica erigiram casas especiais de culto, isso está fora de cogitação... O Salvador do mundo nasceu em um estábulo e subiu aos céus desde um monte. Seus Apóstolos e sucessores até o século III pregaram nas ruas, mercados, montes, barcos, sepulcros, cavernas, desertos e nas casas dos seus convertidos. Contudo, milhares de igrejas e capelas caras foram e continuam sendo construídas em todo mundo para honrar o Redentor crucificado que nos dias de sua humilhação não possuiu nenhum lugar onde repousar a cabeça!

-Philip Schaff

CAPÍTULO 4

PASTOR: LADRÃO DO FUNCIONAMENTO DE CADA MEMBRO

Como em muitas outras religiões, há uma tendência universal na religião cristã de dar uma interpretação teológica a instituições que gradualmente se desenvolvem num período de tempo por causa de sua utilidade prática, em seguida aplicam essa interpretação a períodos anteriores e associam a origem destas instituições a uma era na qual jamais teriam qualquer significado.
-Richard Hanson

O pastor.^[1] Ele é a figura fundamental da fé protestante. Ele é o chefe da cozinha, o cozinheiro e o

lavador de pratos do cristianismo de hoje. O pastor é tão predominante nas mentes da maioria dos cristãos que, na realidade, ele é mais bem conhecido, mais louvado, mas mais confiado do que o próprio Jesus Cristo!

Remova o pastor e o moderno cristianismo entra em colapso. Remova o pastor e cada igreja protestante virtualmente entrará em pânico. Remova o pastor e o protestantismo como o conhecemos morre. O pastor é o ponto focal dominante, a base e a peça central da moderna igreja. Ele incorpora o cristianismo protestante.

Mas há aqui uma profunda ironia. Não há um só versículo em todo NT que apóie a existência do moderno pastor dos nossos dias! Ele simplesmente nunca existiu na igreja primitiva.

(Note que eu utilizo o termo “pastor” ao longo deste capítulo para descrever o moderno *ofício e papel* que ele desempenha. Eu não me refiro ao *indivíduo* específico que exerce este papel. Aqueles que exercem o ofício de pastor são pessoas maravilhosas. Eles são honrados, decentes e muitas vezes cristãos dedicados que amam a Deus, zelosos em servir Seu povo. Mas é ao *papel* que eles estão cumprindo que a Bíblia e a história da igreja se opõem. Mostraremos isso neste capítulo.^[2]

O Pastor é Bíblico... Certo?

É a palavra “pastores” que aparece no NT:

E ele deu alguns como Apóstolos, alguns como profetas, alguns como evangelistas e alguns como PASTORES e professores (Efésios 4:11, NASB), [ênfase minha].

Pode-se fazer as seguintes observações acerca deste texto.

Este é o único versículo no NT onde a palavra “pastor” é usada.^[3] Um verso solitário é uma peça sumamente escassa de prova para dependurar toda a fé protestante! Aliás, há mais autoridade bíblica no ato de pegar serpentes com as mãos do que na posição de pastor. (Marcos 16:18 e Atos 28:3-6 mencionam as serpentes. Então pegar serpentes com as mãos ganha com dois versos contra um).^[4]

A palavra é usada no plural, ou seja, “pastores”. Isto é significativo. Sejam lá quais forem estes “pastores”, eles são plurais na igreja, não singulares. Assim, pois, não há qualquer suporte bíblico para a prática do *Sola Pastora* (pastor único).

A palavra grega traduzida por “pastores” é *poimen* que significa pastores. (“Pastor” é a palavra latina para *aquele que pastoreia*). Portanto, “Pastor” é uma metáfora que descreve uma função específica na igreja. Não é

^[1] Eu capitalizo a palavra “pastor” neste Capítulo referindo-me à profissão e não à pessoa que a exerce.

^[2] A maioria dos homens e mulheres que se tornam pastores nunca consideram as raízes desta profissão. A eles nunca é oferecido qualquer outro modo alternativo pelo qual possam servir a Deus. Realmente, isto é uma terrível tragédia. (Veja o poema *Calf-Path* na página 31). Não obstante, embora o ofício deles não tenha mérito bíblico, os pastores frequentemente ajudam pessoas. Mas eles ajudam pessoas *apesar* do ofício que exercem, não por causa dele.

^[3] Um derivado da palavra *poimen* é usado em Atos 20:28 e 1 Pedro 5:2-3.

^[4] Há tanto apoio bíblico para a figura do pastor como para o batismo dos mortos. Ambos são mencionados apenas uma vez em toda Bíblia! (1 Cor. 15:29).

uma profissão nem um cargo.^{5[5]} Um pastor do século I nada tem a ver com o sentido especializado e profissional que veio a ter na moderna cristandade. Assim, pois, Efésios 4:11 não se refere a um cargo pastoral, mas meramente a uma das muitas funções na igreja. Pastores são aqueles que naturalmente provêm nutrição e cuidado às ovelhas de Deus. Porém, é um profundo erro confundir pastores com um ofício ou título como comumente se concebe hoje.^{6[6]}

Mais ainda, este texto é oblíquo. Não oferece nenhuma definição ou descrição sobre quem são estes pastores. Eles são simplesmente mencionados. Lamentavelmente, nós definimos esta palavra com nosso próprio conceito ocidental sobre o que é um pastor. Nós compreendemos a idéia moderna de pastor moderno como apoiada pelo NT. Nem mesmo a imaginação de um homem alucinado conceberia o moderno ofício pastoral no cristianismo do século I! Os católicos cometeram o mesmo erro com a palavra “sacerdote”. Você encontra três vezes a palavra “sacerdote” sendo usada referindo-se a cristãos.^{7[7]} Mesmo assim o sacerdote da igreja do século I está bem longe daquele homem que se veste de preto e usa colarinho invertido!

Richard Hanson esclarece este ponto quando diz, “*Para nós as palavras bispo, presbítero, e diácono estão armazenadas com associações de quase dois mil anos. Para as pessoas que utilizaram estas palavras no princípio, as funções destas posições não poderiam significar mais do que inspetores, anciãos e ajudantes... Foi quando significações teológicas inadequadas começaram a ser associadas a elas que a distorção do conceito do ministério cristão começou*”.^{8[8]}

Em meus livros *Rethinking the Wineskin* e *Who is Your Covering?* eu demonstro que os pastores do século I eram anciãos locais (presbíteros)^{9[9]} e supervisores da congregação.^{10[10]} E a função deles era completamente conflitante com o papel pastoral moderno.^{11[11]}

Donde Vem o Pastor?

Se o pastor moderno esteve ausente da Igreja Primitiva, donde ele veio? Como surgiu uma posição tão proeminente na fé cristã? É uma saga dolorosa com raízes entrelaçadas e complexas. Essas raízes remontam à queda do homem.

Com a queda do homem surgiu um desejo implícito na raça humana de ter um líder físico para levá-lo a Deus. Por esta razão, as sociedades humanas através da história criaram consistentemente uma casta espiritual e especial de ícones religiosos. O curandeiro, o feiticeiro, o rapsodista, o operador de milagres, o bruxo, o adivinhador, o homem sábio e o sacerdote, todos tem estado conosco desde a queda de Adão.^{12[12]}

O homem caído sempre teve o desejo de construir uma casta sacerdotal especial qualificada para pedir favores exclusivos aos deuses.^{13[13]} Este desejo está em nosso sangue. Vive na medula de nossos ossos. Na condição de criaturas caídas buscamos uma pessoa dotada de poderes espirituais especiais. Ela sempre é marcada por um treinamento especial, uma roupa especial, um vocabulário distinto e uma maneira de vida singular.^{14[14]}

Podemos ver este instinto mostrar sua horrenda face na história da antiga Israel. A primeira vez que isso aconteceu ocorreu durante o tempo de Moisés. Dois servos do Senhor, Eldad e Medad, receberam o Espírito de Deus e começaram a profetizar. Imediatamente um jovem fanático alertou Moisés para “contê-los”!^{15[15]} Moisés

^{5[5]} O NT nunca usa as palavras gregas seculares para autoridades civis e religiosas descrevendo os ministros na igreja. Mais adiante, embora a maioria dos autores do NT tivesse uma formação no sistema sacerdotal judeu do Velho Testamento, eles nunca usam a palavra *hiereus* (sacerdote) referindo-se ao ministério cristão. A ordenação para o ofício pressupõe um papel de liderança diante de uma igreja estática e previsível que não existiu nas igrejas Apostólicas. Marjorie Warkentin, *Ordination: A Biblical-Historical View* (Grand Rapids: Eerdmans, 1982), pp. 160-161, 166; *Who is Your Covering?* Capítulos 1-3.

^{6[6]} Tragicamente, alguns homens dariam seus dentes apenas para serem chamados de “pastor” ou “reverendo”. As palavras de Jó vêm à mente: “Não me permita, eu lhe peço, aceitar nem dar títulos lisonjeiros ao homem” (Jó 32:21).

^{7[7]} Apocalipse 1:6; 5:10; 20:6. Todo crente é um sacerdote de acordo com o NT. R. Paul Stevens, *The Other Six Days: Vocation, Work, and Ministry in Biblical Perspective* (Grand Rapids: Eerdmans, 1999), pp. 173-181.

^{8[8]} Richard Hanson, *Christian Priesthood Examined* (Guildford and London: Lutterworth Press, 1979), pp. 34-35.

^{9[9]} Esta palavra é o registro ortográfico em português da palavra grega para “ancião” (*presbíteros*).

^{10[10]} Os termos “inspetores” e “criados” foram posteriormente eclesiastizados nas palavras “Bispos” e “diáconos” (M. Smith, *From Christ to Constantine*, Downer’s Grove: InterVarsity Press, 1971, p. 32).

^{11[11]} *Rethinking the Wineskin*, Capítulos 5-6; *Who is Your Covering?*, Capítulos 1-2.

^{12[12]} “O cristianismo... aprendido do exemplo das religiões pagãs fez com que os homens encontrassem muita dificuldade em compreender ou acercar-se de Deus sem a ajuda de um homem que de alguma forma é um intermediário, um representante, que se sente chamado para dedicar-se a este ministério representativo” (*Christian Priesthood Examined*, p. 100).

^{13[13]} Uma característica comum a todas as religiões é o sacerdócio humano separado.

^{14[14]} Walter Klassen, “New Presbyter is Old Priest Writ Large,” *Concern* 17, 1969, p. 5. Veja também W. Klassen, J.L. Burkholder, and John Yoder, *The Relation of Elders to the Priesthood of Believers* (Washington: Sojourner’s Book Service, 1969).

^{15[15]} Números 11:26-28.

reprovou o jovem repressor dizendo que *todo* o povo de Deus pode profetizar. Moisés colocou-se contra o espírito clerical que tentou controlar o povo de Deus.

Nós o vemos novamente quando Moisés subiu ao Monte Horebe. O povo queria que Moisés fosse o mediador físico entre ele e Deus. Pois eles tinham uma relação pessoal com o Todo Poderoso.^{16[16]}

Este baixo instinto assumiu outra aparência durante o tempo de Samuel. Deus quis que seu povo vivesse sob sua proteção direta, mas Israel clamou por um rei humano.^{17[17]}

As sementes do pastor moderno podem ser detectadas até mesmo no tempo do NT. Diótrefes, que “amava ter a proeminência” na igreja, tomou ilegitimamente o controle de seus assuntos.^{18[18]} Além disso, alguns pesquisadores sugerem que a doutrina dos nicolaítas, que Jesus condena em Apocalipse 2:6, é uma referência ao desenvolvimento de um clero primitivo.^{19[19]}

Paralelamente à busca do homem caído por um intermediário espiritual humano destaca-se sua obsessão pela forma hierárquica de liderança. Em maior ou menor grau todas as velhas culturas foram hierárquicas em suas estruturas sociais. Lamentavelmente, os cristãos pós-apostólicos adotaram e adaptaram estas estruturas em sua vida eclesiástica como veremos adiante.

A Origem do Bispo Soberano

Até o século II a igreja não teve nenhuma liderança oficial. Tais lideranças nas igrejas do século I eram certamente raras. Eram grupos religiosos sem sacerdote, templo ou sacrifício.^{20[20]} Os próprios cristãos conduziram a igreja sob o comando direto de Jesus Cristo.

Entre o rebanho estavam os anciões (pastores ou inspetores). Todos esses homens estavam em pé de igualdade. Não havia uma hierarquia entre eles.^{21[21]} Também estavam presentes obreiros extras que plantavam igrejas. Estes eram chamados de “enviados” ou Apóstolos. Mas eles não fixavam residência nas igrejas que cuidavam. Tampouco as controlavam.^{22[22]} O vocabulário sobre liderança no NT não permite nenhuma estrutura piramidal. É mais uma linguagem de relações horizontais que inclui a ação exemplar.^{23[23]}

As coisas funcionaram assim até Inácio de Antioquia (35-107 d.C.) entrar em cena. Inácio foi a primeira figura da história da igreja a dar o primeiro passo no escorregadio e decadente caminho da fixação de um líder único na congregação. Pode-se atribuir a ele a gênese do cargo de pastor e da hierarquia na igreja moderna.

Inácio elevou um dos anciãos acima dos demais. O ancião promovido era agora chamado de “o Bispo”. Todas as responsabilidades que pertenceram ao colegiado de anciões eram exercidas pelo Bispo.^{24[24]}

Em 107 d.C., Inácio escreveu uma série de cartas enquanto seguia para Roma antes de ser martirizado. Seis de suas sete cartas tratavam do mesmo tema. Estavam carregadas de uma exaltação exagerada à autoridade e à importância da posição do Bispo.^{25[25]}

Segundo Inácio, o Bispo teria a última palavra e deveria ser prontamente obedecido. Considere os seguintes extratos de suas cartas: “*Todos vocês sigam o Bispo como Jesus Cristo segue o Pai... Ninguém fará qualquer negócio da igreja sem o Bispo... Onde o Bispo estiver ali deve estar o povo... Vocês nunca devem atuar*

^{16[16]} Êxodo 20:19.

^{17[17]} 1 Samuel 8:19.

^{18[18]} 3 João 9-10.

^{19[19]} F.W. Grant, *Nicolaitanism or the Rise and Growth of Clerisy* (Bedford: MWTB), pp. 3-6. A palavra grega *nicolaitane* significa “conquistando o povo”. *Nikos* significa “conquistar” e *laos* significa “povo”. Grant acredita que nicolaítas são aqueles que produzem “leigos” no povo de Deus elevando o “clero” como um senhorio sobre eles. Veja também Alexander Hay, *What Is Wrong in the Church?*, p. 54.

^{20[20]} James D.G. Dunn, *New Testament Theology in Dialogue* (Philadelphia: Westminster Press, 1987), pp. 123, 127-129.

^{21[21]} Nos textos dos pais da Igreja Primitiva, as palavras “pastor”, “supervisor” e “ancião” são sempre utilizadas intercambiavelmente, tal como no caso do NT. F. F. Bruce disse, “Indiscutivelmente, a linguagem do NT não nos permite fazer uma distinção entre a palavra grega traduzida como “bispo” (*episkopos*) e aquela traduzida como “ancião” (*presbíteros*). Paulo dirigia-se aos anciãos reunidos na igreja de Éfeso da mesma forma como se dirigia àqueles que o Espírito Santo havia nomeado como *bispos*. Mais tarde, nas Epístolas Pastorais (as de Timóteo e Tito), os dois termos, portanto, parecem ser utilizados intercambiavelmente”.

(*The Spreading Flame*, Grand Rapids: Eerdmans, 1958, p. 65). Na realidade, bispos, anciões, e pastores (sempre no plural) continuam sendo considerados idênticos aos escritos de 1 Clemente, *Didache* e *Hermas*. Eles foram vistos como idênticos até o começo do século II. Veja também James Mackinnon, *Calvin and the Reformation* (New York: Russell and Russell, 1962), pp. 80-81; Everett Ferguson, *Early Christians Speak: Faith and Life in the First Three Centuries* (Abilene: A.C.U. Press, Terceira Edição, 1999), pp. 169-173.

^{22[22]} Veja Capítulo 5 of *Who is Your Covering?* Para detalhes.

^{23[23]} 1 Cor. 11:1; 2 Tes. 3:9; 1 Tim. 4:12; 1 Pedro 5:3.

^{24[24]} *Early Christians Speak*, p. 173.

^{25[25]} *The Spreading Flame*, pp. 66-67.

independentemente do Bispo e do clero. Olhem seu Bispo como um tipo de Pai... Tudo o que ele aprova, agrada a Deus...”.^{26[26]}

Para Inácio, o Bispo tomara o lugar de Deus enquanto que os presbíteros tomaram o lugar dos doze Apóstolos.^{27[27]} Apenas o Bispo poderia celebrar a Santa Ceia do Senhor, dirigir os batismos, dar conselhos, disciplinar os membros da igreja, aprovar os matrimônios e pregar sermões.^{28[28]}

Os anciãos se sentavam ao lado do Bispo durante a Ceia do Senhor. Mas era o Bispo quem a ministrava. Ele se encarregou do culto público e do ministério.^{29[29]} Somente em casos excepcionais poderia um “leigo” ministrar a Ceia do Senhor sem a presença do Bispo.^{30[30]} O Bispo, dizia Inácio, necessita “presidir” sobre os elementos e distribuí-los.

Na mente de Inácio, o Bispo era o remédio que curava a falsa doutrina e estabelecia a unidade na igreja.^{31[31]} Inácio acreditava que a sobrevivência da igreja ao assalto da heresia dependia do desenvolvimento de uma estrutura poderosa e rígida como a estrutura política centralizada em Roma.^{32[32]} A regra do governo por um Bispo único resgataria a igreja da heresia e da divisão interna.^{33[33]}

Historicamente, isso é conhecido como o “mono-episcopado” ou “episcopado monárquico”. É o tipo de organização onde o Bispo é distinto dos anciãos (o presbítero) e é superior a eles.

Durante o tempo de Inácio, a regra do Bispo único não havia chegado a outras regiões.^{34[34]} Mas, pela metade do século II, este modelo chegou a ser firmemente estabelecido na maioria das igrejas.^{35[35]} Pelo final do século III este prevaleceu por toda parte.^{36[36]}

O Bispo, eventualmente, chegou a ser o principal administrador e distribuidor das riquezas da igreja.^{37[37]} Ele era o homem responsável quanto ao ensino da fé e aos assuntos do cristianismo.^{38[38]} A congregação outrora ativa agora foi tornada surda e muda. Os santos meramente assistiam a performance do Bispo.

Com efeito, o Bispo tornou-se o único pastor da igreja^{39[39]} — o profissional do culto comum.^{40[40]} Ele era visto como o porta-voz e a cabeça da congregação. Ele era a forte mão que mantinha todos sob controle. Todos estes papéis fizeram do Bispo o precursor do pastor moderno.

De Presbítero a Sacerdote

Já pela metade do século III a autoridade do Bispo se calcificou em um ofício fixo.^{41[41]} Então apareceu Cipriano de Cartago (200-258 d.C.) aumentando o dano.

Cipriano era um ex-orador pagão e mestre de retórica.^{42[42]} Quando ele se fez cristão, tornou-se também um prolífico escritor. Contudo, ele nunca abandonou algumas de suas idéias pagãs.

Com sua influência Cipriano abriu a porta para ressuscitar as práticas do Velho Testamento, dos sacerdotes, templos, altares e sacrifícios.^{43[43]} Os Bispos começaram a ser chamados “sacerdotes”,^{44[44]} um costume que

^{26[26]} Estas citações aparecem nas cartas de Inácio às igrejas da Ásia Menor. *Early Christian Writings: The Apostolic Fathers* (New York: Dorset Press, 1968), pp. 75-123.

^{27[27]} Edwin Hatch, *The Organization of the Early Christian Churches* (London: Longmans, Green, and Co., 1895), p. 185. p. 106; *Early Christian Writings: The Apostolic Fathers*, p. 88. O livro de Hatch revela a gradual evolução da organização da igreja e os vários elementos organizacionais absorvidos da sociedade greco-romana.

^{28[28]} Robert M. Grant, *The Apostolic Fathers: A New Translation and Commentary, 6 Volumes* (New York: Thomas Nelson and Sons, 1964), Vol. 1, pp. 58, 171.

^{29[29]} R. Alastair Campbell, *The Elders: Seniority Within Earliest Christianity* (Clark T & T, 1994) p. 229.

^{30[30]} *The Organization of the Early Christian Churches*, p. 124.

^{31[31]} *Ibid.*, p. 100.

^{32[32]} Kenneth Strand, “The Rise of the Monarchical Episcopate,” in *Three Essays on Church History* (Ann Arbor: Braun-Brumfield, 1967); *Ordination: A Biblical-Historical View*, p. 175.

^{33[33]} *Christian Priesthood Examined*, p. 69; *Early Christian Writings: The Apostolic Fathers*, pp. 63-72.

^{34[34]} *The Spreading Flame*, pp. 66-69; H. Richard Niebuhr e Daniel D. Williams, ed. *The Ministry in Historical Perspectives* (San Francisco: Harper and Row Publishers, 1956), pp. 23-25. Quando Inácio escreveu as cartas dele, a regra do bispado único estava sendo praticada em cidades asiáticas como Éfeso, Filadélfia, Magnésia e Esmirna. Contudo ainda não alcançara a Grécia nem o Ocidente, como Roma. Parece que a regra do bispado único deslocou-se para o Ocidente vindo da Síria cruzando o Império.

^{35[35]} *Christian Priesthood Examined*, p. 67; *The Spreading Flame*, p. 69. J.B. Lightfoot’s *The Christian Ministry* é a explicação mais satisfatória da evidência histórica de como o Bispo gradualmente desenvolveu-se fora do presbítero.

^{36[36]} *The Ministry in Historical Perspectives*, p. 25.

^{37[37]} S.L. Greenslade, *Shepherding the Flock*, p. 8.

^{38[38]} *Christian Priesthood Examined*, p. 68.

^{39[39]} Edwin Hatch, *The Growth of Church Institutions* (Hodder and Stoughton, 1895), p. 35.

^{40[40]} James F. White, *Protestant Worship and Church Architecture* (New York: Oxford University Press, 1964), pp. 65-66.

^{41[41]} *The Early Christian Church*, p. 92. Para um breve resumo de como o clero se desenvolveu veja *The Other Six Days*, pp. 39-48.

^{42[42]} *St. Cyprian of Carthage* (<http://www.comeandseeicons.com/phm12.htm>).

^{43[43]} James Hastings Nichols, *Corporate Worship in the Reformed Tradition* (Philadelphia: The Westminster Press, 1968), p. 25.

chegou a ser comum no século III.^{45[45]} Ocasionalmente eles também eram chamados de “pastores”.^{46[46]} No século III cada igreja tinha seu próprio Bispo.^{47[47]} Prontamente o conjunto de Bispos e presbíteros foi chamado de “clero”.^{48[48]}

A origem da doutrina não bíblica do “protetorado” também pode ser atribuída a Cipriano.^{49[49]} Cipriano ensinava que o Bispo tem apenas um superior, Deus. Ele deveria prestar contas apenas a Deus. Qualquer um que se separasse do Bispo se separaria de Deus.^{50[50]} Cipriano também ensinou que uma porção do rebanho do Senhor seria entregue a um pastor individualmente (o Bispo).^{51[51]}

Depois do Concílio de Nicéia (Horebe) (325 d.C.), os Bispos passaram a delegar a responsabilidade da Ceia do Senhor aos presbíteros.^{52[52]} Os presbíteros não eram mais que representantes do Bispo, exercendo a autoridade deles em suas igrejas.

Pelo fato dos presbíteros ministrarem a Ceia do Senhor, eles passaram a ser chamados de “sacerdotes”.^{53[53]} Ainda mais surpreendente, o Bispo chegou a ser considerado como “sumo sacerdote” que pode perdoar pecados.^{54[54]} Todas estas tendências ocultaram a realidade do NT de que todos os crentes são sacerdotes diante de Deus.

Já pelo século IV, esta hierarquia imposta dominava a fé cristã.^{55[55]} A casta do clero já estava bem cimentada. O Bispo encabeçava a igreja. Abaixo dele havia um colegiado de presbíteros. Subordinados aos presbíteros estavam os diáconos.^{56[56]} E na base de toda essa hierarquia se arrastava o pobre e miserável “leigo”. A regra do Bispo único passou a ser a forma de governo aceita na igreja ao longo do Império Romano. (Durante este tempo, certas igrejas começaram a exercer autoridade sobre outras igrejas, expandindo a estrutura hierárquica).^{57[57]}

Pelo final do século IV, os Bispos se misturaram aos poderosos. Passaram a receber tremendos privilégios. Meteram-se na política, o que os separou ainda mais dos presbíteros.^{58[58]} Em sua tentativa de fortalecer a

^{44[44]} *Early Christians Speak*, p. 168. Cipriano normalmente chamava o Bispo de *sacerdos*, que é a palavra latina para “sacerdote”. A linguagem sacerdotal retirada do Velho Testamento para definir as posições hierárquicas na Igreja foi rapidamente adotada. (*Ordination: A Biblical-Historical View*, p. 177; *From Christ to Constantine*, p. 136). J. B. Lightfoot escreve que “a visão sacerdotal do ministério é um dos fenômenos mais interessantes e importantes da história da Igreja” (J.B. Lightfoot, *Saint Paul's Epistle to the Philippians*, London: Macmillan & Co, 1888, p. 144).

^{45[45]} *Christian Priesthood Examined*, pp. 35, 95. Não há qualquer evidência de alguém considerando ministros cristãos como sacerdotes até o ano 200 d.C.. Tertuliano foi o primeiro a usar o termo “sacerdote” referindo-se aos Bispos e presbíteros. Através de seus escritos ele descreve os Bispos e os presbíteros como *sacerdos* (sacerdotes), além disso, em outras ocasiões ele chamava o Bispo de *sacerdos summus* (Sumo Sacerdote). E fazia isso sem qualquer explicação, indicando que seus leitores conheciam estes títulos (p. 38). Veja também Hans Von Campenhausen, *Tradition and Life in the Church* (Philadelphia: Fortress Press, 1968), p. 220. A Cipriano também é creditado dizer que o Bispo é equivalente ao Sumo Sacerdote do Velho Testamento (*From Christ to Constantine*, p. 136). O historiador Eusébio regularmente chama clérigos de “sacerdotes” em seus volumosos escritos (*Christian Priesthood Examined*, p. 61).

^{46[46]} “Assim era o Bispo, enquanto pastor principal da igreja local, representando a plenitude do ministério. Ele era profeta, professor, celebrante principal da assembléia litúrgica e presidente da mesa de inspetores da ‘sinagoga’ cristã” (*The Ministry in Historical Perspectives*, p. 28). A obra de Gregório o Grande *The Book of Pastoral Rule* escrita em 591 d.C. é uma discussão sobre os deveres do ofício de Bispo. Para Gregório, o Bispo é um pastor, e a pregação é um dos seus deveres mais importantes. O livro de Gregório é um clássico cristão e ainda é usado para treinar pastores em seminários protestantes em nossos dias. Veja também Philip Culbertson e Arthur Bradford Shippee, *The Pastor: Readings from the Patristic Period* (Minneapolis: Fortress Press, 1990).

^{47[47]} Note que os Bispos neste momento eram essencialmente cabeças de igrejas locais. Eles não eram superintendentes diocesanos como são hoje no Catolicismo Romano. Para uma discussão deste desenvolvimento veja *Early Christians Speak*, pp. 13-14.

^{48[48]} *The Ministry in Historical Perspectives*, p. 28.

^{49[49]} Para uma discussão completa desta doutrina e sua refutação, veja meu livro *Who is Your Covering?*.

^{50[50]} *The Other Six Days*, pp. 41-42.

^{51[51]} *The Organization of the Early Christian Churches*, p. 171.

^{52[52]} *The Ministry in Historical Perspectives*, pp. 28-29.

^{53[53]} *The Elders*, p. 231; *The Ministry in Historical Perspectives*, p. 29.

^{54[54]} J.G. Davies, *The Early Christian Church: A History of Its First Five Centuries* (Grand Rapids: Baker Books, 1965), p. 131; *The Apostolic Tradition of Hippolytus*, trans. Burton S. Easton (Cambridge: Cambridge University Press, 1934). Hipólito distingue nitidamente entre os poderes do Bispo e dos presbíteros. Seus escritos dão para o Bispo o poder para perdoar pecados e prescrever penitências (*Christian Priesthood Examined*, pp. 39-40). Presbíteros e os diáconos só poderiam batizar com a autorização do Bispo (*The Elders*, p. 233).

^{55[55]} *The Early Christian Church*, p. 187. Em 318 d.C., Constantino reconheceu a jurisdição do Bispo. Em 333 d.C., os Bispos foram colocados no mesmo patamar dos magistrados romanos (p. 188).

^{56[56]} Hans Lietzmann, *A History of the Early Church, Volume II* (New York: The World Publishing Company, 1953), p. 247.

^{57[57]} De acordo com os cânones do Concílio de Nicéia, Alexandria, Roma e Antioquia tinham uma autoridade especial sobre as regiões ao redor (*From Christ to Constantine*, p. 95).

^{58[58]} *Christian Priesthood Examined*, p. 72. Hanson explica como a queda do Império Romano no século V fortaleceu o ofício do Bispo (pp. 72-77).

posição do Bispo, Cipriano defendeu uma linha contínua de sucessores dos Bispos remontando a Pedro.^{59[59]} Isso é conhecido como “sucessão Apostólica”.^{60[60]}

Em seus escritos Cipriano empregava a linguagem oficial do sacerdócio do Antigo Testamento para justificar esta prática.^{61[61]} Da mesma forma que Tertuliano (160-225) e Hipólito (170-236) antes dele, Cipriano utilizava o termo *sacerdote* para descrever os presbíteros e Bispos.^{62[62]} Mas ele foi além disso.

Pode-se atribuir a Cipriano o conceito antibíblico de sacerdócio — a crença de que existe uma pessoa divinamente nomeada para mediar entre Deus e o povo. Cipriano sustentou que o fato dos clérigos cristãos serem sacerdotes que oferecem o sacrifício santo (a Eucaristia) torna-os sacrossantos (santos)!^{63[63]}

Pode-se também creditar a Cipriano a noção de que quando o sacerdote oferece a Eucaristia, ele está realmente oferecendo a morte de Cristo à congregação.^{64[64]} Cipriano pensava que o corpo e o sangue de Cristo são novamente sacrificados através da Eucaristia.^{65[65]} Por conseguinte, foi das idéias de Cipriano que surgiram as sementes da missa Medieval católica.^{66[66]} Esta idéia alargou o abismo entre clero e leigo. Também criou uma dependência insalubre do leigo ao clero.

O Papel do Sacerdote

Até o início da Idade Média, os presbíteros (agora comumente chamados de “sacerdotes”) tocaram segundo o violino do Bispo. Mas durante a Idade Média houve uma mudança. Os presbíteros começaram a representar o sacerdócio enquanto os Bispos dedicavam seu tempo com ofícios políticos.^{67[67]} Os sacerdotes locais da paróquia chegaram a ser mais importantes para a vida da igreja que o Bispo.^{68[68]} Agora era o sacerdote que se colocava no lugar de Deus e que controlava os sacramentos.

Quando o Latim chegou a ser a linguagem popular em meio ao século IV, o sacerdote invocava a frase *hoc est corpus meum*. Que significa “Este é meu corpo”.

Com estas palavras o sacerdote chegou a ser o supervisor do soberbo jogo que começou a caracterizar a missa católica. Pode-se creditar a Ambrósio de Milão (339-397 d.C.) a idéia de que a simples pronúncia das palavras *hoc est corpus meum* convertia magicamente o pão e o vinho no corpo e no sangue físico do Senhor.^{69[69]} (A frase mágica “hocus pocus” vem de *hoc est corpus meum*). Segundo Ambrósio, o sacerdote era dotado de poderes especiais para pedir a Deus que descesse do céu e que entrasse no pão!

Por sua função sacerdotal, a palavra *presbítero* chegou a significar *sacerdos* (sacerdote). Por conseguinte, quando a palavra latina presbítero foi adotada pelo português, esta significava “sacerdote” em vez de “ancião”.^{70[70]} Assim, pois, na igreja católica romana, o termo “sacerdote” referia-se comumente a presbítero local.

A Influência da Cultura greco-romana

^{59[59]} Ann Fremantle, ed., *A Treasury of Early Christianity* (Viking Press, 1953), p. 301.

^{60[60]} A sucessão Apostólica aparece primeiro nos escritos de Clemente de Roma e de Irineu. Também aparece em Hipólito. Mas Cipriano transformou-a em uma doutrina coerente (Robert M. Grant, *Early Christianity and Society*, San Francisco: Harper and Row Publishers, 1977, p. 38; N. Sykes, *Old Priest and New Presbyter*, Cambridge, 1956, p. 240).

^{61[61]} G.S.M. Walker, *The Churchmanship of Cyprian*, (London: Lutterworth Press, 1968), p. 38. Muitos dos pais da igreja trataram as Escrituras do Velho Testamento como contendo uma ordenação normativa da igreja. O uso da terminologia sacerdotal do Velho Testamento para os portadores deste ofício eclesiástico tornou-se comum já no século II (*Ordination: A Biblical-Historical View*, pp. 50, 161; *Christian Priesthood Examined*, pp. 46, 51).

^{62[62]} *Christian Priesthood Examined*, p. 59; *Ordination: A Biblical-Historical View*, p. 39.

^{63[63]} *Christian Priesthood Examined*, p. 54.

^{64[64]} *Ibid.*, p. 58. Tanto em *Didache* como em 1 Clemente, a Eucaristia refere-se tanto ao “sacrifício” como a uma “oferta” performada pelos Bispos (*Tradition and Life in the Church*, p. 220).

^{65[65]} A palavra “sacrifício” usada no sentido litúrgico apareceu pela primeira vez em *Didache* (*Tradition and Life in the Church*, p. 220).

^{66[66]} A idéia de que o sacerdote oferece o sacrifício de Jesus Cristo pela Eucaristia é sacerdotalismo. Nesta linha, Richard Hanson acertadamente observa, “este conceito sagrado de sacerdócio parece obscurecer, se não de fato abolir, a doutrina do sacerdócio de todos os crentes. Todo o sacerdócio dos crentes é esgotado no sacerdócio do clero” (*Christian Priesthood Examined*, p. 98).

^{67[67]} *Ibid.*, p. 79.

^{68[68]} No século III, os Sacerdotes escolhiam um Bispo para vigiar e coordenar suas funções. No século IV, as coisas se tornaram mais complexas. Os Bispos precisavam de supervisão. Consequentemente nasceram os Arcebispos e os Metropolitanos que governaram as igrejas de uma província (Will Durant, *The Age of Faith*, New York: Simon & Schuster, 1950, pp. 45, 756-760).

^{69[69]} *Concerning the Mysteries*, 9:52,54. Nas igrejas orientais uma oração é oferecida ao Espírito para fazer a magia. Nas igrejas ocidentais, foi omitida a oração, pois as próprias palavras faziam o truque (Gregory Dix, *The Shape of the Liturgy*, London: Dacre Press, 1964, p. 240-241, 275; Josef A. Jungmann, *The Mass of the Roman Rite*, New York: Benziger, 1951-55, Volume 1, p. 52).

^{70[70]} *The Elders*, pp. 234-235. A palavra “sacerdote” é etimologicamente uma contradição da palavra “presbítero”. No período do inglês arcaico, o termo inglês “priest” [sacerdote] tornou-se a palavra corrente para “presbyter” [presbítero] e “sacerdos” [sacerdote] (*The Oxford Dictionary of the Christian Church*, Terceira Edição, p. 1325).

A cultura greco-romana que rodeou os primeiros cristãos reforçou a gradação hierárquica que lentamente infiltrou na igreja. A cultura greco-romana era hierárquica por natureza. Esta influência surgiu na igreja quando os novos convertidos trouxeram sua bagagem cultural à comunidade crente.^{71[71]}

A hierarquia humana e o ministério “oficial” institucionalizaram a Igreja de Jesus Cristo. Pelo século IV, estes elementos endureceram as artérias do que uma vez foi a *ekklesia* viva e respiradouro de Deus — dentro da qual o ministério era funcional, dirigido pelo Espírito, orgânico e compartilhado por todos os crentes.

Mas como e por que isto aconteceu?

Estas coisas remontam desde a morte dos obreiros apostólicos itinerantes (plantadores de igrejas). Ao final do século I e ao princípio do II, os presbíteros locais começaram a surgir como os “sucessores” candidatos ao papel de liderança exercido pelos obreiros apostólicos.^{72[72]} Isso deu origem a um líder individual em cada congregação.^{73[73]} Sem a influência dos obreiros locais extras que foram treinados pelos Apóstolos no NT, a Igreja começou a deixar-se levar pela corrente de um modelo organizacional oriundo de seu âmbito cultural.^{74[74]}

Mestres proeminentes na igreja que tinham adotado pensamento pagão também exerceram uma grande influência. Seguindo as pegadas de Inácio da Antioquia, Cipriano insistiu que a organização da igreja seguisse o modelo do Império Romano. Como resultado, o imperialismo e uma hierarquia inexpugnável se tornaram irreversíveis à fé Cristã.^{75[75]}

Como já vimos, o papel do Bispo começou a mudar. De cabeça de uma igreja local tornou-se o representante de todos em uma determinada área.^{76[76]} Os Bispos governavam nas igrejas da mesma forma como os governadores romanos administravam suas províncias.^{77[77]} Eventualmente, o Bispo de Roma recebeu a máxima autoridade e finalmente evoluiu ao “Papa”.^{78[78]}

Assim, pois, entre os anos 100 e 300 d.C., a liderança da Igreja adotou o governo romano como modelo.^{79[79]} A hierarquia do Velho Testamento foi usada para justificar isso.^{80[80]} A regra do Bispo único tragara o sacerdócio de todos os crentes.

Na realidade, Inácio fez do Bispo a autoridade local. Cipriano fez do Bispo o representante de todas as congregações por sua doutrina da sucessão Apostólica.^{81[81]}

Constantino e a Hierarquia Romana

É importante lembrar que o mundo social em que o cristianismo se espalhou era governado por um único mandatário — o Imperador. Pouco depois de Constantino subir ao trono no princípio do século IV, a Igreja desenvolveu toda sua plumagem de vaidade, típica de uma sociedade hierarquicamente organizada.^{82[82]}

^{71[71]} *The Organization of the Early Christian Churches*, pp. 30-31.

^{72[72]} *Early Christians Speak*, p. 172.

^{73[73]} *Ibid.*, p. 172.

^{74[74]} David Norrington aprofunda-se na questão de como as estruturas hierárquicas e os especialistas eclesiásticos começaram a aparecer na Igreja (*To Preach or Not to Preach?*, pp. 24-25).

^{75[75]} *Early Christianity and Society*, p. 43.

^{76[76]} *Christian Priesthood Examined*, p. 71.

^{77[77]} Robert F. Evans, *One and Holy: The Church in Latin and Patristic Thought* (London: Camelot Press, 1972), p. 48.

^{78[78]} Antes de Constantino, o Bispo romano não exerceu nenhuma jurisdição fora de Roma. Embora fosse coberto por honrarias, ele não teve esse tipo de autoridade eclesiástica (*Church History in Plain Language*, p. 151). A palavra “papa” vem do título “pai”, um termo que expressava o cuidado paternal de qualquer Bispo. Mas não foi assim até o século VI quando o termo começou a ser usado exclusivamente para o Bispo de Roma. Aqui vai um breve esboço da origem do Papa católico romano: Ao término do século II, o Bispo romano detinha grande honra. Estevão I (257 d.C.) foi o primeiro a usar o texto petrino (Mateus 16:18) para apoiar a preeminência do Bispo romano. Mas isto não foi universalmente aceito. O aparecimento do Papa moderno pode ser localizado em Leo o Grande (440-461). Leo foi o primeiro a fazer uma reivindicação teológica e bíblica para a primazia do Bispo romano. Sob seu governo, a primazia de Roma foi finalmente estabelecida. Com a vinda de Gregório o Grande (540-604), a “cadeira papal” foi estendida e aumentada. (Incidentemente, Gregório tornou-se indubitavelmente o maior proprietário de terras da Itália, fixando um precedente para ricos e poderosos Papas seguirem). Antes do século III, a igreja romana tinha 30.000 membros, 150 clérigos, e 1.500 viúvas e pessoas pobres (Justo L. Gonzalez, *The Story of Christianity: Volume 1*, p. 242; Philip Schaff, *History of the Christian Church: Volume 4*, pp. 212, 218-219; Bruce Shelley, *Church History in Plain Language*, Waco: Word Books, 1982, pp. 150-151; *The Early Christian Church*, pp. 135-136, 250; *The Age of Faith*, p. 521; *Christian Priesthood Examined*, p. 76ff.). Gregório também foi o primeiro a usar o termo “servo dos servos de Deus” (Philip Schaff, *History of the Christian Church: Volume 3*, Michigan: Eerdmans, 1910, p. 534; *Volume 4*, p. 329).

^{79[79]} *Early Christianity and Society*, p. 43; *The Early Christian Church*, pp. 188-189.

^{80[80]} *Ordination: A Biblical-Historical View*, pp. 35, 48. Os funcionários da Igreja foram considerados sucessores dos levitas (p. 168).

^{81[81]} *A Treasury of Early Christianity*, p. 301.

^{82[82]} *Early Christianity and Society*, pp. 11-12. “A organização da igreja adaptou-se às divisões políticas e geográficas do Império” (*History of the Christian Church: Volume 3*, p. 7).

Edwin Hatch escreveu, “a maior parte das igrejas cristãs se associaram adotando o estilo do Império Romano como modelo.”^{83[83]} ...O desenvolvimento da organização das igrejas cristãs foi gradual e os elementos que compuseram aquela organização já fazia parte da sociedade humana”.^{84[84]}

Podemos ver traços da estrutura de liderança hierárquica em eras remotas como do antigo Egito, Babilônia e Pérsia.^{85[85]} Mais adiante esta foi levada às culturas grega e romana onde se aperfeiçoou.

O historiador, D. C. Trueman escreve, “os persas deram duas contribuições importantes ao mundo antigo: A organização de seu Império e de sua religião. Ambas contribuições tiveram uma notável influência no nosso mundo ocidental. O sistema de administração imperial foi herdado por Alexandre Magno, adotado pelo Império Romano, e eventualmente passado à moderna Europa”.^{86[86]}

Will Durant levanta um ponto similar, quando afirma que o cristianismo “cresceu pela absorção da fé e do rito pagão; tornando-se uma igreja triunfante ao herdar os modelos da organização e o gênio de Roma... Os judeus lhe deram a ética cristã, os gregos lhe deram a teologia, Roma lhe deu a organização; tudo isso, misturado com uma dezena de crenças absorvidas de rivais, originou a síntese cristã”.^{87[87]}

Pelo século IV, a Igreja seguiu os mesmos passos do Império Romano. O imperador organizou a igreja em dioceses segundo o modelo dos distritos regionais romanos.^{88[88]} (A palavra “diocese” era um termo secular que se referia às maiores unidades administrativas do Império Romano).^{89[89]} Mais adiante, o Papa Gregório desenhou o ministério de toda igreja segundo a lei romana.^{90[90]}

Outra vez Durant lamenta, “Quando o cristianismo conquistou Roma, a estrutura eclesiástica da igreja pagã, o título, as vestes do Pontifex Máximus... e o esplendor da cerimônia imemorial, passou como sangue materno para a nova religião. A Roma cativa capturou seu conquistador”.^{91[91]}

Todo isto pelejou grandemente contra a maneira de Deus com respeito à sua Igreja. Quando Jesus entrou no drama da história humana, Ele eliminou o ícone religioso profissional tanto quanto a forma hierárquica de liderança.^{92[92]} Como uma extensão da natureza e da missão de Cristo, a Igreja Primitiva foi o primeiro movimento na história dirigido por “leigos”. Mas, com a morte dos Apóstolos e dos homens treinados por eles, as coisas começaram a mudar.^{93[93]}

Desde então a Igreja de Jesus Cristo tem buscado seu modelo de organização eclesiástica das sociedades em que foi colocada. Isto sucedeu apesar da advertência de nosso Senhor de que Ele iniciaria uma nova sociedade de caráter único.^{94[94]} Contrastando surpreendentemente com as providências do Velho Testamento feitas no Monte Sinai, nem Jesus, nem Paulo impuseram um modelo organizacional fixo para a nova Israel.

Constantino e a Glorificação do Clero

Entre 313 e 325 d.C. o cristianismo deixou de ser uma religião arredia lutando para sobreviver ao governo romano. Agora tomava o sol do imperialismo, com grande quantidade de dinheiro, posição e estima.^{95[95]} Ser cristão sob o reino de Constantino já não era mais uma desvantagem. Pertencer à mesma religião do imperador era moda. E fazer parte do clero era receber a maior das recompensas.^{96[96]}

Constantino exaltava o clero. No ano 313 d.C., ele deu ao clero cristão a isenção de impostos — algo que os sacerdotes pagãos tradicionalmente desfrutavam.^{97[97]} O clero também se viu isento de serviços públicos

^{83[83]} A igreja adotou uma estrutura de liderança hierárquica envolvendo tanto pessoas como territórios, onde dioceses, províncias e municipalidades se subordinavam umas às outras através de um sistema piramidal. (*The Organization of the Early Christian Churches*, p. 185). Segundo Shelley, “Na medida em que a Igreja crescia ela adotou com toda naturalidade a mesma estrutura do Império” (Bruce Shelley, *Church History in Plain Language*, Waco: Word Books, 1982, p. 152).

^{84[84]} *The Organization of the Early Christian Churches*, p. 213.

^{85[85]} Will Durant, *Caesar to Christ* (New York: Simon & Schuster, 1950), pp. 670-671.

^{86[86]} d.C. Trueman, *The Pageant of the Past: The Origins of Civilization* (Toronto: Ryerson, 1965), p. 105.

^{87[87]} *Caesar to Christ*, pp. 575, 618. Durant escreveu que “a Igreja Romana seguiu os passos do Estado Romano” (p. 618).

^{88[88]} *The Other Six Days*, p. 44; *The Pageant of the Past*, p. 311; Robin Lane Fox, *Pagans and Christians* (San Francisco: Harper, 1986), p. 573).

^{89[89]} *The Oxford Dictionary of the Christian Church*, Terceira Edição, p. 482.

^{90[90]} *The Other Six Days*, p. 44.

^{91[91]} *Caesar and Christ*, pp. 671-672.

^{92[92]} Mat. 20:25-28; 23:8-12; Lucas 22:25-27. In *Who is Your Covering?*, Eu abordo o significado destas passagens em detalhes.

^{93[93]} Paulo treinou vários homens para sucedê-lo. Entre eles estavam Timóteo, Tito, Gaio, Trófimo, Tíquico, etc., veja Gene Edwards’ *Overlooked Christianity* (Sargent: Seedsowers, 1997) para detalhes.

^{94[94]} Mateus 23:8-11; Marcos 10:42ff.

^{95[95]} *Christian Priesthood Examined*, p. 62.

^{96[96]} Todo esse tempo, o termo “clero” passou a incluir todos os funcionários da igreja (*The Ministry in Historical Perspectives*, p. 29). Veja também Norman Towar Boggs, *The Christian Saga* (New York: Macmillan Company, 1931), pp. 206-207.

^{97[97]} *Christian Priesthood Examined*, p. 62; *Caesar and Christ*, pp. 656-657, 668.

obrigatórios e outros deveres cívicos.^{98[98]} O clero estava livre de ser julgado pela corte secular e de servir ao exército.^{99[99]} (Os Bispos eram julgados somente em uma corte especial de Bispos, não pelas cortes comuns do Estado).^{100[100]}

Em todas estas coisas o clero recebeu uma posição social especial. Constantino foi o primeiro a usar as palavras “clérigo” e “clero” para destacar uma classe social mais elevada.^{101[101]} Também sentiu que o clero cristão merecia o mesmo privilégio dos oficiais governamentais. Portanto, os Bispos podiam servir na magistratura da mesma forma que os juizes seculares.^{102[102]}

Os clérigos receberam as mesmas honras que os mais altos oficiais do Império Romano recebiam, e das mãos do próprio Imperador.^{103[103]} A verdade bruta é que Constantino deu aos Bispos de Roma mais poder que os governadores romanos!^{104[104]} Ele também ordenou que o clero recebesse uma paga anual fixa; uma paga pelo ministério!

O resultado líquido disto foi alarmante: O clero teve o prestígio de profissionais da igreja, o privilégio de uma classe favorecida e o poder de uma elite rica.^{105[105]} Eles tinham se tornado uma classe isolada com uma condição civil e um modo de vida separado. (Isto incluiu o celibato clerical).^{106[106]}

Além disso, eles se vestiam e se acomodavam de uma maneira distinta das pessoas comuns.^{107[107]} Os Bispos e sacerdotes raspavam suas cabeças. Esta prática, conhecida como *tonsure*, foi herdada da velha cerimônia de iniciação romana. Todos aqueles que tinham suas cabeças raspadas eram conhecidos como “clérigos” ou “membros do clero”.^{108[108]} Eles também começaram a vestir-se com a roupa dos mandatários romanos.^{109[109]}

Não é de surpreender que tanta gente nos dias de Constantino experimentasse um repentino “chamado ao ministério”.^{110[110]} Para eles, ser um mandatário da igreja agora era mais uma carreira que um chamado.^{111[111]}

Uma Falsa Dicotomia

Sob Constantino, o cristianismo foi reconhecido e honrado pelo Estado. Isto apagou a linha entre a igreja e o mundo. A fé cristã já não era uma religião de minoria. Melhor dizendo, era protegida pelo Imperador. Como conseqüência, a quantidade de membros aumentou rapidamente. Formaram-se levas de novos convertidos. Por serem mal convertidos trouxeram consigo uma grande quantidade de idéias pagãs para dentro da igreja. Nas palavras de Will Durant, “*enquanto o cristianismo convertia o mundo, o mundo convertia o cristianismo, tornando o paganismo algo natural para a humanidade*”.^{112[112]}

Como vimos anteriormente, as práticas das religiões místicas começaram a ser utilizadas na adoração da igreja.^{113[113]} E a noção pagã da dicotomia entre o sagrado e o profano encontrou caminho fértil na mentalidade cristã.^{114[114]} Pode-se dizer corretamente que a distinção de classe entre o clero e o leigo resultou diretamente dessa dicotomia. A vida cristã agora se dividia em duas partes: O secular e o espiritual — o sagrado e o profano.

^{98[98]} Monsignor Louis Duchesne, *Early History of the Christian Church: From Its Foundation to the End of the Fifth Century* (London: John Murray, 1912), p. 50; Paul Johnson, *A History of Christianity* (New York: Simon & Schuster, 1976), p. 77; Robin Lane Fox, *Pagans and Christians* (New York: Alfred Knopf, 1987), p. 667.

^{99[99]} Foram concedidas tais isenções a profissões como médicos e professores. Dave Andrews, *Christian Anarchy* (Lion Publications, 1999), p. 26.

^{100[100]} Father Michael Collins and Matthew A. Price, *The Story of Christianity* (DK Publishing, 1999), p. 74.

^{101[101]} *A History of Christianity*, p. 77. Um século depois, Julian o Apóstata usou estes mesmos termos (clerical, clérigos) pejorativamente.

^{102[102]} *Pagans and Christians*, p. 667.

^{103[103]} Josef A. Jungmann, S.J., *The Early Liturgy: To the Time of Gregory the Great* (Notre Dame: Notre Dame Press, 1959), pp. 130-131.

^{104[104]} *Caesar and Christ*, pp. 618-619.

^{105[105]} *The Organization of the Early Christian Churches*, pp. 153-155.

^{106[106]} *Ibid.*, p. 163. Não era exigido que os padres que fossem celibatários nos primeiros três séculos do Cristianismo. No Ocidente, em 306 d.C., o Conselho Espanhol de Elivra foi o primeiro a exigir que o clero fosse celibatário. Isto foi reafirmado pelo Papa Siricius em 386 a.C. Qualquer padre que se casasse ou continuasse vivendo com sua esposa era destituído. No Oriente, os padres e diáconos poderiam casar-se antes da ordenação, mas não depois dela. Os Bispos tinham que ser celibatários. Gregório o Grande fez um grande esforço para promover o celibato clerical, que muitos recusaram. O celibato clerical apenas alargou o abismo entre o clero e o chamado povo “simples” de Deus (*The Oxford Dictionary of the Christian Church*, Terceira Edição, p. 310; *History of the Christian Church, Volume 1*, pp. 441-446; *The Story of Christianity: Volume 1* (Gonzalez), p. 246; *The Age of Faith*, p. 45).

^{107[107]} Os bispos usavam o roupão antigo do magistrado romano. Os clérigos não usavam cabelos longos como os filósofos pagãos (*The Organization of the Early Christian Churches*, pp. 164-165).

^{108[108]} *The Story of Christianity*, p. 74.

^{109[109]} Veja Capítulo 5.

^{110[110]} *Christian Priesthood Examined*, p. 62.

^{111[111]} *The Ministry in Historical Perspectives*, p. 29.

^{112[112]} *Caesar and Christ*, p. 657.

^{113[113]} Veja Capítulo 1.

^{114[114]} Frank C. Senn, *Christian Worship and Its Cultural Setting* (Philadelphia: Fortress Press, 1983), pp. 40-41.

Mas pelo século IV esta falsa idéia foi adotada universalmente pelos cristãos. Isto produziu a idéia profundamente errônea de que há profissões sagradas (um chamado ao “ministério”) e profissões ordinárias, “um chamado vocacional mundano”.^{115[115]} O historiador Philip Shaff descreve corretamente estes fatores quando menciona que a “*secularização da igreja*” foi o fator que contaminou a “*corrente pura do cristianismo*”.^{116[116]} Note que esta dicotomia errônea vive na mente da maioria dos crentes hoje. Todavia tal conceito é pagão, não cristão. Ele rompe a realidade neotestamentária que diz que a vida diária é santificada por Deus.^{117[117]}

Clemente de Roma (morreu em 100 d.C.) foi o primeiro escritor cristão a fazer uma distinção na *condição* [status quo] de líderes cristãos e não líderes. Ele foi o primeiro a usar a palavra “leigo” contrastando com ministros.^{118[118]} Clemente sustentava que a ordem do Velho Testamento com respeito aos sacerdotes deveria ser cumprida na igreja cristã.^{119[119]}

Tertuliano foi o primeiro escritor a utilizar a palavra “clero” referindo-se a uma classe de cristãos separados.^{120[120]} Ambos, Tertuliano e Clemente de Alexandria (150-215) popularizaram a palavra “clero” em suas obras.^{121[121]}

Pelo século III a brecha entre clero e leigo se estendeu ainda mais e chegou a um ponto irremediável.^{122[122]} Os clérigos eram líderes treinados da igreja — os guardiões da ortodoxia — os governadores e mestres do povo. Eles possuíam dons e graças que não estavam disponíveis aos simples mortais.

O laicato era um extrato social de segunda classe, de cristãos ignorantes. O grande teólogo Karl Barth disse corretamente, “o termo ‘leigo’ é um dos piores do vocabulário religioso e deve ser eliminado da conversação cristã”.^{123[123]}

Os termos “clero” e “leigo” não aparecem no NT.^{124[124]} Tampouco contém o conceito de que há os que fazem o ministério (clero) e os que são objeto do ministério (leigos). Então, o que temos em Tertuliano e Clemente é uma plena digressão da postura dos primeiros cristãos onde todos os crentes partilhavam do mesmo *status*.

A distinção entre clero e leigo — entre o que ocupava o púlpito e o que se sentava no banco — pertence ao outro lado da cruz. Com o novo pacto em Cristo, o clero e o leigo são eliminados. Há somente o povo de Deus.

Junto com estas mudanças de postura chegou um novo vocabulário. Os cristãos começaram a adotar o vocabulário das seitas pagãs. O título *pontifex* (pontífice, um título pagão) Assim sucedeu também com os termos “Mestre de Cerimônia” e “Gran Maestro de Loja”.^{125[125]} Tudo isso reforçou o misticismo do clero enquanto guardiões dos mistérios de Deus.^{126[126]}

Pelo século V, a idéia do sacerdócio de cada crente havia desaparecido completamente do horizonte cristão. O acesso a Deus agora era controlado pela casta clerical. Foi exigido o cumprimento do celibato clerical. As pessoas comuns participavam com pouca freqüência da comunhão. O edifício agora estava velado de incenso e fumaça. As orações clericais eram feitas secretamente. E a pequena porem profundamente significativa cortina de seda que separava o clero do leigo foi estabelecida.

^{115[115]} Tudo deveria ser feito para a glória de Deus, porque Ele santificou o mundano (1 Cor. 10:31). A falsa dicotomia entre o sagrado e o profano foi para sempre abolida em Jesus Cristo. Tal pensamento pertence ao paganismo e ao antigo Judaísmo. Para o Cristão, “Nada é sujo em si mesmo”, e “o que Deus limpou não se torna ordinário” (Atos 10:15; Rom. 14:14). Para uma discussão mais aprofundada sobre a falácia da distinção sagrado/profano, veja J.G. Davies, *The Secular Use of Church Buildings* (New York: The Seabury Press, 1968), pp. 222-237.

^{116[116]} *The History of Christianity: Volume 3*, pp. 125-126.

^{117[117]} *New Testament Theology in Dialogue*, p. 127.

^{118[118]} 1 Clement 40:5. Veja também *Early Christians Speak*, p. 168; R. Paul Stevens, *The Abolition of the Laity* (Carlisle: Paternoster Press, 1999), p. 5.

^{119[119]} *Ordination: A Biblical-Historical View*, p. 38.

^{120[120]} *On Monogamy*, 12.

^{121[121]} *The Abolition of the Laity*, p. 28.

^{122[122]} *To Preach or Not to Preach?*, p. 25.

^{123[123]} *The Abolition of the Laity*, p. 24.

^{124[124]} O termo “leigo” é derivado da palavra grega *laos* que significa povo de Deus (veja 1 Pedro 2:9-10). O termo “clero” é derivado da palavra grega *kleros* que significa muito, uma parte, ou uma herança. O NT nunca usa a palavra *kleros* para líderes. Mas para o povo de Deus como um todo. O povo de Deus é herdeiro de Deus (veja Col. 1:12; Efésios 1:11; Gál. 3:29; 1 Pedro 5:3). Neste sentido, é irônico que Pedro em 1 Pedro 5:3 exorte os anciões da igreja a não exercer domínio sobre o *kleros* (“clero”)! Novamente, *kleros* e *laos* ambos se referem ao rebanho de Deus como um todo.

^{125[125]} *Christian Priesthood Examined*, p. 64. Termos como *coryphaeus* (Mestre de Cerimônias) e *hierophant* (Grande Mestre de Loja) foram tomados livremente de cultos pagãos e usados pelo clero Cristão. Tertuliano foi o primeiro a usar o termo “sumo pontífice” (o bispo dos bispos) referindo-se ao bispo de Roma em sua obra *Em Castidade* escrita por volta de 218 d.C.. Porém, Tertuliano usa o termo sarcasticamente (*The Spreading Flame*, p. 322).

^{126[126]} *Christian Priesthood Examined*, p. 64.

Em suma, pelo fim do século IV e entrando no V, o clero chegou a ser uma casta sacerdotal — um grupo espiritual da elite dos “homens santos”.^{127[127]} Isto nos conduz ao tema espinhoso da ordenação.

A Falácia da Ordenação

No século IV, a teologia e o ministério eram âmbito dos sacerdotes. O trabalho e a guerra eram âmbito do leigo.^{128[128]} Qual era o rito de passagem para o âmbito sagrado do sacerdote? *A Ordenação*.^{129[129]}

Antes de examinar as raízes históricas da ordenação, vejamos como se reconhecia a liderança na Igreja Primitiva. Os obreiros apostólicos (plantadores de igrejas) do século I voltavam a visitar uma igreja depois de um período de tempo. Em algumas congregações os trabalhadores reconheciam publicamente os anciãos. Em todos os casos os anciãos já tinham estado naquele lugar antes de serem reconhecidos publicamente.^{130[130]}

Os anciãos surgiam naturalmente em uma congregação com o passar do tempo. Eles não eram nomeados por uma autoridade externa.^{131[131]} Ou seja, cada um deles era reconhecido devido a sua antiguidade e contribuição com a igreja. Segundo o NT, o reconhecimento de certos dons dos membros é algo instintivo e orgânico.^{132[132]} Há um princípio interno dentro de cada crente que reconhece os vários ministérios na congregação.

Surpreendentemente, há apenas três passagens no NT que nos dizem que os anciãos eram reconhecidos publicamente. Anciãos foram reconhecidos nas congregações da Galácia. Paulo disse a Timóteo que conhecera anciãos em Éfeso. Disse o mesmo a Tito com relação às igrejas de Creta.

A palavra “ordenar” (KJV) destas passagens não significa ocupar um cargo.^{133[133]} Ou melhor, ela traz a idéia de afirmar, reconhecer e apoiar um desdobramento de algo que já está acontecendo.^{134[134]} Ela também traz a idéia de bênção.^{135[135]} O reconhecimento público dos anciãos e de outros ministérios geralmente era acompanhado pela imposição de mãos pelos obreiros apostólicos. (No caso dos obreiros enviados a outros lugares isto era feito pela congregação aos anciãos).^{136[136]}

No século I, a imposição de mãos meramente significava apoiar ou reafirmar uma função, não indicava uma nomeação a uma posição ou a elevação a uma categoria especial. Lamentavelmente mais adiante, no final do século II e no princípio do III, isso chegou a significar uma posição especial.^{137[137]}

Durante o século III a “ordenação” assumiu um significado completamente diferente. Era um rito cristão formalizado.^{138[138]} Pelo século IV, a cerimônia da ordenação foi ornada por vestimentas simbólicas e por um rito solene.^{139[139]} A ordenação produziu uma casta eclesiástica que usurpou o sacerdócio dos crentes.

Donde você supõe que os cristãos adquiriram seu padrão de ordenação? Eles copiaram sua cerimônia de ordenação do costume romano de designar homens ao serviço civil.^{140[140]} Todo o processo, cada palavra, saiu diretamente do mundo cívico romano.^{141[141]}

Antes do século IV os termos utilizados para a nomeação de cargos governamentais romanos e a ordenação cristã eram sinônimos.^{142[142]} Quando Constantino fez do cristianismo sua religião preferida as estruturas de

^{127[127]} Ibid., pp. 65-66; *Tradition and Life in the Church*, pp. 222-223.

^{128[128]} *Ordination: A Biblical-Historical View*, p. 40.

^{129[129]} Ibid., p. 167.

^{130[130]} Veja *Rethinking the Wineskin*, Capítulo 5; *Who is Your Covering*, Capítulo 2.

^{131[131]} De acordo com o comentarista bíblico Alfred Plummer, as palavras gregas traduzidas como “ordenar” dentro do NT não tem significados eclesiásticos especiais. Nenhuma delas insinua o rito de ordenação ou uma cerimônia especial (“The Pastoral Epistles,” em *The Expositor’s Bible*, ed. W. Robertson Nicoll, New York: Armstrong, 1903, Vol. 23, pp. 219-221). Veja também *Who is Your Covering?* Capítulos 1-3.

^{132[132]} Atos 16:2; 1 Tes. 1:5; 5:12; 1 Cor. 16:18; 2 Cor. 8:22; Filip. 2:22; 1 Tim. 3:10.

^{133[133]} *Ordination: A Biblical-Historical View*, p. 4. Os tradutores da KJV usaram *ordain* para 21 diferentes palavras hebraicas e gregas. Este mal-entendido eclesiástico do século XVII foi influenciado por esta pobre escolha.

^{134[134]} A palavra grega *cheirotoneo* em Atos 14:23 significa literalmente “estender as mãos” como que votando. Conseqüentemente, é provável que os apóstolos impunham suas mãos naqueles que a maioria da igreja julgava já estar funcionando como inspetores entre eles.

^{135[135]} *The Elders*, pp. 169-170.

^{136[136]} Atos 13:2; 1 Tim. 4:14. Paulo, um obreiro experiente, também impôs suas mãos sobre Timóteo, um jovem obreiro (2 Tim. 1:6).

^{137[137]} *Ordination: A Biblical-Historical View*, pp. 104, 111, 127, 130. Warkentin faz um estudo completo no NT sobre o significado de “impor as mãos” nos capítulos 9-11 de seu livro. Ela conclui que: “O ato de impor as mãos nada tem a ver com a instalação rotineira de um cargo na igreja, como ancião, diácono, pastor, ou missionário” (p. 156).

^{138[138]} O mais antigo registro do rito da ordenação encontra-se em *Apostolic Traditions* of Hippolytus (200-220). Pelo século IV, as referências são muitas (*Ordination: A Biblical-Historical View*, pp. 25, 41).

^{139[139]} *Ordination: A Biblical-Historical View*, p. 104.

^{140[140]} *The Organization of the Early Christian Churches*, pp. 129-133.

^{141[141]} Ibid. Esta mesma tendência foi absorvida pelo Judaísmo já no primeiro século. Escribas judeus proficientes na interpretação do Torah e das tradições orais ordenavam homens para cargos no Sinédrio. Estes homens foram vistos como mediadores da vontade de Deus para todo Israel. Os “ordenados” do Sinédrio ficaram tão poderosos antes do início do segundo século que os romanos condenavam a morte qualquer um que executasse a ordenação judia! (*Ordination: A Biblical-Historical View*, pp. 16, 21-23, 25).

liderança da igreja passaram a ser sustentadas através da sanção política. Formas de sacerdócio do Velho Testamento foram combinadas com a hierarquia grega.^{143[143]} Tristemente, a igreja estava segura nesta nova fórmula — exatamente como está hoje.

Agostinho (293-373) foi ainda mais longe ensinando que a ordenação confere ao ordenado “um caráter definitivo e irremovível” que o capacita no cumprimento de suas funções sacerdotais!^{144[144]} Para Agostinho, a ordenação era uma posição permanente que não poderia ser revogada.^{145[145]}

A ordenação cristã, então, chegou a ser compreendida como aquilo que constitui a diferença essencial entre clero e leigo. Por ela o clero era autorizado a ministrar os sacramentos. Acreditava-se que o sacerdote, que faria o serviço divino, deveria ser o cristão mais perfeito e santo de todos.^{146[146]}

Gregório de Nacianceno (329-389) e Crisóstomo (347-407) elevaram a norma padrão tão alto no que diz respeito aos sacerdotes que falhar em cumprir a santidade de seu serviço prejudicaria sua posição ou o levaria a um estado crítico.^{147[147]} Segundo Crisóstomo o sacerdote é como um anjo. Ele não possui a mesma fraqueza do resto dos homens!^{148[148]}

Como poderia o sacerdote viver em tal estado de pura santidade? Como poderia ele ser digno de servir no “coro dos anjos”? A resposta era a ordenação. Pela ordenação, a corrente das graças divinas fluía ao sacerdote, equipando-o para ser um instrumento digno nas mãos de Deus. Esta idéia, também conhecida como “dom sacerdotal”, apareceu primeiramente com Gregório de Nisa (330-395).

Gregório sustentava que a ordenação configura o sacerdote de uma forma “invisível” como “um homem diferente e melhor”, elevando-o acima do leigo.^{149[149]} “*O próprio poder da Palavra*”, disse Gregório, “*faz com que o sacerdote seja venerável, honorável, separado... Embora no dia anterior ele fosse apenas uma pessoa no meio das massas, alguém do povo, ele é repentinamente convertido em guia, presidente, mestre de justiça, instrutor de mistérios ocultos...*”.^{150[150]}

Atente para estas palavras de um documento do século IV: “*O Bispo, eis o ministro da Palavra, o guardião do conhecimento, o mediador entre Deus e você em várias partes de sua adoração divina... Ele é seu soberano e governante... Ele está em segundo lugar depois de Deus, seu deus terreal, que tem o direito de ser honrado por tua pessoa*”.^{151[151]}

A ordenação concede ao sacerdote (ou Bispo) poderes divinos especiais tornando-o apto a oferecer o sacrifício da Missa. A ordenação também o torna um tipo de homem completamente separado e santo!^{152[152]} Os sacerdotes chegaram a ser identificados como “vigários de Deus na terra”. Eles chegaram a fazer parte de uma ordem de homens especiais. Uma ordem apartada dos “leigos” da igreja.

O estilo de vida do sacerdote e suas vestes eram distintos do leigo,^{153[153]} justamente para ressaltar esta diferença.^{154[154]} Lamentavelmente, este conceito de ordenação nunca foi abolido da fé cristã. Está vivo e bem vivo no moderno cristianismo. De fato, se você está perguntando por que e como o pastor moderno chega a ser elevado ao patamar de “homem santo de Deus”, estas são suas raízes.

Eduardo Schweizer, em sua clássica obra *Church Order in the New Testament*, sustenta que Paulo nada sabia a respeito de qualquer ordenação conferindo poderes ministeriais ou clericais ao cristão.^{155[155]} Os pastores, (anciãos, supervisores) do primeiro século não receberam nada parecido com a moderna ordenação. Eles não estavam *acima* do restante do rebanho. Eles eram aqueles que serviam *entre* eles.^{156[156]}

Os anciãos do século I eram apenas publicamente reconhecidos pelos obreiros de fora como aqueles que cuidavam da igreja. Tratava-se de um simples reconhecimento de uma função. Algo que não conferia nenhum poder especial. Tampouco era uma posição permanente como acreditava Agostinho.

^{142[142]} Ibid., p. 35. Isto fica evidente em *Apostolic Constitutions* (d.C. 350-375).

^{143[143]} Ibid., p. 45.

^{144[144]} *Tradition and Life in the Church*, p. 224.

^{145[145]} *Ministry in Historical Perspectives*, p. 75.

^{146[146]} *Tradition and Life in the Church*, p. 227.

^{147[147]} Ibid., p. 228.

^{148[148]} *Ministry in Historical Perspectives*, p. 71.

^{149[149]} *Tradition and Life in the Church*, p. 229.

^{150[150]} *Ministry in Historical Perspectives*, p. 75. Acreditava-se que a ordenação conferia ao receptor um caráter *indelével*. Ou seja, algo sagrado entrava nele (*Ordination: A Biblical-Historical View*, p. 42; *History of the Christian Church: Volume 3*, p. 489).

^{151[151]} *The Apostolic Constitutions* II.4.26.

^{152[152]} Kevin Giles, *Patterns of Ministry Among the First Christians* (Melbourne: Collins Dove, 1991), p. 195.

^{153[153]} David D. Hall, *The Faithful Shepherd* (Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1972), p. 6.

^{154[154]} David D. Hall, *The Faithful Shepherd* (Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1972), p. 6.

^{155[155]} Eduard Schweizer, *Church Order in the New Testament* (Chatham: W. & J. Mackay, 1961), p. 207.

^{156[156]} Atos 20:28, NASB; 1 Pedro 5:2-3.

A moderna prática da ordenação cria uma casta especial de cristão. Seja ele sacerdote no catolicismo ou pastor no protestantismo, o resultado é o mesmo: O ministério mais importante restringe-se a uns poucos crentes “especiais”.

Tal idéia é tão daninha quanto antibíblica. Em nenhum lugar do NT a pregação, o batismo ou a distribuição da Ceia do Senhor restringe-se aos “ordenados”.^{157[157]} O eminente erudito James D. G. Dunn esclarece melhor este ponto quando diz que a tradição clero-leigo contribuiu mais para minar a autoridade do NT do que a maioria das heresias!^{158[158]}

Na medida em que alguém poderia desempenhar certa função na igreja através do rito da ordenação, o poder de ordenar passou a constituir o ponto chave no que diz respeito à autoridade religiosa. O contexto bíblico se perdeu. E passou-se a utilizar métodos de comprovar textos para justificar a hierarquia clero-leigo.^{159[159]} O crente comum, geralmente inculto e ignorante, ficou a mercê do clero profissional!^{160[160]}

A Reforma

Os reformadores do século XVI colocaram fortemente a prova o sacerdócio Católico. Eles atacaram a idéia de que o sacerdote possuía poderes especiais para converter vinho em sangue. Eles rechaçaram a sucessão Apostólica. Eles incentivaram o clero a casar-se. Eles revisaram a liturgia para que a congregação tivesse mais participação. Eles também eliminaram a posição do Bispo e reduziram o sacerdote à condição de presbítero.^{161[161]}

Desgraçadamente, os reformadores trouxeram a distinção católica entre o leigo e o clero diretamente para o movimento protestante. Eles também preservaram a idéia católica da ordenação.^{162[162]} Mesmo eliminando o cargo de Bispo, ressuscitaram a regra do Bispo único com nova roupagem.

A voz dominante da reforma foi a restauração do sacerdócio de todos os crentes. Tal restauração, todavia, foi parcial. Lutero (1483-1546), Calvino (1509-1564) e Zwinglio (1484-1531) afirmaram o sacerdócio dos crentes no que toca ao relacionamento *individual* de cada crente com Deus. Eles ensinaram corretamente que cada cristão tem acesso direto a Deus sem a necessidade de um mediador humano. Foi uma maravilhosa restauração. Mas foi parcial.

O que os reformadores deixaram de fazer foi recuperar a dimensão *coletiva* do sacerdócio crente. Eles restauraram a doutrina do sacerdócio *soteriologicamente* — isto é, com respeito à salvação. Mas eles falharam em restaurá-la *eclesialmente* — isto é, com respeito à igreja.^{163[163]}

Em outras palavras, os reformadores apenas recuperaram o sacerdócio do *crente* (singular). Eles nos lembraram que todo cristão tem acesso a Deus, individual e imediatamente. Apesar disso ser bonito, eles não recuperaram o sacerdócio de *todos* os crentes (coletivamente, plural). Esta é a preciosa verdade de que cada cristão é parte de um grupo que compartilha a Palavra de Deus, mutuamente. (Foram os anabatistas que recuperaram esta prática. Lamentavelmente, esta recuperação foi uma das razões pelas quais as espadas protestantes e católicas ficaram rubras com sangue anabatista).^{164[164]}

Embora os reformadores se opusessem ao Papa e sua hierarquia religiosa, eles fizeram vista grossa com respeito ao ministério que eles herdaram. Eles acreditavam que o “ministério” era uma instituição restrita àqueles poucos que foram “chamados” e “ordenados”.^{165[165]} Assim, pois, os reformadores reafirmaram a divisão clero-leigo. Apenas na retórica os reformadores ensinavam que todos os crentes eram sacerdotes e ministros, na prática o negaram. Pois quando toda fumaça da reforma se dissipou, nos deparamos com a mesma coisa que os católicos nos deram — um sacerdócio seletivo!

^{157[157]} *New Testament Theology in Dialogue*, p. 138 ff.

^{158[158]} *Ibid.*, pp. 126-129.

^{159[159]} *Ordination: A Biblical-Historical View*, p. 45.

^{160[160]} *Ordination: A Biblical-Historical View*, p. 51; *The Organization of the Early Christian Churches*, pp. 126-131. A ordenação cresceu como um instrumento para consolidar o poder clerical. Através dela, o clero poderia dominar sobre o povo de Deus como as autoridades seculares fazem. O efeito líquido é que a ordenação moderna monta barreiras artificiais entre os cristãos e impede o mútuo ministério.

^{161[161]} *Christian Priesthood Examined*, p. 82.

^{162[162]} Embora Lutero rejeitasse a idéia de que ordenação muda o caráter da pessoa ordenada, ele garantiu sua importância. Na mente de Lutero, a ordenação é um rito da igreja. E uma cerimônia especial era necessária para o encargo dos deveres pastorais (*Christian Liturgy*, p. 297).

^{163[163]} “O sacerdócio de todos os crentes refere-se não apenas à relação de cada pessoa para com Deus e ao sacerdócio da pessoa para com o próximo, como em Lutero; mas refere-se também à igualdade de todas as pessoas na comunidade cristã em seu funcionamento formal” (John Dillenberger, *Protestant Christianity: Interpreted Throughout Its Development*, p. 61).

^{164[164]} *The Faithful Shepherd*, p. 8. Sobre o constrangimento da história anabatista, veja Peter Hoover’s *The Secret of the Strength: What Would the Anabaptists Tell This Generation?* (Shippensburg: BenchMarcos Press, 1998).

^{165[165]} J.L. Ainslie, *The Doctrines of Ministerial Order in the Reformed Churches of the 16th and 17th Centuries* (Edinburgh, 1940), pp. 2,5.

Lutero manteve a idéia de que aqueles que pregam necessitam de um treinamento especial.^{166[166]} Como os católicos, os reformadores acreditavam que apenas um “ministro ordenado” poderia pregar, batizar e ministrar a Ceia do Senhor.^{167[167]} Como resultado, a ordenação deu ao ministro uma aura de favor divino indiscutível.

Tragicamente, Lutero e os demais reformadores denunciaram violentamente aos anabatistas pela prática sacerdotal de cada crente na igreja.^{168[168]} Os anabatistas acreditavam e acreditam que cada cristão tem o direito de levantar-se e falar em uma reunião. Isso não era privilégio do clero. Lutero era tão avesso a esta prática que disse que isso se originou no inferno e que os que a praticavam deveriam ser mortos!^{169[169]} (Veja sua herança, querido cristão protestante)!

Em suma, os Reformadores preservaram a idéia da ordenação como chave do poder na igreja. Era responsabilidade do ministro ordenado comunicar a revelação de Deus ao povo.^{170[170]} E ele seria pago para exercer esta função.

De modo similar ao sacerdote Católico, a igreja via o ministro reformado como “homem de Deus” — o mediador remunerado entre Deus e Seu povo.^{171[171]} Não um mediador para perdoar pecados, mas um mediador para comunicar a vontade divina.^{172[172]} Assim, no Protestantismo o velho problema assumiu um novo formato. O jargão mudou, mas o veneno permaneceu.

De Sacerdote a Pastor

João Calvino não gostava de aplicar a palavra “sacerdote” aos ministros.^{173[173]} Ele preferia o termo “pastor”.^{174[174]} Segundo a mente de Calvino, “pastor” era a palavra mais elevada que poderia existir no que tange ao ministério. Ele gostava dessa palavra porque a Bíblia refere-se a Jesus Cristo como “o grande Pastor das ovelhas” (Heb. 13:20).^{175[175]} Ironicamente, Calvino acreditava estar restaurando o bispado (*episkopos*) do NT na figura do pastor!^{176[176]}

Lutero também não gostava da palavra “sacerdote” para definir os novos ministros protestantes. Ele escreveu, “*não podemos nem devemos chamar de sacerdote aos que estão encarregados da Palavra e do Sacramento ao povo. A razão pela qual eles têm sido chamados sacerdotes é pelo costume do povo pagão ou por um vestígio da nação judaica. O resultado é danoso à igreja*”.^{177[177]} Assim, ele também adotou os termos “pregador”, “ministro” e “pastor” referindo-se a este novo ofício.

Zwinglio e Martin Bucer (1491-1551) também preferiram a palavra “pastor”. Eles escreveram vários tratados sobre isto.^{178[178]} Como resultado, o termo começou a permear as igrejas da Reforma.^{179[179]} Todavia,

^{166[166]} *Ordination: A Biblical-Historical View*, pp. 57-58.

^{167[167]} *Ibid.*, pp. 61-62.

^{168[168]} Os anabatistas acreditavam e praticavam a injunção de Paulo em 1 Coríntios 14:26, 30-31 de que cada crente tem o direito de funcionar em qualquer momento em uma reunião da congregação. No tempo de Lutero esta prática foi conhecida como *Sitzrecht* — “o direito do que está sentado” (*The Secret of the Strength*, pp. 58-59).

^{169[169]} Lutero anunciou que “o *Sitzrecht* veio das profundezas do inferno” e que era uma “perversão da ordem pública... a ruína do respeito à autoridade”. Em 20 anos, mais de 116 leis foram promulgadas nos territórios alemães através da Europa, declarando esta “heresia anabatista” uma ofensa capital (*The Secret of the Strength*, p. 59, 198). Além disso, Lutero sentiu que se toda igreja ministrasse publicamente a Ceia do Senhor, isso seria uma “deplorável confusão”. Na mente de Lutero, uma pessoa necessitava exercer essa tarefa — o pastor. (Paul Althaus, *The Theology of Martin Luther*, Philadelphia: Fortress Press, 1966, p. 323).

^{170[170]} *Ordination: A Biblical-Historical View*, p. 105.

^{171[171]} *Ibid.*, p. 105. Os protestantes hoje falam do “ministério” como uma corporação de mediadores estabelecidos no Corpo de Cristo em vez de uma função compartilhada por todos.

^{172[172]} Da mesma maneira como o clero católico romano foi visto como porteiro da salvação, o clero protestante foi visto como o fiduciário da Divina Revelação. De acordo com a *Confissão de Augsburg* de 1530, o cargo mais alto na igreja foi o de pregador. No velho Judaísmo, o rabino interpretava o Torah para as pessoas. Na igreja protestante, o ministro é considerado como o guardião dos mistérios de Deus (*Ordination: A Biblical-Historical View*, p. 168).

^{173[173]} John Calvin, *Institutes of the Christian Religion* (Westminster Press, 1960), Bk. 4, Ch. 8, No. 14.

^{174[174]} “Pastor” vem do latim *pastor*. William Tyndale [em sua tradução para o inglês] preferiu o termo “pastor” em sua tradução da Bíblia. Tyndale debateu com o Sr. Thomas More sobre usar “pastor” ou “sacerdote”. Tyndale, um protestante, assumiu a posição de que “pastor” era exegeticamente correto (veja *The Parker Society Series on the English Reformers* sobre esta mudança).

^{175[175]} *The Faithful Shepherd*, p. 16.

^{176[176]} *Old Priest and New Presbyter*, p. 111.

^{177[177]} *Luther's Works*, 40, 35.

^{178[178]} Um dos livros mais influentes durante a Reforma foi *The Pastorale* de Bucer. No mesmo espírito, Zwinglio publicou um tratado intitulado *The Pastor*.

^{179[179]} A ordem de pastores na igreja de Calvino em Genebra tornou-se o mais influente modelo durante a reforma. Tornou-se o padrão das igrejas protestantes na França, Holanda, Hungria, Escócia, como também entre os puritanos ingleses e seus descendentes (*Ministry in Historical Perspectives*, p. 131, 115-117.). Calvino também deu origem à idéia de que o pastor e o professor são os dois únicos cargos “ordinários” em Efésios 4:11-12 que permanecem perpétuos na igreja (*The Faithful Shepherd*, p. 28). Durante o século XVII os puritanos usaram o termo

devido a sua obsessão pela pregação, o termo favorito dos reformadores para o ministro foi “pregador”.^{180[180]} Este foi geralmente o termo empregado pelas pessoas comuns.^{181[181]}

Foi apenas no século XVIII que o termo “pastor” chegou a ser de uso corrente, eclipsando “pregador” e “ministro”.^{182[182]} Esta influência veio dos Luteranos Pietistas.^{183[183]} Desde então o termo espalhou-se entre as principais correntes cristãs.^{184[184]}

Foi assim que os reformadores elevaram o pastor como cabeça funcional da igreja. Segundo Calvino, “*O cargo pastoral é necessário para preservar a igreja na terra tanto quanto o sol, o alimento e a água são necessários para preservar e sustentar a presente vida*”.^{185[185]}

Os reformadores acreditavam que o pastor possuía o poder e a autoridade divina. Ele não falava em seu próprio nome, mas em nome de Deus. Calvino fortaleceu ainda mais a primazia do pastor ao considerar atos de desprezo ou zombaria contra o ministro como séria ofensa pública.^{186[186]}

Isto não constitui nenhuma surpresa diante do modelo ministerial adotado por Calvino. Ele adotou a regra do Bispo único do século II!^{187[187]} E isto também se aplica aos demais reformadores.^{188[188]}

A ironia aqui é que Calvino lamentou o fato da Igreja Católica Romana ter construído suas práticas sobre “invenções humanas” em vez da Bíblia.^{189[189]} Mas Calvino fez o mesmo! Nesse aspecto os protestantes são tão culpáveis quanto os católicos. Ambos se baseiam em práticas de tradições humanas.

Calvino ensinou que a pregação da Palavra de Deus e o correto ministério dos sacramentos são indicações de uma igreja verdadeira.^{190[190]} Em sua mente, a pregação, o batismo e a eucaristia tinham que ser ministrados pelo pastor e não pela congregação.^{191[191]} Para todos os reformadores, a função primária de um ministro é a pregação.^{192[192]}

Como Calvino, Lutero também fez do pastor uma posição separada e exaltada. Mas ao mesmo tempo em que sustentava que as chaves do Reino pertenciam a todos os crentes, Lutero confinava seu uso aos que ocupavam um posto na igreja.^{193[193]} “*Somos todos sacerdotes*”, disse Lutero, “*na medida em que somos*

“pastor” em algumas de suas publicações. No século XVII as obras Anglicanas e Puritanas referiam-se ao clérigo local em trabalho pastoral como “pároco” (George Herbert’s *The Country Parson*) e “pastor” (Richard Baxter’s *The Reformed Pastor*).

^{180[180]} *Ministry in Historical Perspectives*, p. 116. “Os reformadores alemães também aderiram ao uso Medieval e chamaram o pregador de *Pfarrer*, isto é, pároco (derivado de *parochia* — paróquia e *parochus* — pároco). Enquanto os pregadores luteranos são chamados “pastores” nos Estados Unidos, eles são chamados *Pfarrer* (chefe da paróquia) na Alemanha. Em virtude da gradual transição do sacerdote católico ao pastor protestante, não era incomum as pessoas ainda chamarem seus novos pastores protestantes por velhos títulos católicos como “sacerdote”.

^{181[181]} *The Ministry in Historical Perspectives*, p. 116.

^{182[182]} A palavra “pastor” sempre apareceu na literatura teológica desde o período patrístico. A palavra escolhida dependia da função que você desejava realçar: Um pastor guiava os aspectos morais e espirituais. O sacerdote exercia os sacramentos. Mesmo assim, o termo “pastor” não foi um termo usado pelo crente comum até a Reforma.

^{183[183]} *The Ministry in Historical Perspectives*, p. 116.

^{184[184]} *Ibid.* A palavra “sacerdote” pertence à tradição católica/anglicana, a palavra “ministro” pertence à tradição reformada, e a palavra “pastor” pertence às tradições luterana e evangélica (p. viii). Os reformadores referiam-se aos seus ministros como “pastores”, e mais comumente como “pregadores”. A palavra “pastor” posteriormente tornou-se o termo predominante na cristandade para este cargo. Isto foi devido aos principais grupos desejarem distanciar-se do vocabulário das igrejas “litúrgicas”. O termo “ministro” foi gradualmente introduzido no mundo de língua inglesa pelos inconformistas e dissidentes. Eles desejavam distinguir o “ministro protestante” do clero Anglicano (*The Ministry in Historical Perspectives*, p. 116).

^{185[185]} *Institutes*, IV: 3:2, p. 1055.

^{186[186]} *The Ministry in Historical Perspectives*, p. 138.

^{187[187]} “Seu (de Calvino) modelo de ministério remonta à igreja do século II em vez daquele que vigorava na era Apostólica. Na era Apostólica a comunidade cristã local não estava a cargo de um único pastor, mas de certa quantidade de funções intercambiáveis, tais como presbíteros (anciões) e bispos. Foi apenas no século II que surgiu o Bispo único ou pastor da comunidade cristã, conforme consta nas Epístolas de Inácio... Foi nesta fase de desenvolvimento do ofício ministerial na igreja do século II que Calvino retirou seu modelo” (*Calvin and the Reformation*, pp. 81-82).

^{188[188]} James H. Nichols escreve, “em termos gerais os Reformadores também aceitaram o sistema do século II, um ministério institucionalizado de pastores ou Bispos conduzindo o leigo em adoração... Eles não tentaram voltar à era Apostólica...” (*Corporate Worship in the Reformed Tradition*, p. 21).

^{189[189]} *Ministry in Historical Perspectives*, p. 111.

^{190[190]} *Institutes*, IV:1:9, p. 1023.

^{191[191]} John H. Yoder, “The Fullness of Christ,” *Concern* 17, 1969, p. 71.

^{192[192]} *The Ministry in Historical Perspectives*, p. 131. O destacado lugar da pregação é mais bem refletido no livro *German Mass* de Lutero. Há três serviços no domingo. Às cinco ou seis horas da manhã um sermão era proferido com base na Epístola do dia. Às oito ou nove horas o ministro pregava o Evangelho do dia. O sermão do serviço vespertino era baseado no Velho Testamento. Os demais dias da semana também eram devotados à pregação (pág. 131). Lutero era abrasivo, poderoso e dramático. Ele transmitia sua própria personalidade em seus sermões sem se sobrepor à mensagem. Ele foi um pastor voraz. Sabe-se que proferiu cerca de 4.000 sermões (*Christian History*, Volume XII, No. 3, Issue 39, p. 27). As mensagens dele eram inspiradoras de temor, poéticas e criativas. Zwinglio pregava direta e naturalmente, contudo era muito intelectual. Sempre impessoal, Calvino era consistente em sua exaustiva citação de passagens. Bucer era enfadonho e tinha a tendência de vaguear (pág. 133). Mesmo assim, a primitiva pregação protestante era bem doutrinária, obcecada pela “pura e correta doutrina”. Por isto, os pastores da Reforma eram principalmente professores da Bíblia (p. 135).

^{193[193]} *The Faithful Shepherd*, p. 8.

cristãos, mas aqueles a quem chamamos de sacerdotes são ministros selecionados de nosso meio para agir em nosso nome, e o sacerdócio deles é nosso ministério”.^{194[194]}

Lamentavelmente, Lutero acreditava que todos estão em sacerdócio, mas nem todos podem exercer o sacerdócio.^{195[195]} Isto é sacerdotalismo, pura e simplesmente. Lutero abominou o campo católico pela rejeição do sacerdócio sacrificatório. Mas em seu lugar ele acreditava que o ministério da Palavra de Deus pertencia a uma ordem especial.^{196[196]}

Veja como Lutero exalta a figura do pastor: “Deus fala através do pregador... Um pregador cristão é um ministro de Deus que foi separado, sim, é um anjo de Deus, um Bispo enviado por Deus, um salvador de muitas pessoas, um rei e príncipe no reino de Cristo... Nesta vida e nesta terra não há nada mais precioso nem mais nobre que um pregador verdadeiro e fiel”.^{197[197]}

Disse Lutero, “Não devemos permitir que nosso pastor fale as palavras de Cristo como se as falasse por si mesmo; pois ele é a boca de todos nós e falamos as palavras com ele em nossos corações. É uma coisa maravilhosa que a boca de cada pastor seja a boca de Cristo, portanto, devemos todos escutar o pastor, não como homem, mas como Deus”.^{198[198]} Dá para escutar o eco e Inácio ressoando através das palavras de Lutero.

Estas idéias corromperam a visão de Lutero quanto à igreja. Ele acreditava que ela não era outra coisa a não ser um posto de pregação. “A congregação cristã”, disse Lutero, “nunca deve reunir-se a menos que a Palavra de Deus seja pregada e a oração oferecida, não importa quão curto seja o tempo de tal reunião”.^{199[199]} Lutero acreditava que a igreja era simplesmente uma reunião de pessoas que escutavam a pregação. Por esta razão, ele descreveu o edifício da igreja como *Mundhaus*, que significa “a casa que fala”.^{200[200]} Ele também declarou que “as orelhas são os únicos órgãos do cristão”.^{201[201]}

Querido cristão protestante observe suas raízes!

A Cura de Almas

Tanto Calvino como Lutero compartilharam o pensamento de que as duas principais funções do pastor eram proclamar a Palavra (pregação) e celebrar a Eucaristia (comunhão). Mas Calvino agregou um terceiro elemento. Ele enfatizou que o pastor tinha a obrigação de prover o cuidado e a sanidade da congregação.^{202[202]} Isto é conhecido como “cura de almas”.

A “cura de almas” remonta aos séculos IV e V.^{203[203]} Encontramos isso nos ensinamentos de Gregório de Nacianceno. Gregório chamava o Bispo de “pastor” — um médico de almas que diagnostica as enfermidades do paciente e receita remédio ou cirurgia.^{204[204]}

Os primeiros seguidores de Lutero também praticaram a medicina das almas.^{205[205]} Mas na Genebra de Calvino essa prática chegou a ser uma arte. Exigiu-se que cada pastor e ancião visitasse as casas dos paroquianos. Também houve visitas regulares aos enfermos e aos encarcerados.^{206[206]}

Para Calvino e Bucer, o pastor não era apenas um pregador e um dispensador de sacramentos. Ele era também “médico de almas”, “coadjutor”. A ele cabia levar sanidade, cura e compaixão ao povo enfermo de Deus.^{207[207]}

^{194[194]} *The Ministry in Historical Perspectives*, p. 112. Os Reformadores substituíram a palavra “ministro” por “sacerdote”. Ilion T. Jones, *A Historical Approach to Evangelical Worship* (New York: Abingdon Press, 1954), p. 141.

^{195[195]} “Esta noção tornou-se ponto pacífico da Reforma” (*Ministry in Historical Perspectives*, p. 113).

^{196[196]} B.A. Gerrish, “Priesthood and Ministry in the Theology of Luther,” *Church History*, XXXIV (1965), pp. 404-422.

^{197[197]} *The Ministry in Historical Perspectives*, pp. 114-115.

^{198[198]} *The Theology of Martin Luther*, p. 326.

^{199[199]} “Concerning the Ordering of Divine Worship in the Congregation,” *Works of Martin Luther* (Philadelphia: Muhlenberg Press, 1932), VI, p. 60.

^{200[200]} *The Ministry in Historical Perspectives*, p. 114.

^{201[201]} *Luther's Works*, Vol. 29, p. 224.

^{202[202]} John T. McNeill, *A History of the Cure of Souls* (New York: Harper and Row, 1951).

^{203[203]} Gregório de Nacianceno, Crisóstomo, Agostinho e Gregório o Magno escreveram muito sobre o tema “cura das almas” (*A History of the Cure of Souls*, p. 100). No ano 591, Gregório escreveu um tratado para pastores intitulado *Livro de Regra Pastoral*. Até hoje esta obra é usada nos seminários. O uso desse livro em muito se deve a Gregório de Nacianceno (p. 109). Gregório o Magno foi, mais que qualquer outro Papa, o pastor que mais se destacou na Igreja Ocidental.

^{204[204]} *A History of the Cure of Souls*, p. 108. Gregório Nacianceno articulou estas coisas em sua *Segunda Oração*, escrita em 362 d.C.

^{205[205]} *A History of the Cure of Souls*, p. 177.

^{206[206]} *The Ministry in Historical Perspectives*, p. 136. Em 1550, foi emitida a ordem de que os ministros deveriam visitar cada casa pelo menos uma vez por ano.

^{207[207]} Bucer escreveu o mais notável de todos os livros sobre “cura de almas” intitulado *True Cure of Souls* em 1538. Este livro foi traduzido em alemão e latim (*A History of the Cure of Souls*, p. 177).

Esta idéia está viva no mundo protestante de hoje. Pode ser facilmente vista nos modernos conceitos de “cuidado pastoral”, “aconselhamento pastoral”, “assistência psicológica cristã”. Na igreja moderna, a responsabilidade de tal cuidado cai sobre os ombros de um homem — o pastor. (No século I, isso caía sobre os ombros de toda congregação e de um grupo de homens maduros chamados “anciãos”).^{208[208]}

A Primazia do Pastor

Em poucas palavras, a reforma protestante foi um golpe no sacerdotalismo católico romano. Mas não foi um golpe mortal, pois os reformadores preservaram a regra do Bispo único. Este simplesmente passou por uma mudança semântica. O pastor agora exercia o papel do Bispo. Ele chegou a ser conhecido como a cabeça da igreja local — como o principal ancião.^{209[209]} Como disse certo escritor, “no Protestantismo, o pregador tende a ser porta-voz e representante da igreja, e a igreja muitas vezes é a igreja do pastor. Este é o grande perigo e a grande ameaça à religião cristã, a incoerência clerical”.^{210[210]}

As reformas feitas pelos reformadores não foram suficientemente radicais para mudar as coisas iniciadas por Inácio e Cipriano. A Reforma irrefletidamente aceitou a estrutura hierárquica católica e manteve a distinção antibíblica entre ordenado e não ordenado.

Em sua retórica os reformadores criticaram a divisão clero-leigo. Mas na prática eles a mantiveram intocada. Como Kevin Giles disse, “as diferenças entre clero católico e clero protestante foram apagadas na prática e na teologia. Em ambas correntes o clero permanece bem distante; em ambas seu estado especial se baseia nas iniciativas divinas mediadas de diferentes maneiras; e em ambas certas responsabilidades são reservadas a ele”.^{211[211]}

A velha tradição pós-bíblica da regra do Bispo único (agora encarnada no pastor) prevalece na Igreja Protestante hoje. Por causa da petrificação da errônea divisão clero-leigo, há tremendas pressões psicológicas que fazem com que o chamado “leigo” sinta que o ministério é de responsabilidade do pastor. “É o trabalho dele. Ele é o perito”, é a idéia que prevalece.

A palavra usada no NT para ministro é *diakonos*. Tal palavra quer dizer “servo”. Mas esta palavra foi corrompida porque os homens profissionalizaram o ministério. Tomamos a palavra “ministro” e a equiparamos com a palavra pastor sem nenhuma justificação bíblica. Da mesma maneira, equiparamos a pregação e o ministério com o sermão do púlpito. Novamente sem justificação bíblica.

Seguindo a tendência de Calvino e Lutero, os escritores puritanos John Owen (1616-1683) e Thomas Goodwin (1600-1680) elevaram o pastor a uma posição fixa na casa do Senhor.^{212[212]} Owen e Goodwin conduziram os puritanos a enfocar toda autoridade na figura ou na função do pastor.^{213[213]} Em suas mentes, ao pastor era dado “o poder da chave”. Somente ele é ordenado para pregar,^{214[214]} ministrar sacramentos,^{215[215]} ler as Escrituras publicamente,^{216[216]} e ser treinado nos idiomas originais da Bíblia. Algo bem semelhante à lógica e filosofia.

Tanto reformadores como puritanos adotaram a idéia de que os ministros de Deus precisam ser profissionais competentes. Portanto, os pastores necessitavam um extenso treinamento acadêmico para cumprir sua função.^{217[217]}

^{208[208]} Veja *Rethinking the Wineskin*, Capítulos 5-6 e *Who is Your Covering?* Capítulo 1.

^{209[209]} Muitas igrejas reformadas diferenciam anciãos que “ensinam” dos anciãos que “administram”. Os anciãos que ensinam ocupam a posição tradicional de Bispo ou ministro, enquanto que os anciãos que administram ocupam as funções da disciplina. Esta forma de governo eclesiástico foi levada à Nova Inglaterra a partir da Europa (David Hall, *The Faithful Shepherd*, Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1972, p. 95). Eventualmente, devido à impopularidade do ofício, os anciãos governantes foram abolidos enquanto que o ancião pedagógico permaneceu. Isto também foi verdade nas igrejas Batistas dos séculos XVIII e XIX. Frequentemente estas igrejas careciam de recursos financeiros para sustentar um “ministro”. Deste modo, ao final do século XIX, as igrejas evangélicas adotaram a tradição do “pastor único” (Marcos Dever, *A Display of God’s Glory*, Washington D. C.: Center for Church Reform, 2001, p. 20; R.E.H. Uprichard, *Irish Biblical Studies Journal*, June 18, 1996, pp. 149, 154). Assim, o pastor único das igrejas evangélicas evoluiu de uma pluralidade de anciãos na tradição reformada.

^{210[210]} *The Ministry in Historical Perspectives*, p. 114. O denominado “pregador leigo” emergiu no calor do revivamento evangélico do século XVIII (p. 206).

^{211[211]} *Patterns of Ministry Among the First Christians*, pp. 195-196.

^{212[212]} John Owen, *True Nature of a Gospel Church* (Abridged Edition), pp. 41, 99.

^{213[213]} *Ibid.*, p. 55

^{214[214]} *The Doctrines of Ministerial Order in the Reformed Churches of the 16th and 17th Centuries*, pp. 37, 49, 59, 61-69.

^{215[215]} *True Nature of a Gospel Church*, p. 68; *The Doctrines of Ministerial Order in the Reformed Churches of the 16th and 17th Centuries*, pp. 56, 63, 65; Thomas Goodwin, *Works*, Vol. 11, p. 309.

^{216[216]} *Baptist Reformation Review: Vol. 10, No. 2, 1981*, pp. 21-22.

^{217[217]} *The Faithful Shepherd*, pp. 28-29.

Todas estas características explicam como e por que o pastor é tratado como elite... Como um cristão especial... Alguém que merece ser reverenciado (daí o título “Reverendo”). O pastor e seu púlpito são a parte central da adoração protestante.^{218[218]}

Como o Pastor Destrói a Vida Coletiva

Agora, uma vez desenterradas as raízes do pastor moderno, coloquemos nossa atenção nos efeitos práticos que o pastor exerce sobre o povo de Deus.

A distinção antibíblica clero/leigo tem causado tremendos danos ao Corpo de Cristo. Tal distinção provoca uma ruptura na comunidade dos crentes por classificá-los como cristãos de primeira e de segunda classe. A dicotomia clero/leigo perpetua uma horrível mentira. A mentira de que alguns cristãos são mais privilegiados do que outros quanto a servir ao Senhor.

Nossa ignorância da história da igreja permitiu sermos defraudados. O ministério do único homem é completamente alheio ao NT. Aceitá-lo necessariamente sufoca nosso funcionamento. Somos pedras vivas, não mortas, todavia a posição do pastor nos tem transformado em pedras que não respiram.

Permita-me ser pessoal. O ofício pastoral vem roubando seu direito de funcionar como membro do Corpo de Cristo! Esse ofício fecha sua boca e prende-o ao banco. Isso distorce a realidade do corpo, fazendo do pastor uma grande boca e de você uma orelhinha.^{219[219]} Isso deixa você na condição de espectador mudo capaz apenas de fazer anotações do sermão e de passar a bandeja da oferta!

Mas isso não é tudo. A moderna posição de pastor passa por cima do principal ensinamento da carta aos Hebreus — sobre a finalidade do sacerdócio. Torna ineficaz o ensinamento de I Coríntios 12-14, de que cada membro tem o direito e o privilégio de ministrar em uma reunião eclesial. Anulou a mensagem de I Pedro 2 de que cada irmão ou irmã é um sacerdote funcional.

Ser um sacerdote funcional não quer dizer que você pode fazer um tipo de pechincha do ministério como cantar hinos em seu banco, levantar as mãos durante a adoração, substituir transparências, ou ensinar a uma classe de escola dominical. Esta não é a idéia neotestamentária de ministério. Tais coisas são nada mais que um auxílio ao ministério do pastor. Como disse um pesquisador, “*muito da adoração protestante, principalmente em nossos dias, foi infectada pela horrível tendência de considerar a adoração com uma obra do pastor, e talvez dos músicos. Com a maior parte da congregação restrita ao cântico de hinos e reduzida à condição de espectadora atenta e piedosa*”.^{220[220]}

Tratamos o pastor como se ele fosse um profissional especialista. Esperamos que os doutores e advogados nos sirvam, não para treinar-nos a servir outros. E porque? Por que eles são especialistas. Eles são profissionais treinados. Desgraçadamente, vemos o pastor da mesma maneira. Tudo isso é danoso pelo fato de que cada crente é um sacerdote. Não apenas diante de Deus, mas mutuamente.

Isso não é tudo. O pastorado moderno rivaliza com a direção funcional de Cristo em sua Igreja. A posição de pastor mantém um lugar único de posição central e de direção entre o povo de Deus. É um lugar reservado para apenas uma pessoa, o Senhor Jesus. Jesus Cristo é a única cabeça e a palavra final da Igreja.^{221[221]} Por sua posição, o pastor desloca e suprime a direção de Cristo por instalar-se como cabeça humana da congregação.

Por esta razão, não há nada que impeça tanto o cumprimento do propósito eterno de Deus, como a função do moderno pastor. Por quê? Porque o foco desse propósito é fazer a direção de Cristo visivelmente manifesta na igreja através do funcionamento livre e aberto do corpo de cada membro. Enquanto a posição de pastor estiver presente, você nunca verá tal coisa.

Como o Pastor Destrói a Si Mesmo

O moderno pastor prejudica não apenas o povo de Deus, ele prejudica a si mesmo. A posição de pastor de uma forma ou de outra atrofia os que assumem essa função. As freqüentes depressões, vazio, estresse, e o desequilíbrio emocional são terrivelmente constantes entre os pastores. Nesse momento há mais de 500 mil

^{218[218]} *The Doctrines of Ministerial Order in the Reformed Churches of the 16th and 17th Centuries*, p. 51.

^{219[219]} Colocando esta tragédia na forma de uma questão bíblica, “E se todos fossem um membro onde estaria o Corpo?” (1 Cor. 12:19).

^{220[220]} J.G. Davies, *The New Westminster Dictionary of Liturgy and Worship*, 1st American Edition (Philadelphia: Westminster Press), p. 292.

^{221[221]} Nesse sentido (e ao contrário de opinião popular), o pastor não é “o cerebelo, o centro comunicador de mensagens, coordenador de funções, e administrador de respostas entre a Cabeça e o Corpo”. Ele não é chamado para proporcionar “comunicação autorizada da verdade da Cabeça para o Corpo”. E ele não é o “comunicador preciso das necessidades do Corpo para a Cabeça”. O pastor é descrito com estas condições inflacionadas em David L. McKenna’s “The Ministry’s Gordian Knot,” *Leadership*, Winter, 1980, pp. 50-51.

pastores servindo nas igrejas nos Estados Unidos.^{222[222]} Deste grande número, considere a seguinte estatística que revela o perigo mortal da posição de pastor:

- 94 % sentem-se pressionados a ter uma família ideal.
- 90 % trabalham mais de 46 horas por semana.
- 81 % reportam uma insuficiência de tempo com seu cônjuge.
- 80 % crêem que o ministério pastoral prejudica a família.
- 70 % não têm o que se considera um amigo íntimo.
- 70 % têm menos auto-estima agora do que tinham quando entraram no ministério.
- 50 % sentem-se incapazes de cumprir as necessidades de sua posição.^{223[223]}
- 80 % estão desanimados ou tratando de uma depressão.
- 40 % reportam sofrer pela timidez, horários frenéticos e falsas expectativas.^{224[224]}
- 33 % consideram o ministério pastoral um perigo para a família.^{225[225]}
- 33 % consideraram renunciar suas posições durante o último ano.^{226[226]}
- 40 % das renúncias pastorais devem-se ao vácuo (a chama se apagou).^{227[227]}

Espera-se que a maioria dos pastores exerça 16 tarefas simultâneas.^{228[228]} E a maioria acaba pulverizada pelas pressões. Por esta razão, mensalmente, 1.600 ministros entre todas as denominações nos Estados Unidos são demitidos ou são forçados a renunciar.^{229[229]} Durante os últimos 20 anos a média do pastoreado reduziu de sete para pouco mais de dois anos!^{230[230]}

Lamentavelmente, poucos pastores se dão conta de que é a posição de pastor que causa esta turbulência subjacente.^{231[231]} Naturalmente, Jesus Cristo nunca desejou que alguma pessoa desempenhasse a variedade de coisas que se requer do pastor! Ele nunca desejou que alguém carregasse uma carga tão pesada.

As demandas do pastorado são terríveis. Tanto que leva qualquer mortal ao esgotamento. Imagine-se por um momento trabalhando em uma companhia que lhe paga para manter seus colegas de trabalho animados. Que você faria se seu pagamento dependesse do teu grau de ocupação e amistosidade, da popularidade de sua esposa e filhos, da qualidade de suas roupas, e da perfeição de seu comportamento?

Dá para imaginar o completo estresse que isso lhe causaria? Dá para ver o papel que seria obrigado a exercer, da presunção a arrogância — tudo para poder manter seu poder, prestígio e segurança no trabalho? (Por esta razão, a maioria dos pastores é insensível quanto a receber qualquer tipo de ajuda).

A profissão de pastor dita padrões de conduta como qualquer outra profissão como professor, médico ou advogado. A profissão dita como o pastor deve vestir-se, falar e atuar. Esta é uma das principais razões pela qual tantos pastores vivem vidas tão artificiais.

Nesse aspecto, o rol pastoral fomenta a desonestidade. A congregação espera que seu pastor esteja sempre alegre, disponível a todo o momento, nunca ressentido, nunca amargurado, espera que ele tenha uma família perfeitamente disciplinada, e que seja completamente espiritual a todo o momento.^{232[232]} Os pastores exercem este papel como atores de um drama grego. Isto explica a voz afetada da maioria dos pastores em suas

^{222[222]} Este número foi extraído do Barna Research Group (*East Hillsborough Christian Voice*, February 2002, p. 3). Metade destas igrejas tem menos de 100 membros ativos (“Flocks in Need of Shepherds”, *The Washington Times*, July 2, 2001).

^{223[223]} 1991 Survey of Pastors (Fuller Institute of Church Growth) citado por London and Wiseman, *Pastors at Risk*, Victor Books, 1993; “Is the Pastor’s Family Safe at Home?,” *Leadership*, Fall 1992; *Physician Magazine*, September/October 1999, p. 22.

^{224[224]} Extraído das pesquisas de *Focus on the Family Pastors Gatherings*.

^{225[225]} Fuller Institute of Church Growth (Pasadena: Fuller Theological Seminary, 1991).

^{226[226]} “Flocks in Need of Shepherds,” *The Washington Times*, July 2, 2001.

^{227[227]} *Vantage Point*, Denver Seminary, June 1998, p. 2.

^{228[228]} *East Hillsborough Christian Voice*, February 2002, p. 3.

^{229[229]} Ibid. De 2 de julho a 6 de julho de 2001, *The Christian Citizen* (November 2000) reporta que 1.400 pastores deixam o pastorado a cada mês. No mesmo assunto, *The Washington Times* publica uma série de cinco artigos sobre “crise clerical” que assola os Estados Unidos (por Larry Witham). Declarou o seguinte: Pouquíssimos clérigos neste país são jovens. Apenas 8% têm 35 anos ou menos. Dos 70.000 estudantes matriculados nos 237 seminários teológicos oficiais da nação, apenas um terço quer conduzir uma igreja como pastor. O pastorado puxa os candidatos mais velhos. Normalmente aqueles que perderam as perspectivas de emprego ou são divorciados. De certa forma, a escassez de clérigos atingiu as principais igrejas protestantes no Canadá. “Embora possa ser pessoalmente enriquecedor ministrar um rebanho, é também assustador — por não muito dinheiro — satisfazer expectativas como teólogo, conselheiro, orador público, administrador e organizador de comunidade, tudo isso de uma vez” (*Christian Century*, October 10, 2001, p. 13).

^{230[230]} *Vantage Point*, Denver Seminary, June 1998, p. 2.

^{231[231]} Marketing for *The Zondervan 2002 Pastor’s Annual*, um famoso distribuidor de livros utilizou esta irônica promoção: “O Pastor trabalha de sol a sol, mas seu trabalho nunca termina. Isso é devido ao fato dele ter muitas funções: pregador, mestre, conselheiro, administrador, líder do louvor e muitas vezes até marceneiro! Para os pastores que precisam de ajuda para exercer estas funções, nós aqui do Christianbook.com temos o que você precisa”. Pela mesma razão, há uma página na web desenhada para animar o clero premido e vazio, no site <http://www.woundedshepherds.com/>. A utilidade destes recursos é como colocar um curativo em cima de um câncer. Trata do sintoma e ignora a raiz: o Ofício Pastoral.

^{232[232]} *East Hillsborough Christian Voice*, February 2002, p. 3.

pregações e orações. Isto explica a maneira piedosa de cumprimentar. A maneira peculiar com que dizem “o Senhor”. E a maneira especial como se vestem.^{233[233]}

Todas estas coisas são em grande parte fumaça e luar — totalmente desprovidas de realidade espiritual. A maioria dos pastores não pode permanecer nesse ofício sem ser corrompido em algum nível. O endêmico poder político do ofício é um problema enorme que isola muitos deles e envenena a relação deles uns com os outros.

Em um inquietante artigo para pastores intitulado *Prevenindo a Cauterização do Clero*, o autor sugere algo assustador. O conselho dele para os pastores nos dá uma visão clara do poder político que ronda o pastorado.^{234[234]} Ele implora aos pastores: “*Exerça uma posição de companheirismo com o clero de outras denominações. Estas pessoas não podem prejudicá-lo eclesiasticamente, porque eles não pertencem ao seu círculo oficial. Não há nenhum tapete político que eles possam puxar para derrubá-lo*”.^{235[235]}

A solidão profissional é outro vírus que contamina fortemente os pastores. A praga da ilha solitária leva alguns pastores a buscar outras carreiras. Outros encontram destino mais cruel.^{236[236]}

Todas estas patologias encontram sua raiz na história do pastorado. É “solitário o cume” porque Deus nunca quis que ninguém fosse para o cume — exceto Seu Filho! Com efeito, o pastor moderno coloca sobre seus ombros as 58 exortações do NT que deveriam ser *mutuamente* compartilhadas pelos crentes.^{237[237]} Não é de admirar que a maioria dos pastores sofre esmagada pelo peso.^{238[238]}

Conclusão

O pastor moderno é o elemento mais inquestionado no cristianismo moderno. Mesmo assim ele não tem uma única linha nas Escrituras que justifique sua existência, nem uma folha de figueira para cobri-lo!

Assim, o pastor moderno nasceu da regra do bispado único engendrado por Inácio e Cipriano. O Bispo transformou-se em presbítero local. Na Idade Média o presbítero se converteu em sacerdote católico. Durante a Reforma ele foi transformado em “pregador”, “ministro”, e finalmente em “pastor” — o homem sobre o qual se dependura todo Protestantismo. Em suma: O pastor protestante é nada mais que um sacerdote católico um pouco reformado!

O sacerdote católico tinha sete ofícios durante o tempo da Reforma: Pregar, ministrar sacramentos, rezar pelo rebanho, vida santa, disciplina, ritos da igreja, apoiar pobres e visitar enfermos.^{239[239]} O pastor protestante além de assumir todas estas responsabilidades — eventualmente também abençoava eventos cívicos.

O famoso poeta John Milton foi bem preciso quando disse: “*O moderno presbítero não é outra coisa senão o velho sacerdote!*”^{240[240]} Outra versão disso seria: O pastor moderno não é outra coisa senão o velho sacerdote!

Tornei-me bacharel na Universidade da Bíblia. Fui ao seminário e estudei a única coisa disponível ali: O ministério profissional. Ao graduar-me percebi que poderia falar latim, grego e hebraico, mas a única qualificação que eu tinha era para ser Papa. Mas outro ganhou essa posição.

-Pastor Anônimo

^{233[233]} Sei que nem todos os pastores caem nesta armadilha. Mas os poucos que podem resistir esta incrível pressão são exoticamente raros. Eles constituem dramáticas exceções a uma norma bem trágica.

^{234[234]} Inquietantemente, 23% do clero protestante foi demitido pelo menos uma vez e 41% das congregações demitiram pelo menos dois pastores (Pesquisa feita pela editora *Leadership*, G. Lloyd Rediger's *Clergy Killers: Guidance for Pastors and Congregations Under Attack* (Philadelphia: Westminster/John Knox, 1997).

^{235[235]} J. Grant Swank, “Preventing Clergy Burnout,” *Ministry*, November 1998, p. 20.

^{236[236]} Larry Yeagley, “The Lonely Pastor,” *Ministry*, September 2001, p. 28; Michael L. Hill and Sharon P. Hill, *The Healing of a Warrior: A Protocol for the Prevention and Restoration of Ministers Engaging in Destructive Behavior* (Cyberbook, 2000).

^{237[237]} Para uma listagem de exortações mútuas veja, *Who is Your Covering?*, Capítulo 1.

^{238[238]} *Searching Together*, Volume 23:4, Winter 1995, discute este assunto a fundo.

^{239[239]} Johann Gerhard em *Church Ministry* por Eugene F.A. King (St. Louis: Concordia Publishing House, 1993), p. 181.

^{240[240]} Poema de Milton, 1653, *On the New Forces of Conscience*.

CAPÍTULO 5

ROUPA DOMINICAL: ENCOBRINDO O PROBLEMA

Cuidado com aqueles que andam de toga larga.
-Jesus Cristo

A cada domingo pela manhã mais de 300 milhões de protestantes vestem sua melhor roupa para assistir o culto da igreja.^{1[1]} Mas ninguém parece questionar a razão disso. Milhares de pastores usam trajes especiais que os separam de suas congregações. E ninguém parece se preocupar com isso. Neste capítulo, vamos estudar a origem desse “vestir-se a rigor” para ir à igreja e as raízes das “vestes clericais”.

A Roupas na Igreja

A prática de “vestir-se socialmente” para ir à igreja é um fenômeno relativamente recente. Começou pelo final do século XVIII com a Revolução Industrial e chegou a ser bem difundido nos meados do século XIX. Nessa época, “vestir-se bem” para eventos sociais era algo usual somente entre os ricos. A razão era simples. Apenas ricos aristocratas da sociedade poderiam comprar roupa bonita! As pessoas comuns somente tinham dois jogos de roupa: Roupa para trabalhar no campo e roupa menos andrajosa para se misturar com o povo.^{2[2]}

“Vestir-se bem” para alguma ocasião era opção apenas para a nobreza rica.^{3[3]} Na Europa medieval, até o século XVIII, “vestir-se bem” era a marca definitiva da classe social de alguém. Em países como a Inglaterra, as pessoas pobres eram proibidas de vestir o tipo de roupa que as pessoas “bem de vida” usavam.^{4[4]}

Isto mudou com a invenção das grandes fábricas têxteis e o desenvolvimento da sociedade urbana.^{5[5]} As roupas finas tornaram-se mais acessíveis às pessoas comuns. A classe média surgiu e seus membros começaram a rivalizar com a aristocracia invejosa. Pela primeira vez a classe média pode distinguir-se dos camponeses.^{6[6]} Para demonstrar sua recente condição de ascensão social, eles passaram a exibir “roupas melhores” nos eventos sociais como os ricos faziam.^{7[7]}

^{1[1]} Denominações como a Vineyard constituem exceções. Tais neodenominações possuem um estilo de adoração típico que inclui café e bolachas antes do serviço. Shorts e Camisetas são trajes comuns nos cultos da igreja Vineyard. Das 347.000 igrejas protestantes nos Estados Unidos e das 22.200 igrejas no Canadá que perfazem 230 denominações, a maior parte da congregação “veste-se a rigor” durante as manhãs dominicais (estes números foram extraídos da revista “Religious Market” magazine-americanchurchlists@infoUSA.com). Se buscássemos o número de cristãos não-protestantes que “vestem-se a rigor” para ir à igreja, esse número seria astronômico.

^{2[2]} Max Barsis, *The Common Man Through the Centuries* (New York: Unger, 1973).

^{3[3]} Leigh Eric Schmidt, “A Church Going People is a Dress-Loving People,” *Church History* (58), pp. 38-39.

^{4[4]} Ibid.

^{5[5]} Em 1664 James Hargreaves inventou a “*spinning jenny*” [máquina de fiar primitiva] disponibilizando às massas um tecido melhor e mais colorido (Elizabeth Ewing, *Everyday Dress 1650-1900*, London: Bratsford, 1984, pp. 56-57).

^{6[6]} Richard Bushman, *The Refinement of America* (New York: Knopf, 1992), p. 313.

^{7[7]} Henry Warner Bowden and P.C. Kemeny, ed., *American Church History: A Reader* (Nashville, Abingdon Press, 1971), pp. 87-89. A roupa e a hierarquia estavam estreitamente conectadas na América colonial. Um folheto anônimo na Filadélfia em 1722 intitulado *The Miraculous Power of Clothes, and Dignity of the Taylors: Being an Essay on the Words, Clothes Make Men* sugeria o seguinte: O estado social, posto e poder eram expressos através da roupa. A conexão entre a roupa e a hierarquia na sociedade colonial imprimiu às roupas um poder simbólico. Tal mentalidade eventualmente contaminou a igreja cristã.

Alguns grupos de cristãos no fim do século XVIII e início do século XIX resistiram a esta tendência cultural. John Wesley escreveu contra o uso de roupa cara ou extravagante.^{8[8]} O Metodista primitivo resistia tanto à idéia do uso de “roupas finas” na igreja que repreendia qualquer um que exibisse roupa cara nas reuniões. Os batistas primitivos também condenaram o uso de roupa fina, achavam que ela separava ricos de pobres.^{9[9]}

Apesar desses protestos, o cristão quando podia vestia-se com roupa fina. A classe média prosperou, mudou-se para grandes mansões, construiu grandes edifícios de igreja e passou a usar roupa ainda mais fina.^{10[10]} Com o desenvolvimento da cultura vitoriana de classe média, as igrejas começaram a atrair pessoas mais influentes da sociedade.^{11[11]} Isto fez com que igrejas mais comuns como Metodistas, Batistas, etc., trabalhassem mais duro para manter seus próprios edifícios.^{12[12]}

Tudo isso chegou a um ponto crítico quando em 1843, Horácio Bushnell, um pastor influente da Igreja Congregacional do Estado de Connecticut, publicou um texto chamado *Taste and Fashion*. Nele Bushnell argumentava que sofisticação e refinamento eram atributos divinos e que os cristãos precisavam demonstrá-los.^{13[13]} Daí nasceu a idéia de que as pessoas precisavam “vestir-se bem” para poder honrar a Deus! A partir de então os membros da igreja adoravam em belos edifícios, exibindo sua roupa formal para honrar a Deus.^{14[14]}

William Henry Foote, um Presbiteriano da Carolina do Norte, seguindo fielmente os passos de Bushnell, escreveu em 1846: “As pessoas que vão à igreja gostam de roupas finas”.^{15[15]}

Esta regra simplesmente sedimentou o ritual do uso de roupa formal na igreja. Esta tendência foi tão poderosa que, entre 1850-60, mesmo os Metodistas que “resistiam à roupa formal” foram absorvidos pela moda. Até mesmo eles começaram a usar “roupa dominical” para ir à igreja.^{16[16]}

A consequência de tudo isso, como virtualmente ocorreu com as demais práticas adotadas pela igreja, foi a adoção da roupa formal na igreja devido à influência do entorno cultural na prática cristã. Hoje, querido cristão, as pessoas vestem “a melhor roupa” para ir à igreja nas manhãs dominicais sem nem mesmo saber a razão. Mas agora você sabe de toda história que se esconde por trás desse costume estúpido.

Foi o resultado final dos esforços da classe média do século XIX em imitar seus contemporâneos da rica aristocracia, alardeando sua melhora de qualidade de vida pela roupa. (Este esforço também se relaciona à noção vitoriana de respeito). Em outras palavras, vestir “roupa dominical” é simplesmente um subproduto da cultura secular. Isto nada tem a ver com a Bíblia, com Jesus Cristo ou com o Espírito Santo!

^{8[8]} Rupert Davies, *A History of the Methodist Church in Great Britain* (London: Epworth, 1965), p. 193; *Journals of Wesley*, Nehemiah Curnock, ed. (London: Epworth Press, 1965), p. 193. O ensinamento de Wesley sobre roupas foi chamado de “evangelho da simplicidade”. A mensagem principal dele era de que os cristãos deveriam vestir-se de uma forma modesta, limpa e simples. Wesley falava tão freqüentemente sobre este assunto que se atribuiu a ele a seguinte frase: “A limpeza e a santidade andam juntas”. Porém, essa frase vem de um rabino (Phinehas Ben-Yair, *Song of Songs*, Midrash Rabbah, I.1:9).

^{9[9]} “A Church Going People is a Dress-Loving People,” p. 40.

^{10[10]} *The Refinement of America*, pp. 335, 352.

^{11[11]} *Ibid.*, p. 350. As denominações com um maior número de membros ricos (Episcopal, Unitariana, etc.) começaram a vender bancos a famílias ricas para arrecadar fundos para um minucioso programa de construção de igrejas. “Devido ao custo dos bancos, os adoradores tiveram que usar roupas adequadas ao esplendor do edifício e o estilo da congregação para muitos se tornou uma barreira insuperável. Um século antes um fazendeiro comum poderia vestir-se bem indo à igreja com uma camisa azul xadrez. Na atmosfera distinta das novas e luxuosas igrejas requeria-se mais do que isso”.

^{12[12]} *Ibid.*, pp. 335, 342, 346.

^{13[13]} *Ibid.*, pp. 328, 331.

^{14[14]} *Ibid.*, p. 350.

^{15[15]} “A Church Going People is a Dress-Loving People,” p. 36.

^{16[16]} *The Refinement of America*, p. 319. “Os metodistas primitivos sabiam que a roupa da moda era uma inimiga, mas agora a inimiga estava ganhando”. Schmidt escreveu, “As pessoas preocupavam-se com o Sabbath... com vestir suas melhores roupas; A roupa dominical tornou-se proverbial. Até mesmo os pietistas e evangélicos que tanto insistiam na simplicidade da roupa adotaram roupas formais e “decentes” (“A Church Going People is a Dress-Loving People,” p. 45).

Mas o Que há de Mal com a Roupas Social?

O quê dá tanta importância ao ato de “vestir-se bem” para ir à igreja? Concordo que esse tema não aborda uma questão candente. De fato, eu não me preocupo muito com o modo das pessoas se vestirem para ir à igreja. A questão candente surge com relação ao significado da “roupa fina” dentro da igreja.

Primeiramente, esta atitude reflete uma separação entre o secular e o sagrado. Acreditar que Deus se preocupa com a roupa fina que você coloca para “visitar-lhe” é uma violação do novo Pacto. Temos acesso à presença de Deus em todo momento e circunstâncias. Na verdade, será que Ele espera que nós, na condição de Seu povo, nos vistamos domingo pela manhã como se fôssemos para um concurso de beleza?

Em segundo lugar, vestir roupa chamativa e luxuosa aos domingos pela manhã transmite uma falsa mensagem: Aquela igreja é o lugar onde os cristãos escondem sua verdadeira cara, “vestem-se bem” para parecerem agradáveis e belos.^{17[17]} Medite sobre estas coisas. Colocar sua “melhor roupa” aos domingos não é outra coisa senão criar uma impressão. Isso dá à casa de Deus todos os elementos de um teatro: Guarda-roupa, maquiagem, acessórios, luzes, porteiros, música especial, mestre de cerimônias, cargos, programa principal.^{18[18]}

O hábito de usar “roupa dominical” na igreja viola a realidade de que a igreja é composta por pessoas reais com problemas de difícil solução. Podem ser pessoas reais envolvidas em disputas conjugais, mas que após saírem do estacionamento e entrarem pela porta da igreja cobrem-se com grandes sorrisos!

O ato de vestir-se socialmente aos domingos oculta um problema básico subjacente. Fomenta a ilusão arrogante de que somos “bons” porque nos vestimos bem para Deus. É uma pretensão que desumaniza e constitui um falso testemunho diante do mundo.

É necessário reconhecer que como seres humanos decaídos são raras as vezes que estamos dispostos a mostrar aquilo que realmente somos. Quase sempre contamos com nossa performance ou aparência (roupa) para fazer com que os outros pensem coisas agradáveis a nosso respeito. Tudo isso é bem diferente da modéstia característica da igreja Primitiva.

Em terceiro lugar, “vestir-se socialmente” para ir à igreja é o mesmo que dar uma bofetada na simplicidade (marca registrada da Igreja Primitiva). Os cristãos do primeiro século não procuravam “vestir-se bem” para atender aos encontros da igreja. Eles se reuniam na simplicidade de suas casas. Não se vestiam para mostrar a que classe pertenciam. Na realidade, os primeiros cristãos faziam esforços concretos para mostrar seu absoluto desdém pelas distinções sociais.^{19[19]}

Na igreja, todas as distinções sociais eram apagadas. Os primeiros cristãos sabiam que eles representavam uma nova espécie sobre este planeta. Por esta razão Tiago repreende os crentes que tratam melhor os santos ricos que os pobres. Ele repreende os ricos por vestir-se diferente dos pobres.^{20[20]}

Todavia, muitos cristãos mantêm o falso conceito de que é “irreverente” usar roupas informais no culto aos domingos. Isso não difere da atitude dos escribas e fariseus ao acusarem o Senhor e Seus discípulos de “irreverência” por não seguirem as tradições de seus antepassados.^{21[21]}

^{17[17]} Deus olha para o coração; Ele não se impressiona com o traje que usamos (1 Sam. 16:7; Lucas 11:39; 1 Pedro 3:3-5). Nossa adoração é no espírito, não na aparência física (João 4:20-24).

^{18[18]} Christian Smith, “Our Dressed Up Selves,” *Voices in the Wilderness* (Sept/Oct. 1987), p. 2.

^{19[19]} Em seu livro *Ante Pacem: Archaeological Evidence of Church Life Before Constantine* (Mercer University Press/Seedsowers, 1985), Graydon Snyder afirma que há aproximadamente 30 cartas disponíveis escritas por cristãos antes de Constantino. Estas cartas são assinadas apenas pelo primeiro nome, o que indica que os cristãos não usavam os sobrenomes dos seus irmãos. A razão: Assim a origem social deles ocultava-se uns dos outros! (Email privado enviado por Graydon Snyder, 10/12/2001 e 10/14/2001.)

^{20[20]} Tiago 2:1-5. Esta passagem também indica que usar roupas da moda na igreja era uma exceção, não uma regra.

^{21[21]} Marcos 7:1-13.

Em suma, dizer que o Senhor espera que seu povo use roupa fina ao reunir-se na igreja, é aumentar as Escrituras e falar aquilo que Deus não disse.^{22[22]} Tal prática é mais uma tradição humana.

O Traje do Clero

Vejamos agora o desenvolvimento das vestes clericais. O clero cristão não se vestia diferente do povo comum até a chegada de Constantino.^{23[23]}

Contrariamente ao que pensa a opinião pública, as vestes do clero, inclusive as “vestes eclesiásticas” da tradição litúrgica da “alta igreja”, não tiveram origem nas vestes sacerdotais do AT. Tiveram origem na roupa secular do mundo greco-romano.^{24[24]}

Clemente de Alexandria (150-215 d.C.) sustentava que o clero deveria vestir roupa melhor que as pessoas comuns. Já por este tempo, a liturgia da Igreja era considerada um evento formal. Clemente disse que a roupa do ministro deveria ser “simples” e “branca”.^{25[25]}

O clero usou a cor branca por muitos séculos. Parece que tal costume foi adotado do filósofo pagão Platão que escreveu que “*a cor branca era a cor dos deuses*”. Nesse aspecto tanto Clemente como Tertuliano (160-225) acreditavam que o colorido não se coadunava com Deus.^{26[26]}

Com a chegada de Constantino, a distinção entre bispo, sacerdote e diácono se arraigou.^{27[27]} Quando Constantino trasladou sua corte para Bizâncio e a renomeou Constantinopla no ano 330 d.C., gradualmente a vestidura romana oficial foi adotada pelos sacerdotes e diáconos.^{28[28]} Agora o clero era identificado por vestir-se com a roupa dos oficiais seculares.^{29[29]}

Depois da conquista do Império Romano pelos Alemães a partir do século IV, a moda das vestes seculares mudou. A batina enfeitada dos romanos foi substituída pela túnica curta dos Godos. O clero, desejando diferenciar-se das pessoas comuns, continuou usando as antigas e arcaicas roupas romanas.^{30[30]}

Os clérigos usavam estas antigas vestes durante o culto da igreja seguindo o modelo do ritual da corte secular.^{31[31]} Quando os leigos adotaram o novo estilo de roupa, o clero acreditava que tal roupa era “mundana” e “bárbara”. Eles preservaram o que julgavam ser uma veste “civilizada”. Foi isso que ocorreu com as vestes clericais. Esta prática foi apoiada pelos teólogos daquele tempo. Por

^{22[22]} Deu. 4:2; Prov. 30:6; Apocalipse 22:18.

^{23[23]} “Vestments,” *The Catholic Encyclopedia 1913 On-Line Edition* (www.newadvent.org/cathen); “Sacred Rights Ceremonies: The Concept and Forms of Ritual: Christianity,” *Encyclopedia Britannica* (On-line edition, 1994-1998). Pouco antes Constantino, os clérigos usavam apenas um capote de pano fino quando ministravam a Eucaristia.

^{24[24]} “Vestments,” *The Catholic Encyclopedia*. Em “Origin” encontramos: “As vestes clericais cristãs não se originaram na veste sacerdotal do Velho Testamento, elas se desenvolveram inspiradas na roupa secular do mundo greco-romano”. Veja também Janet Mayo, *A History of Ecclesiastical Dress* (New York: Holmes & Meier Publishers, 1984), pp. 11-12. Mayo escreve, “Uma análise do vestuário eclesiástico revelará que teve sua origem em roupas romanas seculares. A visão de que o vestuário teve origem levítica e veio de artigos do vestuário sacerdotal judeu é uma idéia posterior...”. Sobre a desconhecida história dos costumes religiosos, veja Amelia Mott Gummere, *The Quaker: A Study in Costume* (New York, 1901).

^{25[25]} “On Clothes” in *The Instructor*, Ante-Nicene Fathers, Vol. 2, p. 284.

^{26[26]} “On Clothes” in *The Instructor*, Bk 2. Ch. 11; *A History of Ecclesiastical Dress*, p. 15.

^{27[27]} *A History of Ecclesiastical Dress*, pp. 14-15.

^{28[28]} *Ibid.*, pp. 14-15; Kenneth Scott Latourette, *A History of Christianity* (New York: Harper and Brothers, 1953), p. 211. *The Westminster Dictionary of Church History* (Philadelphia: The Westminster Press, 1971), p. 284.

^{29[29]} “As vestes do bispo eram idênticas à velha batina do magistrado romano”. Edwin Hatch, *The Organization of the Early Christian Churches* (London: Longman’s, Green, and Co., 1895), p. 164. As vestes do bispo indicavam uma estrutura de uma casta específica, e incluía um manto sudário branco trabalhado ou *mappula*, sandálias negras ou *campagi*, e meias brancas ou *undones*. Estas eram as vestes dos magistrados romanos. (Paul Johnson, *A History of Christianity*, New York: Simon & Schuster, 1976, p. 133).

^{30[30]} Frank Senn, *Christian Worship and Its Cultural Setting* (Philadelphia: Fortress Press, 1983), p. 41; “Sacred Rights Ceremonies: The Concept and Forms of Ritual”: Christianity,” *Encyclopedia Britannica* (On-line edition, 1994-1998).

^{31[31]} Email particular recebido de Eugene TeSelle, Professor de História da Igreja e Teologia, Vanderbilt University, 1/18/2000.

exemplo, Jerônimo (347-420) comentou que o clero jamais deveria entrar no santuário com roupa ordinária.^{32[32]}

Do século V em diante, os bispos usavam a cor roxa.^{33[33]} Nos séculos VI e VII as vestes do clero tornaram-se mais detalhadas e caras.^{34[34]} Durante a Idade Média, a roupa adquiriu significados místicos e simbólicos.^{35[35]} Vestes especiais surgiram por volta dos séculos VI e VII. E surgiu o costume de colocar sobre a roupa comum um jogo de vestes especiais na sacristia.^{36[36]}

Durante os séculos VII e VIII as vestes foram aceitas como objetos sagrados herdados das batinas dos sacerdotes levíticos do Velho Testamento.^{37[37]} (Foi uma racionalização para justificar a prática). Pelo século XII o clero começou a levar a batina para a rua, o que os distinguia das pessoas comuns.^{38[38]}

As Mudanças da Reforma

Durante a reforma, o rompimento com a tradição e as vestimentas clericais foi lento e gradual.^{39[39]} No lugar das vestes clericais tradicionais, os reformadores adotaram a batina negra dos estudantes.^{40[40]} Esta batina também foi conhecida como batina do filósofo, sendo que os filósofos as utilizaram durante os séculos IV e V.^{41[41]} A nova batina foi tão predominante que chegou a ser a vestimenta do pastor protestante.^{42[42]}

O pastor luterano usava longas vestes pretas pelas ruas. Ele também usava um *ruff* ao redor do pescoço [guarnição de pano franzido usada como gola dos vestuários antigos] redondo que cresceu com o tempo. Cresceu tanto que antes do século XVII foi chamado de “*ruff* de fábrica”.^{43[43]} (O *ruff* ainda é usado em algumas igrejas luteranas hoje).

Todavia, é interessante o reformador preservar as vestes clericais. O pastor protestante usava-a ao administrar a Ceia do Senhor.^{44[44]} Este ainda é o caso hoje na maioria das denominações

^{32[32]} Jerome disse que Deus é honrado se o bispo usar uma túnica branca mais bonita que o habitual. Email particular recebido de Frank Senn 7/18/2000. Veja também Jerome, “Against Jovinianus” Book 2.34 (*Nicene and Post-Nicene Fathers*, Series II, Vol. VI) e “Lives of Illustrious Men,” Capítulo 2 (*Nicene/Post-Nicene Fathers*, Series II, Vol. III).

^{33[33]} Father Michael Collins and Matthew A. Price, *The Story of Christianity* (DK Publishing, 1999), pp. 25, 65.

^{34[34]} *A Historical Approach to Evangelical Worship*, pp. 116-117. Mayo’s *A History of Ecclesiastical Dress* entra em grandes detalhes acerca do desenvolvimento de cada peça das vestes clericais em cada fase histórica e em cada tradição. Nenhuma peça importante distintiva foi usada durante os primeiros mil anos, a cinta não era conhecida até o oitavo século (*A Concise Cyclopedia of Religious Knowledge*, New York: Charles L. Webster & Company, 1890, p. 943.)

^{35[35]} *A History of Ecclesiastical Dress*, p. 27; Isidore de Pelusium (por volta de 440 d.C.) foi o primeiro a designar interpretações simbólicas a partes do vestuário. Por volta do século VIII no Ocidente e do século IX no Oriente, cada peça do traje sacerdotal possuía um determinado significado simbólico (“Vestments,” *The Catholic Encyclopedia*). O povo medieval venerava o simbolismo de tal forma que atribuiu a cada peça do vestuário religioso um significado “espiritual”. Estes significados estão vivos até hoje nas igrejas litúrgicas.

^{36[36]} *Christian Worship and Its Cultural Setting*, p. 41. A sacristia era um cômodo especial no edifício da igreja onde as vestes clericais e outros objetos sagrados ficavam guardados.

^{37[37]} *A History of Ecclesiastical Dress*, p. 27.

^{38[38]} *The Story of Christianity*, pp. 25, 65.

^{39[39]} *A History of Ecclesiastical Dress*, p. 64. Zwinglio e Lutero rapidamente descartaram as vestes do sacerdote católico. David D. Hall, *The Faithful Shepherd* (Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1972), p. 6.

^{40[40]} Zwinglio foi o primeiro a introduzir a batina negra dos estudantes em Zurique no outono de 1523. Lutero a adotou na tarde de 9 de outubro de 1524 (*The Ministry in Historical Perspectives*, p. 147). Veja também George Marsden, *The Soul of the American University: From Protestant Establishment and Established Nonbelief* (New York: Oxford University Press, 1994), p. 37.

^{41[41]} H.I. Marrou, *A History of Education in Antiquity* (New York: Sheed and Ward, 1956), p. 206. “O filósofo poderia ser reconhecido pelo capote curto e escuro feito de pano grosso”. Veja também M.A. Smith, *From Christ to Constantine* (Downer’s Grove: InterVarsity Press, 1973), p. 105.

^{42[42]} H. Richard Niebuhr and Daniel D. Williams, *The Ministry in Historical Perspectives* (San Francisco: Harper and Row Publishers, 1956), p. 147. A batina preta era a “roupa clerical de rua” no século XVI (*Christian Worship and Its Cultural Setting*), p. 42.

^{43[43]} Owen Chadwick, *The Reformation* (Penguin Books, 1968), pp. 422-423.

^{44[44]} *A History of Ecclesiastical Dress*, p. 66.

protestantes. O pastor coloca sua batina clerical quando levanta o pão e o cálice. Nesse momento ele revela-se ou apresenta o que ele é verdadeiramente: *Um sacerdote católico reformado!*

Assim, a batina do pastor reformado simboliza a autoridade espiritual. O ato de colocar a batina negra revela seu poder espiritual de ministro.^{45[45]} Esta tendência continuou através dos séculos XVII e XVIII. Os pastores sempre usavam uma roupa escura, de preferência negra. (Cor tradicional para os advogados e doutores durante o século XVI. Era a cor dos “especialistas”).

A cor negra prontamente chegou a ser a cor de cada ministro em cada ramo da igreja.^{46[46]} A batina negra eventualmente evoluiu a um “sobretudo” nos anos 1940-50. A manta foi posteriormente substituída por um “traje de passeio” do século XX.^{47[47]}

No começo do século XIX, o clero em geral usava colarinho branco e gravata. De fato, era considerado altamente indecente um clérigo aparecer sem tal colarinho.^{48[48]} Os pastores da igreja baixa (batistas, pentecostais, etc.) usavam colarinho e gravata. Os da alta (anglicanos, episcopais, luteranos, etc.) o colarinho clerical — muitas vezes chamado “coleira de cachorro”.^{49[49]}

A origem do colarinho clerical remonta a 1865. Não foi uma invenção católica como muitos acreditavam. Foi inventado pelos Anglicanos.^{50[50]} Tradicionalmente, os sacerdotes dos séculos XVIII e XIX usavam batinas negras (de corpo inteiro com colarinhos) sobre vestes brancas (às vezes chamadas por alba).

Em outras palavras, eles usavam colarinhos negros com branco no centro. O colarinho clerical era uma versão mais simples e removível do outro. Foi inventado para que sacerdotes anglicanos ou católicos pudessem colocá-lo sobre a roupa de rua e serem vistos como “homens de Deus” em qualquer lugar!

Hoje é o traje escuro com batina que funciona como a vestimenta clerical da maioria dos pastores protestantes. Muitos pastores não saem sem este traje. Muitas vezes se vestem com essa roupa para aparecer em eventos públicos não religiosos. Alguns pastores protestantes levam o colar clerical — para que ninguém se esqueça de que ele é “um homem de Deus”.

As Vestes Clericais são Nocivas?

A roupa clerical é uma afronta aos princípios espirituais que governam a casa de Deus. Atinge o coração da igreja ao separar o povo de Deus ao meio: “Profissionais” e “não-profissionais”.

Como o “vestir-se bem” para ir à igreja, a roupa clerical — seja ela a elaborada roupa do ministro da “alta igreja” ou a batina negra do pastor evangélico — está arraigada na cultura mundana. A veste distintiva do clero remonta ao século IV, quando o clero adotou o costume dos oficiais seculares romanos.

O Senhor Jesus e seus discípulos não sabiam nada sobre usar uma roupa especial para impressionar a Deus ou para distinguir-se do povo de Deus.^{51[51]} Colocar uma roupa especial com propósitos religiosos foi uma característica dos escribas e fariseus.^{52[52]} E nem o escriba nem o fariseu puderam escapar do olhar penetrante do Senhor quando disse, “*cuidado com os mestres da*

^{45[45]} *American Church History: A Reader*, p. 89.

^{46[46]} *A History of Ecclesiastical Dress*, pp. 77-78.

^{47[47]} *Ibid.*, p. 118.

^{48[48]} *Ibid.*, p. 94.

^{49[49]} *Ibid.*, pp. 94, 118.

^{50[50]} *The Ministry in Historical Perspectives*, p. 164. Segundo o *The London Times* (14 de março de 2002), o colar clerical foi inventado pelo Reverendo Dr. Donald McLeod de Glasgow. A crença popular é que o colar clerical foi inventado pela contra-reforma católica para impedir que os padres usassem os grandes *ruffs* usados pelos pastores protestantes (*The Reformation*, p. 423). Mas parece que eles vieram bastante tempo depois.

^{51[51]} Lucas 7:25; 2 Cor. 8:9. Aparentemente a roupa mais bonita que Jesus usou enquanto esteve na terra foi motivo de zombaria — Lucas 23:11. Revelando que o Filho de Deus veio à terra, não em roupa real, mas envolto em tiras de pano (Lucas 2:7). Nota-se que João Batista foi o caso mais extremo dos que não buscavam impressionar Deus com sua roupa (Mat. 3:4).

^{52[52]} Mat. 23:5; Marcos 12:38.

Lei, pois eles gostam de caminhar com batinas ornadas, de ser saudados no mercado, de ocupar assentos importantes na sinagoga e o lugar de honra nos banquetes”.^{53[53]}

Cuidado para que nenhum homem te corrompa por filosofias e mentiras que não levam a parte alguma, por tradições e normas humanas que não vem de Cristo.

-Paulo de Tarso

^{53[53]} Lucas 20:46, NIV.

CAPÍTULO 6

MINISTROS DO LOUVOR: O CLERO DE SEGUNDA CLASSE

Não podemos evitar trazer nossa cultura à igreja; faz parte de nosso ser. Mas diante da tradição necessitamos distinguir as influências culturais que contribuem para a integridade da adoração cristã das que nos afastam dela.
-Frank C. Senn

Entre em qualquer igreja moderna e verificará que a liturgia virtualmente começa com hinos, corinhos ou cânticos de louvor e adoração. Não há exceções.

Em cada caso haverá uma pessoa (ou um grupo de pessoas) dirigindo e controlando a música. Nas igrejas mais tradicionais será o “regente do coral” ou o “ministro da música”.^[1] Ou o próprio coral. Nas igrejas mais contemporâneas, será o “líder do louvor” ou a “equipe de louvor e adoração”.

Quando chega a hora do sermão sagrado, os que “dirigem a adoração” selecionam os cânticos que serão cantados. Eles começam a cantar tais cânticos. Eles decidem como devem ser cantados. Eles decidem quando terminar. O povo de Deus de maneira alguma dirigirá os cânticos. Eles são dirigidos por alguém que muitas vezes pertence ao corpo clerical — ou alguém que recebe uma honra similar.

Isto contrasta fortemente com a maneira de fazer as coisas durante o século I. Na Igreja Primitiva, a adoração e a música estavam nas mãos do povo de Deus.^[2] A própria igreja dirigia seus próprios cânticos. Cantar e dirigir cânticos eram questões de âmbito coletivo, não um evento profissional dirigido por especialistas.

A Origem do Coral

Isto começou a mudar com a vinda do coral cristão. A origem do coral cristão remonta do século IV. Pouco depois do Édito de Milão (313 d.C.) quando a perseguição aos cristãos foi interrompida. Sob Constantino, os corais foram desenvolvidos e treinados para ajudar na celebração da Eucaristia. A prática foi adotada do costume romano de dar início às cerimônias imperiais com música solene. Foram fundadas escolas especiais e os cantores do coral foram reconhecidos como clero de “segunda corda [classe]”.^[3]

As raízes do coral se encontram nos dramas e templos pagãos gregos.^[4] Will Durant afirma: “Na Idade Média como na antiga Grécia, a principal fonte dramática estava na liturgia religiosa.

^[1] Em algumas igrejas este papel é exercido por um supertalentoso pastor.

^[2] Efésios 5:19; Col. 3:16. Nestas passagens note as palavras “falando mutuamente” e “uns aos outros”.

^[3] Edwin Liemohn, *The Organ and Choir in Protestant Worship* (Philadelphia: Fortress Press, 1968), p. 8.

^[4] Os gregos treinavam corais para acompanhar seus cultos pagãos (H.W. Parke, *The Oracles of Apollo in Asia Minor*, Croomhelm, 1995, pp. 102-103). As peças gregas, tanto tragédias como comédias, eram acompanhadas por orquestras (Marion Bauer & Ethel Peyser, *How Music Grew*, New York: G.P. Putnam's Sons, 1939, pp. 36, 45; Elizabeth Rogers, *Music Through the Ages*, New York: G.P. Putnam's Sons, 1967, p. 87; Carl Shaulk, *Key Words in Church Music*, St. Louis: Concordia Publishing House, 1978, p. 64; Johannes Quasten, *Music & Worship in Pagan and Christian Antiquity*, Washington D.C.: National Association of Pastoral Musicians, 1983, p. 76; Alfred Sendrey, *Music in the Social and Religious Life of Antiquity*, Rutherford: Fairleigh Dickinson University Press, pp. 327, 412). Tipicamente, os corais gregos eram compostos de 15 a 24 pessoas (Claude

A própria Missa foi um espetáculo dramático; o santuário era um cenário sagrado; os celebrantes vestiam roupas simbólicas; o sacerdote e os acólitos promoviam diálogos; as respostas antifonais do sacerdote e do coral, e do coral ao coral, sugeriam precisamente essa mesma evolução dramática do diálogo que havia gerado a obra sagrada de Dionísio".^{5[5]}

Com o advento do coro na igreja cristã, a música escapou das mãos do povo de Deus para as mãos do pessoal clerical composto por cantores treinados.^{6[6]} Esta mudança deveu-se em parte ao fato de que as doutrinas heréticas se espalhavam pelo cântico dos hinos. O clero sentiu que se o ato de cantar hinos estivesse sob seu controle, isso restringiria a expansão de heresia.^{7[7]} Mas isso também estava arraigado no crescente poder do clero como principal ator no drama cristão.^{8[8]}

Pelo ano 367 d.C., a música da congregação foi completamente eliminada. Sendo substituída por corais treinados.^{9[9]} Assim, pois, nasceu o cantor profissional na igreja. O ato de cantar na adoração cristã agora estava sob o controle do clero e do coral.

Credita-se a Ambrósio (339-397 d.C.) a criação dos primeiros hinos pós-apostólicos.^{10[10]} Tais hinos foram modelados segundo os modos gregos e chamados por nomes gregos.^{11[11]} Ambrósio também criou uma coleção de cânticos litúrgicos, os quais ainda são utilizados em algumas igrejas católicas.^{12[12]} O cântico litúrgico é o descendente direto do cântico pagão romano, o qual remonta às antigas cidades da Sumaria.^{13[13]}

Os coros papais começaram no século V.^{14[14]} Quando Gregório o Grande tornou-se Papa, perto do fim do século VI, ele reorganizou a *Schola Cantorum* (escola de cantores) em Roma. (Esta escola foi fundada pelo Papa Sylvester que morreu em 335 d.C.).^{15[15]}

Com esta escola, Gregório estabeleceu cantores profissionais que treinariam coros cristãos ao longo do Império Romano. Estes cantores eram treinados por nove anos. Eles tinham que memorizar cada cântico — inclusive os famosos “cânticos gregorianos”.^{16[16]} Gregório eliminou os últimos vestígios da música pela congregação, acreditando que cantar era direito exclusivo dos cantores treinados. Ele acreditava que a música era uma função clerical.

Corais e cantores treinados juntamente com o impedimento do canto pela congregação refletiam a postura cultural dos gregos. Similar ao oratório (diálogo profissional), a cultura grega era baseada

Calame, *Choruses of Young Women in Ancient Greece*, Lanham: Rowman & Littlefield, 2001, p. 21). Alguns tentaram argüir que os cristãos herdaram os corais e os cânticos da sinagoga judia. Mas isto é altamente improvável, pois nos séculos III e IV os cristãos copiaram pouco ou nada dos judeus. Pelo contrário, eles absorveram pesadamente a cultura greco-romana que os rodeava. De forma interessante, a música grega teve sua gênese no Oriente e na Ásia Menor (*Music Through the Ages*, p. 95).

^{5[5]} Will Durant, *The Age of Faith* (New York: Simon & Schuster, 1950), p. 1027.

^{6[6]} *The Organ and Choir in Protestant Worship*, pp. 8-9. Até o século IV, o cântico congregacional foi característico do culto cristão.

^{7[7]} *The Study of the History of Music*, pp. 16, 24.

^{8[8]} *How Music Grew*, pp. 71-72.

^{9[9]} *Music Through the Ages*, p. 108. O Conselho de Laodicea (d.C. 367) proibiu a todos de cantar na igreja com exceção dos cantores canônicos. Este ato visava assegurar que a qualidade do cântico fosse mais homogênea e controlável pelos dirigentes do culto (J.G. Davies, *The New Westminster Dictionary of Liturgy and Worship: First American Edition*, Philadelphia: Westminster Press, 1986, p. 131; Arthur Mees, *Choirs and Choral Music*, New York: Greenwood Press, 1969, pp. 25-26).

^{10[10]} Os hinos de Ambrósio eram ortodoxos. Os arianos usavam plenamente os hinos para promover seus ensinamentos heréticos acerca de Jesus. (Os arianos acreditavam que Jesus era uma criatura criada por Deus).

^{11[11]} *How Music Grew*, p. 71. “O sistema musical grego foi o precursor da música nas primeiras igrejas cristãs, essa linha permanece irrompível desde a Grécia, passando por Roma, pela Idade Média, até os tempos modernos”. Edward Dickinson, *The Study of the History of Music* (New York: Charles Scribner's Sons, 1905), p. 9. De fato, o texto completo mais antigo que temos de um hino cristão data de aproximadamente 200 d.C.. Ambrósio simplesmente escreveu hinos para uso comum na igreja. A música cristã naquele momento foi retirada da linguagem grega popular (Barry Leisch, *The New Worship: Straight Talk on Music and the Church*, Grand Rapids: Baker Book House, 1996, p. 35).

^{12[12]} *Music Through the Ages*, p. 106.

^{13[13]} *How Music Grew*, p. 70; *Music Through the Ages*, p. 61. “Das palavras que sobreviveram, sabemos que cada templo [sumariano] praticava liturgias bem organizadas, cantadas nas técnicas de solo e resposta (entre sacerdote e coro) e antifonia (coro para coro)”. Veja também *The Study of the History of Music*, p. 25.

^{14[14]} *The Study of the History of Music*, p. 18.

^{15[15]} *Music Through the Ages*, p. 109; Andrew Wilson-Dickson, *The Story of Christian Music* (Oxford: Lion Publishing, 1992), p. 43; David Appleby, *History of Church Music* (Chicago: Moody Press, 1965), p. 28.

^{16[16]} *How Music Grew*, pp. 73-75; *Music Through the Ages*, p. 109. Todos os cânticos naquele tempo eram entoados sem instrumentos musicais.

na dinâmica artista/auditório. Tragicamente, esta característica foi retirada dos templos de Diana e dos dramas gregos e transportada diretamente para as igrejas! A congregação do povo de Deus chegou a ser um mero espectador, não apenas no ministério oral, mas também no musical!^{17[17]} Lamentavelmente, o espírito do espectador grego vive ainda na moderna igreja.

Os corais infantis remontam aos dias de Constantino. A maioria deles foi criada nos orfanatos.^{18[18]} Os corais infantis permaneceram na igreja por centenas de anos após sua fundação. O coral dos Meninos Cantores de Viena, por exemplo, foi fundado em Viena, Áustria em 1498. O coro cantava exclusivamente para a corte, na Missa, em concertos privados e eventos do Estado.^{19[19]} Um fato pouco conhecido é que os corais de meninos são de origem pagã.^{20[20]} Os pagãos acreditavam que as vozes dos meninos possuíam poderes especiais.^{21[21]}

Cortejos Fúnebres

Durante os dias de Constantino, as práticas responsais romanas e os cortejos fúnebres foram adaptados e transformados em “bodas” e “funerais”.^{22[22]} Ambos foram adotados da prática pagã.^{23[23]} Como disse um erudito, “*O culto pagão dos mortos exerceu forte influência na vida de muitos cristãos anteriormente pagãos, isso facilitou a adoção dos cantos fúnebres pagãos e músicas funerais com a Salmodia*”.^{24[24]}

O chamado canto fúnebre adotado e aceito pelos cristãos também teve origem pagã.^{25[25]} Foi adotado na igreja cristã durante a primeira metade do século III. Tertuliano posicionou-se contra os cortejos fúnebres cristãos simplesmente por serem de origem pagã.^{26[26]}

Não apenas a procissão funeral emergiu do paganismo. Também a prédica funeral. Era prática comum dos pagãos do Império Romano contratar alguns professores eloqüentes e populares para falar durante o funeral de um ente querido. O orador usava um pequeno livreto durante tais ocasiões. Tal orador se agitava até o frenesi, depois se referia ao morto com estas palavras, “*ele vive agora entre os deuses, atravessou os céus e observa a vida lá de cima*”.^{27[27]} Finalmente passava a consolar a família do morto. Hoje o pastor cumpre esta função e ainda usa as mesmas palavras da reza!

A Contribuição da Reforma

A principal contribuição da música dos reformadores foi a restauração da música na congregação e o uso de instrumentos. João Hus (1372-1415 d.C.) da Boêmia e seus seguidores (chamados husitas), estiveram entre os primeiros a restaurar a música na congregação e na igreja.^{28[28]}

^{17[17]} Edward Dickinson, *The Study of the History of Music* (New York: Charles Scribner's Sons, 1905), p. 14.

^{18[18]} “Choir,” *The Catholic Encyclopedia, 1913 On-Line Edition* (www.newadvent.org/cathen/); *Key Words in Church Music*, pp. 64-65. “Choir,” *Harper's Encyclopedia of Religious Education* (San Francisco: Harper & Row Publishers, 1971).

^{19[19]} <http://www.bach-cantatas.com/Bio/Wiener-Sangerknaben.htm>. Para uma discussão sobre a origem pagã dos corais femininos, veja *Music & Worship in Pagan and Christian Antiquity*, pp. 77-86.

^{20[20]} *The Oracles of Apollo in Asia Minor*, pp. 102-103; *Music & Worship in Pagan and Christian Antiquity*, p. 87ff. “Os pagãos freqüentemente usavam coros de meninos no culto deles, especialmente em ocasiões festivas”.

^{21[21]} *Ibid.*, p. 87.

^{22[22]} Frank Senn, *Christian Worship and Its Cultural Setting* (Philadelphia: Fortress Press, 1983), p. 41.

^{23[23]} Veja Capítulo 1.

^{24[24]} *Music & Worship in Pagan and Christian Antiquity*, pp. 86, 160ff.

^{25[25]} *Ibid.*, p. 163.

^{26[26]} *Ibid.*, pp. 164-165.

^{27[27]} Ramsay MacMullen, *Christianizing the Roman Empire: d.C. 100-400* (London: Yale University Press, 1984), pp. 11-13

^{28[28]} Ilion T. Jones, *A Historical Approach to Evangelical Worship* (New York: Abingdon Press, 1954), p. 257. Os husitas criaram o primeiro hinário protestante em 1505 em Praga. Veja também John Marcos Terry, *Evangelism: A Concise History* (Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1994), p. 68.

Lutero também encorajou o cântico congregacional em determinadas partes do culto.^{29[29]} Mas a música da congregação não alcançou seu auge até o século XVIII durante o avivamento de Wesley na Inglaterra.^{30[30]}

Nas igrejas da reforma, o coral permaneceu apoiando e dirigindo o cântico congregacional.^{31[31]} 150 anos depois da Reforma, o cântico congregacional tornou-se uma prática geralmente aceita.^{32[32]} Pelo século XVIII, o órgão tomou o lugar do coro nos principais cultos cristãos.^{33[33]}

É interessante, mas não há qualquer evidência de instrumentos musicais na igreja cristã até a Idade Média.^{34[34]} Após esse período toda música durante o culto era realizada sem instrumentos.^{35[35]} Os pais de igreja tinham uma visão negativa dos instrumentos musicais, associando-os com imoralidade e idolatria.^{36[36]} Calvino continuou esta prática. Ele achava que os instrumentos musicais eram pagãos. Conseqüentemente, por dois séculos, as igrejas reformadas cantaram salmos sem o uso de instrumentos.^{37[37]}

O órgão foi o primeiro instrumento usado pelos cristãos pós-Constantino.^{38[38]} A primeira vez que o órgão surgiu nas igrejas cristãs remonta ao século VI, mas ele não foi utilizado durante a Missa até o século XII. Pelo século XIII, o órgão foi incorporado na Missa.^{39[39]}

Inicialmente o órgão era usado para dar o tom aos sacerdotes e ao coral.^{40[40]} Durante a Reforma, o órgão chegou a ser o instrumento padrão na adoração protestante. Enquanto os seguidores de Calvino (e os Puritanos) destruíam e arruinavam os órgãos das igrejas, os luteranos os aproveitavam ao máximo.^{41[41]} O primeiro órgão comprado pela igreja estadunidense data de 1704.^{42[42]}

^{29[29]} A *Historical Approach to Evangelical Worship*, p. 257. Durante os dias de Lutero foram publicados cerca de 60 hinários. Mais especificamente, Lutero aumentou o cântico congregacional como parte da liturgia. Ele deixou uma Missa latina que era cantada pelo coro em cidades e universidades, e uma Missa alemã que era cantada pela congregação em aldeias e no meio rural. Estes dois modelos foram fundidos como prática luterana dos séculos XVI até o século XVIII. Os reformadores se opunham à música coral e aos hinos congregacionais. Eles aprovavam apenas o cântico métrico (versificado), Salmos e outros cânticos bíblicos. Da perspectiva deles, os coros e os hinos eram romanos. O uso luterano deles revelou uma reforma imatura (Email privado recebido de Frank Senn, 11/18/2000).

^{30[30]} A *Historical Approach to Evangelical Worship*, p. 257. Os hinos de Isaac Watts, John Wesley, e Charles Wesley foram amplamente usados. A composição e o cântico de hinos se espalharam por todas as Igrejas Livres dos dois continentes durante aquele tempo.

^{31[31]} *The Organ and Choir in Protestant Worship*, p. 15. James F. White destaca que “desde aquela época até hoje permanece uma considerável confusão sobre qual é exatamente a função do coral na adoração protestante. Não há uma única boa razão para a existência do coral no protestantismo” (John F. White, *Protestant Worship and Church Architecture*, New York: Oxford University Press, 1964, p. 186).

^{32[32]} *The Organ and Choir in Protestant Worship*, pp. 15-16.

^{33[33]} *Ibid.*, p. 19. No século XVII, o órgão tocava as partes opondo-se ao uníssono cantado pela congregação, abafando as pessoas. As igrejas de Genebra arrancaram os órgãos dos edifícios das igrejas porque não queriam que o louvor fosse roubado das pessoas (*The Story of Christian Music*, pp. 62, 76-77). As igrejas evangélicas eventualmente importavam órgãos dos anglicanos durante a primeira década do século XVII visando manter-se competitivas, como fizeram com o campanário e outros embelezamentos. Richard Bushman, *The Refinement of America* (New York: Alfred Knopf, 1992), pp. 336-337.

^{34[34]} Everett Ferguson, *Early Christians Speak: Faith and Life in the First Three Centuries* (Abilene: A.C.U. Press, Terceira Edição, 1999), p. 157.

^{35[35]} Pais da igreja como Clemente de Alexandria (do século III), Ambrosio, Agostinho e Jerônimo (do quarto e quinto séculos) todos se opuseram ao uso de instrumentos musicais no culto. Como Calvino fez depois, eles associavam os instrumentos musicais com cerimônias pagãs e produções teatrais romanas. Edwin Liemohn, *The Organ and Choir in Protestant Worship* (Philadelphia: Fortress Press, 1968), p. 2; *Music & Worship in Pagan and Christian Antiquity*, p. 64.

^{36[36]} *Early Christians Speak*, p. 157.

^{37[37]} A *Historical Approach to Evangelical Worship*, pp. 255-256. O *Psalter*, publicado em 1522 em Genebra, foi o hinário padrão das igrejas reformadas na Europa e nos Estados Unidos por mais de 200 anos.

^{38[38]} *Ibid.*, p. 256.

^{39[39]} *The Organ and Choir in Protestant Worship*, p. 4.

^{40[40]} *Ibid.*, p. 3.

^{41[41]} *Ibid.*, pp. 3, 32-33. Os wesleyanos proibiram órgãos em 1796, preferindo a baixa viola como o único instrumento legal no culto. Mas foram instalados órgãos 12 anos depois nas igrejas wesleyanas (pp. 91-92). O órgão luterano tornou-se característica indispensável da adoração luterana. Ironicamente, a tradição musical organística luterana foi fundada por um calvinista holandês chamado Jan Pieterszoon Sweelinck em princípios do século XVII (*Christian Liturgy*, p. 534).

^{42[42]} A igreja foi Trinity Church em New York. Para uma discussão sobre os primeiros órgãos usados nos Estados Unidos, veja *The Organ and Choir in Protestant Worship*, pp. 110-111.

Os primeiros corais protestantes começaram a prosperar em meados do século XVIII.^{43[43]} Foram determinados assentos especiais aos membros do coro para mostrar sua condição (função, posição) especial.

Inicialmente, a função do coro era prover o tom correto para dirigir a música à congregação. Mas, bem antes disso, o coro começou a contribuir com seleções especiais.^{44[44]} Assim, pois, nasceu a “música especial” pelo coro enquanto a congregação assistia.

Ao final do século XIX, os coros de crianças surgiram nas igrejas americanas.^{45[45]} Então, a “música especial” do coro chegou a ser um costume nas igrejas baixas, não litúrgicas. (Esta prática eventualmente foi levada também às igrejas litúrgicas).^{46[46]}

O local do coro é sugestivo. No final do século XVI, o coro moveu-se do santuário (plataforma do clero) para a galeria traseira onde o órgão de tubo estava instalado.^{47[47]} Mas durante o Movimento Oxford no final do século XIX e início do século XX, o coro voltou ao santuário. Foi neste momento que os membros do coro começaram a usar roupões eclesiásticos.^{48[48]} No período 1920-40 era comum aos coros americanos usarem vestes especiais que combinavam com os edifícios de igreja neogóticos recentemente adquiridos.^{49[49]} O coro agora ficava de pé, juntamente com o clero de frente para a congregação, vestido com roupa clerical arcaica!^{50[50]}

A Origem do Grupo de Louvor

Em muitas das igrejas contemporâneas, sejam carismáticas ou não, o coro foi substituído pelo fenômeno recente do grupo de louvor.^{51[51]} Neste tipo de igreja o edifício tem poucos símbolos religiosos (exceto algumas bandeiras, talvez).

A frente da plataforma há um pódio simples, algumas plantas, amplificadores, microfones e muitos fios. Usualmente, a roupa é normal. Há cadeiras fixas ou cadeiras de teatro substituindo os bancos. A equipe de adoração padrão incluirá guitarra elétrica, bateria, teclado, talvez um baixo e alguns vocalistas. A letra dos cânticos geralmente é projetada na parede ou na tela por um retro-projetor ou projetor de vídeo. Alguém, “chamado por Deus” tem a tarefa de passar as transparências ou diapositivos pré-selecionados. Ninguém liga para a falta de hinários ou cancionários.

Em tais igrejas, *culto* significa “seguir os cânticos selecionados e acompanhados pela banda”. “O tempo de louvor e de adoração” normalmente dura de a 30 a 40 minutos. Os primeiros cânticos usualmente são corinhos animados e positivos de louvor.^{52[52]} Depois a equipe dirige a congregação em uma música animada, batendo palmas, balançando os corpos com as mãos levantadas (às vezes dançando), em um popurri de música individualista, suave e adoradora. (O enfoque de todos os cânticos é uma experiência individual). Os pronomes na primeira pessoa — “eu, mim, meu” — (virtualmente dominam em cada cântico).^{53[53]}

Enquanto os músicos descem da plataforma, é passada a bandeja das ofertas. Isto, geralmente, será seguido pelo sermão onde o pastor dominará o restante do culto. Em muitas igrejas, o pastor chamará a equipe de louvor de volta à plataforma para cantar alguns cânticos de adoração enquanto ele conclui seu sermão. Um período de “apelo” pode seguir-se enquanto a banda toca.

^{43[43]} Ibid., p. 113; *Protestant Worship and Church Architecture*, p. 110.

^{44[44]} *Organ and Choir in Protestant Worship*, p. 115.

^{45[45]} Ibid., p. 125. A Primeira Igreja Presbiteriana de Flemington, New Jersey, é tida como a primeira a organizar um coral de crianças.

^{46[46]} Ibid.

^{47[47]} *Christian Liturgy*, p. 490.

^{48[48]} *The Organ and Choir in Protestant Worship*, p. 127; *The Story of Christian Music*, p. 137.

^{49[49]} *Christian Worship in Its Cultural Setting*, p. 49.

^{50[50]} A. Madeley Richardson, *Church Music* (London: Longmans, Green, & Co., 1910), p. 57.

^{51[51]} Denominações como *Vineyard*, *Calvary Chapel*, e *Hope Chapel* dominam boa parte do mercado neste tipo de igrejas. Porém, muitas igrejas sectárias e não-sectárias adotaram o mesmo estilo de adoração.

^{52[52]} A recuperação do hábito de cantar coros bíblicos deveu-se ao movimento de Jesus nos anos setenta (David Kopp, *Praying the Bible for Your Life*, Waterbrook, 1999, pp. 6-7).

^{53[53]} Isto combina perfeitamente com o perfil egocêntrico focado em bebês.

A liturgia que acabo de descrever funciona como um relógio na maioria das igrejas carismáticas e independentes. Mas de onde surgiu tudo isso?

A origem da “equipe de adoração” remonta à fundação da Capela do Calvário em 1965. Chuck Smith, o fundador da denominação, começou um ministério para “hippies e surfistas”. Smith convidou hippies convertidos a tomar suas guitarras e tocar sua música agora redimida na igreja. Ele deu à contra-cultura uma base para sua música — permitindo-lhes tocar e fazer exhibições aos domingos pela noite. A nova forma musical começou a ser chamada “louvor e adoração”.^{54[54]} Enquanto o Movimento de Jesus crescia, Smith fundou a *Maranatha Music* em 1973. A meta era divulgar a música destes jovens artistas.^{55[55]}

A *Vinha*, sob a influência do gênio musical John Wimber, seguiu com o conceito de equipe de louvor em 1977. Neste ano ele fundou a *Anaheim Vineyard Christian Fellowship*.^{56[56]} Superando a *Capela do Calvário*, a *Vinha* exerceu grande influência sobre a família cristã com suas equipes de louvor e de adoração. A música da *Vinha* era considerada íntima e adoradora, enquanto que a da *Capela* era mais conhecida por seus cânticos agitados e dançantes.^{57[57]}

Os hinos americanos haviam passado por uma reforma antes do surgimento da *Capela do Calvário* e da *Vinha*. Começando por Dublane, Escócia, em 1962, um grupo de músicos ingleses insatisfeitos tratou de revitalizar os cânticos cristãos tradicionais.

Influenciados por músicos populares, eles produziram um novo tipo de música.^{58[58]} Esta reforma preparou o cenário para que mudanças musicais revolucionárias se arraigassem na igreja cristã pela *Calvary Chapel* e *Vineyard*.^{59[59]} Em seu devido tempo, a guitarra substituiu o órgão como instrumento principal dirigindo a adoração na igreja protestante. Embora modelado segundo o concerto de música rock da cultura secular, a equipe de louvor chegou a ser bem comum no púlpito.

Mas Qual é o Problema?

Então alguém pergunta, “*Que mal há em um líder de coro, um líder de adoração, ou uma equipe de louvor, dirigindo a música na igreja?*” Nenhum, exceto que isto rouba do povo de Deus uma função vital: A função de selecionar e de dirigir sua própria música nas reuniões — de ter o louvor divino em suas próprias mãos — de permitir que Jesus Cristo dirija a música de Sua Igreja em vez de um diretor humano.

Atente para a descrição de Paulo referindo-se a uma reunião da congregação: “*Cada um de vocês traga um cântico...*”.^{60[60]} “*Falando um ao outro com salmos, hinos e cânticos espirituais*”.^{61[61]} Dirigentes de música, coros e equipes de louvor dificultam isso. Também outros especialistas limitam a direção de Cristo — especialmente em Seu ministério de dirigir os irmãos em cânticos ao Seu Pai. Sobre este ministério (do qual bem pouco se conhece hoje) o escritor dos

^{54[54]} Michael S. Hamilton, “The Triumph of Praise Songs: How Guitars Beat Out the Organ in the Worship Wars,” *Christianity Today*, 7/12/99.

^{55[55]} Donald E. Miller, *Reinventing American Protestantism* (Berkeley: University of Berkeley Press, 1997), pp. 65, 83.

^{56[56]} Wimber assumiu o movimento *Vineyard* em 1982 de Ken Gulliksen.

^{57[57]} *Reinventing American Protestantism*, pp. 19, 46-52, 84.

^{58[58]} Conduzidos pelo ministro congregacional Eric Routley, estes artistas geraram um novo tipo de música cristã influenciada por Bob Dylan e Sydney Carter. Este novo estilo foi espalhado nos EUA por George Shorney Jr. da *Hope Publishing Company*. Os novos hinos cristãos constituíram uma reforma, não uma revolução. A revolução veio quando o *rock 'n' roll* foi adaptado à música cristã com a vinda do *Jesus movement*. Com o aparecimento da *Calvary Chapel* e depois da *Vineyard*, o estilo de música “*baby boomer*” acabou sendo incorporado na igreja cristã (“The Triumph of Praise Songs”).

^{59[59]} Como o advento da música cristã contemporânea, teve início a “guerra de adoração”, constituindo uma força divisória que tem balkanizado as igrejas Cristãs em “*adeptos do velho estilo tradicional musical*” versus “*adeptos do novo estilo contemporâneo musical*”. Não foram poucas as igrejas que ficaram divididas sobre qual forma de música usar durante o culto da igreja. Música contemporânea versus tradicional tornou-se a raiz, tronco e galhos do novo sectarismo e tribalismo cristão que infesta a igreja moderna.

^{60[60]} 1 Cor. 14:26.

^{61[61]} Efésios 5:19, NIV.

Hebreus disse, “*Nós que fomos santificados por Jesus, temos agora o mesmo Pai que Ele. É por isto que Jesus não Se envergonha de nos chamar seus irmãos. Porque Ele diz no livro dos Salmos: ‘Falarei aos meus irmãos a respeito de Deus meu Pai e juntos [Ekklesia] cantaremos seus louvores’*”^{62[62]}.

Quando apenas os talentosos podem cantar cânticos de louvor este fica mais próximo do entretenimento do que da adoração coletiva.^{63[63]} Onde apenas aos “qualificados” é permitido participar no ministério de dirigir a música. O louvor é um ministério que está ao alcance de todo povo de Deus.

Eu participo de igrejas onde cada membro é livre para iniciar um cântico espontaneamente. Imagine: Cada irmão e irmã dirigindo cânticos sob a direção de Cristo! Cada irmão e irmã escrevem seus próprios cânticos trazendo-os à reunião para que todos possam aprendê-los. Um após o outro. Sem perda de tempo. Todos participando nos louvores. Cristãos medianos, normais, gente comum, etc. Sem um líder visível presente. Tal experiência, embora desconhecida na igreja institucional, está disponível para todos os que queiram experimentar a direção de Cristo em uma reunião. Além disso, a música em tais congregações é intensamente coletiva em vez de individualista e subjetiva.^{64[64]}

Contudo permita-me dar uma advertência. Uma vez saboreada a experiência de ter a adoração e o louvor em tuas próprias mãos, você jamais irá desejar retornar à imobilidade de um banco, jamais irá desejar ser dirigido por uma equipe de louvor ou por um dirigente de cânticos. Provavelmente ninguém mais estragará você neste aspecto.

A equipe de adoração é linda, mas há algo bem mais elevado e infinitamente mais rico. É hora do ministério do louvor e dos cânticos sair das mãos do clero de “segunda corda” e ser devolvido ao povo de Deus. Somente assim os filhos de Deus poderão compreender completamente as palavras do salmista:

“[...] Deixamos de lado nossas lira[...] Mas os nossos capturadores, os nossos atormentadores, exigiam que lhes cantássemos as alegres canções de Sião!”.^{65[65]}

O problema real da Igreja não está no fato dela ser rica demais, o problema real é que ela tornou-se institucionalizada demais. O investimento necessário à sua manutenção é gigantesco. Esta igreja tem as características de um dinossauro e de um navio de guerra. Está tão carregada por instalações e programações fora de seu alcance que foi absorvida por problemas de manutenção e de sobrevivência. A inércia da máquina é tal que as ilações financeiras, legalidades, canais de organização, predisposições, todas estas coisas se fixaram no sentido de continuar e realizar o status quo. Qualquer um que prosseguir nesta direção terá a maior parte de sua energia esgotada antes de chegar à linha de batalha do inimigo.

-John A.T. Robinson

^{62[62]} Hebreus 2:11-12, NIV.

^{63[63]} Eu não vejo nenhum problema com músicos talentosos diante de uma audiência procurando encorajar, instruir, inspirar ou até mesmo entreter. Porém, isso não deve não ser confundido com os cânticos de ministério de louvor e adoração que pertencem à igreja como um todo.

^{64[64]} Efésios 5:19 e Col. 3:16 capturam o sabor da natureza coletiva do louvor cristão do século I.

^{65[65]} Salmos 137:1-4; 126:1-2.

CAPÍTULO 7

DÍZIMO E SALÁRIOS DO CLERO: UM PESO NA CARTEIRA

*Qual é o meu pagamento?
É a alegria especial que eu obtenho ao pregar as Boas Novas sem despesas para
ninguém.
-Paulo de Tarso*

Roubaria o homem a Deus? Contudo vocês roubam a mim. Mas vocês perguntam, 'Como te roubamos a ti?' Em dízimos e oferendas. Vocês estão debaixo de uma maldição, toda a nação, porque estão me roubando. Tragam todo o dízimo ao alforge, para que haja comida em minha casa. Prove-me nisto, disse o Senhor Todo Poderoso, e vejam se eu não abrirei as comportas do céu e derramarei tanta bênção que vocês não terão suficiente espaço para guardá-la.^[1]

Esta passagem de Malaquias, capítulo 3, parece ser o versículo favorito de muitos pastores. Especialmente quando o cofre da igreja está vazio. Se você freqüentou por algum tempo a igreja moderna, deve ter escutado esta passagem trovejando de cima do púlpito em várias ocasiões. Fizeram-me engolir isso por um sem número de vezes.

Considere algo da retórica que acompanha esse tema:

“Deus ordena que vocês dêem seus dízimos fielmente. Se vocês não dizimam, estão roubando ao Deus Todo Poderoso, e estão colocando-se debaixo de uma maldição”.

“Vamos repetir juntos o 'Credo do Dizimista?’ O dízimo é do Senhor. Aprendemos isso porque é verdade. Acreditamos nisso porque temos fé. Vamos dar nossos dízimos com alegria”.

“Seus dízimos são oferendas necessárias para que a obra de Deus siga adiante!” (A “obra de Deus”, naturalmente, significa assalariar o cargo de pastor e pagar as contas mensalmente para manter o edifício sem dívidas).

Qual é o resultado desse tipo de pressão? O povo de Deus é obrigado a dar o dízimo de seus salários mensalmente. Quando faz isso, sente que Deus fica feliz. E pode esperar que Ele os abençoe financeiramente. Quando falha sente que foi desobediente e que uma maldição financeira pesa sobre ele.

Mas voltemos alguns passos atrás e formulemos duas perguntas penetrantes: *“A Bíblia nos ensina a dizimar? Somos espiritualmente obrigados a patrocinar o pastor e sua equipe?”.*

A resposta a estas duas perguntas é alarmante. (Se você é um pastor, isso lhe interessa. Talvez fosse melhor você pegar agora seu remédio para o coração!).

O Dízimo é Bíblico?

Há dízimo na Bíblia? Sim, o dízimo é bíblico. Mas não é cristão. O dízimo pertence à velha Israel. Foi essencialmente um imposto de renda. No primeiro século, no NT, não há registro de cristãos dizimando.

^[1] Malaquias 3:8-10, NIV.

A maioria dos cristãos não tem a menor idéia do que ensina a Bíblia no que se refere ao dízimo. Senão vejamos. A palavra “dízimo” simplesmente quer dizer a décima parte.^{2[2]} O Senhor instituiu três classes de dízimos para os Israelitas como parte de seu sistema de impostos. A saber:

Um dízimo do produto da terra para sustentar os levitas, que não tinham herança em Canaã.^{3[3]}

Um dízimo do produto da terra para patrocinar festas religiosas em Jerusalém. Se o produto pesasse muito para ser levado a Jerusalém, poderia ser convertido em dinheiro.^{4[4]}

Um dízimo do produto da terra arrecadado a cada três anos para os levitas locais, órfãos, estrangeiros e viúvas.^{5[5]}

Este foi o dízimo bíblico. Note que Deus ordenou a Israel que desse 23,3% de suas rendas a cada ano, em oposição aos 10%.^{6[6]} Estes dízimos consistiam do produto da terra, a saber: A semente e o fruto da terra, e o rebanho ou manada. Era o produto da terra, não dinheiro.

Pode-se traçar um claro paralelo entre o sistema do dízimo de Israel e o sistema moderno de tributação no Brasil. Israel era obrigado a sustentar seus funcionários públicos (sacerdotes), feriados (festivais), e pobres (estrangeiros, viúvas e órfãos) com seus dízimos anuais. A maioria dos modernos sistemas de tributação serve ao mesmo propósito.

Com a morte de Jesus, todos os códigos cerimoniais, governamentais e religiosos que pertenciam aos judeus foram cravados em Sua cruz e enterrados para sempre... Para nunca voltarem a condenar-nos. Por esta razão nunca vemos nenhum cristão no NT dando o dízimo. Da mesma forma que não os vemos sacrificando cabritos e touros para cobrir seus pecados!

Paulo escreveu, “*Vocês estavam mortos em pecados e seus desejos pecaminosos ainda não tinham sido afastados. Então Ele deu-lhes participação na própria vida de Cristo, porque lhes perdoou todos os pecados, e apagou as acusações confirmadas que havia contra vocês, a lista dos seus mandamentos a que vocês não tinham obedecido. Tomando esta lista de pecados, Ele a destruiu, pregando-a na cruz de Cristo. Portanto, que ninguém censure vocês por aquilo que comem ou bebem, ou por não comemorarem as festas e feriados judaicos, ou as cerimônias de lua nova, ou os sábados. Estes eram preceitos apenas temporários, que terminaram quando Cristo veio. Eram apenas sombras da realidade — do próprio Cristo*”.^{7[7]}

Dizimar pertence exclusivamente a Israel sob a Lei. No aspecto financeiro vemos os santos do primeiro século dando alegremente de acordo com sua capacidade — não para obedecerem a um mandamento.^{8[8]} A oferta na primitiva igreja era voluntária.^{9[9]} E os que se beneficiavam disto eram os pobres, órfãos, viúvas, doentes, prisioneiros e estrangeiros.^{10[10]}

Agora mesmo posso ouvir alguém fazer a seguinte objeção: “*E quanto a Abraão? Ele viveu antes da Lei. Nós o vemos dizimar ao sumo sacerdote Melchizedek*.”^{11[11]} Isto não destrói seu argumento de que o dízimo é parte da Lei de Moisés?”

Não, não destrói. Primeiramente, o dízimo de Abraão era completamente voluntário. Não obrigatório. Deus não o ordenou como havia feito com o dízimo de Israel.

Em segundo lugar, Abraão dizimou dos saques que ele havia adquirido depois de alguma batalha. Ele não dizimou de suas rendas nem de sua propriedade. O ato de dizimar de Abraão seria

^{2[2]} No Velho Testamento, a palavra hebraica para “dízimo” é *maaser*, que significa décima parte. No NT, a palavra grega é *dekate*, que também significa décima parte. A palavra não é tomada do mundo religioso, mas do mundo da matemática e finanças.

^{3[3]} Lev. 27:30-33; Num. 18:21-31.

^{4[4]} Deu. 14:22-27. Algumas vezes chama-se “festa do dízimo”.

^{5[5]} Deu. 14:28-29; 26:12-13. O historiador judeu Josephus e outros pesquisadores acreditam tratar-se de um terceiro dízimo usado de um modo diferente do segundo. Stuart Murray, *Beyond Tithing* (Carlisle: Paternoster Press, 2000), pp. 76, 90.

^{6[6]} 20% anualmente e 10% cada três anos igualam 23.3% por ano. Deus ordenou todos os três dízimos (Neemias. 12:44; Mal. 3:8-12; Heb. 7:5).

^{7[7]} Col. 2:13-17, NASB; Veja também Heb. 6-10.

^{8[8]} Isto é bem claro em 2 Cor. 8:3-12; 9:5-13. A palavra de Paulo sobre a oferta é: *Dê de acordo com a prosperidade que recebeu de Deus — de acordo com sua capacidade e meios*.

^{9[9]} *The Early Christians*, p. 86.

^{10[10]} *Christian History*, Issue 37, Vol. XII, No. 1, p. 15.

^{11[11]} Gên. 14:17-20.

algo parecido com receber uma bonificação no trabalho, uma gratificação de Natal, para depois dizimar.

Em terceiro lugar, e o ponto mais importante, esta foi a única vez que Abraão dizimou em todos os seus 175 anos aqui na terra. Não há evidência de que ele voltou a repetir tal coisa novamente. Consequentemente, se você deseja usar Abraão como “texto de prova” para dizer que os cristãos necessitam dizimar, então você é obrigado a dizimar apenas uma vez!^{12[12]}

Isto nos remete ao batido texto citado anteriormente em Malaquias 3. O que disse Deus ali? Primeiramente, esta passagem foi dirigida ao antigo Israel quando este estava sob a Lei Mosaica. O povo de Deus estava retendo seus dízimos e ofertas. Considere o que aconteceria se os estadunidenses recusassem pagar seus impostos sobre suas rendas. A lei americana qualifica isso como um roubo.^{13[13]} Os culpados seriam castigados por roubar ao governo.

De igual forma, quando Israel reteve seus dízimos (impostos), Israel estava roubando a Deus — Ele instituiu o sistema do dízimo. Então o Senhor mandou que seu povo trouxesse seus dízimos ao alforge. O alforge era situado nas câmaras do Templo. Esta câmara era separada para receber os dízimos em espécie, não em dinheiro, para o sustento dos Levitas, pobres, estrangeiros e viúvas.^{14[14]}

Note o contexto de Malaquias 3:8-10. No versículo 5 o Senhor diz que Ele julgará os que oprimem as viúvas, os desamparados e os estrangeiros. Ele diz, “*Eu Me movimentarei com rapidez para castigar os que praticam bruxaria, os adúlteros, os mentirosos, os que roubam o salário de seus empregados, os que exploram as viúvas e os órfãos, enfim todos os que não Me respeitam*”.

As viúvas, os órfãos e os estrangeiros eram os dignos recebedores do dízimo. Por reter os dízimos, Israel foi culpado de oprimir a estes três grupos. É aqui que está o coração de Deus em Malaquias 3:8-10: *A opressão aos pobres*.

Quantas vezes você ouviu pastores enfatizar este ponto, martelando teus ouvidos com a passagem de Malaquias 3? Das centenas de sermões que eu ouvi sobre dízimo, nenhuma vez escutei nem mesmo um sussurro acerca do que tratava esta passagem. Ou seja, os dízimos eram para sustentar as viúvas, os órfãos, os estrangeiros, e os Levitas, que não tinham qualquer propriedade. É isto o que a Palavra do Senhor tem como objetivo em Malaquias 3.

A Origem do Dízimo e do Salário do Clero.

Cipriano (200-258 d.C.) foi o primeiro escritor cristão a mencionar a prática de sustentar financeiramente o clero. Ele arrazoava que da mesma forma como os levitas foram sustentados pelo dízimo, assim também o clero cristão deveria ser sustentado pelo dízimo.^{15[15]} Mas isso representa um pensamento equivocado. Hoje, o sistema levítico está eliminado. Somos todos sacerdotes agora. Então se um sacerdote demanda dízimo, todos os cristãos devem dizimar-se mutuamente!

O pedido de Cipriano foi bem incomum naquele tempo. Tanto que não foi apoiado nem divulgado pelo povo cristão naquele momento, mas muito tempo depois.^{16[16]} Além de Cipriano, nenhum escritor cristão antes de Constantino jamais utilizou referências do VT para recomendar o dízimo.^{17[17]} Foi apenas no século IV, 300 anos depois de Cristo, que *alguns* líderes cristãos

^{12[12]} O mesmo se aplica com relação a Jacó. 2 Gênesis 28:20-22, Jacó se dispôs a dizimar ao Senhor. Mas, como no caso de Abraão, o dízimo de Jacó foi completamente voluntário. Segundo sabemos, não se tratava de uma prática contínua. Não há como provar que Jacó dizimava regularmente, pelo contrário, vinte anos se passaram antes que ele começasse a dizimar! Citando Stuart Murria, “*o dízimo parece ser algo incidental nestes relatos (de Abraão e Jacó). O autor não atribui um significado teológico a esta prática*”.

^{13[13]} Alguns cristãos, contudo, acreditam ser perfeitamente legal recusar pagar imposto de renda, e não são poucos aqueles que neste momento estão presos por ter agido nesta convicção!

^{14[14]} Neemias 12:44; 13:12-13; Deu. 14:28-29; 26:12.

^{15[15]} Cyprian, *Epistle 65.1; Beyond Tithing*, p. 104.

^{16[16]} *Beyond Tithing*, pp. 104-105; *Early Christians Speak*, p. 86.

^{17[17]} *Beyond Tithing*, p. 112. Em alguns de seus escritos Crisóstomo recomenda dizimar para os pobres (pp. 112-117).

começaram a defender o dízimo como prática cristã para sustentar o clero.^{18[18]} Mas isto não chegou a ser comum entre os cristãos até o século VIII!^{19[19]} Segundo um erudito, “pelos primeiros setecentos anos isso (os dízimos) quase nem foi mencionado”.^{20[20]}

Relatar a história do dízimo cristão é um exercício fascinante. O dízimo migrou do Estado para a Igreja. Na Europa Ocidental, exigir o dízimo da produção de alguém era cobrar o aluguel da terra que lhe era dada em arrendamento. Na medida em que a cobrança do aluguel de 10% era entregue à Igreja, esta aumentava sua quantidade de terras ao longo da Europa. Isto resultou em um novo significado relacionado a esta cobrança de 10%. Chegou a ser identificado com o dízimo levítico! Por conseguinte, o dízimo cristão como instituição foi baseado em uma fusão da prática do VT com a instituição pagã.^{21[21]}

Pelo século XVIII, o dízimo chegou a ser um requisito legal em muitas áreas da Europa Ocidental.^{22[22]} Pelo fim do século X, a diferença do dízimo enquanto imposto de renda e mandamento moral apoiado no Antigo testamento havia desaparecido.^{23[23]} O dízimo tornou-se obrigatório ao longo da Europa cristã.^{24[24]}

Em outras palavras, antes do século VIII, o dízimo era um ato de oferta voluntária.^{25[25]} Mas pelo fim do século X, ele passou a ser uma exigência legal para sustentar a Igreja Estatal — exigida pelo clero e colocada em vigor pelas autoridades seculares!^{26[26]}

Felizmente, a maioria das igrejas modernas abandonou a prática do dízimo como uma exigência legal.^{27[27]} Mas a prática de dizimar está tão viva hoje como foi durante o tempo em que era um requisito legal. Certamente você não vai ser castigado fisicamente por não dizimar. Mas se você não for dizimista — isto se aplica à maioria das igrejas modernas — você será excluído das posições importantes do ministério. E sempre será culpado e atacado de cima do púlpito!^{28[28]}

Quanto aos salários do clero, os ministros não receberam salários durante os primeiros três séculos. Mas quando Constantino entrou em cena ele instituiu a prática de pagar um salário fixo ao clero dos fundos eclesiásticos e das tesourarias municipais e imperiais.^{29[29]} Assim, pois, nasceu o salário do clero, uma prática daninha que não tem precedente no NT.^{30[30]}

Raiz de Toda Maldade

^{18[18]} Ibid., p. 107. *The Apostolic Constitutions* (c. 380) apóia o dízimo para sustentar o clero com base no sistema levítico do Velho Testamento (pp. 113-116). Agostinho defendeu o dízimo, mas ele não o apresentou como norma. Na realidade, Agostinho sabia que seu apoio ao dízimo não representava a posição histórica da igreja. O dízimo foi praticado por alguns cristãos piedosos no século V, mas não foi de forma alguma uma prática difundida (pp. 117-121).

^{19[19]} Edwin Hatch, *The Growth of Church Institutions* (Hodder and Stoughton, 1895), pp. 102-112.

^{20[20]} Ibid., p. 102.

^{21[21]} *Beyond Tithing*, p. 137.

^{22[22]} Ibid., p.134. Carlos Magno instituiu legalmente o dízimo e tornou-o obrigatório em seu reino de 779 a 794 (p.139); *The Age of Faith*, p. 764.

^{23[23]} *Beyond Tithing*, p. 140.

^{24[24]} Ibid., p. 111.

^{25[25]} Com exceção dos gauleses durante o século VI. O Sínodo de Tours em 567 tornou o dízimo obrigatório na região. O Sínodo de Macon em 585 ameaçou com excomunhão aqueles que recusassem dizimar. Para uma breve, mas detalhada discussão sobre a oferta na igreja patrística, veja Alan Kreider's *Worship and Evangelism in Pre-Christendom*, Alan/Gron Liturgical Study, 1995, pp. 34-35.

^{26[26]} *Beyond Tithing*, pp. 2, 140. Teólogos e legisladores desenvolveram detalhadamente do sistema de dízimo.

^{27[27]} Notavelmente, a igreja da Inglaterra anulou o dízimo como exigência legal durante os anos trinta do século XX (*Beyond Tithing*, pp. 3-6).

^{28[28]} Note que eu firmemente acredito no livre apoio financeiro à obra do Senhor. As escrituras afirmam isso e o Reino de Deus necessita desesperadamente desse apoio. O que estou atacando nesse capítulo é o dízimo enquanto lei cristã e a maneira como esse dinheiro é utilizado: para pagar salários do clero e para manutenção do edifício.

^{29[29]} C.B. Hassell, *History of the Church of God, from Creation to d.C. 1885* (Gilbert Beebe's Sons Publishers, 1886), pp. 374-392, 472; M.A. Smith, *From Christ to Constantine* (Downer's Grove: InterVarsity Press, 1973), p. 123. O Montanistas do segundo século foram os primeiros a pagar seus líderes, mas esta prática não se espalhou até Constantino (*From Christ to Constantine*, p. 193).

^{30[30]} Para uma resposta a essas passagens bíblicas que alguns usam para defender o salário do clero (pastor) veja, *Rethinking the Wineskin*, Capítulo 5.

Se um crente deseja dizimar voluntariamente ou com base em uma convicção, não há problema. O dízimo chega a ser um problema quando é apresentado como um mandato de Deus, obrigatório para todo crente.

O dízimo obrigatório representa opressão aos pobres.^{31[31]} Não são poucos aqueles que são empurrados para uma pobreza mais profunda porque alguém lhes disse que se não dizimarem estarão roubando a Deus.^{32[32]} Quando se ensina o dízimo como um mandato de Deus, os cristãos que têm muita dificuldade econômica para viver, são culpados se não o cumprem e mergulham em uma pobreza maior ao cumpri-lo. Desta maneira, o dízimo esvazia o evangelho enquanto “boas novas aos pobres”.^{33[33]} Em vez de boas notícias, o dízimo chega como um fardo. Em vez de liberdade, chega a ser opressão. Esquecemos que o dízimo original que Deus estabeleceu para Israel era para beneficiar aos pobres, não para prejudicá-los!

Por outro lado, o dízimo moderno é uma boa notícia para o rico. Para uma pessoa com altos rendimentos, 10% é uma soma ínfima. Dizimar, portanto, apazigua a consciência do rico na medida em que não exerce nenhum impacto significativo sobre seu estilo de vida. Não são poucos os cristãos ricos que são levados a erroneamente pensar que estão “obedecendo a Deus” pelo fato deles colocarem um mísero 10% de suas rendas no prato da oferta.

Mas Deus tem uma perspectiva bem diferente relacionada ao ato da dádiva. Recorde a parábola das moedas da viúva: “Quando Jesus estava no templo, observava os ricos colocarem suas ofertas na caixa de ofertas. Foi quando uma viúva pobre pôs somente duas moedinhas de cobre. ‘Realmente’, comentou Ele, ‘esta viúva pobre deu mais do que todos os outros juntos. Pois eles deram um pouco do que não precisam, porém ela, pobre como é, deu tudo o que tem’”.^{34[34]}

Lamentavelmente, o dízimo muitas vezes é visto como uma prova definitiva de discipulado. Se você é um bom cristão você dizimará, pelo menos é assim que se pensa. Mas esta é uma falsa premissa. O dízimo não é nenhum sinal de devoção cristã. Se assim fosse, todos os cristãos do século I teriam sido condenados por falta de piedade!

A raiz persistente detrás do constante empurrão para que as pessoas dizimem na igreja moderna é o salário do clero. Muitos pastores sentem que é necessário pregar o dízimo e lembrar a congregação de sua obrigação de apoiá-lo em seus programas. E eles usam a promessa de uma bênção financeira ou o temor de uma maldição financeira para assegurar que os dízimos continuem sendo arrecadados.

Desta maneira, o dízimo moderno é o equivalente a uma loteria cristã. Pague o dízimo e Deus lhe devolverá mais dinheiro depois. Recuse dar o dízimo e Deus lhe castigará. Tais pensamentos assaltam o cerne das boas novas do evangelho.

Poder-se-ia dizer a mesma coisa quanto ao salário do clero. O qual tampouco tem qualquer mérito. De fato, o salário do clero corre totalmente em sentido oposto ao novo Pacto.^{35[35]} Os anciãos (pastores) do primeiro século nunca receberam salários.^{36[36]} Eles eram homens com

^{31[31]} Sem mencionar toda a complexidade do dízimo. Considere o seguinte: Deve ser dado do líquido ou do bruto? Como fica a isenção tributária ou fiscal? Murray detalha a complexidade de tentar importar o sistema bíblico do dízimo praticado pela velha Israel para nossa cultura hoje. Em seu sistema de anos, jubileu, sábados sagrados, colheita, o dízimo fazia sentido e ajudava a distribuir a riqueza da nação. Hoje, freqüentemente contribui para aumentar as injustiças (veja *Beyond Tithing*, Capítulo 2).

^{32[32]} De acordo com Edwin Hatch, “Nenhuma instituição da Idade Média deu origem a tantos enganos quanto a instituição do dízimo”.

^{33[33]} Mat. 11:5; Lucas 4:18; 7:22; 1 Cor. 1:26-29; Tiago 2:5-6.

^{34[34]} Lucas 21:1-4, NIV.

^{35[35]} Veja Atos 20:17-38 (note as últimas palavras de Paulo aos anciões de Éfeso — elas são bem significantes. Ele acreditava nunca mais vê-los novamente) 1 Tes. 2:9; 1 Pedro 5:1-2.

^{36[36]} *Rethinking the Wineskin*, Capítulo 5. Para suporte técnico a essa afirmação, veja F.F. Bruce, *The New International Commentary on the New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1986), p. 418; Simon J. Kistemaker, *New Testament Commentary: Atos* (Grand Rapids: Baker Book House, 1990), pp. 737, 740; Rolland Allen, *Missionary Methods: St. Paul's or Ours?* (Grand Rapids: Eerdmans, 1962), p. 50; Watchman Nee, *The Normal Christian Church Life* (Anaheim, CA: Living Stream Ministry, 1980), pp. 62-63, 139-143; R.C.H. Lenski, *Commentary on Saint Paul's Epistles to Timothy* (Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1937), p. 683; R.C.H. Lenski, *Commentary on Saint Paul's Epistle to the Galatians* (Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1961), pp. 303-304.

profissões seculares.^{37[37]} Eles contribuía com o rebanho em vez de pegar dinheiro da congregação.^{38[38]}

Assalariar pastores gera profissional remunerado. Isso os eleva sobre o restante do povo de Deus. Isso cria uma casta clerical que converte o corpo do Cristo vivente em um negócio. Na medida em que o pastor e seus assistentes são “pagos” para ministrar — eles tornam-se profissionais remunerados. O resto da congregação passa ou cai em um estado de dependência passiva.

Se todo cristão atendesse ao toque do chamado para ser um sacerdote funcional na casa do Senhor (e eles foram chamados para desempenhar esse chamado) a questão que surgiria imediatamente é: “*Por quê estamos pagando nosso pastor!?*”

Mas na presença de um sacerdócio passivo, tais perguntas nunca surgem.^{39[39]} Mas quando ocorre o contrário, quando a igreja funciona como deve funcionar, o clero profissional torna-se desnecessário. De repente o pensamento que diz, “isto é trabalho do pastor” parece herético. Em termos simples, o clero profissional engendra a ilusão pacífica de que a Palavra de Deus é material classificado, perigoso, de difusão secreta e que apenas especialistas oficiais podem manejá-lo.^{40[40]}

Mas isso não é tudo. O ato de pagar um salário ao pastor obriga-o a ser complacente com os homens. Torna-o escravo dos homens. O “vale refeição” do pastor está garantido na medida em que ele se faz simpático à congregação. Assim, pois, ele nunca está à vontade para expressar-se livremente sem temer perder alguns fortes dizimistas. Esta é a praga do sistema do pastor assalariado.

Um perigo adicional do sistema do pastor remunerado é que produz homens incompetentes — algo que herdamos dos pagãos gregos.^{41[41]} Por esta razão, o homem precisa de uma tremenda coragem para sair do pastorado.

Desgraçadamente, a maioria do povo de Deus é profundamente ingênua com relação ao poder opressivo do sistema clerical. É um sistema descarado que não se cansa de triturar e magoar seus jovens.^{42[42]} Definitivamente, Deus nunca quis que existisse um clero profissional. Não há um mandato bíblico nem qualquer justificativa para tal coisa. De fato, é impossível construir uma defesa bíblica para o pastorado.^{43[43]}

Na maioria dos casos, pede-se ao porteiro de igreja coletar dinheiro durante o culto. Tipicamente é ele quem passa a “bandeja da coleta” entre as pessoas. Esta prática de passar a bandeja é outra invenção pós-apostólica. Isto começou no ano 1662, embora a bandeja de esmola para os pobres estivesse presente anteriormente.^{44[44]}

^{37[37]} O NT como um todo se refere aos anciões nesse sentido. Além disso, 1 Tim. 3:7 diz que o supervisor precisa ser bem visto na comunidade. A implicação natural disto é que ele é empregado regularmente no trabalho secular.

^{38[38]} Atos 20:33-35.

^{39[39]} De acordo com Elton Trueblood, “Nossa oportunidade para um grande passo está em disponibilizar o ministério às pessoas comuns da mesma maneira que nossos antepassados disponibilizaram a leitura da Bíblia ao cristão comum. Fazer isto significa, em certo sentido, inaugurar uma nova Reforma, e em outro significa a conclusão lógica da antiga Reforma na qual as implicações da posição tomada não foi nem totalmente compreendida nem lealmente seguida”.

^{40[40]} As palavras de Jesus vêm à mente: “Ai de vós, doutores da lei, que tirastes a chave da ciência...” (Lucas 11:52).

^{41[41]} Os gregos desprezavam o trabalho manual. Eles falavam publicamente mediante pagamento. Os rabinos judeus aprendiam alguma profissão e não podiam aceitar dinheiro para serviços religiosos. Deste modo, o pastor moderno adotou o costume grego em vez do costume judeu que Paulo de Tarso seguiu até mesmo enquanto cristão.

^{42[42]} Veja o Capítulo 4 sobre as influências profundamente corruptoras deste sistema.

^{43[43]} Veja Capítulo 4.

^{44[44]} James Gilchrist, *Anglican Church Plate* (A Connoisseur Monograph, 1967), pp. 98-101. O prato de oferta primitivo era chamado de “prato de esmolas”. O prato de esmolas surgiu como parte normal no culto da igreja apenas depois da Reforma (Michael Clayton, *The Collector's Dictionary of the Silver and Gold of Great Britain and North America*, New York: The Word Publishing Company, p. 11). Segundo Charles Cox e Alfred Harvey (*English Church Furniture*, 2nd Edition, Methuen, 1908), o uso do prato de coleta, caixa de coleta, e caixa de esmola tornou-se comum no período pós-reforma. Na Era Medieval, os edifícios da igreja tinham uma caixa com uma abertura na tampa. No século XIV surgiu o prato de coleta. No século XVII, bacias de coletas começaram a ser passadas ao redor por diáconos ou dirigentes da igreja. J.G. Davies, ed. *A New Dictionary of Liturgy & Worship* (SCM Press, 1986), pp. 5-6; Charles Oman, *English Church Plate 597-1830* (London: Oxford University Press, 1957); J. Charles Cox and Alfred Harvey, *English Church Furniture* (EP Publishing Limited, 1973), pp. 240-245; David C. Norrington, “Fund-Raising: The Methods Used in the Early Church Compared with Those Used in English Churches Today,” *EQ*

O porteiro de igreja surgiu da reorganização da liturgia da Igreja da Inglaterra sob o reinado de Elisabeth I (1533-1603). Os porteiros de igreja tinham a responsabilidade de acompanhar e acomodar as pessoas nos bancos ou cadeiras, coletar ofertas e manter a estatística dos que comungavam. O predecessor do porteiro de igreja foi o “porteiro”. O porteiro era de uma ordem menor (abaixo do clero) e remonta ao século III.^{45[45]} Os porteiros tinham a responsabilidade de dar segurança, abrir as portas da igreja, manter a ordem dentro do edifício, e da direção geral dos diáconos.^{46[46]} Os porteiros foram substituídos pelos “guardas da igreja” na Inglaterra antes e durante o período da Reforma.^{47[47]} Dos guardas surgiu o porteiro de igreja.

Conclusão

Embora o dízimo seja bíblico, não é cristão. Jesus Cristo não o afirmou. Os cristãos do século I não o observaram. E por cerca de 300 anos o povo de Deus não o praticou. Dizimar não foi uma prática aceita em grande escala entre os cristãos até o século VIII!

O ato da oferta no NT era segundo a capacidade de cada um. Os cristãos doavam para ajudar outros tanto como para apoiar obreiros apostólicos, permitindo-lhes viajar e fundar igrejas.^{48[48]} Um dos testemunhos da Igreja Primitiva foi o de revelar o quão liberais eram os cristãos com relação aos pobres e necessitados. Foi isto que fez com que gente de fora da igreja, inclusive o filósofo Galen, presenciasse o poder gigantesco e encantador da Igreja Primitiva e dissesse: “*Olhe como se amam uns aos outros*”.^{49[49]}

O dízimo é mencionado apenas quatro vezes no NT. Mas nenhuma destas quatro ocorrências se refere a cristãos.^{50[50]} Definitivamente, o dízimo pertence ao VT onde um sistema de tributação foi estabelecido para apoiar aos pobres e onde havia um sacerdócio especial separado para ministrar ao Senhor. Com a vinda de Jesus Cristo, houve uma “mudança na lei” — o antigo acordo foi “cancelado” e “posto de lado” dando lugar a um novo.^{51[51]}

Agora, todos somos sacerdotes — livres para funcionar na casa de Deus. A Lei, o velho sacerdócio, o dízimo, todos foram crucificados. Agora não há cortina do templo, nem imposto do templo, e não há um sacerdócio especial que se coloca entre Deus e o homem. Você, querido cristão, foi libertado da atadura do dízimo e da obrigação de apoiar o sistema do clero.

Igreja, abarcando a massa da população do Império, desde César até o pior escravo, e vivendo no meio de todas suas instituições, recebeu em seu seio grandes depósitos de material estrangeiro de todas as partes do mundo e do mundo pagão...

70:2 (1998), p. 130. O artigo inteiro de Norrington é valioso. Mostra que os métodos atuais de “coleta” na igreja não têm qualquer semelhança com os praticados no tempo do NT (pp. 115-134).

^{45[45]} “Porter, Doorkeeper,” *The Catholic Encyclopedia*

(www.newadvent.org/cathen/12284b.htm).

^{46[46]} Email privado do Professor John McGuckin, 9/23/2002. A palavra “porteiro” [*usher*] vem do anglo-saxão e refere-se a uma pessoa que guia outras a um tribunal ou igreja (Private Email from Professor Eugene A. Teselle, 9/22/2002).

^{47[47]} *English Church Furniture*, p. 245.

^{48[48]} Socorrendo outros crentes: Atos 6:1-7; 11:27-30; 24:17; Rom. 15:25-28; 1 Cor. 16:1-4; 2 Cor. 8:1-15; 9:1-12; 1 Tim. 5:3-16. Socorrendo plantadores de igrejas: Atos 15:3; Rom. 15:23-24; 1 Cor. 9:1-14; 16:5-11; 2 Cor. 1:16; Filipenses. 4:14-18; Tito 3:13-14; 3 João 5-8. Aqui há uma íntima conexão entre carteira e coração. Um em cada seis versos em Mateus, Marcos e Lucas relaciona-se a dinheiro. Das 38 parábolas no NT, 12 falam de dinheiro.

^{49[49]} Tertuliano, *Apology* 39:7; Robert Wilken, *The Christians as the Romans Saw Them* (New Haven: University Press, 1984), pp.79-82.

^{50[50]} Murray descreve todos os quatro exemplos em detalhes, provando que eles não são textos comprobatórios do dízimo cristão. Ele também mostra que de acordo com Jesus, o dízimo é mais ligado ao legalismo e ao farisaísmo do que a um modelo a imitar (veja *Beyond Tithing*, Capítulo 3).

^{51[51]} Hebreus 7:12-18; 8:13.

Embora as antigas Grécia e Roma houvessem caído para sempre, o espírito do paganismo greco-romano não se extinguiu. Este ainda vive no coração do homem, o qual necessita, como sempre, da regeneração do Espírito Santo. O paganismo também vive em muitas práticas idólatras e superstições das igrejas grega e romana, contra as quais o espírito do cristianismo tem instintivamente protestado desde o princípio, e seguirá protestando até que todos os vestígios de idolatria grosseira e refinada sejam vencidos tanto externa como internamente, e batizados e santificados não somente com água, mas também com o Espírito e o Fogo do Evangelho.

-Philip Schaff

CAPÍTULO 8

BATISMO E CEIA DO SENHOR: DILUINDO OS SACRAMENTOS

*Muitas instituições e elementos de instituições que, eventualmente, pensava-se
pertencer ao cristianismo primitivo, na realidade, pertencem à Idade Média.
-Edwin Hatch*

Um sem número de livros foram escritos sobre os dois sacramentos da Igreja Protestante: O Batismo e a Ceia do Senhor. Todavia, nada existe impresso que remonte a origem de como as praticamos hoje. Neste capítulo, veremos quão longe nos afastamos com relação às práticas do batismo nas águas e da Ceia do Senhor.

Diluindo as Águas do Batismo

A maioria dos cristãos evangélicos pratica e acredita no “batismo dos crentes” ao invés do “batismo infantil”.^{1[1]}

Igualmente, a maioria dos protestantes pratica e acredita no batismo pela “imersão” em vez da “aspersão”. Tanto o NT como a história da igreja primitiva se alinha a estas posições.^{2[2]}

Porém, é típico na maioria das igrejas modernas somente aplicar o batismo depois de passado um grande período de tempo após a conversão. Muitos cristãos são salvos em determinado momento e batizados muito tempo depois. No século I esta prática era desconhecida.

Na igreja primitiva, os convertidos eram batizados imediatamente após a conversão.^{3[3]} Um pesquisador fala sobre batismo e conversão, “*Ambos andavam juntos. Os que se arrependiam e*

^{1[1]} O batismo de crianças tem suas raízes nas crenças supersticiosas que se espalharam pela cultura greco-romana. Segundo um erudito: “Primeiro vem a superstição ao longo do século II, associada a místicas pagãs e sagradas, depois surge a Igreja do Império. Foram essas idéias supersticiosas associadas ao batismo que deram origem ao batismo de crianças” (J. Warns, *Baptism: Its History and Significance*, Exeter: Paternoster, 1958, pp. 73-75, 93-95). Cipriano, poderoso defensor do batismo infantil, atribuía-lhe poderes mágicos por sua capacidade para lavar pecados (M.A. Smith, *From Christ to Constantine*, Downer’s Grove: InterVarsity Press, 1973, p. 139). Ecoando o mesmo sentimento, Graydon F. Snyder escreveu que “o batismo infantil era praticado quando a matriz social e a comunidade religiosa se fundiam em uma só coisa” (Graydon F. Snyder, *Ante Pacem: Church Life Before Constantine*, Mercer University Press, 1985, p. 125). A referência mais antiga justificando o batismo infantil é encontrada em Irineu (130-200). Tertuliano (160-225) também foi um dos primeiros a mencioná-lo, mas opondo-se a ele. O batismo infantil parece ter começado no início do século II, acompanhado de uma elaborada teologia. Pelo século V, o batismo infantil tornou-se uma prática geral que substituiu o batismo do adulto (Everett Ferguson, *Early Christians Speak: Faith and Life in the First Three Centuries*, Abilene: A.C.U. Press, Terceira Edição, 1999, pp. 57-61; Marjorie Warkentin, *Ordination: A Biblical-Historical View*, Grand Rapids: Eerdmans, 1982, pp. 31-32). O anabatista Menno Simons chamou de “outono da igreja” a época em que o Papa Inocente I assinou o édito tornando o batismo infantil obrigatório em 416 (*Ordination*, p. 63). Do ponto de vista teológico, o batismo infantil divorcia duas coisas que a Bíblia une constantemente: 1) fé e arrependimento, e 2) batismo na água. Em 197 d.C., Tertuliano condenou o batismo infantil juntamente com o batismo do morto. Mas Agostinho proveu plena justificação bíblica para a prática (Kim Tan, *Lost Heritage: The Heroic Story of Radical Christianity*, Godalming: Highland Books, 1996, pp. 82, 209).

^{2[2]} “Batismo” do grego (*baptizo*) significa literalmente imersão. João 3:23 não faz muito sentido se a aspersão fosse praticada. A imersão foi prática comum da igreja cristã no Ocidente até o fim da Idade Média (*Early Christians Speak*, pp. 43-51).

^{3[3]} Atos 2:37-41; 8:12ff., 27-38; 9:18; 10:44-48; 16:14-15, 31-33; 18:18; 19:1-5; 22:16.

acreditavam na Palavra eram batizados. Até onde sabemos, esse padrão era invariável”.^{4[4]} Outro escreve, “Ao nascer a igreja, os convertidos eram batizados com pouca ou nenhuma demora”.^{5[5]}

No século I, o batismo em água era a confissão externa da fé de uma pessoa.^{6[6]} Mais que isso, era a forma como alguém vinha ao Senhor no século I. Por esta razão, a confissão do batismo vincula-se vitalmente ao exercício da fé salvadora. Tanto que os escritores do NT muitas vezes utilizavam o “batismo” em vez da palavra “fé” referindo-se a ser “salvo”.^{7[7]} Isto pelo fato do batismo ser, entre os primeiros cristãos, a confissão inicial da fé em Cristo.

Em nossos dias, a “Oração do Pecador” substituiu o papel do batismo na água como confissão inicial de fé. É dito ao candidato, “Diga esta oração depois de mim, que aceita Jesus como ‘Salvador Pessoal’, e que será salvo”. Mas em nenhuma parte em todo o NT achamos qualquer pessoa sendo conduzida a Deus pela “Oração do Pecador”. E não há o menor sussurro na Bíblia sobre um “Salvador Pessoal”.

Senão vejamos, os incrédulos do século I eram levados a Jesus Cristo pelas águas do batismo. Se me permite dizer dessa maneira, o batismo na água era a “Oração do Pecador” do século I! O batismo acompanhava a aceitação do evangelho. Isso marcava uma separação completa com o passado e uma entrega completa a Cristo e Sua Igreja. O batismo era ao mesmo tempo um ato e uma expressão de fé.^{8[8]}

Então, quando houve a separação entre o ato do batismo e o recebimento de Cristo? Isso começou no século II. Alguns cristãos influentes ensinavam que o batismo necessitava ser precedido por um período de instrução, oração e jejum.^{9[9]} Esta tendência piorou no século III quando alguns dos novos convertidos tinham que esperar até três anos pelo batismo!

Se você fosse um candidato ao batismo no século III, sua vida seria profundamente examinada.^{10[10]} Você teria que se mostrar digno do batismo por sua conduta.^{11[11]} O batismo chegou a ser um ritual adornado e rígido que havia adotado muitos aspectos das culturas judias e gregas — complicado com a bênção da água, tirar toda roupa, repetir um credo, ungir de azeite, exorcismo, e dar leite com mel à pessoa recém batizada.^{12[12]} Isto chegou a ser um ato de obras em vez de fé.

O legalismo que envolvia o batismo revelou um outro conceito mais surpreendente: Somente o batismo perdoa pecado. Se uma pessoa comete pecado depois do batismo ela não pode ser perdoada. Por esta razão, a demora no batismo chegou a ser bem comum pelo século IV. Na medida em que se acreditava que o batismo produzia o perdão do pecado, muitos pensavam que

^{4[4]} Michael Green, *Evangelism in the Early Church* (Houder and Stoughton, 1970), p. 153.

^{5[5]} David F. Wright, *The Lion Handbook of the History of Christianity*, Capítulo “Beginnings,” Seção “Instruction for Baptism.”

^{6[6]} Agostinho chamou o batismo de “mundo visível” (*Tractates on the Gospel According to Saint John*, LXXX,3).

^{7[7]} Marcos 16:16, Atos 2:38, Atos 22:16, e 1 Pedro 3:21 são alguns exemplos.

^{8[8]} A importância do batismo na água na fé cristã é descrita na arte cristã primitiva (Andre Grabar, *Christian Iconography*, Princeton: Princeton University Press, 1968).

^{9[9]} *Early Christians Speak*, p. 33.

^{10[10]} David F. Wright, *The Lion Handbook of the History of Christianity*, No capítulo “Beginnings,” seção “Instruction for Baptism”, Wright mostra que pelo século IV, o clero assumiu [a responsabilidade de dar] instruções ao convertido, ficando o bispo pessoalmente responsável pelo ensino e disciplina que precediam ao batismo. Esta foi a origem da prática pré-batismal vigiada pelo pastor em muitas igrejas protestantes modernas. Do século II em diante, os batismos passaram a acontecer regularmente pela Páscoa. Nisto está a origem de Quaresma (*From Christ to Constantine*, p. 151).

^{11[11]} *Early Christians Speak*, p. 35.

^{12[12]} *Ibid.*, pp. 35-36; W.R. Halliday, *The Pagan Background of Early Christianity* (New York: Cooper Square Publishers, 1970), p. 313. O ato de dar leite e mel foi copiado do paganismo. O novo convertido (ou “catecúmeno” como veio a ser chamado, e do qual “catecismo” é derivado) era batizado tipicamente em um domingo de Páscoa ou Pentecostes. Na quinta-feira anterior o candidato tinha que tomar banho. Ele passava sexta-feira e sábado jejuando, depois era exorcizado pelo bispo para expulsar algum demônio. Ao final do século II, esta era uma cerimônia batismal bem uniforme no Oeste. Gregório Dix revela que a introdução do credo no Cristianismo começou na primeira metade do século II com o credo batismal. O credo do batismo era composto respectivamente por uma série de três questões referentes às três Pessoas da Trindade. O Concílio de Nicéia de 325 d.C. conduziu o credo a um passo mais adiante. O credo passou a ser uma profissão de companheirismo para aqueles que estavam dentro da igreja em vez de ser uma profissão de fé para aqueles que estavam fora dela (*The Shape of the Liturgy*, New York: The Seabury Press, 1982, p. 485; David C. Norrington, *To Preach or Not to Preach? The Church's Urgent Question*, Carlisle: Paternoster Press, 1996, p.59).

prorrogando o batismo obteriam o máximo benefício. Portanto, algumas pessoas, como Constantino,^{13[13]} esperavam batizar-se apenas sobre o leito de morte!^{14[14]}

A Oração do Pecador e o Salvador Pessoal

Como disse anteriormente, a “oração do pecador” eventualmente substituiu a função bíblica do batismo na água. Embora seja apresentado hoje como bíblica, a “oração do pecador” é uma invenção recente. D. L. Moody (1837-1899) foi o primeiro a utilizá-la.

Moody empregou este “modelo” de oração no treinamento de seus obreiros evangelísticos.^{15[15]} Mas isto não chegou a ser muito popular até 1950-60 com o tratado denominado *Paz com Deus* de Billy Graham e mais adiante com as *Quatro Leis Espirituais* da Cruzada Estudantil Para Cristo.^{16[16]}

O dístico “salvador pessoal” é outra inovação moderna que saiu do gênio do avivamento americano do século XIX. Na realidade foi engendrado em meados do século XIX.^{17[17]} Para ser exato nasceu por volta de 1858.^{18[18]} Chegou a ser bem popular com Charles Fuller (1887-1968). Fuller, literalmente, usou esta frase milhares de vezes em seu programa de rádio incrivelmente popular “A Hora do Velho Avivamento” irradiado entre 1940 e 1970. Seu programa alcançava desde a América do Norte até cada rincão do mundo. Quando ele morreu, o programa foi retransmitido por mais de 500 emissoras ao redor do mundo.^{19[19]}

Hoje, o dístico “Salvador Pessoal” é utilizado tantas vezes que parece ser bíblico. Mas considere o absurdo de utilizá-lo. Alguma vez você já foi apresentado assim por algum de seus amigos “*Este é meu 'amigo pessoal' Fulano de Tal*”?

Aparte do fato desta frase ter poucos pontos de contato com a vida real há um problema maior. O dístico “Salvador Pessoal” *limita* Jesus ao que acreditamos ser nossa vida pessoal. O fato é que Jesus Cristo nos salva em todas as dimensões da vida — seja pessoal, impessoal, interpessoal, coletiva, etc. Ele é o Salvador de cada rincão, gruta e local do templo.

O “Salvador Pessoal” também reforça um cristianismo altamente individualista. Mas o NT desconhece uma fé cristã que sugere “apenas Jesus e eu”. Pelo contrário, o cristianismo é intensamente coletivo, é uma vivência entre o corpo (coletivo) de crentes que *conjuntamente* O reconhece como Senhor e Salvador.

A Ceia do Senhor

^{13[13]} *Early Christians Speak*, p. 60.

^{14[14]} *Evangelism in the Early Church*, p. 156.

^{15[15]} C.L. Thompson, *Times of Refreshing, Being a History of American Revivals With Their Philosophy and Methods* (Rockford: Golden Censer Co. Publishers, 1878); Paul H. Chitwood, *The Sinner's Prayer: An Historical and Theological Analysis* (Dissertation: The Southern Baptist Theological Seminary, Louisville, KY, 2001).

^{16[16]} Esta é a clássica “Oração do Pecador” que aparece no tratado das “Quatro Leis Espirituais”: “*Senhor Jesus, eu preciso de Você. Obrigado por ter morrido na cruz por meus pecados. Eu abro a porta de minha vida e O recebo como meu Salvador e Senhor. Obrigado por perdoar meus pecados e dar-me vida eterna. Tome o controle do trono de minha vida. Me faça o tipo de pessoa Você quer que eu seja*”. No primeiro século, batismo de água era o testemunho visível que publicamente demonstrava o coração desta oração.

^{17[17]} Veja o Capítulo 1 sobre a lista de contribuições de Finney, Moody, Graham, etc.

^{18[18]} A frase está ausente de “*Making of America*” entre 1800-1857. Ela surge em 1858 em “*Ladies Repository*”, um periódico da Igreja Metodista Episcopal durante os dez primeiros anos do século XIX. Coincidentemente, 1858 foi o ano em que Charles Finney concluiu suas pregações revivalistas que agora são tão famosas.

^{19[19]} <http://www.cantonbaptist.org/halloffame/fuller.htm>

Rios de sangue foram derramados tanto por mãos protestantes como católicas por causa de intrincadas doutrinas relacionadas à Ceia do Senhor.^{20[20]} A Ceia do Senhor, uma vez preciosa e viva, chegou a ser o centro do debate teológico por muitos séculos. Tragicamente, esta se moveu de um quadro dramático e concreto do corpo e do sangue de Cristo para um exercício intelectual abstrato e metafísico.

Não vamos nos ater aqui às minúcias teológicas que cercam a Ceia do Senhor. Mas protestantes (como católicos) não praticam a Ceia do modo como era no século I. Para os primeiros cristãos, a Ceia do Senhor era uma refeição festiva.^{21[21]}

Hoje, a tradição forçou-nos a tomar a Ceia com um dedalzinho com suco de uva e um pedacinho de pão ou biscoito sem gosto. Toma-se a Ceia em um ambiente de penumbra e morte. Pedem que recordemos os horrores da morte de Nosso Senhor e reflitamos sobre nossos pecados.

Além disso, a tradição nos ensina que tomar a Ceia pode ser uma coisa perigosa. Portanto, a maioria da moderna cristandade nunca a tomaria sem a presença de um clérigo. Todos estes elementos eram desconhecidos entre os primeiros cristãos. Para eles, a Ceia do Senhor era uma ceia comunal.^{22[22]} O humor era de celebração e gozo. E não havia nenhum clérigo na direção.^{23[23]} A Santa Ceia, essencialmente, era um banquete cristão.

Truncando a Ceia

Quando acabou a ceia completa, ficando apenas o pão e o cálice? Durante o século I e a primeira parte do II, os primeiros cristãos descreviam a Santa Ceia como a “festa do amor”.^{24[24]} Naquele tempo eles tomavam o pão e o cálice dentro do contexto de uma ceia festiva. Mas por volta do tempo de Tertuliano (160-225), houve um início de separação do pão e do cálice da Ceia. Pelo fim do século II, a separação foi completa.^{25[25]}

Alguns eruditos têm arrazoado que os cristãos eliminaram a ceia porque eles não queriam que a Eucaristia fosse profanada pela participação de incrédulos.^{26[26]} Em parte isso pode ser verdade. Mas é mais provável que a crescente influência do ritual religioso pagão removeu o gostoso ambiente

^{20[20]} Nas palavras de H. Ellerbe, “Ensina-me a conceber a história do Cristianismo como uma história de espiritualidade, emanada de Cristo, que brilhou pelos séculos como luz na escuridão. Mas percebi que tal Cristianismo tem em si mesmo um lado escuro, e que a história do Cristianismo é ao mesmo tempo uma ladainha de crueldade e um legado de caridade”.

^{21[21]} Veja *Rethinking the Wineskin*, Capítulo 2; Eric Svendsen, *The Table of the Lord* (Atlanta: NTRF, 1996); F.F. Bruce, *First and Second Corinthians*, NCB (London: Oliphant, 1971), p. 110; James F. White, *The Worldliness of Worship* (New York: Oxford University Press, 1967), p. 85; William Barclay, *The Lord's Supper* (Philadelphia: Westminster Press, 1967), pp.100-107; I. Howard Marshall, *Last Supper and Lord's Supper* (Eerdmans, 1980); Vernard Eller, *In Place of Sacraments* (Eerdmans, 1972), pp. 9-15.

^{22[22]} “Ao longo do período do NT a Ceia do Senhor era uma refeição real compartilhada nas casas de cristãos” (John Drane); “Nos primeiros dias a Ceia do Senhor aconteceu no curso de uma refeição comunal. Todos traziam a comida que podiam e depois a compartilhavam conjuntamente” (Donald Guthrie); “Em Corinto a sagrada comunhão não era simplesmente uma refeição simbólica como fazemos, mas uma refeição real. Além disso, parece claro que era uma refeição em que cada participante trazia comida” (Leon Morris).

^{23[23]} *The Lord's Supper*, pp. 102-103. A Ceia do Senhor foi certa feita uma função “secular”, mas eventualmente virou dever especial de uma classe sacerdotal.

^{24[24]} Isto foi chamado *Agape*. Judas 1:12.

^{25[25]} *The Shape of the Liturgy*, p. 23; *Early Christians Speak*, pp. 82-84, 96-97, 127-130. Nos séculos I e início do século II, a Ceia do Senhor parece ter sido celebrada pela noite como uma refeição. Fontes do século II mostram que era celebrada apenas aos domingos. No *Didache*, a Eucaristia é mostrada como sendo tomada com a refeição do *Ágape* (festa do amor). Veja também J.G. Davies, *The Secular Use of Church Buildings* (New York: The Seabury Press, 1968), p. 22.

^{26[26]} *The Table of the Lord*, pp. 57-63.

caseiro, não religioso, de uma ceia na sala de uma casa.^{27[27]} Já pelo século IV a festa do amor foi “proibida” entre os cristãos!^{28[28]}

Com o fim da ceia, os termos “partir o pão” e “Ceia do Senhor” sumiram.^{29[29]} Agora, o termo comum do ritual truncado (apenas pão e cálice) era “Eucaristia”.^{30[30]} Irineu (130-200) foi um dos primeiros a descrever o pão e o cálice enquanto “oferenda”.^{31[31]} Depois dele adotou-se o termo “oferenda” ou “sacrifício”.

A mesa do altar onde o pão e cálice eram colocados chegou a ser vista como um altar onde a vítima [do sacrifício] era oferecida.^{32[32]} A Ceia deixou de ser um evento comunitário. Em vez disso virou um ritual sacerdotal presenciado a distancia. Ao longo dos séculos IV e V houve um crescente sentido de medo e pavor associado com a mesa onde se celebrava a Eucaristia.^{33[33]} Chegou a ser um ritual sombrio. A alegria que antes acompanhava a Ceia desaparecera completamente.^{34[34]}

O misticismo associado à Eucaristia deveu-se à influência do misticismo religioso pagão.^{35[35]} Tais religiões eram permeadas de mistério e superstição. Com esta influência, os cristãos começaram a atribuir nuances sagradas ao pão e ao cálice. Eram vistos como objetos santos em si mesmos.^{36[36]}

O fato da Ceia do Senhor chegar a ser um ritual sagrado fez com que esta exigisse uma pessoa sagrada para ministrá-la.^{37[37]} É aí que entra o sacerdote para oferecer o sacrifício da Missa.^{38[38]} Acreditava-se que ele tinha o poder de pedir a Deus que descesse do céu e tomasse residência em um pedacinho de pão.^{39[39]}

Por volta do século X, o significado da palavra “corpo” mudou na literatura cristã. Previamente, os escritores cristãos utilizavam a palavra “corpo” referindo-se a uma das três coisas: 1) O corpo físico de Jesus, 2) a Igreja, ou 3) O Pão da Eucaristia.

Os pais da igreja primitiva viam a igreja como uma comunidade de fé identificada com o partir do pão. Mas pelo século X houve uma mudança de pensamento e de linguagem. A palavra “corpo” já não era mais utilizada referindo-se à igreja. Era utilizada apenas referindo-se ao corpo físico do

^{27[27]} Sobre as influências pagãs envolvendo a Missa Cristã, veja o ensaio de Edmon Bishop, *The Genius of the Roman Rite*; Mgr. L. Duchesne, *Christian Worship: Its Origin and Evolution* (New York: Society for Promoting Christian Knowledge, 1912), pp. 86-227; Josef A. Jungmann, S.J., *The Early Liturgy: To the Time of Gregory the Great* (Notre Dame: Notre Dame Press, 1959), p. 123, 130-144, 291-292; M.A. Smith, *From Christ to Constantine* (Downer's Grove: InterVarsity Press, 1973), p. 173; Will Durant, *Caesar to Christ* (New York: Simon & Schuster, 1950), pp. 599-600, 618-619, 671-672.

^{28[28]} Foi proibida pelo Concílio de Cartago em 397 d.C.. *The Lord's Supper*, p. 60; Charles Hodge, *1 Coríntios*, p. 219; R.C.H. Lenski, *The Interpretation of 1 & 2 Coríntios*, p. 488.

^{29[29]} *The Early Christians*, p. 100.

^{30[30]} *Ibid.*, p. 93. Eucaristia significa “ação de graças”.

^{31[31]} Tad W. Guzie, *Jesus and the Eucharist* (New York: Paulist Press, 1974), p. 120.

^{32[32]} *Ibid.*

^{33[33]} Escritores como Clemente de Alexandria, Tertuliano, e Hippolytus (início do século III) começaram a usar uma linguagem que geralmente fala da presença de Cristo no pão e no vinho. Mas nenhuma tentativa foi feita naquele primeiro momento para questionar este realismo físico que “transformava” o pão e o vinho em carne e sangue. Posteriormente, alguns escritores orientais (Cyril, Sarapion, Athanasius) apresentaram uma oração para o Espírito Santo transformar o pão e o vinho em corpo e sangue. Mas foi Ambrósio de Milão (fim do século IV) que fixou um poder consagratório pela recitação das palavras da instituição. As palavras “Este é o meu corpo” (do latim *em meum de corpo de hocest*) foram atribuídas o poder de transformar o pão e o vinho (Josef Jungmann, *The Mass of the Roman Rite*, New York: Benziger, 1951, pp. 52, 203-204; Gregory Dix, *The Shape of the Liturgy*, London: Dacre Press, pp. 239, 240-245). Incidentalmente, o latim começou a ser utilizado no Norte da África no início do século I e esparramou-se lentamente através de Roma até tornar-se comum ao final do século III (Bard Thompson, *Liturgies of the Western Church*, Cleveland: Meridian Books, 1961, p. 27).

^{34[34]} Isto se reflete também na arte Cristã. Não há nenhum semblante melancólico de Jesus antes do século IV (Private Email from Graydon Snyder, 10/12/2001; Veja também his book *Ante Pacem*).

^{35[35]} *Jesus and the Eucharist*, p. 121.

^{36[36]} Isto aconteceu no século IX. Antes disto era o ato de tomar a Eucaristia que se considerava sagrado. Mas em 830 d.C., um homem chamado Radbert escreveu o primeiro tratado abordando a Eucaristia focando diretamente o pão e o vinho. Todos os escritores cristãos antes de Radbert descreveram o que os cristãos faziam quando tomavam o pão e o vinho, ou seja, o ato de tomar os elementos. Radbert foi o primeiro a focar exclusivamente os elementos pão e vinho que eram colocados na mesa do altar (*Jesus and the Eucharist*, pp.60-61, 121-123).

^{37[37]} James D.G. Dunn, *New Testament Theology in Dialogue* (Westminster Press, 1987), pp. 125-135.

^{38[38]} Isto teve início por volta do século IV.

^{39[39]} Richard Hanson, *Christian Priesthood Examined* (Guildford and London: Lutterworth Press, 1979), p. 80.

Senhor ou ao pão da Eucaristia.^{40[40]} A palavra “corpo” tinha sido evacuada de seu outro significado: A igreja.

Por conseguinte, a Ceia do Senhor distanciou-se bastante da idéia da Igreja reunindo-se para celebrar o partir do pão.^{41[41]} A mudança de vocabulário refletia esta prática. A Eucaristia não tinha nada a ver com a Igreja, mas chegou a ser vista como “sagrada” em si mesma — mesmo quando colocada na mesa. Envolvida em uma mística religiosa. Vista com assombro. Tomada pelo sacerdote com uma sombria disposição. Completamente divorciada da natureza comunal da *ekklesia*.

Todos estes fatores deram apoio à doutrina da transubstanciação. No século IV, explicitou-se a crença de que o pão e o vinho se transformavam em corpo e em sangue real do Senhor. A transubstanciação foi, portanto, a doutrina que explicava teologicamente como essa mudança ocorria.^{42[42]} (Esta doutrina funcionou do século XI ao XIII).

A doutrina da transubstanciação trouxe consigo um sentimento de medo em torno dos elementos. O temor foi tão intenso que o povo de Deus vacilava aproximar-se dos elementos.^{43[43]} Acreditava-se que quando as palavras da Eucaristia eram ditas, o pão literalmente virava Deus. Tudo isto converteu a Ceia do Senhor em um ritual sagrado levado a cabo por gente sagrada, bem distante das mãos do povo de Deus. Isto ficou tão fixo na mentalidade medieval que o pão e o cálice viraram “oferenda” até mesmo para alguns dos reformadores.^{44[44]}

Mesmo descartando a *noção* católica da Ceia do Senhor enquanto sacrifício, os modernos cristãos protestantes continuaram abraçando a *prática* católica da Ceia. Observe qualquer Ceia do Senhor (muitas vezes chamada de “Santa Comunhão”) em qualquer igreja protestante e você verá o seguinte:

A Ceia do Senhor composta por um biscoitinho (ou pedacinho de pão) e um dedalzinho de suco de uva (ou vinho) em nada se assemelha a uma ceia de verdade, o mesmo ocorre na Igreja Católica. O humor é sombrio e taciturno. Como na Igreja Católica. O pastor diz à congregação que cada um tem que se examinar com respeito ao pecado antes de participar dos elementos. Uma prática que veio de João Calvino.^{45[45]}

Como o sacerdote católico, muitos pastores ministram a ceia e recitam as palavras da instituição: “Este é o meu corpo” antes de distribuir os elementos à congregação.^{46[46]} Da mesma forma que a Igreja Católica.

Com apenas algumas poucas mudanças, tudo isso vem do catolicismo medieval.

Sumário

Por nossa tradição, esvaziamos o verdadeiro significado e o poder por trás do batismo na água. Propriamente concebido e praticado, o batismo na água é a confissão de fé inicial do crente diante dos homens, demônios, anjos e Deus. O batismo é um sinal visível que revela nossa separação do

^{40[40]} *Jesus and the Eucharist*, pp. 125-127.

^{41[41]} Para muitos escravos e gente pobre a Ceia do Senhor era a única real refeição deles. De forma interessante foi apenas no Sínodo de Hippo em 393 d.C. que o conceito da Ceia do Senhor ligeira começou a emergir (*The Lord's Supper*, p. 100).

^{42[42]} *The Early Christians*, pp. 111-112. O corpo doutrinário da transubstanciação é creditado a Tomás de Aquino. A este respeito, Martinho Lutero acreditava que a “opinião de Tomás” não passava de palpíte e não deveria ser considerada dogma da igreja (*Christian Liturgy*, p. 307).

^{43[43]} Edwin Hatch, *The Growth of Church Institutions* (Hodder and Stoughton, 1895), p. 216. A transubstanciação foi definida como doutrina no Concílio de Lateran em 1215 d.C. após 350 anos de controvérsias com a doutrina do Ocidente (Gregory Dix, *The Shape of the Liturgy*, New York: The Seabury Press, 1982, p. 630; *Christian Priesthood Examined*, p. 79; Philip Schaff, *History of the Christian Church: Volume 7*, Michigan: Eerdmans, 1910, p. 614).

^{44[44]} Ilion T. Jones, *A Historical Approach to Evangelical Worship* (New York: Abingdon Press, 1954), p. 143.

^{45[45]} *Protestant Worship: Traditions in Transition* (Louisville: Westminster/John Knox Press, 1989), p. 66. I Coríntios 11:27-33 não é uma exortação para o auto-exame com respeito a pecado pessoal. É, na realidade, uma exortação para o auto-exame com respeito a tomar a Ceia de uma “maneira digna”. A congregação de Corinto desonrava a Ceia por não esperar seus irmãos pobres chegarem para comer juntamente com eles, além disso, estavam se embebedando com vinho.

^{46[46]} Mateus 26:25-27; Marcos 14:21-23; Lucas 22:18-20.

mundo,^{47[47]} nossa morte com Cristo, o enterro do velho homem,^{48[48]} a morte da velha criatura,^{49[49]} e a purificação pela Palavra de Deus.^{50[50]}

O batismo nas águas é a forma neotestamentária da conversão/iniciação. É a idéia de Deus. Substituí-lo pela invenção humana da “Oração do Pecador” é esvaziar o batismo do seu testemunho divino. No mesmo estilo, a Ceia do Senhor quando separada de seu contexto correto de uma ceia completa transforma-se quase em um rito pagão.^{51[51]} A ceia chega a ser um ritual vazio dirigido por um clérigo, em vez de ser uma experiência de vida compartilhada e desfrutada pela igreja. Chega a ser um exercício religioso deprimente em vez de um festival de alegria — uma cerimônia individualista e ranzinza em vez de um evento plural, coletivo e significativo.

Como disse um erudito, “*Sem dúvida, a Ceia do Senhor começou com uma ceia familiar ou uma ceia entre amigos em uma casa privada... A Ceia do Senhor deixou de ser uma ceia real para ser uma ceia simbólica... A Ceia do Senhor migrou da simplicidade para um esplendor elaborado... A celebração da Ceia do Senhor deixou de ser uma função da congregação para ser uma função sacerdotal. No próprio NT não há qualquer indicação de que era privilégio especial ou obrigação de alguém dirigir os adoradores na Ceia do Senhor*”.^{52[52]}

Por nossa tradição anulamos a experiência neotestamentária do batismo na água e da Ceia do Senhor. Querido cristão evite as tradições vãs dos homens e volte ao caminho antigo como certa vez alertou o profeta: “*Assim diz o Senhor: Ponde-vos nos caminhos, e vede, e perguntai pelas veredas antigas, qual é o bom caminho, e andai por ele; e achareis descanso para a vossa alma*”.^{53[53]} Caminhará você no caminho antigo? Ou você continuará descuidadamente seguindo tradições forçadas, fixado na rotina de nossos antepassados?

O clero protestante resgatou a Bíblia da escuridão e da poeira das bibliotecas papais e a espalhou por toda a terra. Elevou-a ao mais alto grau de respeito e estima humana. A tem estudado, comentado, explicado, a ponto de remoer cada palavra, frase e expressão, tanto no original como nas traduções, possibilitando todo tipo de interpretação. O resultado é que o Cristianismo está sufocado pela teologia e pela crítica: As verdades de revelação transformam-se em arame farpado — estirado, enrolado, alinhado e retorcido para produzir todo tipo de desenho imaginário e fantástico que a ilusão ou a lógica humana pode conceber. O sistema de Divindade técnica resultante chega a rivalizar com a complexa maquinaria da igreja romana.

-Steven Colwell

^{47[47]} Atos 2:38-40; 1 Cor. 10:1-2.

^{48[48]} Rom. 6:3-5; Col. 2:11-12.

^{49[49]} 1 Pedro 3:20-21.

^{50[50]} Atos 22:16; Efésios 5:26.

^{51[51]} Eduard Schweizer, *The Church As the Body of Christ* (John Knox Press, 1964), pp. 26, 36-37.

^{52[52]} William Barclay.

^{53[53]} Jer. 6:16, NASB.

CAPÍTULO 9

EDUCAÇÃO CRISTÃ: LAVAGEM CEREBRAL

O que Atenas tem a ver com Jerusalém?
-Tertuliano

Na mente da maioria dos cristãos, a educação cristã formal qualifica uma pessoa a fazer a obra do Senhor. Desde que um cristão seja diplomado em uma Escola Bíblica ou Seminário, ele é considerado “apto” para o ministério. Se isso não ocorre ele é considerado um pseudo-obreiro cristão. Alguém abaixo dos grandes. Como pode uma pessoa assim pregar, ensinar, batizar ou ministrar a Ceia do Senhor se ele não foi treinado formalmente para fazer tais coisas? Não é verdade?

A idéia de que um obreiro cristão necessita freqüentar uma universidade cristã ou um seminário para ser um obreiro legítimo é um pensamento inculcado. Que horror! Tão inculcado que quando alguém sente um “chamado” de Deus para sua vida, ela ou ele está condicionado a buscar uma universidade bíblica ou um seminário para preparar-se.

Tal pensamento não se ajusta bem com a idéia dos primeiros cristãos. Universidades bíblicas, seminários, ou professores de escola dominical não existiam durante o tempo da igreja primitiva. Tudo isso são invenções humanas surgidas muitas gerações depois que os apóstolos desapareceram.

Como então foram treinados os obreiros cristãos durante o primeiro século se eles não assistiram nenhuma escola religiosa? Indiferente ao treinamento ministerial de hoje, o treinamento do século I foi o comando manual em vez do estudo acadêmico. Foi uma questão de aprendizagem prática em vez de uma educação intelectual. Foi dirigida principalmente ao espírito em vez de ser dirigida ao lóbulo frontal.

No século I, as pessoas chamadas ao serviço do Senhor foram treinadas de duas maneiras: 1) Eles aprenderam as lições essenciais do ministério cristão *vivendo* uma vida compartilhada com um grupo de cristãos. Em outras palavras, eles eram treinados experimentando a vida na igreja não como líderes, mas como aprendizes. 2) Eles aprenderam a obra do Senhor sob a tutela de um obreiro maior e mais experimentado.

Comentando acerca da Igreja do século I, o puritano John Owen disse, “*Cada igreja até então era um seminário onde se providenciava a provisão e a preparação...*”.^{1[1]} Ecoando tais palavras, R. Paul Stevens afirma, “*A melhor estrutura para equipar cada cristão está onde ele vive. Dispensa o seminário, o seminário dos fins de semana e durará mais tempo que ambos. Não há outra maneira de nutrir e equipar o obreiro fora da congregação local no NT. Na igreja neotestamentária, como no ministério de Jesus, as pessoas aprendiam no forno da vida, no contexto relacional vivo, trabalhando e ministrando*”.^{2[2]}

Em um completo contraste, o treinamento moderno para o ministério assemelha-se à conversação religiosa dos miseráveis consoladores de Jó: Racional, objetiva e abstrata. Não é nem prática, nem experimental, nem espiritual como deveria ser.

^{1[1]} John Owen, *Commentary on Hebrews*, Vol. 3, p. 568.

^{2[2]} R. Paul Stevens, *Liberating the Laity* (Downers Grove: InterVarsity Press, 1985), p. 46. Note que tais palavras não se aplicam à moderna igreja institucional. Elas se aplicam ao estilo de todas as igrejas do século I.

O método real pelo qual os obreiros cristãos foram treinados no século I não está dentro do âmbito deste livro. Contudo, há alguns livros dedicados a este tema.^{3[3]} Neste capítulo, remontaremos a origem do seminário, da universidade bíblica e da escola dominical. Também remontaremos a história do pastor de jovens. Veremos como cada uma destas coisas opõe-se ao modo de Cristo — porque todas elas estão baseadas no sistema educacional do mundo.^{4[4]}

As Quatro Etapas da Educação Teológica

Ao longo da história da Igreja houve quatro etapas da educação teológica. A saber: Episcopal, Monástica, Escolástica e Pastoral.^{5[5]} Vamos examinar cada uma brevemente:

Episcopal. A teologia da idade patrística (entre os séculos III e V) foi chamada “episcopal” pelo fato das lideranças teológicas serem bispos.^{6[6]} Esta teologia foi marcada pelo treinamento dos bispos e sacerdotes, e versava sobre como cumprir os vários rituais e liturgias da igreja.^{7[7]}

Monástica. A fase *monástica* da educação teológica foi vinculada à vida ascética e mística. Era ensinada por monges que viviam em comunidades monásticas e mais tarde em escolas universitárias.^{8[8]} As escolas monásticas foram fundadas no século III. Tais escolas enviaram missionários a territórios inexplorados depois do século IV.^{9[9]}

Durante esta etapa, os padres eclesiásticos orientais estavam mergulhados no pensamento platônico. Eles apoiavam a idéia equivocada de que Platão e Aristóteles foram mestres escolásticos para levar os homens a Cristo. O fato dos padres do oriente confiarem tanto nestes filósofos pagãos diluiu severamente a fé cristã. Eles não pretendiam desviar o povo. Isso sucedeu pela simples aceitação de uma corrente contaminada.^{10[10]}

Na medida em que muitos dos padres eclesiásticos foram filósofos e oradores pagãos antes de suas conversões, a fé cristã prontamente começou a assumir uma inclinação filosófica. Justino Mártir (100-165), um dos professores mais influentes do século II, “vestia-se com uma batina de filósofo”.^{11[11]} Ele acreditava que a filosofia era a revelação de Deus aos gregos. Ele defendia que Sócrates, Platão e outros foram para os gentios o que Moisés foi para os judeus.^{12[12]}

^{3[3]} Entre estes estão *Overlooked Christianity* de Gene Edwards (Sargent: Seedsowers, 1997); Robert E. Coleman’s, *The Master Plan of Evangelism* (Grand Rapids: Fleming H. Revell, 1993); A.B. Bruce’s *The Training of the Twelve* (Keats, 1979). Os seguintes livros de Watchman Nee também apontam nesta direção. Eles contêm mensagens dadas aos jovens co-obreiros durante a fase de treinamento de Nee: *The Character of God’s Workman*, *The Ministry of God’s Word*, and *The Release of the Spirit*. 2 Timóteo 2:2 refere-se ao conceito de treinamento de obreiros cristãos, exemplificado tanto nos Evangelhos como em Atos.

^{4[4]} Para uma reveladora discussão acerca do aspecto educacional do sistema mundano, veja Watchman Nee’s *Love Not the World* (Wheaton: Tyndale House Publishers, 1978).

^{5[5]} John A.T. Robinson, *The New Reformation?* (Philadelphia: The Westminster Press, 1965), pp. 60-65. Robinson argumenta que a teologia patrística foi escrita por bispos, que a teologia medieval foi escrita por professores universitários, que a teologia da reforma foi escrita por pastores, e que a teologia da “nova reforma” será escrita pelo povo de Deus como um todo. A “teologia do povo de Deus como um todo” focaliza as preocupações e experiências de todos os cristãos, não apenas preocupações e experiências de grupos especializados executando um trabalho especializado (clero). Eruditos contemporâneos como R. Paul Stevens (*The Abolition of the Laity*, Paternoster Press, 1999; *The Other Six Days: Vocation, Work and Ministry in Biblical Perspective*, Eerdmans, 2000) e Robert Banks (*Reinvisioning Theological Education*, Eerdmans, 1999) escrevem muito nesta linha teológica. O artigo de Harold H. Rowdon, “Theological Education in Historical Perspective,” *Vox Evangelica*, Vol. VII, 1971, pp. 75-87, também proporciona uma visão da educação teológica ao longo da história.

^{6[6]} Agostinho foi apenas uma pessoa. Um grupo de clérigos se reuniu ao redor dele no século V para treinamento (Harold H. Rowdon, “Theological Education in Historical Perspective”. *Vox Evangelica*, Vol. VII, 1971, p. 75).

^{7[7]} Até o século VI as escolas episcopais não assumiram um caráter acadêmico para treinar o clero. Antes desse tempo, os prospectivos padres aprenderam, sob a direção dos seus bispos, coisas como executar rituais e conduzir liturgias. Edward J. Power, *A Legacy of Learning: A History of Western Education* (State University of New York Press, 1991), pp. 98, 108.

^{8[8]} Antes do século XII, a única educação no Ocidente foi provida pelas escolas monásticas e pelas catedrais.

^{9[9]} H.I. Marrou, *A History of Education in Antiquity*, p. 329.

^{10[10]} Em seu livro, *Ascension and Ecclesia* (Eerdmans, 1999), Douglas Farrow relata como o pensamento grego permeou a teologia por Origen e depois por Agostinho, e como inevitavelmente afetou muitas áreas da vida da igreja.

^{11[11]} Eusebius, *The History of the Church*, IV, 11, 8.

^{12[12]} Norman Towar Boggs, *The Christian Saga* (New York: The Macmillan Company, 1931), p. 151; Edwin Hatch, *The Influence of Greek Ideas and Usages Upon the Christian Church* (Peabody: Hendrickson, 1895), pp. 126-127.

Depois do ano 200 d.C. a Alexandria chegou a ser a capital intelectual do mundo cristão, da mesma forma que fora para os gregos. Foi lá que se formou uma escola no ano 180.^{13[13]} Ela era equivalente a uma universidade teológica.^{14[14]}

Em Alexandria temos o berço do estudo institucional da doutrina cristã.^{15[15]} Origen (185-254), um dos primeiros professores, foi profundamente influenciado pela filosofia pagã.^{16[16]} Ele foi o primeiro a organizar os principais conceitos teológicos na teologia sistemática.^{17[17]}

Sobre este período Will Durant observou: “A brecha entre filosofia e religião deixou de existir, e por mil anos a razão consentiu submeter-se à teologia”.^{18[18]} Edwin Hatch traduz este pensamento dizendo, “Um século e meio depois que o cristianismo e a filosofia se amalgamaram, as idéias e os métodos da filosofia exerceram tal impacto sobre o cristianismo que este acabou em grande parte engolido, tornando-se mais uma filosofia do que uma religião”.^{19[19]}

Depois dos dias de Origen, em meados do século III, as escolas cristãs desapareceram. A educação teológica voltou à forma “episcopal”. Os bispos eram treinados pelo contato pessoal com outros bispos.^{20[20]} A base do ensino clerical durante este tempo foi o estudo de Gregório Magno (540-604): A teologia pastoral.^{21[21]} Gregório ensinou aos bispos como serem bons pastores.^{22[22]} Em meados do século VIII foram fundadas as escolas para bispos. No século X as catedrais começaram a patrocinar suas próprias escolas.^{23[23]}

Escolástica. A terceira etapa da educação teológica deve muito à cultura universitária.^{24[24]} Pelo ano 1200, alguns ambientes de catequese cristã viraram universidades. A Universidade de Bolonha na Itália foi a primeira a surgir. A Universidade de Paris foi a segunda, depois veio Oxford.^{25[25]}

Naquele tempo a Universidade de Paris chegou a ser o centro filosófico e teológico do mundo.^{26[26]} (Mais adiante, esta chegou a ser a semente do futuro seminário protestante).^{27[27]} A educação superior era âmbito do clero.^{28[28]} O erudito era visto como guardião da sabedoria.

A universidade moderna surgiu porque os bispos necessitavam de um lugar para prover treinamento clerical.^{29[29]} A teologia era considerada a “Rainha das Ciências” na Universidade.^{30[30]} No período entre 1250 até 1500 foram fundadas 71 universidades na Europa.^{31[31]}

^{13[13]} Esta escola cresceu e atingiu seu ápice sob Origen.

^{14[14]} Alguns dizem que foi fundada por Pantaenus, o professor de Clemente de Alexandria. Outros dizem que foi fundada por Demetrius. B.H. Streeter, *The Primitive Church* (New York: The Macmillan Company, 1929), p. 57; James Bowen, *A History of Western Education: Volume 1* (New York: St. Martin's Press, 1972), p. 240; “Theological Education in Historical Perspective,” p. 76.

^{15[15]} *A History of Western Education: Volume 1*, p. 240; Father Michael Collins and Matthew A. Price, *The Story of Christianity* (DK Publishing, 1999), p. 25.

^{16[16]} Origen foi aluno e amigo de Plotinus, o pai do neoplatonismo (Will Durant, *Caesar to Christ*, New York: Simon & Schuster, 1950, p. 610). O neoplatonismo é uma filosofia pagã fundada por Plotinus (205-270). Ela floresceu em 245-529 e influenciou o pensamento cristão diretamente por Origen, Clemente de Alexandria, Agostinho e o Pseudo-Dionysius. Conforme o pensamento neoplatônico, o indivíduo tem que ascender por diferentes fases de purificação até atingir a unidade com Deus. Tal idéia ainda é prevalente no pensamento católico. Veja Philip S. Watson, *Neoplatonism and Christianity: 928 Ordinary General Meeting of the Victoria Institute Vol. 87* (Surrey: The Victoria Institute), 1955.

^{17[17]} *Pastor's Notes: A Companion Publication to Glimpses*, Volume 5, No. 2, Worcester: Christian History Institute, 1993, p. 7.

^{18[18]} *Caesar to Christ*, p. 611.

^{19[19]} *The Influence of Greek Ideas and Usages Upon the Christian Church*, p. 125.

^{20[20]} *A History of Education in Antiquity*, p. 329.

^{21[21]} Philip Schaff, *History of the Christian Church: Volume 4*, Michigan: Eerdmans, 1910, p. 400.

^{22[22]} A obra de Gregório, *The Book of Pastoral Rule*, foi escrita em 591 d.C.. É uma discussão sobre os deveres do bispo.

^{23[23]} J.D. Douglas, *Encyclopedia of Religious Knowledge, 2nd Edition* (Grand Rapids: Baker Book House, 1991), p. 289. Notre-Dame foi uma das primeiras catedrais-escola. A universidade de Paris cresceu como uma catedral-escola. James Bowen, *A History of Western Education: Volume 2* (New York: St. Martin's Press, 1972), p. 111. Após 1100, a catedral-escola se expandiu, desdobrando-se em “escolas secundárias” para meninos e em uma escola superior para aprendizagem avançada.

^{24[24]} A palavra “universidade” vem do latim medieval *universitas*, termo usado para os grêmios de arte medievais (*A History of Western Education: Volume 2*, p. 109).

^{25[25]} William Boyd, *The History of Western Education*, 8th ed. (New York: Barnes & Noble, 1967), p. 128. Para uma discussão sobre a origem do sistema universitário, veja Helen Wieruszowski, *The Medieval University* (Princeton: Van Nostrand, 1966).

^{26[26]} *A History of Western Education: Volume 1*, p. 110.

^{27[27]} A palavra “seminário” vem do latim *seminarium* que significa depósito de sementes (Daniel G. Reid, *Dictionary of Christianity in America*, Downer's Grove: InterVarsity Press, p. 1071).

^{28[28]} *The Story of Christianity*, p.112.

A teologia moderna exercitou-se nas abstrações da filosofia grega.^{32[32]} A academia universitária adotou o modelo do pensamento aristotélico, dirigido ao conhecimento e à lógica racional. O instinto dominante da teologia escolástica tendia para a assimilação e a comunicação do conhecimento. (É por isso que o pensamento ocidental sempre foi aficcionado pela formulação de credos, declarações doutrinárias e outras abstrações insossas).

Um dos professores que mais influíram no formato atual da teologia foi Pedro Abelardo (1079-1142). Abelardo foi o responsável, em parte, por dar-nos a “moderna teologia”. Seu ensino pôs a mesa e preparou o menu para filósofos escolásticos como Tomás de Aquino (1225-1274).^{33[33]}

Graças a Abelardo a escola de Paris virou modelo para as demais universidades.^{34[34]} Abelardo aplicou a lógica aristotélica da verdade revelada.^{35[35]} Ele também deu à palavra *teologia* o significado que tem hoje. (Antes dele, esta palavra era utilizada apenas para descrever crenças pagãs).^{36[36]}

Seguindo a norma de Aristóteles, Abelardo dominou a arte filosófica da “dialética” — a disputa lógica da verdade. Ele aplicou esta arte às Escrituras.

A educação teológica cristã nunca se recuperou da influência de Abelardo. Atenas ainda corre em suas veias. Aristóteles, Abelardo e Aquino acreditavam que a razão era a ponte para a verdade divina. Desde suas origens, a educação universitária ocidental envolveu a fusão de elementos cristãos e pagãos.^{37[37]}

Martinho Lutero estava certo quando disse, “*A Universidade não é outra coisa senão um local de treinamento da juventude para a glória grega*”.^{38[38]} Embora próprio do Lutero fosse um universitário, sua crítica dirigia-se ao ensino da lógica Aristotélica na Universidade.^{39[39]}

Seminarista. A teologia seminarista saiu da teologia “escolástica” ensinada nas universidades. Como vimos, esta teologia se baseava no sistema filosófico de Aristóteles.^{40[40]} A teologia do seminário dedicava-se à formação de ministros profissionais. Sua meta era produzir especialistas religiosos treinados no seminário. Lá ensinavam teologia — não a do primitivo bispo, monge, ou professor — mas a do ministro profissionalmente “qualificado”. Esta é a teologia que predomina no moderno seminário.

Um dos maiores teólogos deste século, Karl Barth, reagiu contra a idéia de que a educação teológica deva ser relegada a um tipo de elite de oradores profissionais. Ele escreveu, “*Teologia*

^{29[29]} “Theological Education in Historical Perspective,” p. 79. O Concílio de Lateran em 1215 exortou todo bispo metropolitano a assegurar o ensino da teologia em cada catedral.

^{30[30]} “Theological Education in Historical Perspective,” p. 79.

^{31[31]} *A Legacy of Learning*, p. 149. A história de graus universitários é bem interessante. As pessoas que passavam pelos padrões acadêmicos eram chamadas de *mestres*. Os advogados foram os primeiros a serem chamados de *doutores*. *Doutor* significa “aquele que ensina”. Que vem de *doutrina* que significa aprendizado. Um *doutor*, portanto, é um *mestre* que ensina. Estudantes ansiosos por reconhecimento eram chamados de *bachareis* (p. 153). O *chanceler* da Catedral detinha o mais elevado posto da universidade. Os *mestres* ensinavam os *bachareis* os quais viviam primeiramente em quartos devidamente preparados, depois em saguões emprestados a eles pelos *mestres* (“Theological Education in Historical Perspective,” p. 79). A palavra *faculdade* surgiu por volta de 1270. Significa força, poder, e habilidade. Ela representava as várias divisões do grêmio Medieval. A palavra “faculdade” eventualmente substituiu “grêmio” referindo-se ao grupo de estudantes em cada temática. *A History of Western Education: Volume 2*, p. 111; Charles Homer Haskins, *The Rise of Universities* (New York: H. Holt, 1923), p. 17.

^{32[32]} R. Paul Stevens, *The Other Six Days: Vocation, Work, and Ministry in Biblical Perspective* (Grand Rapids: Eerdmans, 1999), pp. 12-13; R. Paul Stevens, *The Abolition of the Laity* (Carlisle: Paternoster Press, 1999), pp. 10-22.

^{33[33]} D.W. Robertson, *Abelard and Heloise* (New York: The Dial Press, 1972), p. xiv.

^{34[34]} *A History of Western Education: Volume 2*, p. 109.

^{35[35]} Eis uma notável citação de Abelardo: “Eu não desejo ser filósofo se isso significa contradizer São Paulo; eu não desejo ser discípulo de Aristóteles se isso significa separar-me de Cristo”.

^{36[36]} Para desgosto de muitos dos seus contemporâneos, Abelardo tituló um dos seus livros como *Teologia Cristã (Abelard and Heloise)*, pp. xii-xiii).

^{37[37]} George Marsden, *The Soul of the American University: From Protestant Establishment and Established Nonbelief* (New York: Oxford University Press, 1994), p. 34.

^{38[38]} *Ibid.*, p. 35.

^{39[39]} *Ibid.*, p. 36. Para saber as idéias de Lutero sobre educação, veja *The History of Western Education*, p. 188ff. Ironicamente, Melancthon, o cooperador de Lutero, combinou humanismo (que tem raízes pagãs) e Protestantismo na educação do Norte da Europa.

^{40[40]} “Theological Education in Historical Perspective,” p. 79.

não é um campo restrito a teólogos. Não é um afazer restrito a professores... Não é um afazer restrito a pastores... Teologia é um assunto para a igreja... O termo 'leigo' é um dos piores no vocabulário da religião e deve ser banido da conversação cristã".^{41[41]}

Concernente ao seminário, pode-se dizer que Pedro Abelardo pôs o ovo e Tomás de Aquino o chocou. Mais que qualquer outra figura, Aquino foi aquele que exerceu mais influência sobre o moderno treinamento teológico. No ano 1879, sua obra foi endossada por uma bula papal enquanto autêntica expressão da doutrina e que deveria ser estudada por todos os estudantes de teologia. A tese principal de Aquino era que Deus pode ser conhecido através da razão. Ele adotou esta idéia de Aristóteles.

Hoje, tanto Protestantes como Católicos fazem uso da obra de Aquino, utilizando seus esboços em seus estudos teológicos.^{42[42]} A obra suprema de Aquino, *Summa Theologica* (A Súpula de Todas as Teologias) é o modelo que virtualmente é usado em todas as classes teológicas de hoje — seja protestante ou católica. Considere a ordem de classificação da teologia de Aquino:

Deus,
Trindade,
Criação,
Anjos,
Homem,
Governo Divino (Salvação, etc.),
Final dos Tempos^{43[43]}

Agora a compare com este esboço teológico típico sistematicamente utilizado nas apostilas dos seminários protestantes:

Deus,
Unicidade e Trindade,
Criação,
Anjos,
Origem e Caráter do Homem,
Soteriologia (Salvação, etc.),
Escatologia: Estado Final^{44[44]}

Sem dúvida, Aquino é o pai da moderna teologia.^{45[45]} Sua influência foi transferida aos seminários protestantes através da escolástica protestante.^{46[46]} A tragédia é que ao mesmo tempo em que Aquino batizava Aristóteles, ele também usava retalhos da lógica do filósofo pagão para expor a Sagrada Escritura. Aquino também cita abundantemente outro filósofo pagão em sua *Summa Teológica*.^{47[47]} A moderna teologia é, portanto, uma combinação do pensamento cristão com a filosofia pagã.

^{41[41]} Karl Barth in *Theologische Fragen und Antworten* (1957), pp. 175, 183-184.

^{42[42]} *Christian History*, Issue 28, Vol. IX, No. 4, p. 23. No final de sua vida, Tomás teve uma experiência espiritual com o Senhor. Foi além do intelecto e atingiu seu espírito. A experiência foi tão profunda que Tomás declarou: "Tudo aquilo que eu tenho escrito até aqui me parece nada mais que palha... comparado ao que me foi revelado". Após esta experiência com Cristo, Tomás abandonou todos seus volumosos escritos. Seu mamute *Summa Teológica* nunca foi completado. Ele largou sua pena em 6 de dezembro de 1273, dizendo, "agora aguardo o fim de minha vida" (*Summa Theologica*, Great Books of the Western World: Volume 19, Thomas Aquinas I, p. vi; *The Story of Christianity*, p. 113).

^{43[43]} *Summa Theologica*, p. vii.

^{44[44]} Henry C. Theissen, *Lectures in Systematic Theology* (Eerdmans, 1979), p. v. Qualquer texto padrão de teologia sistemática protestante segue este mesmo modelo. Tudo foi derivado de Aquino.

^{45[45]} O sistema teológico de Aquino continua em voga. Por exemplo, a maioria dos seminários protestantes na América e Europa segue o que é conhecido como o Modelo de Berlim de educação teológica. Este modelo começou em Berlim em 1800. Era um lampejo de racionalismo iluminado e de teologia enquanto exercício cerebral. A maioria dos seminários modernos usa este modelo até hoje (*Vantage Point: The Newsletter of Denver Seminary*, June 1998, p. 4).

^{46[46]} Francis Turretin (Reformado) e Martin Chemnitz (Luterano) foram os dois principais escolásticos protestantes.

^{47[47]} Aquino cita pseudo-Dionysius, um neoplatonista, mais de 100 vezes em sua *Summa Teológica*. Aquino sem dúvida pensava que o Dionysius que ele citava era o homem que Paulo converteu a Cristo quando esteve em Atenas (Atos 17:34). Todavia, não era. Pseudo-Dionysius foi um neoplatonista que viveu bem depois de Dionysius o areopagita.

Assim, temos quatro etapas da educação teológica: *Episcopal*, a teologia dos bispos. *Monástica*, a teologia dos monges. *Escolástica*, a teologia dos professores. E a *Seminarista*, a teologia dos ministros profissionais.^{48[48]}

Cada etapa da educação cristã é e sempre foi altamente intelectual e escolástica.^{49[49]} Como disse um erudito, “*Seja monástica, episcopal ou presbiteriana, tais escolas nunca separam o ensino da educação religiosa da instrução da igreja, do dogma e da moral. [Em tais escolas] o cristianismo é uma religião intelectual...*”.^{50[50]} Como subproduto da Reforma nos ensinam a ser racionalistas (e bem teóricos) em nossa abordagem à fé cristã.^{51[51]}

Os Primeiros Seminários

Durante a Era Medieval a educação clerical foi mínima.^{52[52]} Pelo tempo da Reforma, muitos pastores protestantes anteriormente convertidos pela Igreja Católica não tinham experiência com a pregação. A eles faltava treinamento e educação.

Portanto, durante o desenvolvimento da Reforma foram tomadas providências para que os pastores não educados pudessem freqüentar escolas e universidades. Os ministros protestantes não tiveram treinamento na oratória, mas eram treinados na exegese e na teologia bíblica. Presumia-se que poderiam pregar se conhecessem teologia. (Isto explica os longos sermões do século XVI que muitas vezes duravam duas ou três horas!).^{53[53]}

Este tipo de treinamento teológico produziu “uma nova profissão” — o pastor treinado teologicamente. Os pastores educados agora exerciam uma tremenda influência, com títulos de doutor em teologia ou títulos acadêmicos menores que lhes davam prestígio. Pela metade do século XVI, a maioria dos ministros protestantes era de alguma maneira treinada na universidade.^{54[54]}

Assim, desde seu início, o protestantismo promoveu um clero bem educado que chegou a ser o elemento principal do movimento.^{55[55]} No terreno protestante, o clero representava os cidadãos mais educados. E eles aproveitaram de sua educação para exercer sua autoridade.^{56[56]}

Enquanto os ministros protestantes aguçavam seu conhecimento teológico, a quarta parte dos clérigos católicos não tinha experiência universitária. A Igreja Católica reagiu a esta situação no Concílio de Trento (1545-1563). A Igreja Católica necessitava educar melhor o clero para poder lutar contra a nova Reforma Protestante. Qual a solução? Fundar os primeiros seminários!^{57[57]}

Os Católicos pretendiam equiparar seus sacerdotes aos pastores protestantes quanto à educação e devoção.^{58[58]} Para isso, o Concílio de Trento requereu que todas as igrejas e catedrais “*sustentassem, educassem na religião e ministrassem uma disciplina eclesiástica a um certo número de jovens em sua cidade e diocese*”. Então, podemos creditar a fundação do seminário aos católicos no final do século XVI.

^{48[48]} Uma quinta forma de teologia, a “teologia secular” ou “teologia para todo o povo de Deus”, está sendo patrocinada por alguns estudantes contemporâneos. Veja nota de rodapé #5.

^{49[49]} Talvez a exceção seja a forma “monástica”. Alguns grupos monásticos estudaram os escritos dos místicos cristãos juntamente com os de Aristóteles e Platão.

^{50[50]} *A History of Education in Antiquity*, p. 343 in the Epilogue; *The Soul of the American University*, p. 38.

^{51[51]} Considere o seguinte dístico: “Cristo não nomeou professores, mas seguidores. Se o Cristianismo... não se espelha na vida da pessoa que o expõe, então essa pessoa não expõe o cristianismo. O cristianismo é anunciado pelo viver e só pode ser expresso se percebido nas vidas dos homens” (Soren Kierkegaard).

^{52[52]} *The Soul of the American University*, p. 38.

^{53[53]} *The Ministry in Historical Perspectives*, p. 133.

^{54[54]} *Ibid.*, p. 142.

^{55[55]} *The Soul of the American University*, p. 37.

^{56[56]} *Ibid.*, p. 37.

^{57[57]} *Concise Dictionary of Christianity in America* (Downers Grove: InterVarsity Press, 1995), p. 309; Will Durant, *The Reformation* (New York: Simon & Schuster, 1957), p. 932. O Concílio de Trento proveu um seminário para cada diocese (A.G. Dickens, *Reformation and Society in Sixteenth-Century Europe*, London: Hartcourt, Brace, & World, Inc, 1966, p. 189; *The Story of Christianity*, p. 149).

^{58[58]} “Theological Education in Historical Perspective,” p. 81.

O primeiro seminário protestante é nublado pela obscuridade. Todavia, a melhor evidência indica que os protestantes copiaram o modelo católico e estabeleceram seu primeiro seminário na América do Norte. Isso ocorreu em Andover, Massachussets em 1808.^{59[59]}

A educação cristã nos Estados Unidos foi tão aristotélica e altamente sistematizada como quando prosperou na Europa.^{60[60]} Em 1860 havia um total de 60 seminários protestantes na América do Norte.^{61[61]} Este rápido crescimento em grande parte foi devido ao resultado do ingresso dos convertidos produzidos pelo Segundo Grande Despertar (1800-1835) e à necessidade de treinar ministros para cuidar dos novos crentes.^{62[62]}

Antes da fundação do Seminário Andover, os Protestantes eram treinados para o ministério nas universidades de Yale (1701) e Harvard (1636). Eles eram ordenados após a graduação com um exame formal.^{63[63]} Mas, com o passar do tempo, estas universidades adotaram a crença unitária e rechaçaram as crenças cristãs ortodoxas.^{64[64]} Os Protestantes já não mais confiantes no programa educacional de Yale e Harvard estabeleceram seus próprios seminários para preparar o clero.^{65[65]}

Faculdades Bíblicas

A faculdade bíblica é, essencialmente, uma invenção evangélica do século XIX nos Estados Unidos. É uma mescla de Instituto Bíblico (centro de treinamento) e instituição cristã de artes liberais. Seus estudantes se especializam em religião e são treinados para o serviço cristão. Os fundadores das primeiras faculdades bíblicas foram influenciados pelos pastores londrinos: H. G. Guinness (1835-1919) e Charles Spurgeon (1834-1892).

Como resposta aos avivamentos de D. L. Moody (1837-1899) o movimento da faculdade bíblica cresceu muito no final do século XIX e início do século XX. As duas primeiras foram o Instituto de Treinamento Missionário (Universidade de Nyack, Nova Iorque) em 1882 e o Instituto Bíblico de Moody (Chicago) em 1886.^{66[66]} Seu enfoque era treinar pessoas comuns para serem obreiros cristãos em “tempo integral”.^{67[67]}

O que preparou o terreno para a fundação da faculdade bíblica? Desde a metade do século XIX, pouca atenção era dada aos valores cristãos tradicionais como parte integral da educação superior. A teologia liberal começou a dominar as universidades estatais estadunidenses. Diante desses elementos, a demanda por missionários, líderes de igrejas e ministros, provocaram a criação da universidade bíblica no sentido de equipar os “chamados” com uma educação bíblica.^{68[68]} Hoje, há mais de 400 faculdades bíblicas nos Estados Unidos e Canadá.^{69[69]} Em suma, a faculdade bíblica é uma versão mais sofisticada do seminário.

^{59[59]} *Concise Dictionary of Christianity in America*, p. 113. João Calvino fundou a Academia de Genebra em 1559. Mas ela não era tecnicamente um seminário. Embora a Academia fosse usada para treinar teólogos, ela não foi originariamente concebida como uma escola de teologia. Dava também uma educação integral para aqueles que não pertenciam ao clero. De uma forma interessante, Theodore Beza (braço direito de Calvino) atribuiu a gênese escolástica da Academia de Genebra aos gregos que por sua vez herdaram sua “verdadeira filosofia” dos egípcios. Explica-se sua grandiosidade devido ao fato de Moises ter sido educado com toda sabedoria dos egípcios (Robert W. Henderson, *The Teaching Office in the Reformed Tradition*, Philadelphia: Westminster Press, 1962, pp. 51-61).

^{60[60]} John Morgan, *Godly Learning* (New York: Cambridge University Press, 1986), p. 107. A educação seminarista americana foi chamada pelo escocês Thomas Reid como a filosofia do “bom senso”. Posteriormente seminários liberais adotaram G.F.W. Hegel enquanto que os seminários conservadores preferiam Reid.

^{61[61]} *Concise Dictionary of Christianity in America*, p. 113.

^{62[62]} *Ibid.*, p. 113.

^{63[63]} Marjorie Warkentin, *Ordination: A Biblical-Historical View* (Grand Rapids: Eerdmans, 1982), p. 75.

^{64[64]} O Unitarianismo nega a Trindade, a Divindade de Jesus, e outras crenças cristãs ortodoxas.

^{65[65]} O primeiro seminário católico em solo estadunidense foi fundado em Baltimore em 1791. Daniel G. Reid, *Dictionary of Christianity in America* (InterVarsity Press), p. 1071.

^{66[66]} O Moody Bible Institute foi formalmente constituído em 1889 (*Christian History*, Volume IX, No. 1, Issue 25, p. 28).

^{67[67]} *Concise Dictionary of Christianity in America*, pp. 42-43; *Harper's Encyclopedia of Religious Education* (San Francisco: Harper & Row Publishers, 1971), p. 61.

^{68[68]} *Harper's Encyclopedia of Religious Education*, p. 61.

^{69[69]} “Bible College Movement,” *The Evangelical Dictionary of Christian Education* (Grand Rapids: Baker Book House, 2001).

Escola Dominical

A Escola Dominical também é uma invenção relativamente moderna, surgida cerca de 1700 anos depois de Cristo. O editor de um periódico britânico, Roberto Raikes (1736-1811) é tido como o fundador da Escola Dominical.^{70[70]} Em 1780, Raikes fundou uma escola em "Alley Browser", Gloucester (Inglaterra) para crianças pobres. Raikes não fundou a Escola Dominical com o propósito de dar instrução religiosa. Ele a fundou para dar a crianças pobres algumas idéias básicas sobre educação.

Raikes estava preocupado com o baixo nível de alfabetização e com a imoralidade entre as crianças em geral. Muitas das crianças que assistiam sua escola eram vítimas de abuso social e dos padrões. O fato das crianças não saberem ler facilitava o abuso por parte dos outros.

Os anos 1780-90 representaram a década da inovação. A máquina a vapor foi o principal símbolo do progresso.^{71[71]} A Escola Dominical nasceu nesse clima. Embora Raikes fosse um anglicano leigo, a Escola Dominical se esparramou como fogo selvagem, alastrando-se pelas igrejas Batistas, Congregacionais, e Metodistas ao longo da Inglaterra.^{72[72]}

O movimento da Escola Dominical alcançou seu ápice quando chegou aos Estados Unidos. A primeira Escola Dominical dos Estados Unidos surgiu em Virginia em 1785.^{73[73]} Quando em 1790, um grupo de filadelfianos formou a Sociedade das Escolas Dominicais. Sua proposta era prover educação para crianças indigentes retirando-as das ruas aos domingos.^{74[74]} Nos séculos XVIII e XIX, muitas Escolas Dominicais operavam separadamente das igrejas. A razão: Os pastores consideravam os leigos incapazes de ensinar a Bíblia!^{75[75]}

Por volta de 1805, as Escolas Dominicais se espalharam ao longo dos Estados Unidos. Em 1810, a Escola Dominical começou a migrar de um esforço filantrópico para ajudar crianças pobres para um instrumento de evangelização.

D.L. Moody é creditado como o popularizador da Escola Dominical nos Estados Unidos.^{76[76]} Sob a influência de Moody, a Escola Dominical tornou-se o principal campo de recrutamento da igreja moderna.^{77[77]} Hoje, a Escola Dominical é usada tanto para recrutar novos convertidos como para treinar jovens na doutrina da fé.^{78[78]} A educação pública assumiu o papel original para o qual a Escola Dominical foi projetada.^{79[79]}

É importante lembrar que o século XIX foi a época da edificação institucional dos Estados Unidos. As corporações, hospitais, asilos, prisões, e as instituições de proteção à criança como os orfanatos, reformatórios e escolas públicas gratuitas surgiram durante este tempo.^{80[80]} A Escola

^{70[70]} *Harper's Encyclopedia of Religious Education*, p. 625. A maioria dos livros de história aponta Raikes como pai da Escola Dominical. Alguns, porém, alinham outros nomes além de Raikes: Hannah Moore e Sarah Trimmers estão entre eles (Thomas W. Laqueur, *Religion and Respectability: Sunday Schools and Working Class Culture, 1780-1850*, p. 21). Alguns também dizem que o Reverendo Thomas Stock de Gloucester deu a Raikes a idéia da educação dominical (p. 22).

^{71[71]} John Ferguson, *Christianity, Society, and Education: Robert Raikes, Past, Present, and Future*, p. 19.

^{72[72]} *Harper's Encyclopedia of Religious Education*, p. 625. A Escola Dominical cresceu enquanto parte do Revivamento Evangélico entre 1780 e 1800 (*Religion and Respectability*, p. 61). Quando Raikes morreu em 1811, havia 400.000 crianças freqüentando Escolas Dominicais na Grã Bretanha. C.B. Eavey, *History of Christian Education* (Chicago: Moody Press, 1964), pp. 225-227.

^{73[73]} John Marcos Terry, *Evangelism: A Concise History* (Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1994), p. 180.

^{74[74]} *Harper's Encyclopedia of Religious Education*, p. 625.

^{75[75]} *Evangelism: A Concise History*, p. 181.

^{76[76]} *Christian History*, Volume IX, No. 1, Issue 25, p. 28; *The Story of Christianity*, p. 187. A Escola Dominical de Moody ministrou cuidava de mais de 1.500 crianças.

^{77[77]} *Sunday School*, p. 167. Este foi o caso em 1880. Arthur Flake desenvolveu o programa da Escola Dominical dentro da Southern Baptist Convention. Ele também popularizou os princípios básicos da Escola Dominical que foram adotados por outras denominações. (*Evangelism: A Concise History*, p. 181). Veja também Elmer Towns, "Sunday School Movement," *New 20th Century Encyclopedia of Religious Knowledge* (Grand Rapids: Baker Book House, 1991), pp. 796-798.

^{78[78]} *Ibid.*, p. 170; *Concise Dictionary of Christianity in America*, p. 331.

^{79[79]} *Pastor's Notes: A Companion Publication to Glimpses*, Volume 4, No. 1 (Worcester: Christian History Institute, 1991), p. 6.

^{80[80]} Anne M. Boylan, *Sunday School: The Formation of an American Institution 1790-1880* (New Haven: Yale University Press, 1988), p. 1.

Dominical foi apenas mais um elemento desenvolvido sob a fúria da edificação das instituições estadunidense.^{81[81]} Hoje é uma instalação permanente na igreja institucional.

Em termos gerais, a moderna Escola Dominical não é uma instituição eficaz. Ao longo das duas últimas décadas, a frequência à Escola Dominical vem caindo sistematicamente.^{82[82]} Estudos mostram que a Escola Dominical na realidade influi bem pouco na mudança de comportamento dos jovens.^{83[83]}

O fato é que a maioria dos jovens vê a escola dominical como algo chato e irrelevante. A Escola Dominical é um dinossauro em extinção. É mais uma tradição humana da qual não precisamos. Por outro lado, se repousássemos nossos olhos para o estilo da igreja do século I, encontraríamos um monte de maneiras criativas para ensinar e animar nossos filhos em um contexto coletivo.^{84[84]} E redescobriríamos que temos um Deus de uma infinita variedade, e não de uma monotonia insuportável.

Descrevendo a maneira da Igreja Primitiva, um erudito disse, “*Não há qualquer evidência que aponte que os mestres dividiam os grupos com base na idade e no sexo. A responsabilidade da educação inicial da criança, especificamente a educação religiosa, ficava a cargo dos pais... Nenhuma regra especial era estabelecida para as crianças na Igreja Primitiva. A escola cristã veio depois, por volta do ano 373 d.C. — e a Escola Dominical veio bem mais tarde*”.^{85[85]}

O Pastor da Juventude

Usando o remonte da origem da Escola Dominical como gancho, vamos descobrir as obscuras raízes do “pastor da juventude”.^{86[86]} Em 1905, G. Stanley Hall popularizou o conceito de “adolescente” como alguém que não era nem jovem adulto nem criança com mais idade.^{87[87]}

Foi quando na década 1940-50 surgiu o termo “adolescente” [em inglês “teenager”]. Pela primeira vez surgiu uma subcultura de distinção. Pessoas entre treze e dezenove anos já não eram simplesmente “jovens”. Agora eram “adolescentes”.^{88[88]}

Depois da Segunda Guerra Mundial (1945 em diante), os estadunidenses desenvolveram uma tremenda preocupação pela juventude nos Estados Unidos. Isto se estendeu à igreja cristã. Reuniões de jovens nas décadas de 1920 e 1930 sob a bandeira “Jovens Para Cristo” engendraram uma organização “para-igreja” com o mesmo nome por volta de 1945.^{89[89]}

Com o ingresso de muitas destas novas criaturas chamadas “adolescentes”, surgiu a idéia de que alguém necessitava ser indicado para trabalhar com eles. Assim, pois, nasceu o ministro juvenil

^{81[81]} Em 1824, havia 48.681 crianças nas Escolas Dominicais filiadas à American Sunday School Union nos Estados Unidos. Em 1832, este número cresceu para 301.358 (*Sunday School*, p. 11). A American Sunday School Union foi fundada em 1824, abrangendo 724 escolas incluindo 68 na Filadélfia. Em 1970, a Union foi renomeada como American Missionary Society (*Concise Dictionary of Christianity in America*, p. 18).

^{82[82]} Bobby H. Welch, *Evangelism Through the Sunday School: A Journey of Faith* (Lifeway Press, 1997).

^{83[83]} Gough, J. E. *Church, Delinquent and Society*. Provocative Pamphlets No. 59. Melbourne: Federal Literature Committee of Churches of Christ in Australia, 1959.

^{84[84]} Venho praticando a Igreja sem Escola Dominical durante mais de 15 anos. A criatividade na Igreja de Jesus Cristo no que se refere às nossas crianças é abundante. As crianças fazem parte de uma comunidade de vida compartilhada que não conhece nenhuma segregação por idade, a criança nestas igrejas é espiritual e mentalmente mais saudável.

^{85[85]} David C. Norrington, *To Preach or Not to Preach? The Church's Urgent Question* (Carlisle: Paternoster Press, 1996), p. 59.

^{86[86]} Warren Benson and Marcos H. Senter III, *The Complete Book of Youth Ministry* (Chicago: Moody Press, 1987), p. 66.

^{87[87]} Marcos Senter III, *The Coming Revolution in Youth Ministry* (Victor Books, 1992), p. 93

^{88[88]} Michael V. Uschar, *The 1940s: Cultural History of the US Through the Decades* (Lucent Books, 1999), p. 88; Mary Helen Dohan, *Our Own Words* (New York: Alfred Knopf, 1974), p. 289.

^{89[89]} Marcos Senter III, *The Youth For Christ Movement as an Educational Agency and Its Impact Upon Protestant Churches: 1931-1979* (Ann Arbor: UM, 1990), pp. 7-8. Nas páginas 26ff, Senter discute os fatores sociais e históricos que criaram a base das organizações de jovens. Billy Graham tornou-se o evangelista itinerante dos Jovens para Cristo (YFC). Na década 1950-60, o YFC fundou clubes bíblicos pelo país afora (*Concise Dictionary of Christianity in America*, p. 377). Em Manhattan, o carismático Lloyd Bryant parece ter sido o primeiro a organizar encontros regulares de jovens (*Critique of Modern Youth Ministry*, p. 8).

profissional. O pastor de jovens começou a sair pelas grandes igrejas urbanas entre 1930-50.^{90[90]} Depois se moveu para os subúrbios nos anos 60.

A Igreja Batista do Calvário em Manhattan foi uma das primeiras a adotar o pastor de juventude. A revista *Moody Monthly Magazine* escreveu sobre ele nos anos 30.^{91[91]} Durante meados dos anos 50 até o final dos anos 60, o pastor de juventude tornou-se uma figura a parte das igrejas evangélicas. (Este cargo desenvolveu-se um pouco mais lentamente nas principais denominações).^{92[92]}

No princípio dos anos 50, milhares de pastores de juventude profissionais emergiram para preencher as necessidades espirituais dos jovens. Como resultado, os adolescentes tiveram sua própria música, roupa, literatura, linguagem e etiqueta.^{93[93]} O adolescente via a si mesmo como uma entidade separada com necessidades distintas. Portanto, a igreja cristã começou a segregar aos adolescentes dos demais.

A maioria dos pastores de jovens trabalhava para organizações "para-igrejas" que preenchiam a paisagem cristã. Mas desde 1975 até 1990, aproximadamente, o ministério juvenil migrou das organizações "para-igreja" para igrejas institucionais. O pastor juvenil profissional deslocou o obreiro juvenil voluntário como se fosse um cidadão de segunda classe.^{94[94]}

Assim, o moderno pastor de juventude é filho do moderno pastor. Ele é parte do clero profissional. Ele foi formado com base na seleção equivocada de honrar divisões que saíram da cultura secular a menos de um século atrás. Ou seja, a divisão entre adolescente e todos os demais.

Em outras palavras, o pastor de juventude não existiu até criarmos uma categoria separada chamada "adolescente". Ao fazê-lo, criamos um problema que nunca existiu antes. Ou seja, o problema do que fazer com e para os adolescentes. Isso não é muito diferente do problema que criamos quando inventamos uma classe de cristão — o "leigo". A questão sobre "como equipar o leigo" nunca fora antes formulada até criarmos classes separadas de cristãos.

Hoje, o pastor de juventude é uma instituição permanente na igreja organizada, tanto quanto o pastor. Mas nem um nem outro tem qualquer raiz nas Escrituras.

Expondo o Coração do Problema

Tanto Platão como Sócrates ensinaram que conhecimento é virtude. Ser "bom" significa ter o máximo de conhecimento. Portanto, o ensino do conhecimento é o ensino da virtude.^{95[95]}

Aqui está a raiz e o caule da moderna educação cristã. Ela está inteiramente construída em cima da idéia Platônica de que o conhecimento e a espiritualidade são a mesma coisa. Aí está o grande erro.

Os filósofos gregos, Platão e Aristóteles (ambos alunos de Sócrates) são os pais da moderna educação cristã.^{96[96]} Empregando uma metáfora bíblica, a moderna educação cristã, seja no seminário ou em uma faculdade bíblica, está servindo alimento da árvore errada: A árvore do conhecimento do bem e do mal em vez da árvore da vida.^{97[97]}

^{90[90]} A Igreja Batista do Calvário em Manhattan (1932), a Vista Community Church em North San Diego County (1948), e a Moody Memorial Church em Chicago (1949) todas contrataram "diretores de jovens". As Young Life e clubes YFC floresceram no país entre 1930-50, e as pequenas igrejas passaram a contratar jovens ministros (*The Coming Revolution in Youth Ministry*, p. 142).

^{91[91]} Email Pessoal de Marcos Senter, 9/22/99.

^{92[92]} *The Coming Revolution in Youth Ministry*, p. 142.

^{93[93]} Christopher Schlect, *Critique of Modern Youth Ministry* (Moscow: Canon Press, 1995), p. 6.

^{94[94]} *The Coming Revolution in Youth Ministry*, p. 143.

^{95[95]} William Boyd and Edmund King, *The History of Western Education* (Lanham: Barnes & Noble Books, 1995), p. 28.

^{96[96]} *A Legacy of Learning*, pp. 29-116.

^{97[97]} O tempo e o espaço não me permitem explicar o significado dessas duas árvores. Para uma abordagem completa recomendo Watchman Nee's *The Normal Christian Life* (Wheaton: Tyndale, 1977), Capítulo 7 e Gene Edwards' *The Highest Life* (Wheaton: Tyndale, 1989).

Essencialmente, a moderna aprendizagem teológica é cerebral. Pode ser chamada de “pedagogia líquida”.^{98[98]} Abrimos as cabeças das pessoas com uma alavanca, derramamos uma ou duas taças de informação, e voltamos a fechar as cabeças. Agora elas têm a informação, então concluímos equivocadamente que a obra está completa.

O moderno ensino teológico é uma educação de transferência de dados. Sai de um caderno e passa para outro. Durante o processo, nossa teologia nunca ultrapassa a altura da cintura. Se um estudante repete com a exatidão de um papagaio as idéias de seu professor, ele sai premiado com um título. E isso significa muito nestes dias quando muitos cristãos estão obcecados (às vezes os deificam) com títulos teológicos e em suas análises sobre qualificações ministeriais.^{99[99]}

O conhecimento teológico, portanto, não prepara ninguém para o ministério.^{100[100]} Isto não quer dizer que o conhecimento do mundo, a história da igreja, a teologia, a filosofia e os escritos são coisas sem valor. Tais conhecimentos podem ser úteis.^{101[101]} Mas isto não é central. Competência teológica e alta voltagem intelectual não qualifica uma pessoa para servir na casa de Deus.

É falacioso tratar homens e mulheres que saem do seminário ou da faculdade bíblica como pessoas devidamente “qualificadas”. E tratar os que não passam por estas coisas como “desqualificados”. Por tal padrão muitos vasos selecionados do Senhor não passariam por este teste.^{102[102]}

Adicionalmente, o treinamento teológico formal é grandemente superestimado. Segundo estudo desenvolvido pela *Comunidade de Fé Hoje* (FACT) e divulgado pelo Seminário de Hartford no Estado de Connecticut, graduados e clérigos com títulos superiores receberam notas inferiores, ao tratar de conflitos e na exposição de “um sentido de propósito claro”, aos não graduados por seminário.^{103[103]}

O estudo demonstra que os clérigos sem educação ministerial ou certificado formal de curso marcaram mais pontos nas provas sobre como lidar com o estresse e o conflito. Os estudantes da faculdade bíblica tiraram notas inferiores. Os graduados pelo seminário tiveram as piores notas!

A principal descoberta do estudo foi a seguinte: “*Que as congregações com líderes que têm uma educação de seminário são, enquanto grupo, mais propensos a reportar que em suas congregações eles têm menos clareza de propósito, mais e diferentes tipos de conflitos, menos comunicação pessoa a pessoa, menos confiança sobre o futuro e mais temor quanto a mudanças na adoração*”.^{104[104]}

Tudo isso indica que uma pessoa que se gradua em um seminário ou faculdade bíblica carregada de teorias não recebe nenhuma experiência de comando manual no crivo da vida eclesiástica. Desta maneira, o seminário, intelectualmente, se expõe ao ridículo nas coisas mais básicas.

^{98[98]} Pedagogia é a arte e a ciência do ensino.

^{99[99]} Um dos problemas chave na cristandade é que ela está permeada por padrões intelectuais do mundo antigo (*The Soul of the American University*, p. 34).

^{100[100]} É bom lembrar que Joseph Stalin frequentou o Seminário Teológico Tiflis na idade entre 14 e 19 anos (Adam B. Ulam, *Stalin the Man and His Era*, New York: Viking Press, 1973, pp. 18-22; Alan Bullock, *Hitler and Stalin: Parallel Lives*, New York: Knopf, 1992, pp. 6,13).

^{101[101]} Paulo de Tarso foi bem educado, e ele foi vital na disseminação do cristianismo primitivo. Pedro, por outro lado, não tinha estudos.

^{102[102]} Jesus e os doze apóstolos eram todos homens iletrados: “Os judeus ficaram impressionados e perguntaram, ‘Como este homem [Jesus] aprendeu tais coisas sem haver estudado?’” (João 7:15, NIV); “Quando o conselho viu a coragem de Pedro e João, e pôde ver que eles eram evidentemente homens simples e sem cultura, ficaram espantados e perceberam o que a convivência com Jesus havia feito neles!” (Atos 4:13). Entre os cristãos notáveis usados por Deus e que nunca receberam treinamento teológico formal estão A.W. Tozer, G. Campbell Morgan, John Bunyan, C.H. Spurgeon, D.L. Moody, and A.W. Pink. Além disso, alguns dos grandes expositores bíblicos na história da igreja, como Watchman Nee, Stephen Kaung, e T. Austin-Sparks, nunca passaram por seminários.

^{103[103]} Este estudo foi baseado em mais de 14.000 congregações em 41 diferentes denominações e “grupos de fé”. Usou 26 diferentes pesquisas. O estudo *FACT* é considerado como a abordagem mais compreensiva da religião nos Estados Unidos. Os resultados estão publicados em www.fact.hartsem.edu

^{104[104]} *FACT* study, p. 67.

Ainda pior é o elitismo que o seminário promove ou alimenta. A abordagem dos seminários é uma abordagem de auto-referência. Este fixa critério próprio com relação aos jogadores e às regras. Depois a instituição olha por cima do ombro aos que não julgam o critério útil ou importante.

Talvez o problema mais daninho do seminário e da faculdade bíblica é que tais coisas perpetuam o sistema angustiante e antibíblico concebido pelo clero humano. Este sistema — junto com todas as outras tradições humanas que eu mencionei neste livro — está protegido, sustentado, vivo, e esparramado ao longo de nossas escolas ministeriais.^{105[105]} No seminário e na faculdade bíblica, os professores e pastores justificam, ilegitimamente, a existência do sistema antibíblico no qual eles vivem, respiram e realizam sua essência.

Em vez de oferecerem uma receita eficaz às enfermidades da igreja, nossas escolas teológicas as tornam mais graves quando assumem (e defendem) todas as práticas antibíblicas que as produzem. As palavras de um pastor resumem perfeitamente o problema:

“Obtive do sistema a melhor educação que o evangelismo pode oferecer, mas não recebi o treinamento que necessitava... Os sete anos de educação superior nas melhores escolas evangélicas não me prepararam (1) nem para o ministério nem (2) para a liderança. Comecei a analisar por que após pregar um grande sermão a congregação vinha me cumprimentar dizendo, ‘Grande sermão, Pastor’. Porém eram estas as mesmas pessoas que lutavam por auto-estima ao lado de seus cônjuges, que lutavam como ‘obreirólicos’, sucumbindo em seus vícios. Suas vidas não mudavam. Tive que perguntar a mim mesmo por que aquele grande conhecimento que eu ostentava não fluía de suas cabeças para seus corações e vidas. Comecei a dar-me conta de que o fracasso da igreja se baseava no que eu havia aprendido no seminário. Nos ensinaram que basta passar a informação, que isso é suficiente!”^{106[106]}

A Igreja Primitiva não teve NT, nem teologia elaborada, nem tradição estereotipada. Os homens que levaram o cristianismo ao mundo gentílico não tiveram nenhum treinamento especial, tiveram apenas uma grande experiência — na qual ‘todas as máximas e filosofias foram reduzidas à simples tarefa de caminhar na luz, pois a luz havia chegado’.

-B.H. Streeter

^{105[105]} Ironicamente, os Protestantes se destacam por suas críticas reflexões doutrinárias. Mas eles não aplicam reflexões críticas em suas práticas na igreja.

^{106[106]} Citado pelo Dr. Clyde McDowell em *Vantage Point: The Newsletter of Denver Seminary*, June 1998.

CAPÍTULO 10

UMA OUTRA PERSPECTIVA DO SALVADOR: JESUS, O REVOLUCIONÁRIO.

Se o cristianismo rejuvenescesse, este rejuvenescimento teria que ser de alguma maneira diferente do que ocorre agora. Se a Igreja na segunda metade deste século [XX] pretende recuperar-se das feridas que sofreu durante a primeira metade, então precisara de um novo tipo de pregador. O conveniente chefe de sinagoga nunca vai funcionar. Nem o tipo sacerdotal que desempenha suas funções e recebe sua paga sem outras preocupações, nem o tipo pastoral com sua 'língua de ouro' que sabe como fazer para que o evangelho seja saboroso e aceitável a todos. Todos estes tipos foram reprovados e nada resolveram. Outro tipo de líder religioso precisa surgir entre nós. Ele precisa ser do tipo do antigo profeta, um homem que tem visões de Deus, um homem que escuta a voz vinda do trono. Quando ele vir, (e eu oro, oh! Deus! Que não haja apenas um, mas muitos), ele questionará tudo aquilo que nossa civilização considera precioso. Ele colocará em dúvida, denunciará e protestará em nome de Deus e será alvo do ódio e da oposição de grande parcela da Cristandade.
-A.W. Tozer

Jesus Cristo não é apenas o Salvador, o Messias, o Profeta, o Sacerdote, e o Rei. Ele é também o Revolucionário. Tanto que alguns cristãos o conhecem como tal. Sem dúvida, alguns de meus leitores têm lutado contra este pensamento enquanto lêem este livro: “*Por quê você é tão negativo a respeito da igreja moderna, Frank!? Jesus não é um caçador de defeitos, uma personalidade crítica. Nosso Senhor não fala das coisas ruins da igreja. Enfoquemos o lado positivo e ignoremos o negativo!*”

Tais sentimentos em alto e bom tom expressam um completo desconhecimento de Cristo enquanto mestre revolucionário — profeta radical — orador provocativo — polêmico — iconoclasta — e oponente implacável das autoridades (públicas e privadas) religiosas estabelecidas.

Claro, nosso Senhor não é intrinsecamente crítico ou severo. Ele é pleno de misericórdia e de bondade, e ele ama Seu povo apaixonadamente. Todavia, é precisamente por isso que Ele é zeloso para com sua Noiva. E é por isso que Ele não se comprometerá com as tradições inquebrantáveis que amarraram seu povo. Ele tampouco ignorará nossa fanática devoção a elas.

Considere a conduta de Nosso Senhor enquanto esteve na terra.

Jesus nunca foi nem agitador nem rebelde grandiloquente.^[1] Embora constantemente desafiasse as tradições dos escribas e fariseus. Ele não fazia isso de forma casual, mas deliberadamente. Os fariseus foram os que, pela “verdade” que enxergavam, intentaram extinguir a verdade que eles não conseguiam ver. Isto explica porque sempre houve uma tormentosa controvérsia entre a “tradição dos anciãos” e os atos de Jesus.

Alguém disse certa vez que “*um rebelde tenta mudar o passado; um revolucionário tenta mudar o futuro*”. Jesus Cristo trouxe uma drástica mudança ao mundo. Mudou a visão de homem sobre Deus. Mudou a visão de Deus sobre o homem. Mudou a visão dos homens sobre as mulheres.

^[1] Mat. 12:19-20.

Nosso Senhor veio trazer uma mudança radical ao modo antigo das coisas, substituindo-o por uma nova ordem.^{2[2]} Ele veio para trazer um novo pacto — um novo reino — um novo nascimento — uma nova raça — uma nova espécie — uma nova cultura — e uma nova civilização.

Leia do princípio ao fim os Evangelhos, e veja seu Senhor, o Revolucionário. Veja como espalha pânico entre os fariseus ridicularizando intencionalmente suas convenções. Numerosas vezes Jesus curou no Sábado, frontalmente rompendo sua querida tradição. Se o Senhor pretendesse aplacar a ira de seus inimigos, Ele bem que poderia esperar chegar o domingo ou a segunda-feira para curar algumas daquelas pessoas. Mas não, Ele deliberadamente curou no sábado sabendo perfeitamente que seus oponentes ficariam furiosos.

Este modo de agir tem um sentido profundo. Certa vez Jesus curou um cego misturando barro com saliva e colocando-os nos olhos do homem. Tal fato foi um desafio direto à ordenança judaica que proibia curar aos sábados misturando barro com saliva!^{3[3]} Todavia seu Senhor, intencionalmente, rompeu publicamente esta tradição e com a mais absoluta resolução. Veja como ele come sem lavar as mãos sob o olhar crítico dos fariseus, nova e propositadamente desafiando sua tradição fossilizada.^{4[4]}

Em Jesus temos um Homem que recusava render-se diante das pressões da conformidade religiosa. Um Homem que pregava uma revolução. Um Homem que não tolerava a hipocrisia. Um Homem que não tinha medo de provocar aqueles que suprimiram o evangelho libertador que Ele trouxera para libertar os homens. Um Homem que não se importava em despertar a cólera de seus inimigos, levando-os a preparar-se para a luta.

Onde pretendo chegar? Nisso. Jesus veio não apenas como Messias, Ungido de Deus, para libertar seu Povo das ataduras da queda.

Ele veio não apenas como Salvador, pagando uma dívida que não era dEle para quitar os pecados da humanidade.

Ele veio não apenas como Profeta, consolando aflitos e afligindo acomodados.

Ele veio não apenas como Sacerdote, representando o homem perante Deus e representando Deus perante o homem.

Ele veio não apenas como Rei triunfante sobre toda autoridade, principado e poder.

Ele também veio como *Revolucionário*, rompendo o velho odre com o intuito de introduzir o novo.

Veja seu Senhor, o Revolucionário!

Para a maioria dos cristãos esta é uma nova visão de Jesus. Assim, expor o que vai mal na moderna igreja para que o Corpo de Cristo possa cumprir a intenção última de Deus é uma simples expressão da natureza revolucionária de nosso Senhor. A meta dominante dessa natureza é colocar você e eu no centro do coração palpitante de Deus. Colocar você e eu no centro de seu propósito eterno — um propósito pelo qual tudo foi criado.^{5[5]}

O que se necessita, portanto, é uma revolução dentro da fé cristã. Movimentos de renovação não farão isso. Revivamentos não atingirão isso. Ambos foram plenos nos últimos 50 anos. (Eu poderia acrescentar que eles tomam uma nova forma a cada cinco anos). Movimentos de renovação e revivamentos *nunca* foram suficientemente potentes para quebrar a imensa inércia da tradição religiosa.

Movimentos de renovação e novas formas para a igreja são como mudar as roupas de um manequim. Por mais que troquemos essa roupa nunca daremos vida a ele, não importa quão de vanguarda ela seja. Não! É necessário meter fogo na raiz do problema e acender uma revolução!

^{2[2]} As passagens seguintes lançam luz sobre a natureza revolucionária de Cristo: Mat. 3:10-12; 10:34-38; Marcos 2:21-22; Lucas 12:49; João 2:14-17; 4:21-24.

^{3[3]} O Mishnah estabelece: “É proibido curar um homem cego no Sábado injetando vinho nos olhos dele. Também é proibido fazer lama com saliva para cobrir os olhos dele” (Shabbat 108:20).

^{4[4]} Conforme o Mishna, “A pessoa deveria estar disposta a caminhar quatro milhas para lavar suas mãos a comer com as mãos não lavadas” (Sotah, 4b) “... Aquele que negligencia lavar suas mãos é como aquele que é um assassino” (Challah, J, 58:3).

^{5[5]} Veja *Rethinking the Wineskin*, Capítulo 7, para uma abordagem sobre o propósito eterno.

O que se necessita é uma completa reviravolta nas práticas correntes cristãs. Todas as tradições que não encontram base nas escrituras necessitam ser abandonadas para sempre.

Necessitamos começar tudo de novo... Desde o princípio. Menos do que isso sai com defeito.

Se você é um discípulo do Revolucionário de Nazaré, do Messias Radical^{6[6]} que mete fogo na raiz... Você eventualmente formulará uma pergunta específica. A mesma pergunta que os discípulos fizeram a Jesus quando Ele caminhava sobre a terra. Essa pergunta é: “*Por que os seus discípulos desobedecem às antigas tradições judaicas?*”.^{7[7]} Pegando esta declaração como gancho, o próximo capítulo é o mais importante de todos.

Um radical de verdade tem que ser um homem de raízes. Em termos que sempre utilizo, "O revolucionário é um 'forasteiro' diante da estrutura que vê colapsando: Certamente ele tem que se ver fora dela. Mas o radical vai até as raízes de sua própria tradição. Tem que amá-la: Tem que chorar sobre Jerusalém, mesmo pronunciando sua sentença..."

-John A.T. Robinson

^{6[6]} A palavra “radical” deriva-se do latim *radax*, que significa “raiz”. Um radical é, portanto, alguém que vai até a raiz ou origem de algo. Jesus Cristo foi tanto radical como revolucionário. Veja a definição dada por John A.T. Robinson a ambos os termos no final deste Capítulo.

^{7[7]} Mat. 15:2.

CAPÍTULO 11

ABORDAGEM AO NT: ^{1[1]} A BÍBLIA NÃO É UM QUEBRA-CABEÇA

Para abordar o tema do ministério no NT, é essencial colocar-se a ordem dos livros historicamente. Se o assumimos segundo a ordem de seqüência atual, que os evangelhos foram escritos primeiro, depois Atos, as cartas de Paulo começando por Romanos e terminando com as Epístolas Pastorais a Timóteo, Tito e a carta a Filemom, nunca poderemos entender o desenvolvimento das instituições e o pensamento da igreja primitiva.
-Richard Hanson

Por quê devemos como cristãos seguir os mesmos rituais longe de Deus a cada domingo sem nos dar conta de que tais rituais não se coadunam com o NT? Parte da razão tem a ver com o incrível poder da tradição. Mas há algo mais. Diz respeito a nosso NT. O problema não está ligado ao conteúdo do NT. O problema está na forma como *abordamos* o NT.

A abordagem mais comum utilizada pelos modernos cristãos quando querem estudar a Bíblia chama-se “comprovação de textos”. A origem da “comprovação de textos” surgiu entre 1590 e 1600. Um grupo de homens chamados Escolásticos Protestantes tomou o ensino dos Reformadores e os sistematizou segundo as regras da lógica Aristotélica.^{2[2]}

Os Escolásticos Protestantes sustentavam não apenas as Escrituras como a Palavra de Deus, mas cada parte dela como Palavra de Deus — independente do contexto. Isto preparou o terreno para a idéia de que se tomamos um versículo bíblico esse verso é por si só correto e pode ser utilizado para comprovar uma doutrina ou uma prática.

Quando João Nelson Darby surgiu por volta de 1805, ele formou uma teologia baseada nessa abordagem. Darby elevou a comprovação de textos ao nível de uma forma de arte. Na realidade, os fundamentalistas e cristãos evangélicos devem a Darby o fato de grande parte de seus ensinamentos serem aceitos até hoje.^{3[3]} Todos eles foram construídos no método da comprovação de textos. A comprovação de textos tornou-se, portanto, *a maneira* pela qual nós, modernos cristãos, abordamos a Bíblia. Isto é ensinado em cada escola bíblica e seminário protestante na terra.

Como resultado, nós cristãos raramente, ou quase nunca, olhamos para o NT em sua *totalidade*. Em vez disso, nos servimos com pratos de pensamentos fragmentados cozidos por uma lógica oriunda de uma humanidade decadente. O fruto dessa abordagem é que nos desviamos e que estamos bem longe da prática da igreja do NT. Mesmo assim pensamos que somos bíblicos. Permita-me ilustrar este problema com um conto fictício.

^{1[1]} Este Capítulo é baseado na mensagem proferida pelo autor na conferência sobre Igreja Caseira na Universidade Oglethorpe em Atlanta, Georgia em 29 de julho de 2000.

^{2[2]} Para uma discussão sobre o escolasticismo protestante, veja Walter Elwell's *Evangelical Dictionary of Theology* (Grand Rapids: Baker Book House, 1984), pp. 984-985. Francis Turretin (Reformado) e Martin Chemnitz (Luterano) são os dois principais entre os Protestantes Escolásticos (*Evangelical Dictionary of Theology*, pp. 1116 & 209 respectivamente).

^{3[3]} As rupturas dispensacionista e pré-tribulacional são apenas duas delas. A famosa série *Left Behind* é construída sobre tais ensinamentos (veja *Time*, July 1, 2002, pp. 41-48). Para a fascinante origem da doutrina pré-tribulacional de Darby, veja Dave MacPherson's *The Incredible Cover-Up* (Medford: Omega Publications, 1975).

Conheça Marvin Snurdly

Marvin é um renomado conselheiro matrimonial. Durante seus vinte anos como terapeuta matrimonial, Marvin aconselhou milhares de casais com problemas conjugais. Ele usa a internet. A cada dia centenas de casais escrevem cartas a Marvin relatando suas tristes situações matrimoniais. As cartas chegam de toda parte do mundo. Marvin responde a todas.

Cem anos se passaram, e Marvin Snurdly descansa pacificamente em sua sepultura. Ele tem um tataraneto chamado Fielding Melish. Fielding decidiu recuperar as cartas perdidas de seu tataravô, Marvin Snurdly. Mas Fielding conseguiu encontrar apenas treze cartas de Marvin. Das milhares de cartas que Marvin escreveu durante sua vida, apenas 13 sobreviveram! Nove destas cartas foram escritas a *casais* em crise matrimonial. Quatro foram escritas a *cônjuges* individuais.

Todas estas cartas foram escritas em um período de 20 anos: Entre 1980 a 2000. Fielding Melish compilou todas estas cartas em um único volume. Mas há algo interessante quanto à maneira como Marvin escrevia suas cartas e que dificulta a tarefa de Fielding.

Primeiramente, Marvin tinha um hábito fastidioso de nunca encerrar suas cartas. Nenhuma contém dia, mês ou ano. Em segundo lugar, as cartas revelam apenas metade da conversação. As cartas iniciais escritas a Marvin que provocaram suas respostas agora já não existem mais. Consequentemente, a única maneira de compreender a base de alguma destas cartas de Marvin é reconstruir a situação matrimonial das respostas de Marvin.

Cada carta foi escrita em uma época diferente, a pessoas de cultura diferente, tratando de problema diferente. Por exemplo, em 1985 Marvin escreveu do Estado da Virgínia uma carta a Paulo e Sally, que passavam por problemas de ordem sexual desde o início de seu matrimônio. Em 1990 Marvin escreveu uma carta a Jetro e a Matilda da Austrália, que tiveram problemas com seus filhos. Em 1995 Marvin escreveu uma carta a uma senhora do México que passava por uma crise de meia idade.

Resultado: 20 anos — 13 cartas — todas escritas a diferentes pessoas em tempos diferentes em diferentes culturas — todas abordando problemas diferentes.

Era desejo de Fielding Melish colocar estas 13 cartas em uma ordem cronológica. Mas sem as datas, ele não conseguiu fazer isso. Então Fielding as classificou por tamanho de uma forma decrescente. Quer dizer, ele pegou a carta mais extensa que Marvin escreveu e a colocou como a primeira. A segunda carta mais extensa como a segunda, e assim por diante. A compilação segue dessa maneira até que todas as 13 cartas estejam alinhadas, não cronologicamente, mas pela sua extensão.

A coleção é impressa e torna-se bem aceita no mercado. As pessoas as compram aos montes.

Passam outros cem anos e as *Obras Colecionadas de Marvin Snurdly* compiladas por Fielding Melish resistem ao passar do tempo. A obra continua bem popular. Mais cem anos se passa, e este volume está sendo prolificamente disseminado pelo mundo ocidental. (Agora Marvin descansa há 300 anos em sua tumba).

Este livro foi traduzido em dezenas de idiomas. Os conselheiros matrimoniais o citam a todo instante. As universidades o utilizam em suas classes de sociologia. É tão bem sucedido que alguém tem a luminosa idéia de modificar o volume para facilitar a leitura e o manejo.

Qual é essa idéia luminosa? É dividir as cartas de Marvin em capítulos e frases numeradas (que chamamos de versículos). Então as *Obras Colecionadas de Marvin Snurdly* saem com capítulos e versículos.

Mas ao agregar capítulo e versículo a estas cartas que uma vez foram vivas, algo muda de uma forma desapercibida. As cartas perdem seu toque especial. Elas adquirem um aspecto de manual.

Diferentes sociólogos começam a escrever livros sobre o matrimônio e a família. Qual sua principal fonte? As *Obras Colecionadas de Marvin Snurdly*. Compre qualquer livro no século XXIV sobre o tema do matrimônio, e você averiguará que o autor cita capítulos e versículos das cartas de Marvin.

Geralmente, a coisa ocorre assim: Ao fazer uma observação particular um autor citará um versículo da carta de Marvin escrita a Paulo e Sally. O autor depois levantará outro versículo da carta escrita a Jetro e Matilda. Ele extrairá outro versículo de outra carta. Depois ele tece estes três versículos juntos e com base nisto constrói sua filosofia particular sobre o matrimônio.

Cada sociólogo e terapeuta matrimonial que escreve um livro sobre o matrimônio fazem o mesmo. Todavia há aqui uma grande ironia. Cada um destes autores constantemente contradiz os demais embora utilizem a mesma fonte!

Mas isso não é tudo. As cartas de Marvin adquirem o ranço de uma prosa fria quando originalmente elas eram vivas, eram cartas que se referiam a pessoas reais e lugares verídicos. Mas elas viraram uma arma nas mãos de homens motivados por agendas. Muitos autores começaram a empregar textos comprobatórios isolados da obra de Marvin para defender-se perante aqueles que não concordavam com sua filosofia matrimonial.

Como puderam fazer isso? Como saber quem está certo? Como podem todos estes sociólogos contradizer-se mutuamente enquanto usam a mesma fonte!? É porque as cartas foram retiradas de seu contexto histórico. Cada carta foi arrancada de sua sequência cronológica e de seu cenário da vida real.

Em outras palavras, as cartas de Marvin Snurdly foram transformadas em uma série de frases isoladas, fragmentadas, desunidas — facilitando o trabalho de quem queira levantar uma frase de uma carta, uma frase de outra carta, para depois uni-las e criar a filosofia matrimonial segundo seu gosto.

Uma história surpreendente, não é? Bom, o ponto é esse. Não importa se você percebeu ou não, acabo de descrever seu NT!

A Ordem das Cartas de Paulo

Seu NT consiste em sua maior parte das cartas de Paulo. Paulo de Tarso escreveu dois terços dele. Ele escreveu 13 cartas em um período de 20 anos. Nove cartas foram escritas para *igrejas* de diferentes culturas, em épocas diferentes, abordando diferentes problemas. Quatro cartas foram escritas a cristãos *individualmente*. Os indivíduos que receberam tais cartas também estavam tratando de assuntos diferentes em tempos diferentes

Observe: 20 anos — 13 cartas — todas escritas a diferentes igrejas, em diferentes épocas, em diferentes culturas, todas abordando diferentes problemas.^{4[4]}

No início do século II, alguém pegou as cartas de Paulo e as juntou em um só volume. Este termo técnico chama-se “cânon”.^{5[5]} Os escolásticos se referem a este tomo compilado como “Cânon Paulino”. Essencialmente, esse é o seu NT, com algumas poucas cartas posteriormente agregadas, os quatro evangelhos e os Atos colocados em seguida, e o Apocalipse colocado ao final.

Naquele tempo, ninguém sabia quando as cartas de Paulo foram redigidas, mesmo que se soubesse, isso não teria importância. Não prescindiam de uma ordem alfabética ou cronológica.^{6[6]} O Mundo greco-romano do século I classificava sua literatura segundo de uma forma decrescente.^{7[7]}

Veja como está agrupado seu NT. Que se nota? A carta mais extensa de Paulo vem em primeiro lugar.^{8[8]} Chama-se aos Romanos. I Coríntios vem em segundo lugar, depois de Romanos. II

^{4[4]} Veja Donald Guthrie's *New Testament Introduction: Revised Edition* (Downers Grove: InterVarsity Press, 1990). Para uma boa abordagem sobre como nos chegou a Bíblia, veja *Christian History*, Issue 43, Vol. XIII, No. 3 e “How We Got our Bible,” *Christianity Today*, February 5, 1988, pp. 23-38.

^{5[5]} F.F. Bruce's *Paul: The Apostle of the Heart Set Free* (Grand Rapids: Eerdmans, 1977), p. 465. Os Escolásticos se referem ao cânon de Paulo como “Pauline corpus”. Para aprender sobre a história do cânon do NT, veja F.F. Bruce's *The Canon of Scripture* (Downers Grove: InterVarsity Press, 1988), Capítulos 8-23.

^{6[6]} Jerome Murphy-O'Connor, *Paul the Letter-Writer* (Collegeville: The Liturgical Press, 1995), p. 121.

^{7[7]} *Ibid.*, p. 120. Esta prática é conhecida como *stichometry*.

^{8[8]} Para um estudo sobre a ordem do cânon paulino, veja *Paul the Letter-Writer*, Capítulo 3.

Coríntios é o terceiro livro em tamanho. Seu NT segue este modelo até o pequeno livro chamado Filemom.^{9[9]}

Eis aqui a ordem corrente de seu NT. Os livros estão ordenados segundo a ordem corrente de seu NT. Os livros estão ordenados dos maiores aos menores:^{10[10]}

Romanos
1 Coríntios
2 Coríntios
Gálatas
Efésios^{11[11]}
Filipenses
Colossenses
1 Tessalonicenses
2 Tessalonicenses
1 Timóteo
2 Timóteo
Tito
Filemom

Então qual é a ordem cronológica correta destas cartas? Segundo a melhor informação técnica disponível, a ordem cronológica em que estas cartas foram escritas é esta:^{12[12]}

Gálatas
1 Tessalonicenses
2 Tessalonicenses
1 Coríntios
2 Coríntios
Romanos
Colossenses
Filemom
Efésios
Filipenses
1 Timóteo
Tito
2 Timóteo

A Adição de Capítulos e Versículos

Em 1227, um professor da Universidade de Paris, chamado Stephen Langton agregou capítulos a todos os livros do NT. Depois, em 1551, um impressor chamado Roberto Stephanus^{13[13]} enumerou os versos de todos os livros do NT.^{14[14]}

^{9[9]} Hebreus parece não ser paulino, portanto não faz parte do corpo paulino de cartas.

^{10[10]} Em 1864, Thomas D. Bernard proferiu uma série de palestras denominadas "Conferências de Bampton". Estas conferências foram publicadas em um livro em 1872 chamado *Progresso da Doutrina no NT*. No livro, Bernard afirma que a presente ordem das cartas de Paulo no NT foi divinamente inspirada e recomendada. Este livro ficou muito popular entre professores da Bíblia nos séculos XIX e XX. Como resultado, virtualmente todo texto teológico, texto de exegese, ou comentário bíblico escrito neste século, segue a presente ordem caótica, sem perceber o quando nos impede de enxergar a visão panorâmica integral do NT. A "crítica canônica" (o estudo do cânon como uma unidade para adquirir uma teologia Bíblica global) é grande entre seminaristas. Mas o que é necessário hoje é uma teologia construída, não no presente cânon e seu desarranjo, mas na história cronológica da igreja primitiva.

^{11[11]} Efésios, na realidade, é um pouquinho maior que Gálatas, mas os livros foram mal ordenados devido a um erro do escriba. Isto não surpreende, pois a diferença de extensão é bem pequena (*Paul the Letter-Writer*, p. 124).

^{12[12]} Veja Donald Guthrie's *New Testament Introduction: Revised Edition*; F.F. Bruce's *The Letters of Paul: An Expanded Paraphrase* (Grand Rapids: Eerdmans, 1965); F.F. Bruce's *Paul: The Apostle of the Heart Set Free* (Grand Rapids: Eerdmans, 1977).

^{13[13]} Também conhecido como Robert Estienne.

Segundo o filho de Stephanus, a divisão por versículos que seu pai criara não favorecia o sentido do texto. Stephanus não utilizara um método consistente. Enquanto viajava de carroça de Paris a Lion, ele versificou todo o NT dentro das divisões dos capítulos de Langton.^{15[15]}

Dessa forma, os versículos nasceram nas páginas dos escritos sagrados em 1551.^{16[16]} E desde aquele tempo o povo de Deus tem abordado o NT com tesouras e cola, recortando e pegando orações isoladas e desunidas de diferentes cartas, retirando-as de seu cenário real e unindo-as para construir doutrinas favoráveis. Depois eles a chamam de “Palavra de Deus”.

Esta abordagem equivocada, contudo, continua existindo em nossos seminários, universidades bíblicas, igreja, estudos e (tragicamente) em nossas comunidades caseiras hoje.^{17[17]} A maioria dos cristãos não tem consciência dos eventos sociais e históricos que fizeram o pano de fundo das cartas do NT. Eles concebem o NT como um manual que pode ser utilizado para comprovar qualquer ponto. Picar a Bíblia em pequenos fragmentos facilita este processo.

Como Abordamos o NT

Nós cristãos aprendemos a abordar a Bíblia de sete maneiras. Veja quantas destas maneiras você pode marcar com um lápis e que se aplicam a você:

Você procura versículos que lhe inspirem. Ao encontrar tais versículos você os ressalta, memoriza, medita sobre eles, e os prega na porta da geladeira.

Você procura versículos que lhe contam o que Deus prometeu, você professa acreditar nestas promessas, e assim obriga Deus a fazer o que você quer. (Se você faz parte do movimento “está escrito então eu determino” [em inglês “name-it-claim-it”, “blab-it-grab-it”] então você é um mestre nestas coisas).

Você procura versículos onde Deus manda você fazer certas coisas.

Você procura versículos que podem ser utilizados para assustar o diabo ou resistir-lhe na hora da tentação.

Você busca versículos que comprovem sua doutrina particular para que você possa usá-los para massacrar ou combater seu oponente teológico com recortes bíblicos. (Por causa do método da comprovação de textos, um vasto solo improdutivo da Cristandade se comporta como se a mera citação de algum fortuito versículo descontextualizado fosse capaz de virtualmente dar um fim a toda a discussão em todos os assuntos).

Você busca versículos na Bíblia para controlar e/ou corrigir outras pessoas.

Se você é um pregador, você busca versículos que ajudem você a “pregar” bem o sermão do próximo domingo. (Este é um hábito crônico entre pregadores. Está tão inculcado que muitos deles são incapazes de ler suas Bíblias de outra maneira a não ser procurando material para seu sermão).

Agora veja essa lista outra vez. Olhou? Encontrou algo que lhe diga respeito, algo que serve para você? Observe como cada uma dessas abordagens é altamente individualista. Todas essas

^{14[14]} Norman Geisler and William Nix, *A General Introduction of the Bible: Revised and Expanded* (Chicago: Moody Press, 1986), pp. 340-341, 451; Bruce Metzger and Michael Coogan, *The Oxford Companion to the Bible* (New York: Oxford University Press, 1993), p. 79.

^{15[15]} H. von Soden, *Die Schriften des Newen Testaments* (Goettingen: Vandenhoeck, 1912), I, 484; W. Kenneth Connolly, *The Indestructible Book* (Grand Rapids: Baker Books, 1996), p. 154. Um historiador da Bíblia fez este comentário sobre a versificação de Stephanus do NT: “O resultado seria melhor se usasse os joelhos em vez do cavalo”.

^{16[16]} A versificação da Bíblia Hebraica ocorreu em 1571. Theodore Beza colocou os versículos de Stephanus na versão do Textus Receptus (1565) que lhes deu o lugar preeminente que eles têm hoje (*Die Religion in der Geschichte und der Gegenwart* (3rd ed., III, 1141 f.)).

^{17[17]} A história da igreja primitiva é ensinada no seminário em uma matéria chamada “história da igreja” enquanto que os livros do NT são ensinados dentro uma matéria chamada “estudando o NT”. Estas duas matérias nunca se fundem. Assim, raramente os seminaristas têm uma visão panorâmica do livre desenvolvimento da história da igreja primitiva a partir dos livros organizados na ordem cronológica em que foram escritos. Se você não acredita, tente isto: Quando tiver pela frente um seminarista (ou graduado) peça-lhe que diga toda a série de eventos que ocorreram desde a carta de Paulo aos Gálatas até a carta aos Romanos. Peça-lhe que inclua datas, lugares, nomes e tipos importantes, e os eventos mencionados em Atos.

abordagens colocam você, cristão individual, no centro. Cada uma ignora o fato de que a maior parte do NT foi escrita a um corpo coletivo de pessoas (igrejas), não a indivíduos.

Mas isso não é tudo. Cada uma dessas abordagens está construída sobre um isolado sistema de comprovação de textos. Este sistema trata o NT como um manual e nos cega em sua mensagem real. É impressionante como consentimos assalariar nossos pastores, ordenar o culto dominical, sermões, edifícios de igreja, vestes religiosas, coros, equipes de adoração, seminários e um sacerdócio passivo — tudo isso sem pestanejar.

Nos ensinaram a abordar a Bíblia como um quebra-cabeça. A maioria de nós nunca descobriu toda história que está por trás das cartas que Paulo, Pedro, Tito, João e Judas escreveram. Nada nos dizem sobre os capítulos e versículos, nem sobre o contexto histórico.^{18[18]}

Por exemplo, alguém lhe ensinou sobre a história que se esconde por trás da carta de Paulo aos Gálatas? Antes de dizer que sim veja se você consegue responder estas perguntas de cabeça: Que sabe sobre os Gálatas? Quais temas estavam em jogo? Quando e porque Paulo escreveu a eles? Que ocorreu pouco antes de Paulo escrever esta carta? Onde estava Paulo quando ele escreveu esta carta? Em que parte de Atos se encontra o contexto histórico desta carta? Todos estes panos de fundo da carta aos Gálatas são indispensáveis na compreensão daquilo que o NT trata. Sem isso, nós simplesmente não podemos entender a Bíblia de uma forma clara e apropriada.^{19[19]}

Um erudito explica isso nos seguintes termos, *“O arranjo das cartas de Paulo no NT é, geralmente, segundo o tamanho de cada uma. Quando as reordenamos em ordem cronológica, concatenando-as na medida do possível em seu cenário da vida real dentro das datas de Atos dos Apóstolos, elas começam a revelar mais de seu tesouro; elas chegam a explicar-se por si mesmas, mais do que quando se ignora o pano de fundo dessas cartas”*.^{20[20]}

Outro escreve, *“Se as edições futuras [do NT] quiserem ajudar em vez de estorvar a compreensão do leitor do NT, deve-se concordar que chegou o momento de retirar as divisões por versículo e capítulo do texto, e colocá-las à margem da maneira mais discreta possível. É necessário esforçar-se ao máximo para imprimir o texto de tal maneira que possibilite a unidade que o próprio autor tinha em mente torne-se aparente”*.^{21[21]}

Eu chamo nosso método de estudar o NT de “abordagem *clipboard*”. Se você estiver familiarizado com computadores, você sabe o significado deste componente. Se você, por exemplo, possui um processador de palavras, você pode recortar e pegar um segmento do texto pelo *clipboard*. Este *clipboard* lhe permite recortar uma oração de um documento e pregá-la em outro.

Pastores seminaristas e leigos foram condicionados à abordagem do copiar colar quando estudam a Bíblia. É dessa forma que justificamos nossas estruturas: Carregadas de paixões humanas, terreas, criadas por homens, incrustadas e fechadas, e as consideramos “bíblicas”. Por isso freqüentemente falhamos em saber como era de fato a Igreja Primitiva quando abrimos nosso NT. Vemos versículos. Não vemos o quadro inteiro.

Permita-me mostrar-lhe como esta abordagem errônea ainda está viva e saudável em nossos dias, e como profundamente governa nossas mentes.

Conheça José Igreja Caseira

Agora entra o Sr. Igreja Caseira. José foi criado na igreja institucional. Há pelo menos dez anos está insatisfeito com ela.

José descobre um livro sobre a “igreja caseira”, e experimenta uma crise de consciência. Ele acaba aprendendo algumas coisas surpreendentes. A saber, que a figura do moderno pastor está

^{18[18]} Alguns de nós fomos ensinados desde pequenos sobre a base histórica da Bíblia. Mas apenas o suficiente para nos inocular de ir adiante e conhecer toda a história.

^{19[19]} F.F. Bruce, ed., *The New International Bible Commentary* (Grand Rapids: Zondervan, 1979), p. 1095.

^{20[20]} G.C.D. Howley em “The Letters of Paul,” *New International Bible Commentary* (Grand Rapids: Zondervan, 1979), p. 1095.

^{21[21]} H. von Soden, *Die Schriften des Newen Testaments*, p. 482.

ausente no NT. Que não há edifícios para igrejas. Que não há um clero assalariado, e que os cultos são abertos e que todos participam mutuamente.

Todas estas descobertas sacodem tanto o mundo de José que ele renuncia à igreja institucional. Mas não sem enfrentar a fúria do pastor. É que José cometeu o erro de compartilhar estas “grandes revelações” com outras pessoas de sua congregação. Como resultado, o pastor ficou sabendo, e José caiu nas garras do pastor. De cima do púlpito José foi classificado como “perigoso herege”, e a congregação foi instruída a cortar todo contato com ele.

Após recuperar-se das feridas, José pegou seu NT, sem perceber que o “recortar e colar” ainda permanecia vivo em seu cérebro. A “mentalidade do *clipboard*” nunca foi removida de seu pensamento. Mas não tem consciência dela — como a maioria dos cristãos.

José começa a buscar os ingredientes necessários para formar uma “igreja neotestamentária”. Então ele começa a fazer o que os cristãos fazem quando querem saber a vontade de Deus. Ele seleciona alguns versículos bíblicos do NT, ignorando o fundo social e histórico destes versículos.

José dá de cara com Mateus 18:20: “*Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome lá estarei*”. José prossegue lendo e chega até Atos 2:46, “*E eles se reuniam de casa em casa*”. José recebe uma revelação, “*Simplesmente tenho que abrir minha casa, convidar duas ou três pessoas, e pronto! Plantei uma igreja neotestamentária!*”

Então, no próximo domingo, José abre sua casa e estréia uma “igreja caseira” baseada no NT (pensa ele).

José tem outra revelação: “*Sou um plantador de igrejas como Paulo. Eu fundei uma igreja caseira como ele fez*”. José não se dá conta de que ele não fez outra coisa senão recortar duas sentenças de dois documentos — completamente fora do contexto histórico — unindo-as para fazer coisas sem raízes nas escrituras.

Mateus 18:20 não é uma receita para fundar uma igreja. Essa passagem refere-se a uma reunião de excomunhão! Atos 2:46 é um simples registro do que faziam os cristãos primitivos. Sim, os primeiros cristãos se reuniam nas casas. E é fortemente recomendável que os cristãos se reúnam em suas casas hoje.^{22[22]} Mas o simples fato de abrir sua casa ou convidar pessoas não constitui uma igreja. Nem tampouco qualifica o dono da casa como um “plantador de igrejas!”

As igrejas plantadas durante o século I foram semeadas com sangue e suor. Os homens que as fundaram não deixaram a sinagoga no sábado para fundar uma igreja caseira no domingo. Cada homem do NT envolvido na obra de semear igrejas era, primeiramente, um irmão normal em uma igreja já existente. E com o tempo — depois de muitas tribulações e exposição em uma igreja que ele conhecia bem, como o índice de um guia telefônico — era reconhecido e *enviado* com a aprovação de tal igreja. Este é o modelo consistente ao longo do NT.^{23[23]}

Você pode provar qualquer coisa com versículos, querido leitor. Ver o nascimento de uma igreja comparável às congregações do século I requer muito mais trabalho do que apenas abrir as portas de sua casa, acomodar as pessoas em um sofá cômodo, tomar um refresco, comer salgadinho e falar sobre a Bíblia.

Como eu concebo o estilo de uma igreja do século I? Como um grupo de pessoas que sabia como experimentar e expressar Jesus Cristo em um encontro sem nenhuma arbitragem humana. Como um grupo de pessoas que pode funcionar coletivamente como um Corpo — andando pelos próprios pés — depois que o semeador vai embora.^{24[24]}

O homem que semeia uma igreja do estilo do século I deixa essa igreja sem pastor, anciãos, líder musical, manual bíblico, ou professor de Bíblia. Se essa igreja estiver bem plantada, aqueles crentes saberão como navegar pela direção viva e real de Jesus Cristo na reunião. Saberão como se deixar guiar por Ele de uma forma invisível em seus encontros. Trarão seus próprios cânticos,

^{22[22]} Veja *Rethinking the Wineskin*, Capítulo 3.

^{23[23]} Veja Gene Edwards’ *Overlooked Christianity* (Sargent: Seedsowers, 1997).

^{24[24]} Isto não significa que os semeadores de igrejas nunca retornem. Muitas vezes a igreja precisará do auxílio deles. Mas uma vez plantada uma igreja, os plantadores de igreja estariam mais ausentes do que presentes.

escreverão seus próprios hinos, ministrarão o que Cristo lhes tem mostrado — sem nenhum líder humano presente!^{25[25]}

Equipar gente para fazer isso exige bem mais do que abrir sua casa e dizer, “*Venham, teremos um estudo bíblico*”.

Voltemos à nossa história. José Igreja Caseira agora tem uma “igreja neotestamentária”. Como em todos os pequenos grupos semelhantes ao de José a questão da liderança sempre surge. Que faz José? Ele começa a buscar alguns versículos sobre liderança. Ele para em Atos 14, e se concentra no versículo 23 que diz, “*Eles nomearam anciãos em cada igreja*”. José acaba de receber outra revelação! “*A Palavra de Deus declara que cada igreja neotestamentária tem anciãos*”, reflete ele. “*Portanto, nossa igreja caseira necessita de anciãos!*”

José faz esta descoberta apenas duas semanas depois de abrir as portas de sua casa! “*Cada igreja do NT tem anciãos*”, diz José. Então ele recorta este texto para fora de seu contexto e nomeia alguns anciãos. (José está entre eles).

Qual é o contexto histórico de Atos 14? Dois plantadores, Paulo e Barnabé, foram enviados por sua congregação até a Antioquia. Antes de enviá-los ambos já haviam experimentado a vida eclesiástica como *irmãos*, não como líderes (Barnabé em Jerusalém e Paulo em Antioquia).

Atos 14:23 é parte de uma descrição do que sucedeu depois que estes plantadores foram enviados. Eles estavam na Galácia. Os dois homens acabam de fundar quatro igrejas. Agora eles estão voltando para visitar aquelas igrejas seis ou doze meses depois de haverem sido fundadas. Paulo e Barnabé regressam a cada uma das igrejas e “publicamente confirmam anciãos” em cada congregação.^{26[26]}

Mas José cometeu um erro ainda mais sutil. O versículo diz que Paulo e Barnabé nomearam anciãos em *cada* congregação. José pensa que isto significa que cada igreja precisa ter anciãos. Mas este texto não diz tal coisa. O versículo se refere a um evento no sul da Galácia durante o século I. “*Cada igreja*” quer dizer cada congregação *no sul da Galácia no ano 49 d.C.*^{27[27]} Lucas refere-se às 4 congregações que Paulo e Barnabé acabaram de fundar. Você percebe o problema que causamos quando recortamos versículos para fora de seu cenário histórico?

A verdade é que José Igreja Caseira está completamente fora dos limites bíblicos! Primeiramente ele não é um plantador de igreja itinerante. (Estes foram os homens que reconheceram os anciãos do primeiro século). Em segundo lugar, a igreja é demasiado jovem para ter anciãos. Em Jerusalém durou pelo menos uns 14 anos para que surgissem anciãos. Mas José Igreja Caseira tem seu versículo, então ele está “amparado nas escrituras” (em sua imaginação).

Mais tarde, o assunto de dar dinheiro se manifesta. Então José separa 1 Coríntios 16:2, “*No primeiro dia da semana quando estiverem juntos, recolham uma coleta de sua abundância*”. Baseado neste versículo, José institui uma regra de que cada pessoa de sua igreja deve dar dinheiro ao fundo eclesiástico aos domingos pela manhã.

Outra vez, José interpretou uma passagem fora de seu contexto e construiu uma prática sobre isso. 1 Coríntios 16:2 é apenas uma ocorrência pontual. Foi escrita em torno do ano 55 d.C. para a igreja em Corinto. Naquele tempo, Paulo estava coletando dinheiro de todas as igrejas gentílicas que ele havia fundado. Paulo tinha apenas uma meta: Ele queria levar essa coleta aos irmãos e irmãs em Jerusalém que estavam enfrentando uma severa pobreza. Paulo disse aos Coríntios, “*A propósito, quando visitá-los quero esse dinheiro já recolhido para levá-lo a Jerusalém. Então, cada domingo quando vocês se reunirem, façam-me o favor de separar, pouco a pouco, um fundo de ajuda*”. Portanto, 1 Coríntios 16:2 não tem nada a ver com o ritual mecânico de recolher uma oferta a cada domingo pela manhã.^{28[28]}

^{25[25]} A que descrevo aqui não é nenhuma filosofia de cátedra. Eu trabalhei com igrejas que correspondem a esta descrição.

^{26[26]} Veja *Rethinking the Wineskin*, Capítulo 5 e *Who is Your Covering?* Capítulo 2.

^{27[27]} Até onde sabemos, Antioquia da Síria e Corinto não tiveram nenhum ancião.

^{28[28]} Eu defendo integralmente a oferta regular para suprir as necessidades da igreja (não para suprir salários do pastor ou edifícios da igreja, é bom lembrar isso). Assim, você não pode usar este versículo como um mandamento referente à oferta dominical.

Há mais. A igreja caseira de José começa a discutir a questão da missão da igreja. Naturalmente, José começa a buscar versículos que possam prover uma resposta. Ele se depara com Mateus 28:19, “Vão por todas as nações, ensinando-lhes...” Ele associa esta passagem a Marcos 16:15, que diz “Vão por todo mundo e preguem o evangelho”. Ele prossegue até chegar em Atos 5:42 que diz, “Eles não cessavam de pregar e de ensinar sobre Jesus Cristo”.

José medita nestas palavras e diz, “Nossa missão é pregar o evangelho. Existimos para isso. Se Deus não quisesse que pregássemos o evangelho, Ele nos mataria após nos entregarmos a Cristo! Então a única razão pela qual respiramos — a única razão pela qual temos uma igreja caseira — é para pregar o evangelho. Isto é o que diz o NT. Acabo de lê-lo”.

Novamente o Sr. José Igreja Caseira interpretou três versículos completamente fora do seu contexto. Em Mateus 28:19 e Marcos 16:15, Jesus não fala a todo cristão. Ele fala com doze homens que nunca haviam pregado o evangelho até que o Senhor os enviasse. E Ele não os *enviou* antes de *treiná-los* durante 3 anos.^{29[29]} Estes homens eram apóstolos (plantadores de igrejas). Por conseguinte, a chamada “Grande Comissão” foi dirigida aos que plantam igrejas. Ela não foi dada a cada crente.

Ademais, no grego original, a “Grande Comissão” significa: “Ao saírem pelos caminhos...” Portanto, trata-se de uma profecia (“ao saírem”), não de um mandato (“vão”).^{30[30]} O Senhor não disse aos apóstolos que “fossem”. Ele disse que eles que eles poderiam ir.

Quem prega o evangelho em Atos 5? Estes mesmos homens. Os apóstolos. É interessante que nenhum cristão em Jerusalém fora dos 12 apóstolos, pregou o evangelho até que se passassem 8 anos.^{31[31]} Eles aprenderam com Jesus Cristo no contexto da vida eclesiástica antes de irem compartilhar as boas novas. Quando os irmãos e irmãs de Jerusalém começaram a levar o evangelho depois desses oito anos, eles não fizeram isso por obrigação. Isso foi feito espontaneamente enquanto estavam dispersos ao longo da Palestina. Diferentemente dos cristãos de hoje, os primeiros crentes não compartilhavam Cristo por um sentimento de culpa, mandato ou obrigação. Compartilhavam Cristo porque Ele transbordava nas vidas deles, e eles não tinham como evitar!

O pensamento de José a respeito da missão da igreja foi formado por duas coisas: O avivamento do século XIX (veja Capítulo 1), e a abordagem *clipboard* da Bíblia.

A Reação em Cadeia da Abordagem *Clipboard*

Voltemos um passo atrás e analisemos a história de José. José maneja bem mal o NT. Seu motivo é legítimo? Sim. Tem ele um coração voltado para Deus? Sim. Isto lhe protege de abordar erradamente as escrituras? Não.

José chegou ao NT da mesma maneira que a maioria de nós — com tesoura e cola. Pronto para cortar, colar, e criar uma base doutrinária favorável. O efeito típico desse copiar e colar é trágico. Tem produzido um monte de igrejas hoje que não tem qualquer base espiritual que justifique sua existência. Falo da igreja institucional como a conhecemos hoje. Mas vou mais longe, Isto também tem produzido muitas “igrejas caseiras” de uma forma mecanicista, sem vida, sem cor e estéril.

Recordo uma visão onde Ezequiel via um vale de ossos secos.^{32[32]} O Senhor levou Ezequiel ao vale dos ossos secos, e a Palavra de Deus viva e atuante chegou a ressuscitar a esses ossos. As escrituras dizem que os ossos foram colocados uns sobre os outros. Os ossos foram vestidos com tendões e carne. E quando o suspiro de Deus se acercou como um vento forte, esses ossos mortos se converteram em um poderoso exército.

A maioria dos “plantadores” de igrejas caseiras pode ser descrita como pessoas que chegaram ao vale dos ossos secos com cola, agulha, linha, e os versículos do NT na mão. Eles pegaram os

^{29[29]} A exceção foi quando perpretaram uma breve missão na Galiléia ao encerrarem seu treinamento.

^{30[30]} Kenneth S. Wuest, *The New Testament: An Expanded Translation*.

^{31[31]} Veja the *Berkeley Version of the New Testament*.

^{32[32]} Veja Ezequiel 37.

ossos e os uniram com cola. Colocaram a agulha pelos tendões e costuraram a carne sobre eles. Depois se retiraram e disseram: “*Veja, uma igreja neotestamentária construída sobre o NT. Temos anciãos, nos reunimos em casa, não temos clero assalariado, recolhemos uma quantia todos os domingos e pregamos o evangelho*”.

Mas não há um vento poderoso!

A igreja de Jesus Cristo não pode ser começada. Não pode ser agregada. Não há um plano modelo que possamos extrair do NT, nem tampouco podemos imitar alguns versículos mecanicamente. A Igreja de Jesus Cristo é uma entidade biológica e viva. Tem que ser nascida..

Se quisermos ver resultados parecidos com os do primeiro século, a Igreja necessita nascer da mesma maneira que todas as igrejas primitivas. Se alguém contar todas as igrejas mencionadas no NT verá que há cerca de 35. Cada uma delas foi plantada ou regada por um plantador itinerante que pregou apenas a Jesus Cristo. Não há exceções. A igreja foi levantada enquanto resultado do grupo apostólico de Jesus Cristo.

Há mais versículos respaldando este princípio do que para encontros caseiros, para reuniões abertas e de participação mútua, para a coleta aos domingos pela manhã, e para todas as coisas antibíblicas que praticamos na moderna igreja — inclusive a contratação de pastor! O princípio de obreiros itinerantes plantando e socorrendo uma igreja permeia o NT.

Tome nota: O NT não é um *manual* prático para a igreja. É um registro de *Emanuel* — Jesus Cristo respirando sua vida divina pelo Seu povo do século I! O livro de Atos não é um livro de ordens e regulamentos da igreja. É um registro histórico de como a Cabeça da Igreja gera Seu Corpo, e como este se expressa por si mesmo. As Epístolas não são textos ilustrativos sobre como sermos bons cristãos. São cartas vivas e vibrantes escritas em diferentes épocas a diferentes igrejas vivendo sob diferentes culturas e experimentando diferentes circunstâncias!

Mas todas falam uma só voz. E essa voz firme flui de uma saga consistente e fluída. Uma saga que necessita ser novamente desencadeada se queremos mesmo voltar à concepção cristã primitiva e à prática da igreja neotestamentária.

Um Remédio Prático

Qual é então o antídoto para a abordagem *clipboard* do NT? Qual remédio o conduzirá a uma expressão viva do Corpo de Cristo, estilo século I? O antídoto começa pela compreensão do NT.

W Fomos condicionados a abordar o NT com um microscópio e a extrair versículos para averiguar o que disseram os primeiros cristãos. Necessitamos abandonar completamente essa mentalidade, voltar atrás e encontrar uma nova perspectiva das Escrituras. Necessitamos aprender todo o drama do princípio ao fim. Necessitamos aprender a ver o NT panoramicamente, não microscopicamente.

F. F. Bruce, um dos maiores eruditos de nosso tempo, uma vez declarou corajosamente que ler as cartas de Paulo é como ouvir apenas um lado de uma conversa telefônica. Houve tal avanço no campo da pesquisa durante os anos que já podemos reconstruir toda a saga da igreja primitiva. Felizmente agora *podemos* ouvir o outro lado dessa conversa!^{33[33]}

Aprender a história da Igreja Primitiva significa ser curado para sempre desse “copiar-e-colar”, dessa abordagem *clipboard* ao NT. Aprender a história revelará os princípios espirituais que estão no próprio Deus, princípios estes que permanecem consistentes ao longo de todo o NT. Nos afastamos destes princípios consistentes pela nossa maneira errônea de abordar a Bíblia. O fato de o NT estar em desordem cronológica também não ajuda.

Quando você estuda a história, os versículos precisam estar concatenados. Não há como tomar um versículo fora do contexto e dizer, “*Olhe, temos que fazer isto*”. Muitos versículos que nós

^{33[33]} Proponho a leitura de Gene Edwards’ *Revolution: The Story of the Early Church* (Seedsowers), e seu *First Century Diaries* (Tyndale). Também estou trabalhando em um livro chamado *From Nazareth to Patmos* que documentará toda a história da igreja do primeiro século.

cristãos rotineiramente sacamos da Bíblia simplesmente jamais combinarão entre si. Mas você ficará surpreso pela harmonia descortinada ao ver pela primeira vez o quadro inteiro.

O Último Desafio

Alguém disse uma vez, “Talvez não haja nada pior do que alcançar o último degrau de uma escada e descobrir que subimos pela parede errada”.^{34[34]} Após ler este livro, você deverá identificar-se com esta declaração. Nesse sentido terminarei lançando um desafio direto ao seu coração.

Você aprendeu que as práticas da igreja que você acreditava serem bíblicas não têm qualquer base nas Escrituras. Você descobriu a origem destas práticas. Você sabe que elas não tiveram origem em Deus, mas em homens — a maioria dessas práticas vieram do paganismo. E você sabe que elas frustram o propósito final de Deus para com a Sua Igreja.^{35[35]} E você sabe que elas frustram o propósito final de Deus para com a Sua Igreja. Você também se deu conta de que dependeu desesperadamente destas tradições inúteis e de que foi até mesmo atrapalhado por elas.

Diante do exposto, eu pergunto: Você vai continuar praticando tais tradições ou as abandonará? Você vai continuar praticando o que você sabe estar em desacordo com os desígnios de Deus?

Você vai imprudentemente ignorar o que leu neste livro concernente às suas práticas na igreja? Ou será fiel aos fins absolutos da luz dentro de você, abandonando completamente a tradição do homem para seguir a plenitude de Cristo e Sua Igreja?

Após receber a luz que lhe foi dada, você continuará a sustentar invenções religiosas em detrimento da inspirada revelação de Deus? Ou você dará atenção à luz que está dentro de você?

Você abandonará a igreja institucional que abraça práticas que violam o NT ou “invalidará a Palavra de Deus por amor às suas tradições?”^{36[36]} — que continuam amarrando uma grande pedra em torno da cintura da Igreja de Jesus Cristo?^{37[37]}

Continuará a fazer sacrifícios na cidade de Faraó? Ou irá até a fronteira, sondar o terreno, e tomar uma atitude?

A história mostra onde a consciência e a tradição se chocam, a maioria do povo de Deus vai atrás da tradição.^{38[38]} Agora mesmo, a questão primordial é...

Qual atitude *você* vai tomar?^{39[39]}

Nos últimos 50 ou 100 anos a investigação do NT foi incessante e exitosamente dirigida à tarefa de elucidar o que ficou conhecido como a "Ekklesia" do cristianismo primitivo - algo bem diferente do que hoje chamamos igreja no campo católico ou protestante... Esta percepção - que um estudo imparcial do NT e a necessidade urgente da igreja tem ajudado a obter - pode ser expressa da seguinte maneira: A "Ekklesia" do NT, a sociedade de Jesus Cristo, é uma

^{34[34]} Joseph Campbell é o autor desta afirmação. Similarmente, Artemus Ward disse, “O que mais nos coloca em dificuldades não é nossa dúvida, mas nossa certeza equivocada”.

^{35[35]} Paulo denomina esta última intenção como “o eterno propósito” em Efésios 3:11. Para mais detalhes veja *Rethinking the Wineskin*, Capítulo 7, e DeVern Fromke's *Ultimate Intention* (Sure Foundation, 1998).

^{36[36]} Mat. 15:6.

^{37[37]} Mat. 15:1-9.

^{38[38]} Esta triste tendência vem desde o tempo do Velho Testamento. Veja Isa. 28:9-12; Jer. 5:31; 6:16; Os. 8:4. Neste aspecto, William Barclay acertadamente observou, “Qualquer negócio que tenha perdido tantos clientes como a igreja perdeu, há muito tentaria novos modos de atuação; mas a igreja tende a se ressentir de tudo aquilo que é novo”.

^{39[39]} Se você pretende deixar a igreja organizada, recomendo fortemente a leitura do próximo volume desta série: *So You Want to Start a House Church? First-Century Styled Church Planting For Today* (www.ptmin.org/start.htm). Você saberá qual o próximo passo.

comunhão pura de pessoas, e não tem nada a ver com o caráter próprio de uma instituição; é, portanto, enganoso identificar qualquer uma das igrejas historicamente desenvolvidas, todas elas marcadas por um caráter institucional, com a verdadeira comunhão cristã.

-Emil Brunner

APÊNDICE: RESUMO DAS ORIGENS

O seguinte resumo não é completo nem detalhado. Note que todas estas práticas são pós-bíblicas, pós-apostólicas, e influenciadas pela cultura pagã.

Capítulo 1: O Culto

Culto Dominical Matutino – Evoluiu da Missa de Gregório no século VI até as revisões feitas por Lutero, Calvino, Puritanos, a tradição da Igreja Livre, Metodistas, Evangelistas Fronteiriços e Pentecostais.

A Centralidade do Púlpito no Culto. Inventada por Martinho Lutero em 1523.

Duas Velas Colocadas Sobre a “Mesa da Comunhão” e Queima de Incenso – Prática adotada do cerimonial da Corte Imperial Romana do século IV. A “Mesa da Comunhão” foi introduzida por Ulrich Zwinglio no século XVI.

Tomar a Ceia do Senhor Trimestralmente – Ulrich Zwinglio (1484-1531).

Congregação Levanta-se e Canta Quando o Clero Entra – Prática adotada do cerimonial da Corte Imperial Romana no século IV. Introduzida na liturgia protestante por João Calvino (1509-1564).

Entrar na Igreja com uma Atitude Sombria e Reverente – Baseada na visão piedosa medieval. Prática introduzida no culto protestante por João Calvino e Martin Bucer (1491-1551).

Condenação e Culpa por faltar no culto dominical – Prática adotada pelos Puritanos da Nova Inglaterra no século XVII.

A Extensa “Oração Pastoral” Que Precede ao Sermão – Adotada pelos Puritanos do século XVII.

class=Section2>

Oração Pastoral Proferida em Inglês Elisabetano (idioma arcaico) – Adotada pelos Metodistas do século XVIII.

A Meta de Toda Pregação é Ganhar Almas Individualmente – Prática adotada pelos Revivalistas Fronteiriços do século XVIII.

Apelo ao Altar – Prática inventada pelos Metodistas do século XVII e popularizada por Charles Finney (1792-1872).

Boletim da Igreja (liturgia escrita) – Criado em 1884 com a máquina duplicadora (stencil) por Albert Blake Dick.

O Hino “Solo” de Salvação, Visitação Porta-a-Porta, e Propaganda/Campanha Evangelística - D.L. Moody (1837-1899).

Cartão de Decisão – Inventado por Absalom B. Earle (1812-1895) e popularizado por D.L. Moody.

Curvar a Cabeça com os Olhos Fechados e Elevar a Mão em Resposta à Mensagem de Salvação - Billy Graham no século XX.

Slogan “Evangelizar o Mundo em Uma Geração” – Inventado por John Mott por volta de 1888.

Solo ou Música Coral Tocada Durante a Oferta – Prática inventada pelos Pentecostais do século XX.

Capítulo 2: Sermão

Sermão Moderno – Prática copiada dos sofistas gregos, os quais eram mestres em oratória e retórica. João Crisóstomo (347-407) e Agostinho (354-430) popularizaram a *homilia* greco-romana (sermão) e a tornaram central na fé cristã.

Sermão de Uma Hora, Sermão Anotado, e Sermão Dividido em Quatro Partes – Invenções dos Puritanos do século XVII.

Capítulo 3: Edifício da Igreja

Edifício da Igreja – Começou com Constantino por volta de 327 d.C. Os primeiros edifícios de igreja inspiraram-se nas basílicas romanas as quais tiveram como modelo os templos gregos.

class=Section3>

Espaço Sagrado – Os cristãos copiaram esta idéia dos pagãos nos séculos II e III. Os túmulos dos mártires eram tidos como “sagrados”. No século IV, foram erigidos edifícios de igreja sobre tais túmulos, isto originou os edifícios “sagrados”.

Cadeira do Pastor – Deriva-se de *cathedra*, que era a cadeira ou trono do bispo. Esta cadeira substituiu o assento do juiz na basílica romana.

Isenção de Impostos da Igreja e Clero Cristão – O Imperador Constantino isentou as igrejas do pagamento de impostos em 323 d.C. Ele isentou o clero do pagamento de impostos em 313 d.C., privilégio desfrutado pelos sacerdotes pagãos.

Vitrais Coloridos – Foram primeiramente introduzidos por Gregório de Tours (538-593) e aperfeiçoados por Suger (1081-1151), abade de São Denis.

Catedrais Góticas – século XII. Tais edifícios foram erigidos conforme a filosofia pagã de Platão.

Campanário - Inspirado na antiga Babilônia e na arquitetura e filosofia egípcia, o campanário foi uma invenção Medieval popularizada e modernizada em 1666 pelo Sr. Christopher Wren em Londres.

Púlpito – É utilizado na igreja cristã desde 250 d.C.. Vem do grego *ambo*, um púlpito usado tanto pelos gregos como pelos judeus para proferir monólogos.

Banco de Igreja – Evoluiu entre os séculos XIII e XVIII na Inglaterra.

Capítulo 4: Pastor

Bispo Único (predecessor do pastor moderno) – Inventado por Inácio da Antioquia por volta de 115 d.C.. O modelo do bispo único não prevaleceu na igreja até o século III.

A Doutrina do “Covering” - Foi inventada por Cipriano de Cartago (200-258), um anterior orador pagão. Retomada por Juan Carlos Ortiz da Argentina e pelo “Fort Lauderdale Five” dos Estados Unidos, criaram o chamado “Shepherding-Discipleship Movement” nos anos setenta.

Liderança Hierárquica - Trazida à igreja por Constantino no século IV. Trata-se de um estilo de liderança herdado dos babilônicos, persas, gregos, e romanos.

Clero e Leigo – A figura do “Leigo” surgiu pela primeira vez nos escritos de Clemente de Roma em 100 d.C. A figura do “Clero” surgiu pela primeira vez com Tertuliano (160-225). Pelo século III, os líderes cristãos foram universalmente chamados de “clero”.

Moderna Ordenação – Evoluiu do século II ao século IV. Foi copiada do costume romano de ordenar funcionários públicos. A idéia do ministro ordenado como “homem de Deus” pode ser atribuída a Agostinho (293-373), Gregório de Nacianceno (329-389), e Crisóstomo (347-407).

O Título de “Pastor” – Os padres católicos que viraram ministros protestantes não foram universalmente chamados de “Pastores” até o século XVIII pela influência dos Pietistas Luteranos.

Capítulo 5: Costumes Dominicais Matutinos

Cristãos Vestindo Suas “Roupas Dominicais” para ir à Igreja – Começou pelo século XVIII com a Revolução Industrial tornando-se prática comum durante o século XIX. Esse costume teve suas raízes nos esforços da emergente classe média de imitar seus contemporâneos ricos aristocratas.

As Vestes Clericais – Tal costume foi iniciado em 330 d.C. quando o clero cristão adotou o traje dos funcionários públicos romanos. No século XII, o clero começou cotidianamente a usar roupas que os distinguiam das pessoas comuns..

A Roupas do Pastor Evangélico – Assim como a batina estudantil preta foi utilizada pelos ministros da Reforma, o terno formal preto tornou-se a veste típica do pastor moderno do século XX.

O Colarinho (invertido) Clerical – Foi inventado pelo Reverendo Dr. Donald McLeod de Glasgow em 1865.

Capítulo 6: Ministério Musical

Coro - Foi provocado pelo desejo de Constantino de imitar a música profissional usada nos cerimoniais imperiais romanos. No século IV, os cristãos se inspiraram nos corais usados nos dramas e templos gregos.

Coro Infantil – Iniciou no século IV, a idéia foi copiada dos coros de meninos usados pelos pagãos.

Procissões e Rezas nos Funerais – Tais práticas se inspiraram no paganismo Greco-romano do século III.

Grupo de Louvor – Foi iniciado em 1965 na Capela do Calvário, posteriormente padronizado pelo concerto de rock secular.

Capítulo 7: Dízimo e Salário Clerical

Dízimo – Não se tornou uma prática cristã generalizada até o século VIII. O dízimo teve origem no imposto de 10% usado no Império Romano e posteriormente justificado pelo Velho Testamento.

Salários Clericais – Instituído por Constantino no século IV.

O Prato de Coleta - O prato de esmolas surgiu no século XIV. A passagem do prato de coleta começou em 1662.

O Porteiro - Começou com a Rainha Elizabeth I (1533-1603). O antecessor do porteiro é o zelador da igreja que remonta ao século III.

Capítulo 8: Batismo e Ceia do Senhor

Batismo Infantil - Tem raízes nas convicções supersticiosas que penetraram a cultura greco-romana, foi trazida à fé cristã no início do século II. No século V, foi substituído pelo batismo de adultos.

Aspersão Substituindo Imersão – Começou no final da Idade Média nas igrejas Ocidentais.

Batismo Separado da Conversão – Começou no início do século II como resultado da visão legalista de que o batismo era o único meio de perdoar pecados.

A “Oração do Pecador” – Foi inventada por D.L. Moody (1837-1899) e tornou-se popular na década 1950-1960 com o tratado *Peace With God* de Billy Graham e posteriormente com *As Quatro Leis Espirituais* da *Campus Crusade for Christ*.

Uso do Termo “Salvador Pessoal” – Foi disseminado por volta de 1805 por influência dos Revivalistas Fronteiriços e popularizado por Charles Fuller (1887-1968).

A Ceia do Senhor que da Completa Refeição, o “Ágape”, Restringiu-se ao Cálice e ao Pão - No final do século II como resultado da influência de rituais pagãos.

Capítulo 9: Educação Cristã

Seminário Católico – O primeiro seminário teve início como resultado do Concílio de Trento (1545-1563). O currículo era baseado nos ensinamentos de Tomás de Aquino, uma mistura de filosofia aristotélica, filosofia neoplatônica e doutrina cristã.

Seminário Protestante – Iniciou em Andover, Massachusetts em 1808. Também foi construído nos ensinamentos de Tomás de Aquino.

Colégio Bíblico – Influenciado pelo revivalismo de D.L. Moody (1837-1899), os primeiros dois colégios bíblicos foram o Missionary Training Institute (Nyack College, New York) em 1882 e o Moody Bible Institute (Chicago) em 1886.

A Escola Dominical – Foi inventada por Robert Raikes na Inglaterra em 1780. Raikes não fundou a Escola Dominical com o propósito de fornecer instrução religiosa. Ele a fundou para dar uma educação básica às crianças pobres.

O Pastor de Juventude – Foi inventado nas igrejas urbanas nas décadas de 1930 e 1940 visando preencher as necessidades de uma nova classe sociológica denominada “adolescentes” ou “teenagers”.

Capítulo 11: Abordagem ao NT

Cartas de Paulo Combinadas em um Cânon e Arranjadas em Ordem de Tamanho – Início do século II.

Adição de Capítulos no NT – Universidade de Paris pelo professor Stephen Langton em 1227.

Adição de Versículos no NT - Impressor Robert Stephanus em 1551.

Veja a bibliografia deste livro em:
www.ptmin.org/paganchristianity.htm